

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Cíntia Charlene da Silva**

**Os Femininos aos olhos de Eliane Brum:**

Transbordamento das crônicas do livro *A menina quebrada e outras colunas*

**Juiz de Fora**  
**2020**

**Cíntia Charlene da Silva**

**Os Femininos aos olhos de Eliane Brum:**

Transbordamento das crônicas do livro *A menina quebrada e outras colunas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Comunicação.  
Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia de Albuquerque Thomé

**Juiz de Fora  
2020**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Cíntia Charlene.

Os Femininos aos olhos de Eliane Brum : Transbordamento das crônicas do livro A menina quebrada e outras colunas / Cíntia Charlene Silva. -- 2020.

213 p. : il.

Orientador: Cláudia de Albuquerque Thomé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Femininos. 2. Desacontecimento. 3. Crônica. 4. Jornalismo literário. 5. Eliane Brum. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque, orient. II. Título.

**Cíntia Charlene da Silva**

**Os Femininos aos olhos de Eliane Brum:**

Transbordamento das crônicas do livro *A menina quebrada e outras colunas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Linha de pesquisa: Competência Midiática, Estética e Temporalidade

Aprovada em 29 de julho de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Cláudia de Albuquerque Thomé*

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cláudia de Albuquerque Thomé (UFJF) – Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

*Christina Ferraz Musse*

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Christina Ferraz Musse (UFJF) – Convidada  
Universidade Federal de Juiz de Fora

*Gisele Batista da Silva*

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Gisele Batista da Silva - Convidada  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dedico este trabalho à memória do eterno amigo Messias Matheus de Jesus. Sonhamos essa jornada juntos, passamos por tantas coisas para conseguir a tão sonhada aprovação. Festejamos muito a conquista, mas infelizmente você partiu e eu tive que aprender a seguir sem você. Como você fez e faz falta. Por isso, essa conquista também é sua. Obrigada por iluminar a minha vida com a sua passagem. Saudades eternas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar a perseverar e a superar todas as tormentas que surgiram ao longo do caminho.

Aos amores da minha vida. A minha mãe Ana pelo carinho e pelas orações constantes. Ao meu irmão Welington pelo amor e torcida incondicional. Minha fonte de inspiração e meu maior orgulho. Você é o melhor irmão que alguém poderia ter. Ao meu marido Rogerio pela parceria, por me apoiar nas minhas loucuras e por nunca me deixar desistir. Até contato com a Eliane Brum ele tentou e tudo para que eu pudesse conseguir a entrevista quase impossível. Como ela disse, “é você que tem um marido incrível?” Sim, sou eu mesma. Ele é mesmo incrível.

À professora Cláudia Thomé, agradeço pela parceria e afinidade, pelo entusiasmo, pelos questionamentos, por apoiar minhas ideias malucas e por me orientar nessa jornada.

À professora Christina Musse pelo olhar carinhoso e pelos conhecimentos compartilhados.

À professora Gisele Batista e sua pequena Olívia, pelas inúmeras contribuições e por me ajudar a pensar fora da caixa.

À professora Gabriela Borges por me desafiar e me fazer descobrir caminhos até então inexplorados. Aquele seminário preparado para a sua disciplina foi épico.

Aos amigos agradeço pela torcida de sempre. Em especial, à Andréia pela vibração e pelo apoio. À Glória por me acompanhar em mais esta jornada, por não me deixar desistir e por acreditar sempre em mim. À Daniela pelas dicas, pelas discussões riquíssimas, pelo aprendizado e pelo carinho. Ao Marcos, pelas inúmeras contribuições e principalmente pela disponibilidade, pelo carinho e por sempre me socorrer nas horas de aperto e desespero. Você não existe!!!

Aos amigos do mestrado, companheiros de jornada. Em especial à Aline Pinna por toda ajuda e amizade. Ao Guilherme Dias pela empatia e doçura e ao Matheus Bertolini pela energia e cumplicidade.

Aos guias da Oficina de Oração e Vida pela energia. A Aurinha pelas risadas. A Vânia pelo incentivo. E a amiga Celina pelos sábios conselhos, pela ajuda e por enxergar o melhor em mim.

Uma gratidão especial a Beatriz Lopes pela gentileza, por intermediar minhas conversas com a Eliane Brum e responder meus inúmeros e-mails. Foi um ano de muitas negociações e sem a sua ajuda isso não seria possível.

À Eliane Brum agradeço pelo nosso reencontro, pela generosidade e disponibilidade em meio a centenas de pedidos de entrevistas todos os dias, tornando isso possível. Obrigada por entender a relevância desta pesquisa e por sempre contribuir para a construção do conhecimento. Agradeço pelo carinho e por ser uma constante fonte de inspiração.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para essa jornada e para que eu chegasse até o fim.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos. (TELES, 1993, p. 9).



## RESUMO

Esta pesquisa visa investigar os possíveis femininos e como estes são representados na obra *A menina quebrada e outras colunas*, de Eliane Brum. Com base na metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009), 64 colunas foram catalogadas em categorias temáticas. Dessas, 16 foram selecionadas e divididas em subcategorias para entender quem eram as mulheres retratadas. Em uma segunda análise qualitativa investigamos como foi concebida a produção de sentido. Detectamos a presença de vários femininos e como a repórter desconstrói estereótipos e preconceitos da sociedade sobre a temática feminina.

**Palavras-chave:** Eliane Brum. Feminino. Crônica. Jornalismo literário. Desacontecimento.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the possible females and how these are represented in *A menina quebrada e outras colunas*, by Eliane Brum. Based on Laurence Bardin's Content Analysis methodology (2009), 64 columns were catalogued in thematic categories. Of these, 16 were selected and divided into subcategories to understand who the women were portrayed. In a second qualitative analysis we investigated how the production of meaning was conceived. We detected the presence of several femalewomen and how the reporter deconstructs stereotypes and prejudices of society on the female theme.

**Keywords:** Eliane Brum. Feminine. Chronic. Literary journalism. Disappointment.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Divisão das crônicas em categorias .....	88
Gráfico 2 – Divisão das crônicas em subcategorias .....	93
Quadro 1 – Subcategoria Gênero .....	94
Quadro 2 – Subcategoria Rótulos/Estereótipos .....	100
Quadro 3 – Subcategoria Reação ao Corpo .....	111
Quadro 4 – Subcategoria Empoderamento .....	119
Quadro 5 – Subcategoria Violência .....	130

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>NARRATIVAS ENTRE JORNALISMO E LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
2.1	O NEW JORNALISM E O JORNALISMO LITERÁRIO .....	17
2.2	OPINIÃO COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO HÍBRIDA .....	24
2.3	CRÔNICA JORNALÍSTICA – SISTEMA DE CRÍTICA E RESISTÊNCIA .....	31
<b>3</b>	<b>OS DESACONTECIMENTOS DE ELIANE BRUM</b> .....	<b>35</b>
3.1	A NARRATIVA DA JORNALISTA DE “CORPO-LETRA” .....	38
3.2	A TRAJETÓRIA PELO MUNDO DAS PALAVRAS .....	49
3.3	ESCREVENDO COM IMAGENS .....	55
3.4	A PERSONAGEM ELIANE BRUM: NARRATIVA DE SI E OLHAR DE RESISTÊNCIA .....	60
<b>4</b>	<b>OS FEMININOS NA OBRA <i>A MENINA QUEBRADA</i></b> .....	<b>77</b>
4.1	DO SITE DA REVISTA ÉPOCA PARA O COTIDIANO ENCADERNADO .....	77
4.2	ANÁLISE DAS COLUNAS DO LIVRO <i>A MENINA QUEBRADA E OUTRAS COLUNAS</i> – TEMÁTICAS E PERSONAGENS .....	85
4.3	HISTÓRIAS DE MENINAS – ANÁLISE E SUBCATEGORIAS .....	92
4.3.1	Gênero .....	93
4.3.2	Rótulos/Estereótipos .....	100
4.3.3	Reação ao corpo .....	111
4.3.4	Empoderamento .....	119
4.3.5	Violência .....	129
4.4	OS FEMININOS DE BRUM .....	144
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>158</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>163</b>
	<b>APÊNDICE A – Transcrição da entrevista de Eliane Brum, em 2013</b> .....	<b>169</b>
	<b>APÊNDICE B – Transcrição da entrevista de Eliane Brum, em 2019</b> .....	<b>184</b>
	<b>APÊNDICE C – Quadro 64 crônicas classificadas em categorias</b> .....	<b>195</b>
	<b>APÊNDICE D – Quadro 16 crônicas classificadas em subcategorias</b> .....	<b>203</b>
	<b>APÊNDICE E – Quadro categoria “Narrativas de si”</b> .....	<b>206</b>
	<b>ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres humanos – UFJF</b> .....	<b>209</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Rejeitando as certezas que nos cimentam e nos levam a lugares ou ideias óbvias ou premeditadas, a pesquisadora se move pelas curiosidades e incertezas que a cercam e, por isso, leva-a a lugares desconhecidos e inimaginados. A curiosidade muitas vezes parte de inquietações e questionamentos. Assim, este trabalho nasce de uma inquietação sobre as histórias contadas no livro *A menina quebrada e outras colunas* de Eliane Brum. Conhecida por sua escrita originária e inspirada na literatura pautada pelo rigor jornalístico, a repórter prioriza a história dos anônimos, daqueles que são colocados à mercê da sociedade e que são pouco retratados pelos veículos tradicionais. Ao debruçar sobre a obra, algo nos chama a atenção: a presença de narrativas protagonizadas por mulheres, expostas sob uma ótica diferente das histórias recontadas pela mídia hegemônica<sup>1</sup>. São mulheres pertencentes a vários universos econômicos, sociais e culturais vistas por um olhar diferente. São sujeitos com realidades complexas inseridos em uma sociedade elitizada, machista, branca e dominada pelo patriarcado. Na contra mão disso tudo, estão as narrativas construídas por Eliane Brum ao longo de mais de três décadas de ofício. São histórias que oferecem ao leitor ângulos e pontos de vista pouco convencionais que visam sobretudo desacomodá-lo e, a partir daí, promover o seu contato com realidades diferentes da sua.

Apesar de a repórter ter suas obras muito estudadas pela academia, ressalta-se o ineditismo da pesquisa em investigar os vários femininos retratados no livro, a partir de uma abordagem diferente, focada na representação de várias mulheres - definição esta que vai muito além do conceito empregado pela biologia e pela anatomia. Defende-se esta escolha por se tratar de um tema caro à sociedade, uma vez que envolve a mulher, a posse de seu corpo, seu comportamento, seu papel na sociedade, além de outras perspectivas. Muitas são as representações femininas e grande parte delas reforça os estereótipos construídos sobre a imagem da mulher, que se repetem nas histórias contadas pela grande mídia. Além disso, defende-se a escolha da jornalista por se tratar de uma autora premiada que quebra essas representações comuns e óbvias.

O que Brum nos oferece é um olhar que vai muito além do que é dado para ver. Por meio de uma linguagem rica em subjetividades e que dá ao leitor uma riqueza de detalhes, a

---

<sup>1</sup> Entende-se como mídia tradicional, atribuída a grandes meios de comunicação que se tornaram referência ou controlam o mercado.

repórter promove uma ruptura, desconstruindo ideias preconcebidas e estigmatizadas acerca da mulher. O que se percebe é que a repórter rompe com estereótipos pré-fabricados.

Para isso, utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016), visa-se destrinchar e investigar as crônicas retratadas no livro. As colunas foram publicadas inicialmente no site da Revista Época, entre junho de 2009 e janeiro de 2013. Posteriormente, das 234 crônicas e artigos de opinião produzidas neste período, 64 foram escolhidas por Brum para compor a obra - objeto desta dissertação. Nela, a jornalista escreve sobre memórias, o papel da mulher, política, estereótipos, violência, medicalização da vida, questões socioambientais, em especial as relacionadas à Amazônia, entre outras temáticas.

A repórter dá voz a realidades e pessoas comuns que normalmente não são encontradas nas páginas dos jornais ou nos noticiários da televisão, seja por equívoco ou por miopia (BRUM, 2013, p.13). O olhar diferenciado da jornalista permite que pessoas como estas tenham suas vozes ouvidas e ampliadas e o público pode se reconhecer nessas narrativas e, mais do que isso, pode contribuir para que outras realidades não sejam esquecidas, banalizadas, destruídas e violadas.

Isso posto, em um primeiro momento, realizamos uma análise das 64 colunas presentes na obra de modo a identificar em cada texto o assunto e as protagonistas das histórias para uma posterior categorização. Em seguida, selecionamos 16 crônicas cujos femininos representados foram divididos em subcategorias temáticas para melhor compreender a narrativa construída, o contexto e quais eram as experiências femininas narradas. A presente pesquisa propõe, então, verificar de que forma a mulher é retratada no livro e também rastrear quem são os sujeitos que dão vida às narrativas.

Em relação ao tipo de texto escolhido para análise, justifica-se a escolha da crônica por ser tratar de um gênero jornalístico que transita entre o jornalismo e a literatura. Trata-se de um gênero que extrapola os campos, que pode ou não apresentar um ponto de vista ou uma opinião. A crônica traz em sua essência uma reflexão. Pode parecer aparentemente despreziosa, mas possui um poder grande de produzir sentido.

Para o professor Jorge Sá (2005), Pero Vaz de Caminha é o primeiro cronista brasileiro ao descrever na carta destinada a D. Manuel as novidades descobertas em solo brasileiro. O texto é tido como um marco inicial no processo literário do país. Já Afrânio Coutinho (1971) apresenta uma outra versão. Para ele, o gênero começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) ao escrever em folhetim no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1852 (THOME, 2015). Na época, o espaço localizado no rodapé da página reunia

fatos do dia a dia ou artigos curtos escritos sobre assuntos variados. Logo, podemos dizer que a crônica possui um parentesco com o folhetim oriundo das páginas dos periódicos.

A crônica ganhou força, tornou-se mais acessível e se popularizou quando os jornais aumentaram suas tiragens e assumiram ares de empresa industrial. Tais avanços foram responsáveis para que o gênero sofresse transformações ao longo do tempo. Com uma linguagem mais leve do que aquela empregada pelos jornais, a crônica foi sendo esculpida por seus seguidores ao longo dos anos. Entre eles destacam-se Machado de Assis, Euclides da Cunha, José de Alencar, Monteiro Lobato, Rubem Braga, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, entre tantos outros.

Assim, de maneira mais leve, o gênero permitiu que o cotidiano da sociedade, sob o olhar dos cronistas, fosse apresentado sobre outras perspectivas. A narrativa de Brum, como ela mesma afirma, é contada por uma linguagem que é transcrita por uma escuta que se faz com todos os sentidos, permeadas por cheiros, gostos, texturas, silêncios, hesitações, tudo o que pode compor o universo daquele que conta sua história a jornalista. Para Luiz Gonzaga Motta (2013), a narrativa jornalística é um jogo permanente entre os “efeitos de real” (BARTHES, 1988) e outros “efeitos de sentido”, que podem ser mais ou menos intensificados pela linguagem dramática das notícias.

A proposta é, portanto, encontrar as crônicas nas quais a autora aborda as questões relacionadas ao feminino, presentes no livro, sobretudo as que têm o feminino como protagonista, para então analisá-las, detectando também os traços de memória e diálogo com as questões presentes na sociedade, como por exemplo, o caso Severina<sup>2</sup>, que estava no agendamento do país com a votação do Supremo Tribunal Federal (STF) pela descriminalização do aborto em caso de anencefalia. Assim, a análise propõe também uma pesquisa documental e o resgate das crônicas a fim de identificar aquelas que também estão no agendamento do país, observando as diferenças de temáticas e de narrativa. E ainda uma análise do transbordamento de histórias que se tornaram conhecidas inclusive nas páginas dos jornais e em documentários.

Diante disso, as principais questões que norteiam a pesquisa são: como e quais são os femininos representados na obra *A menina quebrada*. Para isso, o estudo será embasado em

---

<sup>2</sup> Severina Maria Leôncio Ferreira, agricultora do interior de Pernambuco teve sua vida devastada, por uma decisão dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que em outubro de 2004, votou pela criminalização do aborto em caso de anencefalia. Severina estava internada em uma maternidade do Recife, quando a justiça cassou sua liminar. Grávida de 4 meses, a pernambucana passou três meses entre idas e vindas na Justiça para que seu desejo de interromper a gravidez fosse respeitado. No dia 12 de janeiro de 2005, com a autorização da Justiça, Severina teve sua vontade respeitada. Após suportar mais de 30 horas de trabalho de parto, Severina deu à luz ao filho morto. A longa saga de Severina é contada no documentário "uma história SEVERINA" (2005). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE>. Acesso em: 03 de mar. de 2019.

autores da comunicação, história e teoria literária, configurando, portanto, um estudo interdisciplinar. A pesquisa é feita pelo viés da Comunicação, do jornalismo, recorrendo a pesquisas e autores também da teoria literária, para fundamentar a análise. Entre eles, destacam-se: Antonio Candido (1992), Jorge de Sá (2005), Afrânio Coutinho (1971), Luiz Beltrão (1980), Felipe Pena (2006) e Monica Martinez (2016). Sobre o estudo da crônica no jornalismo, a pesquisa tem por base Reis (2015) e Thomé (2015).

Em relação à narrativa, utilizaremos autores como Luiz Gonzaga Motta (2013), Walter Benjamin (1975), Silviano Santiago (1989), Cândida Vilares Gancho (1991), Muniz Sodré (2009). Sobre a temática feminista, serão abordadas as ideias defendidas por Simone de Beauvoir (2016), Márcia Tiburi (2018), Heloísa Buarque de Holanda (1994; 2018), Chimamanda Ngozi Adichie (2015), Mary Beard (2018), Djamila Ribeiro (2018). Ainda serão usados os conceitos propostos por Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2010), Jenkins (2009) e Santaella (2003), entre outros.

No capítulo 2, discorremos sobre as relações entre jornalismo e literatura e exploramos os movimentos do *New Journalism* e o Jornalismo Literário. Abordamos as ideias de gêneros literários e discutimos a concepção do jornalismo como sendo uma prosa de apreciação dos acontecimentos. Para isso, usamos como embasamento teórico os conceitos propostos por: Alceu Amoroso Lima, Evaldo Pereira Lima, Muniz Sodré, Antonio Candido, Monica Martinez, Luiz Beltrão, Felipe Pena, Fabiana Piccinin, entre outros.

No capítulo 3, abordamos a trajetória de Eliane Brum passando pelo impresso, pela revista, sua produção na internet, sua estreia no audiovisual e sua experiência como jornalista independente. Aqui, destacamos de maneira objetiva o caminho percorrido pela repórter e apresentamos ao leitor todas as obras produzidas em mais de três décadas de ofício. Assim, fazemos um resgate das histórias relatadas por Brum a fim de entender e investigar como se dá o processo de construção de suas narrativas pautadas por um olhar atento e sensível.

No capítulo 4, partimos para a análise. Em um primeiro momento fazemos a apresentação do objeto de pesquisa, como se deu a escolha das colunas para o livro e posteriormente, contextualizamos a partir dos conceitos de Vera Follain sobre os deslizamentos das colunas que saem da internet e vão para o livro, trabalhando o definição de cotidiano encadernado, de Simon (2004). A partir daí apresentamos as crônicas por meio de quadros, que poderão ser consultadas nos Apêndices.

Assim, utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo em uma investigação preliminar, classificamos as crônicas em 7 categorias: narrativa de si, relacionamento com os pais, personagem feminino, personagem masculino, reflexão de vida, Amazônia e Palavras.



Partindo dessa categorização, selecionamos as crônicas com personagens femininos, cujos indivíduos são retratados como protagonistas da história. Dessa forma, de um universo de 64 colunas, 16 foram selecionadas com a proposta de buscarmos identificar quem são as mulheres retratadas, as temáticas abordadas e os papéis destinados a cada sujeito.

No entanto, a fim de responder à pergunta que norteia esta pesquisa: Quais são os femininos representados por Eliane Brum, no livro *A menina quebrada e outras colunas*, foi necessário realizar uma segunda análise qualitativa a fim de entender a produção de sentido e que femininos Brum expõe nos textos analisados. Chegamos à conclusão que não se trata de um feminino, mas de vários femininos representados por várias mulheres de várias classes, raças, condições econômicas e sociais diversas, em oposição à ideia tradicional de um feminino universal, genérico, submisso e sem protagonismo.

A pesquisa traz ainda, em seu Apêndice, uma entrevista com a jornalista que destaca a construção de narrativas mais plurais pautadas por um olhar insubordinado, que vai além daquilo que é dado para ver, rompendo com ideias e conceitos universais, pré-fabricados e defendidos pelo senso comum sobre a temática feminina.

## 2 NARRATIVAS ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Desde os primórdios da imprensa, observa-se uma relação muito próxima entre jornalismo e literatura. Os dois campos de conhecimento guardam suas especificidades configuradas em técnicas e estilos próprios, mas que se misturam e se contaminam nos campos das temáticas e no interior dos discursos construídos. O jornalismo tem a pretensão de se pautar por um rigor na apuração dos fatos, prezando sempre pela verdade e pela construção de uma linguagem objetiva que retrate uma realidade sem marcas de subjetividades (NICOLATO, 2006). Porém, conforme pontua Eliane Brum, os critérios de isenção e objetividade “se colocam para o jornalista como um ideal que deve ser perseguido, mas que jamais será atingido por completo. Nossa simples presença – ou decisão de fazer uma reportagem – já altera a realidade sobre a qual vamos escrever” (BRUM, 2008, p. 419). Já a literatura vai na contramão disso ao se alimentar dessas subjetividades na construção de uma linguagem mais livre e criativa que rejeita amarras ou limites.

Se de um lado o jornalismo é entendido como a produção de notícias, reportagens, colunas e artigo de opinião, do outro temos a literatura construindo narrativas com seus gêneros lírico, dramático e épico nos contos, novelas, romances e poesias. A crônica, um estilo híbrido que pode mesclar ambos os campos de conhecimento, ratifica que pode haver um casamento perfeito entre as duas áreas.

Assim, apesar das diferenças, intelectuais viram nessa relação uma oportunidade, uma nova maneira de contar histórias ou retratar realidades. Vários romances foram escritos primeiro nas páginas dos jornais, migrando posteriormente para o interior dos livros. As histórias eram divididas em capítulos, publicados dia a dia, aguçando no leitor a curiosidade sobre o episódio seguinte. Muitas dessas informações eram veiculadas na seção destinada aos folhetins, espaço reduzido no rodapé da página dos jornais que reuniam textos de assuntos diversos. Segundo Reis (2015), o folhetim poderia ser caracterizado como relato ficcional seriado.

Logo, vários escritores começaram a escrever para o jornal como uma forma de ganho extra. Um exemplo é o escritor Carlos Drumond de Andrade que durante toda a sua vida colaborou como literato na imprensa (THOME, 2015).

Assim, devido às dificuldades de publicar seus textos em livros, muitos escritores migraram para o jornal como uma forma de ganhar notoriedade pelo ofício e testar novos estilos, a exemplo de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Este último teve seus textos publicados pelo periódico Estado de São Paulo ao cobrir a Guerra de Canudos, que mais tarde

foram reunidos, dando origem a obra consagrada “Os sertões”. “O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos” (PENA, 2008, p. 32). Héris Arnt (2002) ainda acrescenta que “a presença de escritores favoreceu o aparecimento de um jornal informativo e atraente, com assuntos mais variados – formato que se fixa no século XX e que existe até hoje” (ARNT, 2002, p. 8).

Moacyr Scliar pontua que há algo que a literatura pode ensinar ao jornalismo. “Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e reescrever. Também ensina privilegiar a imaginação – mas não demais: a realidade é realidade, ficção é ficção” (SCLIAR, 2002, p. 14). Ainda segundo o escritor, existe uma fronteira permeável entre jornalismo e ficção “que permite uma útil e amável convivência. No passado, grandes escritores foram grandes jornalistas: o caso de Machado de Assis, de Lima Barreto. Nada impede que esta tradição tenha continuidade” (SCLIAR, 2005, p. 14).

Para Fabiana Piccinin (2012), sempre houve uma relação próxima entre jornalismo e literatura, relação esta que vai muito além da estética.

Os namoros com a literatura se deram ao longo de toda sua história, em fases mais evidentes desde sua origem e consolidação nos séculos XVI e XVII até hoje, contrapostas a períodos onde esse movimento se manteve presente ainda que menos acentuado. De qualquer modo, os jornalistas nunca deixaram de se valer da literatura para compor suas histórias e, neste momento, essa aproximação tende a parecer revitalizada em algumas formas narrativas jornalísticas específicas (...). Livros-reportagem, biografias, documentários e grandes reportagens para a televisão, crônicas e reportagens especiais em jornais e web apresentam-se como algumas das possibilidades narrativas em que este exercício de intersecção com a arte da narrativa é precisamente feito para além do efeito apenas estético. (PICCININ, 2012, p. 82)

Rodrigo Bartz (2014) cita Marcelo Bulhões que pontua que “no século XIX e início do século XX, muitas páginas [...] faziam conviver pacificamente [...] o mundo dos chamados fatos verídicos com as narrativas de um mundo imaginado” (BULHOES, 2007, p. 83). Assim, apesar da tradição jornalística em manter um texto coeso, baseando na objetividade dos fatos, muitos jornalistas e escritores recorrem a literatura para tornar seus textos mais atraentes, instigantes e dinâmicos.

## 2.1 O NEW JORNALISM E O JORNALISMO LITERÁRIO

A partir do que foi discorrido na seção anterior podemos constatar que a presença de literatos nas redações passou a influenciar a forma como os textos eram produzidos. No final do século XIX, a imprensa tradicional se baseava na construção de relatos objetivos, diretos,

respeitando a técnica do *lead* (*ou lide*) que responde às perguntas básicas do leitor: O que? Quem? Como? Onde? Quando? Por que? O modelo desenvolvido pela cultura norte-americana chegaria as redações brasileiras na década de 1950, influenciando assim todo o modelo jornalístico vigente. Assim, as principais informações seriam reunidas logo no primeiro parágrafo oferecendo então um resumo objetivo sobre o fato. “Os dados são apresentados numa articulação tal que ao leitor resta ir até o fim, sem qualquer convite a pausa. Ele funciona como uma espécie de rede que envolve e segura o receptor” (PENA, 2012, p. 43).

Ainda segundo o autor, Pompeu de Souza criaria no Diário Carioca a figura do *sublead* que quando necessário viria como “um segundo parágrafo da notícia que contenha algum (ou alguns) elemento essencial deslocado do primeiro parágrafo, pela complexidade dos dados a serem reunidos ali, ou pela estratégia narrativa do jornalista” (PENA, 2012, p. 43). Estas técnicas passaram a vigorar em vários manuais de redações como forma de orientar os profissionais.

Mais tarde, outro marco na história do jornalismo seria a criação do modelo *pirâmide invertida* em que os fatos não seguem a ordem cronológica, mas partem das informações mais relevantes, mais atraentes em direção aos fatos com menor apelo. Assim, se o texto precisasse ser cortado, a parte final reuniria as informações que não fariam diferença podendo então ser descartadas. Se no passado, tais técnicas atendiam ao perfil rápido e mercadológico dos jornais, com o tempo surgiria também uma demanda - principalmente por parte dos leitores que ansiavam por narrativas mais instigantes - por conteúdos mais aprofundados e dinâmicos, o que daria origem a um modelo diferente de jornalismo que flertaria com a literatura. A novidade mudaria para sempre a forma com as reportagens seriam produzidas e apuradas.

O novo estilo foi influenciado pelo movimento literário Realismo, predominante a partir da segunda metade do século XIX. O movimento tinha como foco principal a “ideia de criação literária inspirada em fatos reais e o rompimento de ideais do movimento literário Romantismo, que tinha a imaginação do autor como principal fonte de criação” (SANTOS, 2013, p. 53). Outra ideia que o Realismo buscava afastar era “a caracterização da figura do herói e a busca por pessoas comuns” (SANTOS, 2013, p. 53). Tal intenção aproximava o movimento literário do jornalismo, uma vez que muitos autores de ficção buscam no cotidiano suas inspirações.

[...] no século XIX, a transição do movimento literário romântico para o realista, que desejava mostrar o ser humano não em sua versão idealizada, mas imerso na vida como ela é, incita os escritores do período a mergulharem no cotidiano para trazerem elementos para sua obra ficcional. Nesse contexto, os protagonistas deixam de ser heróis para surgir como pessoas comuns, com altos e baixos, problemas e soluções. A adúltera Emma, protagonista de

*Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert (1821-1880), inaugura o movimento, numa transição tão forte do romantismo que levou seu autor a julgamento por ter ofendido os costumes da época. (MARTINEZ, 2009, p. 74)

Kassia Santos (2013) pontua que por meio dos romances realistas, o jornalismo pôde observar técnicas literárias que auxiliavam na descrição fiel da realidade. Ela cita Edvaldo Pereira Lima (2009) que verificou que o romance do Realismo do século XIX exercia o papel de reprodução do real, algo à semelhança do que faria a reportagem no futuro.

Tal atmosfera realista contribuiu para uma diluição na fronteira entre jornalismo e literatura, o que culminou no surgimento de um gênero conhecido como *New Journalism*, sobretudo nas figuras dos intelectuais norte-americanos como Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer. Para o professor Evaldo Pereira Lima (1998):

O novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, que outros meios de expressão da contracultura, como o cinema underground, estavam incorporando. Assim, suas reportagens têm calor, vida, rostos, nomes. Logo, os repórteres do *new journalism* querem não apenas retratar o que está acontecendo na contracultura, mas redescobrir também a América convencional. Só que com olhos diferentes, novos, quentes, envolventes. (LIMA, 1998, p.46)

Tom Wolfe (2005) um dos expoentes do movimento destaca como o novo gênero transformaria a forma de se fazer reportagens.

Se se acompanha de perto o progresso do Novo Jornalismo ao longo dos anos 60, vê-se acontecer uma coisa interessante: os jornalistas aprendendo do nada técnicas do realismo – especialmente do tipo que se encontra em Fielding, Smollett, Balzac, Dickens e Gogol. Por meio da expectativa e erro, por “instinto” mais que pela teoria, os jornalistas começam a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu ‘imediatismo’, sua ‘realidade concreta’, seu ‘envolvimento emocional’, sua qualidade ‘absorvente’ ou ‘fascinante.’ (WOLFE, 2005, p.53)

Essa corrente se tornou uma alternativa ao jornalismo pretensamente objetivo, que era a principal característica da imprensa americana, antes do novo estilo. Assim, o repórter passa a fazer parte do fato e constrói a história como numa narração literária, a partir de tudo que foi vivido por ele. Como no romance, as pessoas entrevistadas podem ter suas vestes, feições, comportamentos e pensamentos descritos pelo autor. As pessoas assumem assim, o caráter de personagem na narrativa, o que gera uma humanização do relato, e conseqüentemente uma identificação com o leitor. Há um maior detalhamento dos fatos e dos personagens inseridos na

narrativa, cujo objetivo é sempre chamar a atenção, seduzir o leitor – oferecendo a ele histórias mais envolventes, menos monótonas - diante das notícias lidas nos jornais diariamente. Desta forma, a literatura se apresentava como um recurso viável na construção de textos mais instigantes e que tivessem mais adesão do público. “Os jornalistas sentiam-se então inclinados a se inspirar na arte literária para encontrar os seus próprios caminhos de narrar o real” (LIMA, 2004, p. 174).

Segundo Medina (1986):

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação–repórter–receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se substanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo. (MEDINA, 1986, p. 5-6)

O novo estilo de não-ficção abandona a rigidez do jornalismo tradicional, a narrativa pode ser construída em primeira ou terceira pessoa a fim de valorizar o repórter e suas experiências, dando a ele liberdade para criar. A reportagem, por exemplo, foi transformada numa espécie de novela realista. Sequeira (2005) cita a coletânea de artigos “Aos olhos da escuridão” escrito por Gay Talese publicados em revistas como um exemplo clássico do novo estilo. Talese (2009) destaca que:

O Novo Jornalismo, embora muitas vezes seja lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O Novo Jornalismo permite, na verdade, exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE, 2009, p. 9)

No Brasil, esta corrente chegou em 1966, primeiro no eixo Rio-São Paulo. Tais características poderiam ser encontradas na *Revista Realidade* e no *Jornal da Tarde* que traziam textos que se aproximavam da literatura e que abrigaram toda uma geração de jornalistas-escritores como José Hamilton Ribeiro. A *Revista Realidade* (1966-1970), grande expoente da

época, assumia muitas vezes um caráter documental e por isso, utilizava como estratégia a valorização dos relatos (SANTOS, 2013).

*Realidade* abre-se para o Brasil e para o mundo com uma proposta de cobertura ambiciosa. Realiza mês a mês, em suas edições, a construção somativa de um novo mapa da realidade contemporânea [...] *Realidade* ajuda o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas nos diversos campos da atividade econômica, da produção artística, da existência social, do comportamento humano [...] *Realidade* não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência. Seus temas não são os fatos isolados imediatos, mas a situação. O contexto em que esses fatos se dão. Poderíamos dizer que sua concepção do presente é a de um tempo atual dilatado em estendida presentificação. (LIMA, 2009, p. 224-226)

Ainda segundo Lima (2009), assim como um bom romance de ficção o texto de qualidade produzido pelo jornalismo literário cumpre uma dupla função: além de contar bem uma história, promove também uma reflexão que não se restringe a atualidade ou a uma determinada época. Mas um tempo atemporal, elástico.

O jornalismo literário, a seu turno, coloca-se uma missão mais ambiciosa, que é a de tecer os liames de compreensão abrangente dos acontecimentos, tendo sempre como eixo as histórias humanas que lhes dão dramaticidade, no sentido narrativo. Daí a linguagem mais elaborada, pois essa compreensão almejada é oferecida não só pela clareza possível do raciocínio lógico, como adicionalmente pela imersão conjunta – do autor do texto, transportando consigo o leitor, seduzido pela arte narrativa de não-ficção – no universo simbólico e intelecto/sensorial construído pela matéria como representação de situações reais. (LIMA, 2016, p. 3)

A partir dessa essência, a linguagem construída pelo novo estilo pode abarcar os mais diversos formatos e gêneros, passando pela reportagem, perfil, texto de memória, relato de viagem, biografia, ensaio, entre outros. Não há fronteiras que delimitem a linguagem que flerta com a literatura na construção de um texto que envolve e promove a reflexão.

Segundo Fernandes (2007), após sua fase áurea na década de 1960, o Novo Jornalismo praticado nos Estados Unidos começou a enfraquecer, ainda que tenha deixado referências relevantes. Ele cita Vilas Boas (1996, p. 92) que afirma que “o movimento norte-americano encontrou certo esvaziamento na década de 1970, mas deixou profundas raízes de atualização do Jornalismo literário.” (FERNANDES, 2007, p. 15)

Isso posto, no Brasil a história do Jornalismo Literário é marcada pelas figuras de Euclides da Cunha e João do Rio - pseudônimo de Paulo Barreto. Periódicos como a *Revista Realidade*, citada anteriormente como referência do novo estilo, permitiram que outras

plataformas fossem criadas, como revistas especializadas e sites, além dos livros-reportagem, lugar onde a literatura e o jornalismo mais se encontravam.

No campo do pensamento mítico, o JL [Jornalismo Literário] tem em comum com os primeiros contadores de histórias a riqueza imagética, isto é, a capacidade de tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos. (MARTINEZ, 2009, p. 72)

Monica Martinez (2009) defende que as origens dessa escola remontam aos escritores europeus do século XVII, na figura de Daniel Defoe. O escritor, que ficou mais conhecido por seu *Robinson Crusoe*, publicou, em 1722, a obra “O Diário do Ano da Peste”, onde descreve de maneira detalhada a epidemia de peste bubônica que vitimou mais de 100 mil pessoas na capital inglesa, em 1665.

Logo, o novo estilo que conferia a escritores e jornalistas maior liberdade na criação de textos que incorporavam a experiência do narrador e cuja linguagem carregava traços da literatura deu origem ao estilo classificado como Jornalismo Literário. Tal gênero pode ser identificado como aquele que aproxima a realidade da ficção. A definição do termo gera uma série de interpretações diferentes entre os teóricos. Trata-se de um estilo que ao unir elementos tanto da literatura como do jornalismo contribui para um texto mais aprofundado, criativo, cativante e bem escrito.

No ensaio “Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada”<sup>3</sup> a pesquisadora Monica Martinez pontua que diferente do jornalismo tradicional pautado pelo texto direto e objetivo, o Jornalismo Literário utiliza a oralidade, “à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo” de forma a enriquecer o texto (MARTINEZ, 2009, p. 72). A autora defende que o Jornalismo Literário começou antes mesmo da escrita.

Não seria incorreto, sob este ponto de vista, dizer que seus primórdios remontam à aurora da civilização. Tempo em que o ser humano se deu conta de que era finito e que, para lidar com o irremediável fato de sua mortalidade, começou a se questionar, pensar, simbolizar e, sobretudo, comunicar suas inquietações e descobertas sobre essas questões que continuam nos intrigando até hoje, como a origem da vida, de onde viemos, para onde vamos, quem somos. (MARTINEZ, 2009, p. 73)

---

<sup>3</sup> Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. Núcleo temático. In: Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 9 de mar. de 2019.



Para o professor Felipe Pena (2006), em seu artigo intitulado “Jornalismo Literário como gênero e conceito”,<sup>4</sup> trata-se de uma definição ampla, que vai além dos limites das redações e da liberdade literária empregada na construção das reportagens. Ele atribui o conceito ao desenvolvimento de sete pontos, “todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico”, que denomina como se fosse uma estrela de sete pontas (PENA, 2006, p. 6). Em resumo:

[...] significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 4)

Pena acredita ainda que o conceito está “fundamentalmente ligado a uma questão linguística” (2006, p. 13). Nas palavras dele, o Jornalismo Literário pode ser definido:

[...] como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 14)

Diante disso, constatamos que ainda que o Jornalismo Literário utilize as informações e o conteúdo dos acontecimentos pautados pelo que é considerado factual, o mesmo busca elementos narrativos para garantir que sejam informadas camadas desse factual que não estão postas no jornalismo pretensamente isento, camadas que só aparecem na narrativa em uma humanização. Logo, existe uma liberdade maior para construir essas histórias que ao serem compreendidas revelam suas complexidades não tendo como foco apenas o acontecimento, mas tudo aquilo que está no entorno e que está ligado ao fato.

Para Brum “é também nas artes e na literatura que se encontra a maior possibilidade de ampliação das subjetividades. É a subjetividade que nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos para além do que nos é dado para ver” (BRUM, 2019, p. 176).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 9 de mar. de 2019.

Na visão do professor Evaldo Pereira Lima (2009):

Qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. (LIMA, 2009, p. 355)

Isso posto, vale ressaltar que há uma discussão entre alguns autores que defendem que o *New Journalism* e o Jornalismo Literário sejam a mesma coisa. Já outros acreditam que são correntes diferentes. Para o jornalista Sergio Vilas Boas, existe uma distinção clara entre os dois conceitos:

É um equívoco pensar, que Jornalismo Literário é sinônimo de *new journalism*, ou que o jornalismo literário começou com o *new journalism*, nos anos 1960. Errado. Jornalismo literário existe pelo menos desde o século 19. O Brasil não tem tradição em jornalismo literário, mas teve também suas experiências, como as reportagens de Euclides de Cunha e de João do Rio e algumas matérias de *O Cruzeiro*, *de Realidade* e do *Jornal da Tarde* em seu início.<sup>5</sup>

Dito isso, apesar das divergências entre os autores, o que podemos constatar é que o surgimento do *New Journalism* e do Jornalismo Literário influenciariam para sempre a construção das narrativas jornalísticas, que passariam a contar com textos mais densos, costurados com elementos da literatura, tornando-os mais atraentes para o leitor.

## 2.2 OPINIÃO COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO HÍBRIDA

O novo estilo caracterizado como Jornalismo Literário permitiu aos profissionais uma imersão maior nas realidades a serem construídas e apresentadas ao leitor. Rompidas as amarras do lide, do texto objetivo, os jornalistas puderam enveredar por caminhos até então pouco conhecidos ou explorados e quem ganhou foi o leitor que pôde ter acesso a histórias mais profundas e enraizadas. Para o jornalista Sergio Vilas Boas, existe uma fronteira entre jornalismo e literatura:

---

<sup>5</sup> “O jornalismo é feito de muitos conteúdos não-noticiosos”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/o-jornalismo-e-feito-de-muitos-conteudos-naonoticiosos/>. Acesso em: 24 de fev. 2020.

Ao falarmos em literatura estamos falando de texto (oral ou escrito). E se falamos de literatura de ficção, sabemos que a invenção é permitida (quando não absolutamente necessária), e que o autor-ficcionista não tem de se comprometer com a legibilidade de seu texto. No jornalismo é o contrário: não se pode inventar e tampouco ser hermético ou excludente. Outra coisa: na literatura de ficção tudo é premeditado com vistas a um efeito. Em jornalismo, não. Em jornalismo a vida real é tudo. Mas, mesmo se mantendo estritamente dentro do real, é possível ser bastante artístico. Arte não é monopólio da literatura de ficção. E mais: se estou falando de ‘vida real’, estou necessariamente falando de subjetividade. A subjetividade, que é inerente à vida e à arte, é inerente também ao jornalismo literário. O público não espera que um repórter-narrador aja como um noticiarista.<sup>6</sup>

Dito isso, ainda que o jornalismo se aproxime da literatura na construção de um texto mais subjetivo e detalhado, o mesmo ainda segue os rigores da atividade tradicional. Ou seja, o ofício prima pela exposição da verdade e sobretudo, pela apuração de qualidade dos fatos, oferecendo ao leitor todos os elementos para que ele tire suas próprias conclusões, independentemente da forma ou da linguagem construída pelo autor. Logo, o Jornalismo Literário trouxe grandes contribuições para a atividade jornalística que tornou as matérias mais interessantes, por meio de um texto mais rico e diversificado, oferecendo aos leitores uma nova oportunidade para consumir conteúdos bem elaborados atrelados a uma maior pluralidade de vozes na construção das narrativas.

Para Arnt (2004), o “Jornalismo literário é uma forma de conceber e fazer jornal que se desenvolveu no século XIX e que se caracterizou pela militância de escritores na imprensa, com a publicação de crônicas, contos e folhetins” (ARNT, 2004, p. 47). Segundo o autor podemos considerar o início da fase do Jornalismo Literário brasileiro no ano de 1852 com a publicação do folhetim de Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias, no Correio Mercantil, e o seu término no início do século XX, cuja morte de Machado de Assis, em 1907, pode ser considerada um marco. (2004, p. 49).

Apesar do gênero folhetinesco ter ido mais longe no século XX, e a crônica de influência literária nunca ter deixado de estar presente no jornalismo brasileiro, a influência literária diminui paulatinamente e os jornais começam, a partir daí, a ter características diversas, caminhando em direção à grande imprensa informativa. (ARNT, 2004, p. 49)

---

<sup>6</sup> “O jornalismo é feito de muitos conteúdos não-noticiosos”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/o-jornalismo-e-feito-de-muitos-contudos-naonoticiosos/>. Acesso em: 24 de fev. 2020.

Luiz Beltrão (1976) foi um pioneiro na criação das primeiras categorias envolvendo o jornalismo no Brasil, dividindo-o em informativo, interpretativo e opinativo. O primeiro abrange a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem. No segundo, a reportagem em profundidade. E no terceiro, o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor. Já Melo (2003), inicialmente propõe uma nova classificação, dividindo o jornalismo em duas categorias: a informativa e a opinativa. A primeira engloba: a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. Já a segunda incorpora o editorial, o comentário, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Mais tarde, ao rever seus estudos, ele criaria o gênero interpretativo, o utilitário e o diversional. O primeiro admite: o dossiê, o perfil, a enquete e a cronologia. O segundo engloba os formatos: indicador, citação, roteiro e serviço. E por fim, o último grupo admite a história de interesse humano e a história colorida. É preciso ressaltar que há outras divisões de categorias sugeridas por outros autores.

Apresentadas de maneira sucinta as categorias acima, iremos nos atentar apenas à categoria que elenca a crônica, por se tratar do nosso objeto de estudo. Por se tratar de um gênero híbrido, situado entre o factual e o ficcional, acreditamos que a crônica encontra-se, de certa forma, na intersecção entre as tendências informativa e opinativa. Ideia esta compartilhada por Arnt (2002):

A crônica, devido ao seu hibridismo, tornou-se um gênero literário e informativo. Se este aspecto de fonte de informação liga intrinsecamente a crônica ao cotidiano, à cidade, o estilo literário lhe garante perenidade. Na pena de grandes escritores, torna-se um gênero em que se mesclam a informação factual e a cotidiana, a visão de mundo e o estilo de cada escritor. (ARNT, 2002, p. 14)

No início da era cristã, o termo crônica era atribuído a uma relação de acontecimentos organizados de maneira cronológica, sem participação do cronista. Com o passar do tempo, “as simples relações de fatos passam, então, a chamar-se “cronicões”. Mas é partir do século XIX, que a crônica se aproxima do conto e do poema” (Soares, 2007).

Ligada ao tempo (*chrónos*), ou melhor, ao seu tempo, a crônica o atravessa por ser um registro poético e muitas vezes irônico, através do que se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais ..., afastando-se sempre da mera reprodução dos fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o. (SOARES, 2007, p. 64)

Flora Bender e Ilka Laurito (1993) ainda acrescentam:

[...] tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo. (BENDER; LAURITO, 1999, p. 11)

Jorge Sá (1985) acredita que a primeira crônica nacional se refere ao descobrimento do Brasil relatada na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal:

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva. (SÁ, 1985, p. 5-6)

Por meio da carta o navegador descreve a terra recém-descoberta, os povos, os costumes e também suas percepções pessoais sobre o novo território. Constatamos assim, que a crônica - estilo conscientemente marcado pela fragmentação, já que não pretende captar a totalidade dos fatos – está entre os gêneros literários que também trabalham a opinião.

No Brasil, o gênero foi marcado por autores como: Machado de Assis - ainda na época dos folhetins, Olavo Bilac, João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Eneida, Millôr Fernandes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, entre outros. Reis (2015) cita Melo que “defende que só no Brasil a crônica ganhou as feições de texto breve, opinativo, passeando entre a narrativa literária e o factual publicado nos jornais. Nos demais países, prevaleceu, diz o autor, a crônica como relato cronológico” (REIS, 2015, p. 43).

Vale ressaltar que nos primeiros anos da imprensa nacional, as crônicas e os folhetins eram publicados no rodapé dos periódicos, espaço destinado a informações diversas como fatos cotidianos, textos ficcionais e artigos curtos com assuntos diversificados.

É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar,

Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. (MELO, 1985, p. 113-114)

Por muito tempo, a crônica sofreu preconceitos e foi considerada como um gênero menor, mas com o passar do tempo foi se transformando e consolidando seu lugar nas páginas dos veículos.

Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. [...] a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (CANDIDO, 1992, p. 13 -14)

Isso posto, a crônica possui um espírito livre, é rica em subjetividades e por isso, pode carregar traços da oralidade. É um estilo que também possui a capacidade de unir literatura e jornalismo. Todavia, trata-se de um gênero de aparência enganadora que ajuda a camuflar, com certa dose de humor e fantasia, a vida real. É um texto que carrega uma leitura aprazível, de conteúdo divertido, irônico, que visa persuadir ou não o leitor por meio de uma estratégia retórica. Sua linguagem pode ser usada como um instrumento para transmitir ideias ou convencer o interlocutor. A crônica possui uma natureza dissimulada, ao mesmo tempo que ela informa, diverte, pode criticar, expor, denunciar as mazelas do cotidiano.

A crônica carrega em si registros de uma época, que podem até ser considerados aparentemente menores em importância, por tratarem de assuntos corriqueiros, mas que têm valor inestimável na construção da memória de uma nação e no resgate de sua história. É uma narrativa que transita entre o registro do cotidiano e o ficcional, entre técnica industrial e inspiração artística. (THOMÉ, 2015, p. 16)

Para Antonio Candido (1992) existem alguns tipos de crônicas que podem ser caracterizados por: diálogos entre personagens, fatos vividos pelo autor, fatos noticiados pela imprensa ou narrativa mais ficcional. Para o autor, o gênero pode se comportar como um fato noticiado pela imprensa. Trata-se de um gênero formador de opinião, que pode trazer o posicionamento do cronista ou simplesmente apresentar uma realidade ou um fato do cotidiano. Não há, como no jornalismo, a obrigação com a objetividade, o gênero é livre e muitas vezes, visa a simplicidade. Nas palavras de Coutinho (1994):

A crônica será tanto mais literária quanto mais fugir às exigências do espírito de reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários – a literatura e o jornalismo – com um teor autônomo pela força da personalidade do escritor refletida em seu estilo e em suas ideias. (COUTINHO, 1994, p. 134)

Beltrão (1980) considera a crônica como gênero jornalístico opinativo, e apresenta as classificações e estruturas do gênero. O autor divide-a em dois grupos: o primeiro quanto a natureza do tema, subdividido em: geral, local e especializada. E no segundo em relação ao tratamento dado ao tema: ela pode ser analítica, sentimental ou satírico-humorística. Para ele, a crônica “é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos e coletivos” (BELTRÃO, 1980, p. 66).

Para definir a crônica jornalística o autor cita Afrânio Coutinho ao dizer que:

A crônica jornalística é hoje definida como “uma composição em prosa, breve, que tenta (ensaia), ou experimenta, interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de sua experiência ... exprime uma reação franca e humana de uma personalidade ante o impacto da realidade. (É um) gênero elástico, flexível, livre, permite a maior liberdade no estilo, no assunto, no método ...”, conforme Afrânio Coutinho<sup>7</sup>. (BELTRÃO, 1980, p. 67)

No livro *A Literatura no Brasil*, no capítulo sobre Crônica e Ensaio, Afrânio Coutinho discursa sobre os gêneros literários, levando em conta sua concepção estética. Assim, ele propõe dois grupos: “aqueles em que os autores utilizam-se de um método para atingir o leitor e aqueles em que os autores o fazem indiretamente, usando artifícios intermediários” (COUTINHO, 2003, p. 117). O primeiro grupo engloba o ensaio, a crônica, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo e as memórias. São aqueles que podem ser chamados de “ensaísticos”. Já ao segundo pertencem: o gênero narrativo, a epopeia, o romance, a novela, o conto, o gênero lírico e o gênero dramático.

Dito isso, a crônica que também trata de um gênero opinativo, em muito se parece com os gêneros: ensaio e artigo de opinião. No entanto, é preciso fazer uma diferenciação, já que ambos possuem natureza argumentativa e visam persuadir o leitor. De acordo com Jayme Paviani (2009), hoje o ensaio é amplamente difundido na filosofia, na ciência, na crítica literária e artística.

---

<sup>7</sup> COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*, Rio, Civilização Brasileira, 1965.

Desde os escritos de Galileu, Pascal, Espinosa até Habermas, Derrida, Barthes e centenas de outros autores, o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico ou, ao contrário, sem diminuir o rigor da exposição. (PAVIANI, 2009, p. 3)

Para Sylvio Lago Jr (1990), o ofício do ensaísta tem início e termina nos limites de sua experiência pessoal e se baseia no esforço para encontrar e formular ideias adequadas. O ensaio é:

[...] uma composição escrita em prosa na qual o escritor estuda, discute e desenvolve um tema ou propõe ideias sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. Dessa perspectiva, o ensaísta passa por um processo de reflexão e de apreensão de ideias e materiais alheios e próprios com longos cuidados de quem capta, aclara e escreve, valendo-se de argumentos que fundamentam as questões estudadas. (LAGO Jr, 1990, p. 5)

Assim, o ensaio que possui como foco uma análise, uma reflexão, pode trazer o ponto de vista do autor que discorre sobre vários assuntos, de maneira detalhada e completa por meio de uma interpretação que ele faz da realidade. Ele observa, investiga, anota, busca vários pontos de vista a fim de oferecer ao leitor um material rico, pautado muitas vezes por uma linguagem sensível e atenta aos acontecimentos expostos pela sociedade. Nas palavras dele:

Como pensador de ideias, sua pretensão deve ser a de um exímio analista da ciência da interpretação, capaz de estabelecer conexões sutis entre concepções e juízos e com apreciações sempre nítidas. É justo e natural que, trabalhando formas livres de análise e interpretação, todo ensaísta tenha o hábito de tudo anotar, de nada perder, arrolando, com cuidado, as informações que vai garimpando no decorrer de suas leituras. Ele deve ter o que Mário de Andrade chamava de “hábito virtuoso” da leitura e seus registros, organizando suas anotações e pensamentos até alcançar o que se denomina, um tanto convencionalmente, ensaio. (LAGO Jr, 1990, p. 5)

Em comparação com a crônica, o autor faz uma distinção entre os gêneros.

Com relação à crônica, ela pode, às vezes, avizinhar-se ao ensaio quando se reveste de características estritamente literárias. Observemos, todavia, que a crônica possui algumas acepções que são distintas do ensaio, principalmente quando tem feição jornalística, retratando ou não o cotidiano efêmero ou com textos de qualidades literárias perduráveis. Noutras palavras, Luís Fernando Verissimo observa que “talvez a grandeza da crônica esteja na sua fugacidade” (Cult, abril 2001). Um mestre de crônicas, Verissimo observa que elas são um exercício de estilo, de humor, de clarividência, e mesmo de reflexão e do que denomina “cultura de curto prazo”. (LAGO Jr, 1990, p. 8)



Já em relação ao artigo de opinião, podemos defini-lo como um texto que contém a análise de um fato, de um acontecimento ou de assuntos produzidos por uma autoridade, que pode ser um jornalista ou profissionais especializados, como por exemplo, cientistas políticos, economistas, juristas, entre outros. Para Beltrão (1980), apesar de sua natureza informativa, trata-se de um texto eminentemente opinativo publicado em uma seção de destaque do veículo noticiado. Há que se ressaltar que muitas vezes, os artigos são assinados e por isso, refletem o ponto de vista do autor e não a posição oficial do veículo. Para isso há o Editorial, espaço onde o veículo deixa claro aos leitores seus posicionamentos sobre determinados assuntos. Logo, o veículo não se responsabiliza pelas opiniões publicadas na seção de artigo de opinião.

Segundo Paviani (2009), no ensaio, a opinião do autor é apresentada, por diferentes ideias construídas ao longo do texto, podendo ser embasadas ou não pela presença de outras “autoridades” que podem ratificar a opinião do autor. Assim, por meio dos argumentos expostos, o autor busca refletir sobre os seus pontos de vista e convida o leitor a refletir com ele. Já no artigo de opinião, o ponto de vista do autor alia-se a um tema polêmico a fim de que “a tese seja sustentada por argumentos embasados e convincentes (favoráveis e contrários) que levem o leitor a conhecer e analisar a rede de relações (e de leituras) que possibilitou a tomada de posição sobre um determinado assunto” (MARCHETTI, 2015, p. 20).

## 2. 3 CRÔNICA JORNALÍSTICA – SISTEMA DE CRÍTICA E RESISTÊNCIA

Depois de pontuadas as diferenças, voltemos à crônica. Como forma de compreender o objeto dessa dissertação, que será posteriormente analisado, é preciso evidenciar o estilo de crônica proposto por Eliane Brum - cujo perfil também será esmiuçado posteriormente.

A crônica construída pela repórter é inspirada em um sistema literário e jornalístico formado por outros cronistas jornalistas, como José de Alencar (inimigo do rei), João do Rio, Lima Barreto, João Antônio, Nelson Rodrigues e outros contemporâneos, a exemplo de Luiz Ruffato, que divide espaço com a repórter no periódico El País.

A matéria prima desse gênero se pauta muitas vezes pelos acontecimentos do cotidiano. No artigo “ ‘A vida que ninguém vê’: As crônicas de Eliane Brum refletidas sob a ótica da Sociologia das Ausências”, sua autora, Roberta Scheibe, pontua que o fundamental para uma profissão que exige grande observação não é só o resultado de um trabalho, mas o processo para se chegar a ele. Nesse sentido, conforme Scheibe, o mundo é movimento e concentra

muitas experiências vividas e olhares distintos. Assim, Scheibe considera que é na volta desses olhares para uma diversidade de realidades que a jornalista Eliane Brum se debruça.

Brum seria uma espécie de jornalista que produz marcas próprias ao tecer narrativas protagonizadas por pessoas anônimas, que têm suas vidas narradas pela repórter. Assim, de caráter socialmente engajado, Brum procura dar voz a realidades pouco noticiadas pelos meios de comunicação, buscando o extraordinário em como cada indivíduo inventa a própria vida, provando que cada narrativa é única, e toda vida importa. Seu método consiste, sobretudo, em um processo de escuta e observação atentas de uma realidade, até então, pouco vista ou explorada.

Para isso, a repórter se abre ao novo, atravessando a larga rua de si mesma, livrando-se de seus preconceitos e visões de mundo para acessar o mundo que é o outro. Suas crônicas jornalísticas são construídas assim, pautadas pelo mesmo rigor jornalístico, em que as narrativas são tecidas pelo relato do outro e atravessadas por suas observações e sentimentos, já que fica claro seus posicionamentos e interferências pessoais na construção dos textos.

Aqui se faz necessário destacar que Eliane Brum é jornalista, cronista e documentarista. Ela é gaúcha de Ijuí, no Rio Grande do Sul (RS) e formou-se em Jornalismo, em 1988. Desde então, Brum direciona o seu trabalho para reportagens e crônicas, lançando mão de olhares, como já citado anteriormente, para uma diversidade de realidades. Suas narrativas apresentam histórias marcadas por esses olhares, ávidos em descortinar realidades distintas.

Cada crônica é construída por Brum de maneira singular, já que cada realidade é única e por isso, pede um repertório próprio. Não existe olhar neutro, mas pontos de vistas que podem ser dirigidos e construídos para além daquilo que é dado para ver, oferecendo portanto, ao leitor/expectador um olhar diferente daquele que normalmente é apresentado. Para ela, um olhar insubordinado que rompe com os olhares domesticados presentes nas narrativas que são banalizadas, que repetem os estereótipos construídos pelo senso comum.

Trafegando na contramão, a jornalista rejeita aquilo que está na superfície, ratificando em suas crônicas a complexidade que a vida é, reforçando assim, a ideia de que cada história é única. Assim, como o cronista Luiz Ruffato, que versa sobre um caráter engajado, Brum incorpora em sua narrativa literária, diversas formas de questionamento social ao apresentar narrativas que precisam ser desnaturalizadas.

E o faz por meio de uma escrita singular, que, ainda que pautada pelo rigor jornalístico, utiliza recursos da literatura, conferindo ao texto, traços de subjetividade, traduzidas pela escuta sensível da repórter que afirma que aquilo que é dito pelo entrevistado é tão importante quanto aquilo que não o é. Tais detalhes muito explorado no romance, dá ao leitor/expectador

informações adicionais para que ele possa entender melhor o contexto e, assim, tirar suas próprias conclusões.

Ainda segundo Scheibe, Brum busca por fatos e histórias que não são notícia nos meios de comunicação, busca o excepcional protagonizado por cada vida anônima e imerge no cotidiano para mostrar que todas as vidas são únicas.

Cada realidade depende de um ponto de vista, desta forma não existe nenhum olhar neutro, e sim dirigido. O bom observador não separa a produção científica/textual de sua vida, de suas escolhas e experiências (MILLS, 1965). No exercício diário de observar o outro Eliane Brum se familiariza com o estranho e estranha o familiar (VELHO, 1987). Como escreveu Roberto da Mata, transforma o “exótico em familiar e o familiar em exótico” (in VELHO, 1987, p.124); e percebe as transformações culturais a partir das novas – e velhas – conexões de tempo e espaço. (SCHEIBE, 2014, p. 5)

Dessa forma, Brum enxergaria que, a singularidade de cada ser humano, só poderia ser reconhecida no universal, o que coloca o seu trabalho como jornalista como resultado do modo de olhar. Scheibe cita o texto “Olhar, ouvir, escrever”, de Roberto Cardoso de Oliveira, que reflete sobre a importância e os cuidados do olhar e ouvir para depois escrever. Oliveira (2006), salienta que a junção dos sentidos de ver, ouvir, sentir o outro, é intuir os tempos que se cruzam, abranger os novos espaços e as distintas versões da realidade.

Para Oliveira (2006), olhar e ouvir seriam atos que direcionam a percepção e a observação, para, quando chegar o ato de escrever, dar conta da sensibilidade apurada (no sentido de apuração dos fatos e percepções) através da descrição, da narração e uso do diálogos – técnicas de construção de textos oriundos da literatura e amplamente empregadas na linguagem jornalística, especialmente nas grandes reportagens.

Com isso, a cronista manifesta o seu “faro” de observadora e confere à crônica o que Jorge Sá (SÁ, 1985, p. 13) chama de “lirismo reflexivo”, ou seja, o lirismo que alia emoção à razão. Este texto pode ser considerado uma “crônica especializada sentimental”, de acordo com a proposta de Luiz Beltrão (1980, p.55), ou uma “crônica exposição poética”, segundo definição de Antonio Candido (in: MELO, 1994, p.158). Isto porque expõe os fatos sob um olhar lírico, capaz de emocionar os leitores. (SCHEIBE, 2014, p. 7)

De acordo com Scheibe, Brum produz uma crônica tida como factual e, ao mesmo tempo, subjetiva. Além disso, seria responsável por estabelecer um diálogo com o outro e, simultaneamente, consigo mesma. Dessa forma, a crônica toma como assunto uma situação

invisível para a maioria das pessoas, que, no entanto, detém um aspecto universal, retratando a singularidade de uma vida.

Para Scheibe, o texto da jornalista dá ênfase a uma temática social, vinculada a fatos do dia-a-dia, que podem acontecer com muitas pessoas. Concluindo-se, assim, que as crônicas de Eliane Brum revelam a emoção das pessoas e a sua própria, colocando-se como testemunha da história, ouvindo, opinando e tirando suas conclusões.

### 3 OS DESACONTECIMENTOS DE ELIANE BRUM

O presente capítulo visa apresentar a trajetória da jornalista Eliane Brum, premiada nacional e internacionalmente. Brum é reconhecida, entre outros aspectos, por sua literatura da “vida que ninguém vê”, matéria bruta de suas reportagens. Profissional engajada, luta pelos povos da Amazônia, grita pela emergência climática que a cada dia parece condenar o planeta a seu desaparecimento, dá voz e cor às histórias da periferia, entre outras narrativas pouco contadas. Suas obras trazem à tona a representação das minorias, seus conflitos, dilemas e a falta de visibilidade pelos grandes veículos de comunicação em retratar a história dos que estão à margem da sociedade, em especial, a dos pobres, negros, marginalizados, excluídos. Em relação à mulher, a jornalista apresenta uma postura progressista ao conferir a elas protagonismo em suas histórias que são contadas sobre pontos de vista que vão na contramão das versões tradicionalmente construídas pelo senso comum. Brum oferece um olhar de resistência e a cada trabalho se pauta pelos detalhes, pela escuta e pela observação das realidades a serem vividas e investigadas.

Todavia para compreender esse percurso narrativo empreendido pela repórter cuja essência de suas histórias são pautadas pelos acontecimentos – conceito que será explicado posteriormente - é importante trazer na pesquisa o conceito de “acontecimento” no jornalismo. Assim, para entender melhor a ideia de gênero literário em que estão compreendidos o jornalismo e a literatura é preciso buscar um denominador comum que pode ser caracterizado como prosa de apreciação de acontecimentos. Para isso, de maneira sucinta vamos discorrer sobre o significado de “acontecimento” para o jornalismo.

No livro “A narração do fato”, Muniz Sodré (2009) inicia o debate com a frase clássica do jornalista norte-americano Amos Cumming, ex-editor do *The New York Sun*: - “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde o cachorro, é notícia” - para discutir sobre a dificuldade de se conceituar o termo “notícia”. O autor questiona ainda sobre quais seriam os fatores que deveriam ser levados em conta para que um acontecimento se tornasse notícia. Logo, ele alerta que se basear apenas nessa premissa é insuficiente. “Ninguém conseguiu defini-la satisfatoriamente. Os teóricos dizem como ela deve ser, mas não como realmente é”, pontua o autor recorrendo à afirmação de Mário Erbolato. (SODRE, 2009, p. 20).

Por isso, à medida que investiga os “valores-notícias”<sup>8</sup> - critérios que tornam o episódio relevante como: proximidade, impacto, atualidade, interesse, entre outros fatores - é necessário fazer uma distinção entre fato, acontecimento e notícia. Para isso, Sodré utiliza a definição kantiana de fato como um “objeto cuja realidade pode ser provada”. Acrescenta ainda que “o mundo dos fatos – a que podemos também chamar de “estado de coisas” – é o mundo da experiência empírica, isto é, de relações contingentes, do fenômeno que pode acontecer ou não, fora de qualquer ordem necessária” (SODRÉ, 2009, p. 28).

Para definir o que seria acontecimento, ele utiliza o conceito proposto por Mouillaud: “A hipótese que sustentamos é a de que o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito de fato” (SODRE, 2009, p. 33). Essa sombra corresponde a critérios como os valores-notícia. Assim, o acontecimento funcionaria como uma espécie de desdobramento do fato, abordando “um conjunto de normas e convenções discursivas, como um enredo e o enquadramento. É ele que garante noticiabilidade para alguns fatos sociais na pauta jornalística.”<sup>9</sup>

De acordo com Sodré, “o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual”, já o “acontecimento” se pauta por uma “experiência singular do *aquí e agora*”, ou pela atualidade (SODRE, 2009, p. 33). Assim, podemos inferir que:

[...] o acontecimento, materializado na forma noticiosa padrão, é o vetor para uma teoria da instantaneidade ou da temporalidade singularizada no fato social. Assim, a notícia, a anglo-saxônica *news of the day*, constitui-se como um relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica, e logo, suscetível de comprovação. [...] Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos. A dimensão “construtivista” deixa ver que se trata mesmo de uma *intepretação singularizante* do fato – um processo ordenado de versões – em função da

<sup>8</sup> O conceito “valor-notícia” foi desenvolvido na década de 1960 pelas pesquisadoras Johan Galtung e Marie Ruge. O estudo pioneiro - que teve como objeto o noticiário internacional nos Estados Unidos, a partir da análise das coberturas de crises políticas nos países do Congo, Cuba e Chipre - foi responsável por listar 12 critérios que deveriam ser observados para que os acontecimentos transformam-se em notícia conforme satisfazem as condições. Como: “frequência, amplitude (intensidade absoluta e aumento de intensidade), clareza ou falta de ambiguidade, relevância (proximidade cultural e destaque social), consonância/conformidade (previsibilidade e demanda), imprevisibilidade (raridade), continuidade, composição, referência a nações de elite, referência a pessoas de elite, referências a pessoas (personificação) e referência a algo negativo (negativismo).” (SODRÉ, 2009 p. 21). O estudo passou a ser usado por várias redações e se tornou referência nos estudos da área de jornalismo.

<sup>9</sup> QUEIROZ, Poliana. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Revista temática. Ano VII, n. 07 – Julho/2011.

“cultura” jornalística, isto é, B do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa. (SODRÉ, 2009, p.70-71)

Logo, o conceito de *notícia* parte do “fato bruto” [...] para transformá-lo em “acontecimento” “por meio da interpretação em que implica a “notícia”, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidade de acesso argumentativo ao ‘fato social’” (SODRÉ, 2009, p. 71).

Queiroz (2011) pontua que:

Para Sodré, a semelhança entre os acontecimentos que se constituem notícia é a marcação do fato (determina o que a marcação jornalística identifica como valor-notícia) e a pontuação rítmica (relacionada ao fator tempo no qual o acontecimento midiático atua na singularização dos fatos sociais em sua atualização jornalística). Distingue dois níveis rítmicos a partir das práticas de produção das notícias: “num primeiro nível, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos, que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas.” (QUEIROZ, 2011)<sup>10</sup>

Conclui-se, assim, que “o acontecimento representa o fenômeno factual que se singulariza – uma “aparição” – pela produção jornalística. O produto é justamente a notícia, estratégia comunicacional constituída por um discurso *nunciativo*, que anuncia” ou ainda, avisa ou alerta sobre uma ocorrência a um determinado público (SODRE, 2009, p. 91). Logo, a notícia comunica “algo a ser notado ou sinalizado como marca factual de um instante particular. Nesta comunicação, o tempo é uma instância pressuposta, o verdadeiro vetor da enunciação, que organiza a semiose manifesta” (SODRE, 2009, p. 91). Ou seja, utilizando o exemplo do autor, a notícia é o grito do mercador em praça pública. Alceu Amoroso Lima (1990) entende que, por acontecimentos, não se deve entender apenas os grandes fatos históricos.

Mas tudo o que faz a trama do cotidiano, da própria vida, tanto individual como social. Não é apenas a vida política, ou a vida econômica, ou a vida cultural, ou a vida doméstica, ou a virtude ou o crime. É tudo isso, enquanto acontecimento, enquanto ocorrência, enquanto ação, enquanto fato. (LIMA, 1990, p. 58)

Para o autor, o jornalismo é um gênero literário em prosa de apreciação de acontecimentos, o mau jornalismo não é jornalismo. Em sua concepção, o grande jornalista é aquele que está imerso nos acontecimentos, bem informado para melhor informar o público, de

---

<sup>10</sup> QUEIROZ, Poliana. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Revista temática. Ano VII, n. 07 – Julho/2011.

maneira objetiva e precisa e formando de maneira honesta a opinião pública. “Fazer da informação um gênero literário, é o sinal do bom jornalista. Fazer de um gênero literário, como o jornalismo, uma simples informação, é o sinal de mau jornalista” (LIMA, 1990, p. 60).

Na concepção do teórico, entende-se como gênero literário um tipo de construção “estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção flexível e não rígida, de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo” (LIMA, 1990, p. 33). Para o autor, o jornalismo apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, “quando põe em ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido lato de tudo o que vem no jornal, na sua forma escrita, ou *studio*, em sua forma oral” (LIMA, 1990, p. 75). O teórico ainda acrescenta: “sendo literatura, por se enquadrar dentro da definição dessa atividade humana, não se confunde com qualquer outro gênero literário, distinguindo-se deles pela marca específica de ser uma apreciação em prosa dos acontecimentos (LIMA, 1990, p. 76).

Em síntese, o que autor faz é uma reflexão sobre as diversas concepções de gênero literário a fim de encontrar um denominador comum entre literatura e produção jornalística, que em sua concepção é caracterizada como prosa de apreciação de acontecimentos. Desta forma, para ele, “tudo é literatura desde que no seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio da expressão, que é seu valor de beleza. A beleza é uma integração de todos os valores” (LIMA, 1990, p. 36-37). A partir desse ponto de vista, o caráter social do jornalismo, o senso de atualidade e a objetividade seriam as características que tornam o ofício diferente.

### 3.1 A NARRATIVA DA JORNALISTA DE “CORPO-LETRA”

Ao nos debruçarmos sobre as obras de Eliane Brum, inferimos, em um primeiro momento, seu caráter intencionalmente engajado, com posições claras e diretas sobre os assuntos relacionados à contemporaneidade. Brum é incisa em seus textos, apresenta uma crítica social forte e não busca a isenção. Fica ainda mais evidente, ao observamos em suas entrevistas, nos mais diversos veículos e formatos, que o que move a repórter são suas dúvidas e inquietações.

A jornalista nos instiga a duvidar de tudo e de todos, de tudo aquilo que é dito e aquilo que também não o é. Em seus textos, procura desacomodar o leitor, para que este se questione,



procure, investigue, e perceba que existem várias formas de compreender uma realidade sobre pontos de vista dificilmente apresentados. Assim, ao invés de mostrar a realidade de violência e morte numa periferia de São Paulo, por exemplo, por meio de uma sensibilidade aguçada, à flor da pele, a repórter traz à tona detalhes do cotidiano que conferem delicadeza e beleza, que tornam a vida dessas pessoas visíveis mesmo diante de tantas adversidades. Assim, Eliane Brum<sup>11</sup> chega na ponta dos pés, como se estivesse pedindo licença para entrar no mundo do outro e revelar as histórias dos anônimos.

Marcelo Rech, na época em que esteve como editor de redação do *Jornal Zero Hora*, foi o responsável por desafiar a jornalista - que ansiava sempre por novos desafios todos os dias - a “extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras, o que culminou no nascimento da coluna “a vida que ninguém vê” - que mais tarde se tornaria uma obra premiada. Ele revela o que a torna tão diferente:

[...] aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia enigmática que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. Era graças a esta combinação rara que a vida de quem milhares iriam conhecer no sábado seguinte rasgava-se diante do bloco de anotações da repórter. (RECH in BRUM, 2006, p. 14)

Brum escolheu o jornalismo por impulso. Ao ficar em dúvida na escolha do vestibular entre informática e jornalismo, desistiu da primeira opção, por achar que tinha muita matemática. Então, resolveu cursar jornalismo sem muita pretensão, levando em paralelo o curso de História, seis meses depois do início na primeira graduação. Achava-se tímida demais para ser repórter e não enxergava nas páginas dos jornais "pessoas", indivíduos com sentimentos, como ela mesma afirma. Achava o jornal muito pragmático, seco, cinza. Mas, no final da faculdade, descobriu, por meio do professor Marques Leonam, nos textos de mestres como Joel Silveira, José Hamilton Ribeiro, Audálio Dantas e Ricardo Kotscho pessoas comuns, complexas, nutridas de histórias, experiências, virtudes, sentimentos e defeitos.

---

<sup>11</sup> O perfil traçado da jornalista Eliane Brum foi construído com base nos livros publicados pela autora, entre eles: *A vida que ninguém vê* (Arquipélago, 2006), *A Menina Quebrada e outras colunas* (Arquipélago Editorial, 2013), *meus desacontencimentos: a história da minha vida com as palavras* (LeYa, 2014), *O olho da rua* (Arquipélago Editorial, 2017); *Brasil, construtor de ruínas* (Arquipélago Editorial, 2019) e também pelas informações pessoais disponibilizadas em seu site. Disponível em: <http://elianebrum.com/>. Acesso em: 01 de mar. de 2019.

Eu fiz uma reportagem [no final da faculdade] sobre filas – todas as filas que as pessoas entram, do nascimento até a morte, para um professor que mudou a minha vida, o Marques Leonam. Ele era um apaixonado pela reportagem e me ensinou, pelo exemplo, que ser repórter era a melhor profissão do mundo. Uma amiga me inscreveu no I Set Universitário, um concurso entre as faculdades de comunicação do sul do país. A comissão julgadora era formada por jornalistas e publicitários. Os jornalistas disseram que o que eu fazia não era jornalismo. Os publicitários disseram que era. Como havia mais publicitários que jornalistas, eu ganhei. Isto mudou a minha vida. Eu já tinha desistido de ser repórter, achava que não servia para isso. Mas o Leonam e esta reportagem me mostraram que era possível fazer o que eu acreditava, do jeito que eu acreditava. O prêmio era um estágio na *Zero Hora*, em Porto Alegre. Lá eu fiquei 11 anos e descobri que ser repórter não é o que eu faço, mas o que eu sou. (BRUM, 2010)<sup>12</sup>

Começava ali a jornada de Eliane Brum rumo ao desconhecido, ao mundo do outro e a lugares nem conhecidos no mapa. Natural de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, cidade de terra vermelha, “uns 70 mil habitantes, onde na primavera o vento faz redemoinhos sanguíneos na deserção do domingo. Uma cidade com domingos demais, domingos cheios de dentes”, a repórter fazia suas primeiras incursões que não limitariam suas experiências ao seu estado (BRUM, 2014, p. 16). Decidiu percorrer o Brasil, explorando de preferência os “brasis” desconhecidos do mapa. Para isso, como narra em seus livros, resolveu atravessar todo o estado de Roraima para entender as disputas de terras, a guerra entre índios; afundou os pés na lama para descortinar a realidade dos garimpos no Sul do Amazonas; emprenhou-se na floresta amazônica para entender o ofício das parteiras; conviveu com moradores da Vila da Brasilândia, um dos bairros mais violentos de São Paulo para “descobrir beleza na vida dura do cotidiano”; conviveu com os dilemas enfrentados pelas mães que tiveram seus filhos mortos pelo tráfico; esteve ao lado de uma merendeira de São Paulo, que lutava contra um câncer terminal durante seus últimos 115 dias de vida e de uma mãe, que devido à omissão da justiça, precisou conviver, dia após dia, com a gestação de um filho anencéfalo que ao nascer em vez de um berço, teria nas mãos um caixão.

Em mais de três décadas de profissão, a jornalista é conhecida por ser uma repórter de “desacontecimentos”, como ela mesma se descreve. Aquilo que talvez não seria pauta na grande mídia ou não teria uma grande cobertura sobre o impacto na vida de pessoas anônimas é a matéria-prima principal de Brum.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>. Acesso em: 1 de mar. de 2019.

A carne da minha reportagem são os "desacontecimentos", palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender esta narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e periferia. (BRUM, 2013, p. 13)

A repórter se beneficia de uma fortuna crítica dos Estudos Culturais, de 1960, que faz um resgate de vozes marginais. Naquele século, até então, a História escrita com H maiúsculo, só retratava o lado dos vencedores, e nunca dos vencidos. A versão oficial dos fatos era contada pelos então detentores da memória que pareciam levar em conta apenas uma maneira particular de relatar o que deveria ser lembrado pela sociedade. Historicamente, a versão institucionalizada dos fatos narrados foi predominantemente elitista, branca e masculina. Infere-se que o cotidiano de homens e mulheres comuns foi, muitas vezes, ignorado, sobretudo quando não contribuía para a legitimação do discurso oficial. Deste modo, por muito tempo, viu-se na história, bem como o uso que esta fez da memória: uma perpetuação de desigualdades de classe, raça e gênero, ficando em voga apenas o relato que foi imortalizado pelo status quo.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 423)

Embora os ecos dessa chamada história oficial ainda se façam ouvir em muitos textos e discussões da contemporaneidade, movimentos de reação a este paradigma podem ser observados durante todo o século XX, com ênfase para as décadas a partir dos anos 1950. Percebe-se uma dilatação gradual a respeito dos temas dignos de relevância histórica, através da incorporação de personagens, atores e contextos periféricos, identificados agora não apenas pela ótica da submissão, senão enquanto produtores ativos de cultura. Destacam-se, por exemplo, os estudos da *History from below*<sup>13</sup> que, entre outras contribuições, localizou na classe operária inglesa um novo caminho de acesso ao conhecimento histórico de toda uma época. De

---

<sup>13</sup> Este conceito que pode ser traduzido como a história "vista de baixo" defendido por Edward Thompson, que sustentava que a história oficial deveria ser contada não apenas levando em consideração os "grandes fatos" e a versão dos heróis, mas também o relato negligenciado de outros segmentos da sociedade de excluídos do contexto social. Essa nova abordagem da história começou a ganhar fôlego, depois que Thompson publicou em 1966, um artigo sobre "*The History from Below*" em The Times Literary Supplement. O artigo contribuiu para a expansão dos estudos da história para aqueles cujas experiências haviam sido até então omitidas pela historiografia tradicional.

maneira semelhante, os Estudos Culturais, sobretudo nas figuras de Stuart Hall, Edward Said, Homi Bhabha entre outros, demonstraram grande êxito em diversificar as chaves de compreensão das sociedades atuais para além dos clássicos e excludentes mecanismos da história oficial. Assim, mulheres, camponeses, imigrantes, negros, índios, pobres e toda uma gama de categorias outrora subalternizadas passam a possuir relevo narrativo, amparados por uma metodologia cada vez mais interdisciplinar (ESCOSTEGUY, 1998).

Desse modo, a obra de Eliane Brum, que será pormenorizada no decorrer deste trabalho, dialoga diretamente com as diretrizes metodológicas e temáticas supracitadas. A autora, hoje, internacionalmente premiada, consolidou sua trajetória ao dar voz e visibilidade a personagens até então invisíveis da história brasileira.

Assim, o estilo criado pela jornalista revela um modelo diferente de se criar e dar sentidos às narrativas. Trata-se de um modo investigativo próprio da repórter para buscar novos significados a partir do relato dos fatos. Por meio de suas obras infere-se que a linguagem utilizada em seus textos ultrapassa o mundo das palavras, conferindo um novo sentido às histórias do cotidiano. Ao contrário do jornalismo diário, que vai encurtando as notícias, a escritora afirma que se preocupa em ouvir, dar voz e continuidade às narrativas. Michael Pollak em seu ensaio sobre "Memória, Esquecimento, Silêncio" (1989) fala sobre a "memória subterrânea", aquela em que os sujeitos marginalizados são colocados de fora da história oficial. Assim, as classes humildes não seriam retratadas nas histórias dos vencedores.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso da memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 4)

Brum se apresenta como uma jornalista à frente de seu tempo. Em sua página na rede social Facebook<sup>14</sup>, ela própria se define como “escutadeira” e, em seguida, lista suas outras três profissões: escritora, repórter e documentarista.

Durante todo o seu ofício, a "escutadeira que gosta de escrever", como Brum mesmo se define, aperfeiçoa, a cada reportagem, seu dom de escuta para acessar o mundo do outro e enxergar realidades que vão na contramão das histórias ditas como oficiais ou retratadas de maneira óbvia ou premeditada. No prefácio, de seu livro *O olho da Rua* (BRUM, 2017), escrito pelo jornalista Caco Barcellos, o mesmo completa: "Reportagem, para Eliane, é um ato de

---

<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/brumelianebelum/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/brumelianebelum/about/?ref=page_internal). Acesso em: 1 de mar. de 2019.

entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem" (BARCELLOS in BRUM, 2017, p. 90).

Diante disso, a repórter afirma que escreve porque "acredita no poder da narrativa da vida em transformar a própria vida. E acredito mais ainda no poder de transtorná-la" (BRUM, 2013, p. 18). Assim, é a partir das dúvidas e dos incômodos que somos capazes de acessar outros mundos que não os nossos, nas narrativas contadas pela escritora. Por isso, é imprescindível para a presente pesquisa trabalhar o conceito de narrativa e os tipos de narradores previstos pelos teóricos Walter Benjamin, Silviano Santiago e Luiz Gonzaga Motta.

Isso posto, questiona-se: o que é a narrativa e qual a sua relevância? Walter Benjamin (1975) discute a narrativa a partir de uma concepção clássica, como um dom e um costume que está em extinção. O autor afirma que "contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (BENJAMIN, 1975, p. 205). O ato de narrar se dá em uma tradição em cadeia, onde as experiências fazem com que possamos transmitir os acontecimentos de geração em geração. Assim, a narrativa tradicional reúne dois polos essenciais: a tradição oral e a experiência pessoal daquele que narra, e esta autenticidade confere ao narrador autoridade à fala. Para ele, o bom narrador é aquele que sabe dar conselho e o faz porque troca experiências. "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (BENJAMIN, 1975, p. 201).

O pensador debate ainda esse repasse de experiências sob o viés das reminiscências ao longo do tempo e acredita que a eternidade temporal está nas memórias e lembranças. Para ele, "a memória é a mais épica de todas as faculdades" (BENJAMIN, 1975, p. 210). Assim, o autor trabalha com a "narrativa de reminiscência", como uma forma de reescrever as tradições de uma comunidade (BENJAMIN, 1975, p. 211).

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1975, p. 203)

De acordo com o teórico, os conhecimentos passados por meio da tradição oral estão em vias de extinção, com a evolução das comunicações. Benjamin se refere à morte da narrativa tradicional com o advento da Modernidade, exemplificada pela criação dos romances e da informação. Para ele, ambas não provêm das experiências vivenciadas pelo narrador. As palavras imortalizadas no papel, como no romance, não possuem a capacidade de trocar experiências e dar conselhos, indo na contramão da narrativa clássica. “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (BENJAMIN, 1975, p. 201). E a informação, de caráter efêmero, só tem valor no momento que é nova. “Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1975, p. 204).

Nas palavras do teórico Silviano Santiago (1989), “a informação não transmite essa sabedoria porque a ação narrada por ela não foi tecida na substância viva da existência do narrador” (SANTIAGO, 1989, p. 46).

Assim, usando as ideias propostas por Benjamin, Santiago (1989) expõe uma outra perspectiva sobre a narrativa, ao falar do conceito de um narrador pós-moderno, trabalhando com a experiência do olhar lançado ao outro e do passado revivido pela lembrança. Para o teórico, esse narrador não participa da história, apenas narra o ocorrido,

o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada. [...] Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. (SANTIAGO, 1989, p. 45)

Para Santiago, a reminiscência é que “tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si” (SANTIAGO, 1936, p. 48). Ele também faz uma distinção importante entre o narrador pós-moderno e a narrativa clássica de Benjamin, apontando o surgimento do conceito de “narrador memorialista”, uma vez que os textos de memórias tornaram-se importantíssimos com o retorno de exilados políticos (SANTIAGO, 1936, p. 55). “Na narrativa memorialística, o narrador mais experiente fala de si mesmo enquanto personagem menos experiente, extraído da defasagem temporal e mesmo sentimental [...] a possibilidade de um bom conselho” (SANTIAGO, 1936, p. 55), mesmo que o equívoco tenha sido cometido por ele quando jovem. Na visão do autor, a narrativa memorialista é necessariamente histórica, “isto é, é uma visão do passado no presente, procurando camuflar o

processo de descontinuidade geracional com uma continuidade palavrosa e racional de homem mais experiente” (SANTIAGO, 1936, p. 56).

Segundo o autor, ainda que a experiência não tenha sido vivenciada pelo narrador, a observação do narrador pós-moderno ao relatar um episódio, também confere autenticidade àquele que fala:

[...] o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Neste sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções da linguagem. (SANTIAGO, 1936, p. 47)

Diante de tais exposições, podemos nos indagar sobre que tipo de narradora é Eliane Brum. Trata-se de uma narradora que transita por diversos campos ao refletir sobre suas experiências pessoais e contar ao leitor suas histórias, impressões, medos, dilemas e angústias, como faz na obra *O olho da rua*, na qual ao final de cada reportagem, a repórter coloca-se em carne viva. Exemplos de suas confidências aos leitores podem ser melhor observadas no trecho:

Cometi o mesmo erro dos médicos. Não esperei o tempo do parto. Era minha primeira reportagem na Revista Época, onde eu chegava depois de 11 anos no jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Eu e a fotógrafa Denise Adams partimos para o Amapá pra fazer a matéria em quatro dias. [...] Quatro dias na Amazônia são um nada. As distâncias são enormes, difíceis, a natureza impõe respeito. E o tempo da cidade ou o deadline da redação são uma sandice que eles nem compreendem. Se a gente tenta explicar, dão um sorrisinho simpático, pra não magoar. Mas não levam a sério. Hoje eu teria só mandado o recado: a gente vai ficar aqui até o bebê da Ivaneide lapará achar que está na hora de vir pro mundo. (BRUM, 2017, p. 34)

Brum incorpora a ideia do narrador pós-moderno defendida por Santiago, por exemplo, quando a repórter ocupa seu lugar de observadora, deixando que a tessitura das narrativas seja construída pelos relatos de suas fontes.

“Pegar menino é ter paciência”, recita a Karipuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica, a mais velha parteira do Amapá. Aos 96 anos, mais de dois mil índios embarcaram no mundo pelas suas mãos pequenas, quase de criança. Dorica – avó, mãe, madrinha de centenas de filhos de pegação – nem mesmo gosta de possuir o dom. “O dom é assim, nasce com a gente. E não pode se dizer não”. Dorica, a parteira indígena, alarga a língua do colonizador ao poetar

enormidades: “Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo”. (BRUM, 2017, p. 20)

Para Luiz Gonzaga Motta (2013), as narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. "São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado" (MOTTA, 2013, p. 83).

A pesquisadora Fabiana Piccinin (2012) destaca a relevância da narrativa desde que "o indivíduo conseguiu dar algum sentido e explicação à realidade que o cerca e, assim, estabelecer um vínculo indissociável e necessário à experiência da vida e da concepção de tempo" (PICCININ, 2012, p. 72).

Ao contar uma história, o jornalista utiliza uma multiplicidade de vozes, para dar ao leitor informações suficientes para interpretar o fato e formar sua opinião sobre o assunto. Motta (2013) afirma que as reportagens jornalísticas são assim polifônicas: várias histórias se “entretecem em uma única reportagem ou sequência de reportagens sobre determinado ponto de vista e visões de mundo decorrentes dos diversos interesses que nela interferem e das sutis negociações que têm curso em sua produção" (MOTTA, 2013, p. 221). Para ele, nenhuma narrativa é ingênua.

O autor discute ainda o conceito de narrativa como algo indissociável da vida humana, pensando sob a perspectiva de que nossa vida é “uma teia de narrativas na qual estamos enredados” (MOTTA, 2013, p. 17). Na perspectiva dele, “nossas vidas são acontecimentos narrativos”, e, “narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro” (MOTTA, 2013, p.18). Assim, as narrativas criam o ontem, fazem o hoje e justificam a espera do amanhã. Ele cita Paul Ricoeur (1994) que também reforça que “as narrativas tornam humano o tempo” (MOTTA, 2013, p. 18).

Já em relação à narrativa jornalística, Motta (2013) considera também possibilidades de um tipo de reportagem que deixa de lado a pretensa objetividade, permitindo que a notícia seja contada de forma mais leve.

No jornalismo, a narrativa se configura muitas vezes em uma única reportagem ou em uma notícia tipo *fait divers* (notícias de interesse humano, relatos de dramas e tragédias pessoais, fatos insólitos, lugares pitorescos), cuja estrutura fechada se assemelha à do conto. (MOTTA, 2006). Nesse gênero de reportagem, tipo *soft news*, o jornal e seus editores concedem ao repórter uma liberdade para criar, relatar e contar em uma linguagem quase literária ou quase ficcional. O repórter se desvencilha então dos rigores da linguagem enxuta e objetivada, do compromisso de se manter próximo ao referente empírico, e ganha liberdade para imaginar, criar e sugerir no texto efeitos



estéticos de sentido. Em alguns casos, ganha até mesmo liberdade para relatar na primeira pessoa. O texto desse gênero de reportagem afasta-se do jornalismo duro do dia a dia, adquire maior dramaticidade, uma estrutura semelhante à do conto. (MOTTA, 2012, p. 95)

Assim, durante todo o seu ofício, Brum constrói suas reportagens a partir das histórias contadas por seus entrevistados, acrescidas de suas impressões e experiências adquiridas pela profissão de “escutadeira”, como ela gosta de descrever a si mesma. São narrativas e cenários reais transformados em retratos da literatura da vida cotidiana. “Olhar é um exercício cotidiano de resistência” (BRUM, 2012, p. 188). Portanto, o estilo de escrita criado pela repórter, ao longo de sua trajetória, é pautado por uma linguagem construída com elementos tanto do jornalismo como da literatura. Cada história pede um ritmo e um repertório próprio. Sobre seu estilo, a mesma prefere não se classificar.

Eu faço jornalismo, eu faço reportagem. Eu sei que existem muitas categorias de jornalismo, sei que elas são importantes. Às vezes, até politicamente para ressaltar a qualidade do jornalismo. Mas, eu pessoalmente acho que tem o bom e o mau jornalismo. E eu tento fazer o bom jornalismo. Que é esse que se despe de si para alcançar o mundo do outro, que sabe que as palavras são importantes, que elas revelam uma realidade. Mas, que os silêncios também são importantes, que as ausências são importantes. Que o que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito. Que os móveis, as plantas dentro de uma casa também falam. Eu não me classifico, se alguém quiser me classificar não tem problema nenhum. (BRUM, Apêndice A, p. 178-179)

O que caracteriza a narrativa da repórter é o processo com que conduz cada história de maneira natural, sem se preocupar em seguir um roteiro, o que não deixa de ser uma metodologia própria. Assim, Brum deixa que o entrevistado conduza a narrativa da própria vida.

Toda reportagem é um encontro. É algo especial – e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. Não conheço nem me interesso pelas técnicas de colegas que se orgulham de “arrancar” respostas, confissões das pessoas. Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram me contar, porque me deram algo precioso: sua confiança. É o respeito pelo privilégio de entrar em suas casas e escutar a narrativa de suas vidas que me carrega por toda a reportagem, até a publicação. E depois dela. (BRUM, 2017, p. 130)

Em seu ensaio<sup>15</sup> Monica Martinez (2009) cita Eliane Brum, como um exemplo de Jornalismo Literário:

Esse mergulho na realidade, que tem como um dos alvos um alto nível de exatidão de informação, demanda muita pesquisa e familiaridade com a temática. A repórter especial Eliane Brum, da revista *Época*, lembra uma vez em que estava cobrindo o enterro de uma pessoa empobrecida. O calor era intenso e sobre o muro do modesto cemitério um sabiá parou de cantar justamente na hora em que o caixão foi colocado na cova. O fato foi registrado pela jornalista não porque complementava com perfeição a cena, mas por ter acontecido. Para registrá-lo, a repórter teve de estar presente no local, acompanhar o funeral, ter sensibilidade para notar as tramas paralelas e, claro, ter bagagem cultural que permitisse identificar a espécie que estava a silenciar. (MARTINEZ, 2009, p. 83)

Tal episódio narrado pela pesquisadora está na crônica-reportagem “Enterro de pobre”, publicada no livro *A vida que ninguém vê* (2006). A trama conta a trajetória de Antônio Antunes e sua família, marcada por uma vida de miséria e pelo descaso do Estado. Ao enterrar o filho, que já estava morto no ventre da mãe devido à precariedade de acesso à saúde, Antônio descobriu naquele momento a sina da família, ao ver o caixão doado ser colocado em uma cova rasa. Esse seria o destino de seus filhos e netos, assim como já tinha sido de seus pais e avós. Diante da cena, o pai disse: “Esse é o caminho do pobre” (2006, p. 36). Brum ainda completa: “E disse com tal dor, com tal desesperança, que a frase açoitou o cemitério da pobreza. Porque uma frase só existe quando é a extensão em letras da alma de quem diz” (2006, p. 36).

Dito isso, Brum sintetiza seu olhar diante da vida: “Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade” (BRUM, 2008, p. 13). Ela destaca a relação entre jornalismo e realidade ao revelar que acredita na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. “Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento” (BRUM, 2017, p. 14).

Assim, Brum se configura como uma escritora que atua em diferentes mídias, distribuindo sua produção de conteúdo em documentários, livros, artigos, crônicas, colunas – material que será detalhado posteriormente. Toda sua produção fica disponível em seu blog<sup>16</sup> pessoal.

---

<sup>15</sup> Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. Núcleo temático. In: Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 9 de mar. de 2019.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://elianebrum.com>. Acesso em: 22 de mar. de 2019.

### 3.2 A TRAJETÓRIA PELO MUNDO DAS PALAVRAS

Eliane Brum diz escrever para não matar e para não morrer, como a história de Sherazade em “As mil e uma noites”, que conta toda noite uma história para não morrer. Filha de pais professores que trabalhavam nos três turnos para prover a família, Brum ficava sob a guarda da empregada. Da porta minúscula da cozinha espiava a empregada soluçar enquanto ouvia a história de amor que saía pelas ondas do rádio. Assim, iam se sucedendo os dias, sentada em um banquinho, acompanhava ao lado da empregada as aventuras da heroína até o final feliz.

O rosto fechado da empregada se abria enquanto escutava as (des)aventuras de personagens que, para ela, eram mais reais do que eu. Não posso dizer que compreendia o que se passava, mas entendia o suficiente para registrar que algo de extraordinário acontecia com as pessoas quando elas ouviam histórias. [...] Eu já sabia naquele tempo que meu destino tinha sido alterado por uma novela de rádio. Mas só alcancei a enormidade do acontecimento quando passei eu também a acompanhar as novelas. (BRUM, 2014, p. 28)

Brum compreenderia ali o poder de contar histórias. Mais tarde, a partir da leitura e da escrita, descobriria que essa seria sua maior descoberta para tudo que se tornaria. A repórter conta em seu livro *meus desacontecimentos* como conseguiu decifrar as letras ao juntá-las no folhetim da missa: “glória glória aleluia mãe eu li! Minha estreia foi assim, sem vírgulas” (BRUM, 2014, p. 87). A alegria foi tanta que a menina logo gritou interrompendo o padre, para anunciar sua grande conquista. Desde a epifania da missa, Brum passou a se trancar no quarto, para ler mais e mais livros. Recusava-se sair do quarto e a comer, e quando obrigada repetia sentada na mesa a última frase lida,

[...] temerosa de perdê-la numa colherada de feijão e, com ela, a chance de desembarcar na linha seguinte. O lugar da realidade se inverteu. A paisagem dos livros era a real. A da vida concreta era sonho. Eu me movia por ela e fazia o que esperavam que fizesse, mas eu não estava ali. Estava lá. [...] Desde que o primeiro livro se abriu para mim (e se fechou sobre mim), o cotidiano tornou-se um fardo a suportar. Era aquém demais. Sempre havia sido, mas agora existia uma maneira de escapar. Os livros me carregaram para dentro. E dentro eu ficaria até a adolescência, quando o mundo de fora me alcançou em sua forma mais gloriosa: os meninos. (BRUM, 2014, p. 91)

Em um “caderno de recordações”, de cor vermelha e capa dura, que havia ganho aos oito anos – guardado até hoje - Brum cometeu sua primeira morte, havia matado com suas havaianas um filhote de barata. “De imediato, me identifiquei com o cadáver. Chorei. Ali, no corredor da casa, com o chinelo na mão, o corpinho dela colado na sola em insuportável

desvalia” (BRUM, 2014, p. 98). Ali nascia sua primeira obra literária “Autobiografia de uma barata”. Sentindo-se culpada Brum criou uma história sobre a barata desde seu nascimento, imaginando como seria sua vida, a felicidade de seus pais com seu crescimento.

Em minha primeira história, eu era a vilã. (Mas talvez fosse também a barata filha). Escrevi na primeira pessoa, encarnando a defunta. [...] Mas, pensando no que significou na minha vida, ganha uma camada adicional de sentido: “Nasci”. (BRUM, 2014, p. 100)

Brum descobriria ali “um modo de dar vida e permanência pela palavra escrita. Dar um corpo de letras aos meus cadáveres. Hoje, barata adulta, escrevo, como tantos outros, na ilusão de enganar a morte” (2014, p. 100). Assim, para a repórter, a palavra se transformaria em outro corpo que habita. “Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência. Fui salva pela palavra escrita quando comecei a ler – e (talvez) em definitivo quando escrevi. E – importante – quando fui lida” (BRUM, 2014, p. 110).

Ela ainda acrescenta:

Não sei existe vida após a morte. Desconfio que não. Sei que para mim não existe vida fora da palavra escrita. Só sei ser – por escrito. No meu nome carrego o que sou e o que não sou, sustento o que busco e não alcanço, assim como o vazio entre as letras, o incapturável em mim. O indizível que também me constitui. (BRUM, 2014, p. 83)

Durante sua trajetória, Eliane Brum já escreveu sete livros, seis de não ficção e um romance. Além disso, possui participações em coletâneas de crônicas, contos e ensaios. Sua contribuição no meio audiovisual lhe rendeu a co-direção de quatro documentários.

A jornalista iniciou sua carreira de escritora ao refazer, 70 anos depois, o caminho de 25 mil quilômetros por onde passou a Coluna Prestes, no livro *O avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994). Na obra, que causou polêmica ao ser lançada, Brum traz à tona não a história dos heróis, aquela escrita com H maiúsculo, mas o testemunho das pessoas comuns que viviam nos povoados e cidades por onde a tropa revoltosa passou, no Brasil da República Velha. Seu relato se deu sobre as escutas do “povo do caminho”, aqueles que não eram nem rebeldes, nem governistas, mas homens e mulheres comuns que tiveram suas histórias silenciadas por tanto tempo e que ganhavam pela primeira vez o direito de contar sua versão dos fatos. Ao percorrer o caminho, o que a jornalista encontrou foram histórias de roubos e atrocidades cometidos pelos ditos “heróis” da Coluna. Para construir essa história Brum entrevistou 100 pessoas. A obra recebeu o prêmio Açorianos de autora-revelação (1994).

No Jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde trabalhou 11 anos como repórter, transformou sua coluna *A vida que ninguém vê* em livro (Arquipélago Editorial, 2006). A coluna narra pequenas histórias reais de pessoas comuns, humildes, em sua maioria invisíveis para a sociedade, que não teriam espaço na grande mídia. Como por exemplo, a história de Geppe Coppini, um mendigo de Anta Gorda que nunca pediu nada; ou o relato de um olhar que salvou o andarilho Israel Pires que se descobriu nos olhos da professora Eliane Vanti, “que era um homem e não um escombros”, jogado ou cuspidos pela sociedade (BRUM, 2006, p. 23). A cada dia o andarilho dava um passo dentro do olhar da professora e quando viu estava dentro da escola. Ou ainda, a história de David Dubin, 86 anos, o velhinho doce dos comerciais, mas que, apesar da aparência, era um sobrevivente do holocausto. Brum define essas narrativas como “desacontecimentos” - iremos explorar esse termo mais à frente. A obra foi condecorada com o Prêmio Jabuti 2007, de melhor livro de reportagem.

Na *Revista Época*, Brum atuou por dez anos como repórter especial. Os bastidores, dilemas, medos e erros cometidos pela jornalista em seu ofício, assim como seus encontros e desencontros com realidades tão injustas e desiguais estão presentes em dez histórias retratadas na obra *O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (Editora Globo, 2008). O livro foi relançado em 2017, pela Arquipélago Editorial. A nova versão conta com um posfácio – “Os limites da palavra” – que traz à tona dois “desacontecimentos” recentes que levaram Brum a uma profunda investigação sobre o ofício de repórter.

A história que encerra a obra “Vida até o fim”, na qual narra os últimos 115 dias de vida da merendeira de escola Ailce de Oliveira Souza com um câncer incurável, causou um impacto permanente na vida da escritora como ela conta no livro. Diante dessa experiência, a repórter reflete sobre a vida e percebe que há muitas vozes ecoando dentro de si e que é preciso acessá-las e escutá-las, como relata na obra. Para dar conta dessa realidade, a escritora afirma que é preciso emprestar seu corpo e criar uma voz na ficção para dar conta de tal empreitada. Assim, é feita sua primeira incursão na literatura de ficção *Uma Duas* (LeYa, 2011). Trata-se de um romance que aborda o relacionamento intrigado entre mãe e filha. Em outubro de 2014, a obra foi lançada no mercado internacional e, em 2018, chegou a sua 2ª edição, sendo relançada pela editora Arquipélago. O livro foi finalista dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo de Literatura e Jornada Nacional de Literatura (Zaffari-Bourbon).

Outro confronto pessoal levou a escritora a se questionar sobre sua relação com as palavras. Ao contar a história de Sônia, no ensaio intitulado “Os vampiros da realidade só matam pobres”, Brum escreveu sobre o Mal de Chagas na Bolívia, um dos países com maior

prevalência da doença no mundo. Por meio do ensaio escrito para o livro *Dignidade*<sup>17</sup> - obra internacional que marca os 40 anos da organização humanitária Médicos Sem Fronteiras - a jornalista descobre que não poderia salvar Sônia apenas contando sua história. Ela conta que percebeu sua pequenez e que escrever não é suficiente.

Tive que aceitar que, como repórter, contadora de histórias reais, posso muito pouco. Mas poder pouco é bem mais que não poder nada. No sentido mais profundo de tudo aquilo que pertence ao humano, não posso salvar ninguém, ninguém pode. (BRUM, 2017, p. 363)

A obra foi lançada no Brasil em junho de 2012, pela editora LeYa e foi finalista do prêmio Jabuti 2013, na categoria melhor livro de reportagem.

Tal experiência lançou a repórter numa vertigem, como ela mesma relata – no posfácio do livro *O olho da rua* (Arquipélago Editorial em 2017) - da qual sairia anos depois, o que deu origem ao livro *meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras* (LeYa, 2014 e relançado pela Arquipélago Editorial em 2017) - quinto livro mais vendido na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). A obra conta por quais caminhos a jornalista havia sido salva pela palavra escrita. Trata-se de um pequeno “itinerário de memórias” de “uma criança constituída pelas palavras” (BRUM, 2017, p. 362). Assim, o exemplar narra como “uma mulher adulta percorre a infância para refazer, agora de forma consciente, seu parto de letras” (BRUM, 2017, p. 362).

Sua próxima obra *A menina quebrada e outras colunas* (Arquipélago Editorial, 2013) reúne uma coletânea com 64 crônicas e artigos de opinião publicados originalmente no site da *Revista Época*. Nela, Brum escreve sobre “ditadura da felicidade”, “medicalização da vida”, memórias, política e questões socioambientais, em especial as relacionadas à Amazônia. A obra ganhou o Prêmio Açorianos de Melhor Livro do Ano. Esta obra será o nosso objeto de estudo a ser analisado posteriormente.

Por fim, lançado recentemente (2019), o livro *Brasil, construtor de ruínas* (Arquipélago Editorial, 2019) reúne reportagens e artigos de opinião publicados no jornal *El País*, nos últimos anos, sobre a situação que o país vive, a partir das transformações sofridas pela nação que “acredita ter finalmente chegado ao futuro, mas descobriu-se atolado no passado.” O percurso parte do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva até os cem primeiros dias de governo de Jair Bolsonaro, em especial sobre o que ela julga ser a violação da Floresta Amazônica por

---

<sup>17</sup> O livro foi lançado na Itália em outubro de 2011, pela editora Feltrinelli, e é composto por textos de nove escritores de diferentes partes do mundo, entre eles o prêmio Nobel Mario Vargas Llosa. Cada um dos autores convidados conheceu um projeto internacional da organização.

ambos os lados e as consequências geradas. A obra trata ainda de temas como crescimento dos evangélicos, o racismo estrutural, a violência, os novos feminismos, a desmemória e o autoritarismo.

Escrevo a partir dos fios que fui puxando nos últimos anos para percorrer o labirinto chamado Brasil. Em especial a partir do que foi nomeado como “autoverdade” e “crise da palavra” e também a partir da desidentificação do país com os imaginários que o sustentaram por tantas décadas. O maior desafio do Brasil de hoje é devolver a verdade a verdade. É voltar a reencarnar a palavra e ser capaz de tecer o “comum.” (BRUM, 2019, p. 10)

Além dessa obra, outra produção da jornalista entrou para a lista dos 10 melhores livros estrangeiros do *National Book Award*. Trata-se de em um “seletíssimo grupo de um dos mais prestigiosos prêmios literários dos EUA, ao lado do Pulitzer.” O exemplar *The Collector of Leftover Souls*<sup>18</sup>, primeiro livro de reportagens em inglês, lançado em outubro de 2019 foi editado pela Graywolf, com tradução de Diane Grosklaus Whitty. A obra já chegou às livrarias dos Estados Unidos, Reino Unido e Itália. A narrativa foi aclamada pela crítica internacional, recebendo destaque no site *The New Yorker*<sup>19</sup>. A obra reúne reportagens e crônicas publicadas entre 1999 e 2015. Entre elas, estão a história das parteiras da Amazônia, os idosos que residem na Casa São Luiz, a história da merendeira Ailce, vítima de um câncer incurável, entre outras. A obra foi considerada pela crítica especializada como uma coletânea de “vidas comuns tornadas extraordinárias por uma mestra em jornalismo que capta toda a sua perplexidade e rebelião silenciosa.”<sup>20</sup>

<sup>18</sup> De acordo com o site Amazon: *The Collector of Leftover Souls* showcases the best of Brum’s work from two books, combining short profiles with longer reported pieces. These vibrant missives range across current issues such as the human cost of exploiting natural resources, the Belo Monté Dam’s eradication of a way of life for those on the banks of the Xingu River, and the contrast between urban centers and remote villages. Told in the vibrant and idiomatic language of the people Brum writes about, *The Collector of Leftover Souls* is a vital work of investigative journalism from an internationally acclaimed author. Disponível em: <https://www.amazon.com/dp/1644450054?creativeASIN=1644450054&linkCode=w61&imprToKen=GPSOzID9LU9zmpVBARAu7A&slotNum=1&tag=thneyo0f-20>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2019/10/28/crisis-of-conscience-the-collector-of-leftover-souls-the-shadow-king-and-gun-island>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

<sup>20</sup> Disponível em: [https://www.nytimes.com/2020/01/24/books/review/brazil-resistance-julian-fuks-collector-of-leftover-souls-eliane-brum.html?fbclid=IwAR1hccEHhpiT0S7RbIj49xB7rqPbEWyjECmAQbo\\_cV5KcwIWusLuN\\_u pV7M](https://www.nytimes.com/2020/01/24/books/review/brazil-resistance-julian-fuks-collector-of-leftover-souls-eliane-brum.html?fbclid=IwAR1hccEHhpiT0S7RbIj49xB7rqPbEWyjECmAQbo_cV5KcwIWusLuN_u pV7M). Acesso em: 25 de nov. de 2019.

Além disso, chamam atenção para a habilidade da jornalista em “habitar a vida de suas fontes enquanto suprime seus próprios preconceitos, julgamentos e visões de mundo,” conforme destaca a jornalista Joana Oliveira ao entrevistar<sup>21</sup> Eliane Brum.

Seu extenso trabalho já lhe rendeu os mais importantes prêmios nacionais e internacionais de reportagem. Em mais de três décadas de profissão, Brum já colecionava mais de 40 premiações. Entre elas, destacam-se: Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio Comunique-se. Por cinco vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu três vezes o Prêmio Cooperifa, e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae.

Atualmente, Brum escreve uma coluna de opinião na internet para os periódicos *El País* (português e espanhol)<sup>22</sup> e *The Guardian* (inglês)<sup>23</sup>. Desde 2010, atua como freelancer e se dedica a projetos com populações tradicionais da Amazônia, das periferias da Grande São Paulo e outras discussões que figuram e impactam a sociedade contemporânea. Para acompanhar de perto parte dessas narrativas, a jornalista mora, desde 2017, em Altamira, no Pará, “epicentro do impacto de Belo Monte, a mais violenta cidade da Amazônia e a região mais atingida pelo desmatamento da floresta” (BRUM, 2019, p. 8).

Além disso, a jornalista participa de conferências no Brasil e no exterior. Em maio de 2019 discursou na *Universidade de Dartmouth*, nos Estados Unidos, sob o título: “Por que a Amazônia é o centro do mundo. E por que isso significa que estamos ferrados”. No mesmo mês palestrou na *Universidade de Harvard* sobre “A Amazônia e a criação de futuro”. E, em outubro desse mesmo ano, participou de um debate sobre “A situação do Brasil e a resistência em tempos de Bolsonaro” no *Festival da Internazionale*, principal revista italiana, em Ferrara.

Em janeiro de 2020, Eliane Brum foi convidada pela Organização Ambiental *Greenpeace* a embarcar em uma expedição partindo da Amazônia, maior floresta tropical do mundo, em direção à Antártida, considerada a última fronteira. A ação foi organizada para pesquisar o impacto do colapso climático sobre o continente gelado, em especial sobre as colônias de pinguins. A experiência a bordo do *Arctic Sunrise*, navio mítico da organização

---

<sup>21</sup> Eliane Brum e a arte de escrever para não matar e para não morrer. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/cultura/1570717717\\_753040.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/cultura/1570717717_753040.html). Acesso em: 25 de nov. de 2019.

<sup>22</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/autor/eliane\\_brum](https://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum). Acesso em: 1 de mar. de 2019.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/profile/eliane-brum>. Acesso em: 1 de mar. de 2019.



usado para pesquisas científicas e ações de denúncia pelo mundo foi narrada em um diário de bordo<sup>24</sup> que pode ser consultado no site *El País*.

No início do século 20, a corrida para o polo Sul marcava o olhar do conquistador que precisava fincar sua bandeira sobre a terra que desbravava. Hoje, no século 21, nosso desafio é dimensionar o impacto da ação humana que alterou o clima do planeta e buscar caminhos para reduzi-lo. Deixo uma floresta em convulsão, cada vez mais perto do ponto de não retorno, para me embrenhar num universo que literalmente derrete.<sup>25</sup>

Tal experiência vivida durante 11 dias a bordo do navio marcou a vida da repórter que pôde experimentar como é viver “num lugar não habitado por humanos e ver como tudo e todos vivem melhor sem nós”<sup>26</sup>, pontua Brum no relato final de sua expedição. Ela ainda completa: “Quem sabe, porém, mais gente possa atravessar suas camadas de negação e libertar a mente para se juntar à tarefa coletiva —e inadiável— de criar um humano novo no futuro que formos capazes de imaginar.”<sup>27</sup>

### 3.3 ESCREVENDO COM IMAGENS

Em três décadas de profissão, Eliane Brum produziu quatro documentários. Destes, três deles são personagens mulheres, o que chama a atenção. Em entrevista para essa dissertação, a repórter afirma que “foi uma coincidência, ou sei lá, o caminho do meu desejo, mas não foi planejado” (APÊNDICE B). As mulheres cujas histórias são contadas são de universos completamente diferentes, mas que carregam semelhanças entre si.

Em suas obras audiovisuais, percebemos que a repórter adota um formato de conversa-entrevista, deixando que o entrevistado se sinta livre para falar ou gesticular da maneira que lhe convier. Brum afirma, em alguns de seus livros, que sempre que possível tenta evitar a primeira pergunta e pede ao entrevistado apenas que lhe conte suas histórias. Assim, constata-se, por meio de suas obras, que a jornalista abre-se para o acaso, envolve-se, interpretando os silêncios, as hesitações, as cores, os sons, as texturas, as entrelinhas, buscando verdades para além das

<sup>24</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-01-18/do-centro-do-mundo-ao-fim-do-mundo.html>. Acesso em: 7 de mar. de 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-01-18/do-centro-do-mundo-ao-fim-do-mundo.html>. Acesso em: 7 de mar. de 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-01-30/9-um-humano-novo-na-fronteira-da-guerra-climatica.html>. Acesso em: 7 de mar. de 2020.

<sup>27</sup> Idem.

palavras. Como ela mesma afirma em seus textos, o que a move são as dúvidas, nunca as certezas.

Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito. Escutar é compreender que o silêncio também fala - ou compreender que as pessoas continuam dizendo quando param de falar. (BRUM, 2017, p. 35)

Diante de tal trajetória, no início dos anos 2000, Brum afirma que sua curiosidade a levou a contar suas histórias de maneira diferente. Conhecida pela escrita única, a jornalista tinha como objetivo descobrir como era escrever com imagens. Assim, nasce seu primeiro documentário *uma história SEVERINA*. A obra co-dirigida por ela em parceria com Debora Diniz é produzida pela Imagens Livres, do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis).

Em 2004, ao derrubar uma liminar que autorizava as mulheres grávidas de fetos anencéfalos a abortar, sem autorização judicial, um ministro do Supremo disse: “Afinal, quem são essas mulheres? A gente nem sabe se elas existem”. Naquele momento, percebi que estava na hora de começar a aprender a fazer documentários.<sup>28</sup>

Partindo dessa inquietação, a jornalista vai percorrer, seguindo seu projeto de escrita, os "brasis" ignorados no mapa e trazer à tona quem são essas mulheres invisíveis aos olhos do Estado e sem voz, que têm suas vidas marcadas e afetadas pela Justiça que sequer se interessa pela existência delas. O curta-metragem foi reconhecido por 17 prêmios nacionais e internacionais, entre eles o de melhor filme com o Prêmio da Crítica no CurtaCinema (RJ) e o terceiro lugar no *Fort Lauderdale* (EUA) ambos em 2005. O vídeo foi disponibilizado na íntegra na internet<sup>29</sup>.

O documentário narra a história de uma mulher simples, plantadora de brócolis, e analfabeta. Ela é Severina Maria Leôncio Ferreira, moradora da cidade de Chã Grande, interior de Pernambuco - que tem sua vida revirada por uma decisão dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Em 20 de outubro de 2004, Severina, grávida de um feto anencéfalo internava-se em um hospital de Recife para realizar o processo de interrupção da gestação, no mesmo momento em que uma liminar que concederia a mulheres como Severina o direito de antecipar

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://elianebrum.com/documentarios/>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://elianebrum.com/documentarios/uma-historia-severina/>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

o parto e retirar o bebê, que não teria condições de sobreviver, era derrubada pelos ministros do Supremo.

Ao deixar o parto para o dia seguinte, por opção do médico, Severina precisou deixar o hospital e começar sua saga para tentar reverter sua situação ao lado do marido Rosivaldo, já que a liminar votada pelo STF suspendia seu direito de interromper a gravidez. Se o médico tivesse feito a cirurgia no dia em que Severina chegou ao hospital, a vontade da mãe seria cumprida. No entanto, diante da decisão do STF, o casal de analfabetos e com dificuldades para entender a Justiça feita apenas para os letrados, precisou ir atrás de outra autorização judicial para interromper a gravidez, o que ocorreu somente depois de três meses de idas e vindas.

De posse da nova autorização, no hospital, Severina enfrenta outras dificuldades, já que a equipe médica se recusa a fazer a intervenção. Perdida mais esta etapa, com sete meses de gestação, no dia 12 de janeiro, depois de suportar mais de 30 horas de trabalho de parto, nascia o filho morto de Severina.

Quando não tinha mais posição, arrastava-se até o corredor. Era inevitável encontrar-se com uma mãe feliz com seu bebê – vivo – no colo. Nesses momentos, os olhos de Severina gritavam uma dor que eu nunca vi no olhar de outro ser humano. Se a tortura de Severina fosse resumida em uma só cena, seria aquele olhar. Aquele olhar que palavras são insuficientes para descrever. Entre todas as mulheres da maternidade, Severina seria a única ali que, ao final, teria um caixão – e não um berço.<sup>30</sup>

Recuperando-se do parto, Severina só conheceu a cova do filho pelas imagens do documentário. "Eu nem sei onde é a covinha dele", disse emocionada ao assistir ao enterro pela primeira vez no vídeo. Em 2005, o filme foi enviado a todos os ministros do Supremo, conforme é informado em uma das últimas imagens do documentário.

A partir da observação do documentário, fica claro como uma decisão da justiça pode marcar a vida de mulheres como Severina. São mães que, com o aval do Estado, foram obrigadas a conviver com a dor de gerarem filhos que já nascem com a certeza da morte. O documentário, de certa forma, proporciona uma reflexão a respeito do impacto que uma experiência como essa pode causar à vida dessas mulheres, interferindo principalmente em sua saúde mental e psicológica. "Ao testemunhar seu sofrimento, ficou muito claro para mim que aquilo era, sim, um tipo de tortura – uma tortura imposta pelo Estado", desabafa Brum em sua coluna " Chega de torturar as mulheres"<sup>31</sup>, publicada no site da *Revista Época*.

<sup>30</sup> Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/04/chega-de-torturar-mulheres.html>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://desacontecimentos.com/?p=1391>. Acesso em: 13 de mar. de 2020.

Outra produção audiovisual da jornalista nasceu de outra inquietação. A ideia era fazer um documentário sobre a vida da cantora Gretchen. Brum conta, em entrevista para essa dissertação (APÊNDICE B), que quando sugeriu a pauta ao editor da *Revista Época*, na ocasião, o mesmo recusou a ideia por entender que a artista não era de interesse dos leitores do veículo, o que o levou a interpretar que o que a repórter queria era fazer um perfil de uma celebridade. Sugeriu que ela o fizesse então da artista Luciana Gimenez. Mas, não era essa sua ideia. A repórter não desistiu e cinco anos depois, quando Gretchen completou 30 anos de carreira ela pode contar essa história. Para isso, a repórter partiu de duas perguntas que ela queria responder, primeiro: “como uma mulher rebola há 30 anos pelo Brasil com apenas três músicas? Segundo: Se nós seguirmos “a” Bunda, para que Brasis ela nos levará?”. Bunda, nunca no sentido pejorativo, afirma a repórter. Movidos por essas indagações ao lado de Paschoal Samora, com quem divide a direção do filme, a jornalista parte em busca de respostas. O desafio deu origem ao documentário *Gretchen Filme Estrada*<sup>32</sup>.

O vídeo de 1 hora e 26 minutos narra a última turnê de Gretchen e sua primeira campanha política, quando a cantora decide se candidatar à prefeitura da Ilha de Itamaracá, município de Pernambuco, nas eleições de 2010. O documentário mostra não só a personagem Gretchen, amada pelo povo nacional e internacionalmente, como ela mesma afirma no documentário, mas também a candidata, a mãe, a esposa, e a pessoa de nome "Maria Odete". Gretchen é colocada à prova e expõe por meios das imagens as fraquezas e os dilemas das pessoas comuns, como na cena em que lamenta não poder comemorar o aniversário do filho por estar envolvida na campanha, ou ainda, quando pede ajuda para que o abastecimento de água em sua casa seja retomado. Gretchen é uma pessoa de carne e osso, que vai muito além da representação de uma mulher sexy e bonita, dona do rebolado, e que o mundo não conhece.

O terceiro documentário de Eliane Brum é *Laerte-se* (2017), dirigido em parceria com Lygia Barbosa da Silva. O roteiro é assinado pela dupla e por Raphael Scire. O documentário é a primeira produção brasileira para a *Netflix*. A obra conta a história de Laerte Coutinho, cartunista que decidiu apresentar-se como mulher após quase 60 anos vivendo como homem em suas investigações sobre as “desidentidades”. “Laertar-se é verbo. Ao mesmo tempo que impele ao movimento, como um imperativo de vida, se volta para si, numa interrogação persistente”, afirma a jornalista em seu site.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://desacontecimentos.com/documentarios/gretchen-filme-estrada/>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

<sup>33</sup> Disponível em: <http://elianebrum.com/documentarios/laerte-se/>. Acesso em: 31 de jun. de 2018.

O filme retrata uma nudez na vida de Laerte, que nada tem a ver com o aspecto nu do corpo, mas com um nu ligado a sua exposição pessoal, que coloca suas questões, sentimentos e dilemas registrados e expostos ao público. Foram mais de três anos de gravação e mais de 30 horas de conversa e filmagens na casa de Laerte. A cartunista é uma pessoa que se interroga o tempo todo, hábito que também pratica na sua arte, como mostra o documentário.

Brum conduz a narrativa com um tom de diálogo. Laerte é uma figura complexa, uma pessoa com muitas facetas. Genial na construção de suas tirinhas, a cartunista deixa transparecer suas incertezas e dúvidas sobre suas "desidentidades". Ela adora vestidos e pensa em colocar silicone. No entanto, questiona-se sobre o que isso representa. Ela tenta entender e investigar o que é ser mulher.

Neste filme, Laerte conjuga um corpo no feminino, esquadrinha conceitos e preconceitos. Não busca identidade. O que conjuga são desidentidades. Laerte é filho e filha, é vó e vô. É também pai, de três filhos, órfão de um. É ainda quem leva a filha ao altar como pai e como mulher. E quem, mesmo sem útero, gesta. Envia suas criaturas para confrontar a realidade na ficção dos quadrinhos como uma vanguarda de si. E, nas ruas, ficciona-se como personagem real. Laerte, pessoa de todos os corpos e de nenhum, embaralha qualquer binarismo. Ao indagar sobre Laerte, este documentário escolhe vestir a nudez, aquela que vai além da pele que se habita.<sup>34</sup>

Assim, são muitas as interrogações que surgem nesta jornada empreendida pela cartunista. São as dúvidas que desacomodam e a movem nesta descoberta conforme mostra a narrativa.

Dito isso, em mais de três décadas de profissão, Eliane Brum se dedicou, a duas delas, a entender, investigar e produzir reportagens sobre a Amazônia. Nesses 20 anos, Brum percorreu os "brasis" invisíveis no mapa, conhecendo pessoas e realidades negligenciadas. Desde o início dos anos 2000, Brum se dedica, em especial, a duas linhas de reportagem, "a escuta nas periferias da Grande São Paulo e a escuta dos povos da floresta amazônica" (BRUM, 2019, p.7). Para empreender melhor essa jornada e inverter o ponto de vista de onde Brum olhava para o país, em agosto de 2017, a jornalista se mudou para Altamira, no Pará, cidade mais violenta da Amazônia, a fim de acompanhar de perto os povos da floresta. "Sempre me alinhei ao lado daqueles que defendem que, num planeta em emergência climática, a floresta é o centro do mundo. Para ser coerente com minhas ideias, desloquei o meu corpo e, com ele, a minha experiência e o meu olhar" (BRUM, 2019, p. 8).

---

<sup>34</sup> Disponível em: <http://elianebrum.com/documentarios/laerte-se/>. Acesso em: 31 de jun. de 2018.

Assim, seu último documentário *Eu+I: uma jornada de saúde mental na Amazônia* registra a construção da Clínica de Cuidado, ação social que visava ajudar a população ribeirinha atingida pela barragem de Belo Monte. A obra tem direção de Eliane Brum, que divide o roteiro com Nani Garcia. A ação reuniu uma equipe de 18 profissionais, composto por 16 psicanalistas e psicólogos, uma jornalista e um fotógrafo. O grupo de voluntários partiu, em janeiro de 2017, para Altamira com o objetivo de escutar, tratar e documentar o sofrimento dos atingidos pela barragem.

A ação social promovida pela Clínica de Cuidados mostra uma psicologia que se desloca do consultório, com uma organização mais clínica do trabalho. Trata-se de um processo de escuta que constrói a narrativa do documentário, composto pela ótica da equipe que narra suas experiências a partir do contato com os refugiados de Belo Monte. O documentário é dedicado a João Pereira da Silva, "cuja palavra foi tão forte que rompeu a barragem que separava os Brasis e produziu movimento de vida, dando início à rede de escuta que nos levou até Altamira e o Xingu" (EU, 2017). O texto aparece ao lado da foto do homenageado. A frase inscrita na tela: "Quando há escuta não é preciso sacrifício," marca o final do documentário (EU, 2017). O vídeo<sup>35</sup> com duração de 1h 42 minutos, postado em um canal no *Youtube*, contou com um financiamento coletivo pela Plataforma Catarse<sup>36</sup>, na internet.

### 3.4 A PERSONAGEM ELIANE BRUM: NARRATIVA DE SI E OLHAR DE RESISTÊNCIA

Ao escolher suas causas, Brum faz uma opção por narrativas pouco convencionais. Ela escolhe dar voz a quem não tem – o que passa a ser uma marca da escritora, uma imagem dela, que também se torna personagem de si. Assim, durante a leitura flutuante e a partir de uma análise preliminar sobre as obras da autora, para posterior seleção do objeto a ser estudado, a presente pesquisa constatou que a repórter se coloca, em alguns momentos, enquanto personagem das ações em que constrói as narrativas. Em diversas colunas, Brum parte de situações particulares ou acontecimentos do cotidiano para trazer à tona uma reflexão sobre problemas inseridos na sociedade contemporânea. Há um regaste pessoal de suas memórias e

---

<sup>35</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IG\\_DdW4znCE](https://www.youtube.com/watch?v=IG_DdW4znCE). Acesso em: 31 de jul. de 2018.

<sup>36</sup> Trata-se da primeira plataforma de financiamento coletivo para projetos criativos no Brasil. Criada em 17 de janeiro de 2011 seu propósito visa incentivar a criatividade, a arte, o ativismo, a ciência e o empreendedorismo por meio de projetos que trazem novas perspectivas, geram diversidade e promovem debates saudáveis para a sociedade. Assim, projetos dos mais variados perfis tem a oportunidade, por meio da plataforma de conseguir investimentos para serem realizados.

lembranças, que podem servir como arcabouço teórico e prático das realidades vivenciadas. Além disso, tais aspectos podem auxiliar e contribuir para a construção de suas narrativas, sejam elas oriundas de memórias pessoais ou experiências vividas no ofício de repórter.

Ao fazermos um levantamento das 64 colunas presentes na obra *A menina quebrada* – objeto desta dissertação, constatamos 16 textos – que correspondem a 25% da produção selecionada - que trazem à tona histórias pessoais sobre a jornalista, sua família, amigos, pessoas íntimas, entre outros. A esses textos denominamos de “narrativa de si” (APÊNDICE E).

Isso posto, percebe-se uma “atorização”<sup>37</sup>, como define SOSTER (2013), da repórter por meio de aspectos autobiográficos utilizados nos textos produzidos, levando em consideração o contexto da midiatização da atividade jornalística e sua dialogia.<sup>38</sup> Em alguns momentos, durante a leitura de suas obras, fica evidente que a jornalista deixa sua função de escritora para assumir um personagem da história, principalmente quando a mesma relata suas experiências pessoais.

O teórico Walter Benjamin defende que a experiência vivenciada pelo sujeito confere a ele autoridade para criar uma narrativa na qual estava inserido. No entanto, na ideia proposta por Silviano Santiago (1936), que conceitua o narrador pós-moderno como aquele que não vivencia o fato, mas narra a ação enquanto observa, como se fosse uma espécie de espectador, existe uma valorização deste narrador em um contexto midiatizado. Assim, a recorrência de aspectos autobiográficos pode se configurar como um mercado editorial em potencial. Tal perspectiva é constatada por Klinger (2008) que acredita na escrita de si – termo que será melhor explicado posteriormente- como uma espécie de sintoma da época atual.

Assistimos hoje a uma proliferação de narrativas vivenciais, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biográficas e dos testemunhos; aos inúmeros registros biográficos na mídia, retratos, perfis, entrevistas, confissões, *reality shows*; ao surto dos *blogs* na internet, ao auge de autobiografias intelectuais, de relatos pessoais nas ciências sociais (a chamada

---

<sup>37</sup> Segundo Soster, a atorização, na perspectiva de Fausto Neto (2011), “se dá quando o jornalista, até então um mediador dos acontecimentos, passa a se estabelecer na processualidade sistêmica como um ator da mesma, instaurando novas ofertas de sentido, tencionando, dessa forma, não apenas o papel do jornalista enquanto mediador mas, também, o estatuto do acontecimento de natureza jornalística.” (SOSTER, 2013)

<sup>38</sup> Trata-se do diálogo entre jornalismo e literatura, campos sociais diferentes, mas que estabelecem uma conexão provocando uma metamorfose em ambos. Um exemplo disso, é quando o jornalismo “vai buscar na literatura subsídios para estabelecer diferenças, reconfigurando-se nas instâncias de emissão, recepção, circulação e reconhecimento, ou quando, dialogicamente, a literatura passa a se valer de lógicas comunicacionais para dar conta de seus processos.” (SOSTER, 2013)

antropologia pós-moderna), a exercícios de “ego-histórias”, ao uso dos testemunhos e dos “relatos de vida” na investigação social, e a narração auto-referente nas discussões teóricas e epistemológicas (Arfuch, 2005, p.51). O que considero, porém, mais interessante da boa narrativa contemporânea é que ela não é apenas um reflexo da cultura midiática, mas se situa também no contexto discursivo da crítica filosófica do sujeito que se produziu ao longo do século XX. (KLINGER, 2008, p. 14)

Sendo assim, podemos verificar que existe uma recorrência de aspectos autobiográficos que perpassam a obra da jornalista. Um exemplo disso, é seu livro *meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras* (2014) em que Brum expõe-se para contar como a mesma virou narrativa.

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se. Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Recordações, são fragmentos do tempo. (BRUM, 2014, p. 9)

De acordo com THOMÉ & RODRIGUES (2017), “a estratégia de marcar seu local de fala demonstra uma *expertise* do jornalista, que, não raro, apresenta personagens para contar como um problema social afeta sua vida em particular” (2017, p.61). Logo, constatamos que se trata de uma estratégia utilizada pela jornalista na construção de seus textos. Outro elemento muito recorrente é o uso da dramaticidade. Em várias entrevistas, Brum afirma que é uma pessoa dramática. Tal elemento parece dar à história contornos para criar uma identificação maior com o leitor, que pode ser reconhecer em parte das experiências contadas. Mais do que isso, a narrativa que Brum apresenta é provocativa, demonstra uma intencionalidade de comover. No sentido etimológico da palavra, comover significa deslocar, causar incômodo, mal-estar. Ao utilizar essa estratégia, a repórter humaniza as histórias e aproxima a realidade contada com a do leitor, do espectador.

Um exemplo disso é a crônica “O dopping dos pobres<sup>39</sup>”. Nela, Brum relata como desde a infância nas rodas de conversa da família, - quando os parentes depois de uma longa prosa sobre as plantações e o clima, ao atualizarem seus pais sobre os boatos da cidade -, escutava a frase “fulana sofre dos nervos”, episódio que alteraria o curso da comunidade. “Mulheres sensatas largavam as panelas e os filhos ao vento e recusavam-se a juntar ao marido bêbado no

---

<sup>39</sup> Disponível no livro *A menina quebrada e outras colunas* (Arquipélago Editorial, 2013) – objeto dessa dissertação.



boliche do povoado. Rebelavam-se. Por culpa dos nervos” (BRUM, 2013, p. 39). Mais tarde, a menina, já adulta, constataria outra realidade. Ao voltar ao povoado da zona rural, descobriu que não havia mais nervos, mas pessoas depressivas e com síndrome do pânico, vítimas de crises de ansiedade. O que era tratado com o uso das mais diversas ervas, deu lugar à ingestão de medicamentos de cores variadas para tratar as mesmas queixas do passado, só que agora com uma terminologia médica.

Segundo a repórter, especialmente a partir da década de 1980, o termo depressão passou a figurar nos discursos, principalmente entre as pessoas com pouco ou nenhum grau de instrução. “Nos últimos anos, tenho ficado embasbacada ao entrevistar gente analfabeta que fala em depressão como se fosse o nome de alguém da família. A terminologia psiquiátrica invadiu a linguagem em todas as classes sociais e regiões – e se inscreveu na cultura” (BRUM, 2013, p. 40). Brum conta que antes, quando batia na porta das pessoas mais humildes, “os pais de família me apresentavam sua carteira de trabalho. [...] Com o gesto eles queriam provar que eram trabalhadores, gente de bem – e não vagabundos ou bandidos porque eram pobres” (BRUM, 2013, p. 41). Hoje, esse comportamento mudou, em vez do documento, os moradores mostram-lhes seus medicamentos.

Acreditam que, por ser jornalista, tenho um conhecimento que eles não têm, sou capaz de esclarecer suas dúvidas. Estou lá, sentada no único sofá ou na melhora cadeira da casa, quando acontece. Depois de uma prosa inicial [...], já estamos todos bem à vontade. Então o pai ou a mãe ou a avó fazem sinal para a menina mais nova. E lá vem a criança carregando uma lata da cozinha. Deposita entre as minhas mãos, como uma hóstia. Olho e já sei o que vou encontrar: cartelas de comprimidos até a boca. Querem saber se faz bem mesmo. Se posso explicar como devem tomar. Se o guri que só apronta na escola deveria tomar também. Me arrepio. Examino o conteúdo. Procuo as bulas. Boa parte são antidepressivos e tranquilizantes. Pergunto quem toma e por que toma. O avô porque não dorme, a mãe e a avó porque estão deprimidas, o pai porque é nervoso e o filho porque é “muito agitado”. Com variações, claro. Mas em geral as deprimidas são as mulheres. Lembro que eram elas também as que mais sofriam dos nervos. (BRUM, 2013, p. 41)

Entretanto, Brum alerta sobre a “medicalização da dor de existir”. A partir do relato de seus entrevistados, vai costurando as narrativas, intercalando as experiências e os protagonismos de quem conta a história, assumindo uma posição de observadora, ouvinte até que novamente se coloca na história, transformando-se também em personagem da narrativa.

Aos 11 anos, eu já tinha um livro de poesias. Todas elas elaboravam momentos diversos da minha dor de existir. Para mim, a escrita foi a maneira que encontrei de elaborar minha angústia, “os nervos”. Acabei fazendo disso um projeto de vida. Já vivi muitos momentos duros, inúmeras tramas. Posso

afirmar, sem exagero que fui vítima da maioria dos artigos do Código Penal, com exceção de assassinato. Me descobri algumas vezes dançando à beira do precipício. E por duas vezes na minha vida precisei de medicamentos. Tive a sorte de encontrar profissionais competentes, humanistas que acreditavam no que faziam, no que eram. O uso de medicamentos foi pontual, parcimonioso, controlado e com tempo para acabar. Sempre acompanhado de sessões de psicanálise. Superei cada um deles não me anestesiando, mas elaborando a dor. E criando furiosamente. (BRUM, 2013, p. 42)

Outro exemplo, de como a repórter sai do seu papel de “escutadeira” para assumir um lugar na narrativa, tornando-se personagem, está presente na coluna “Desconhece-te a ti mesmo!”<sup>40</sup>. Brum narra a experiência de uma amiga sobre suas aventuras no divã dos psicanalistas e, como o ofício praticado por um outro amigo no passado, que lhe garantiu estabilidade financeira e prestígio, hoje não lhe causa mais estímulos, contribuindo para que a forma como desempenhava tal atividade no passado, atualmente para ele, não faz nenhum sentido. “A mesma questão tem aparecido em conversas com outros amigos. Por alguma razão – e não exatamente a faixa etária, porque a primeira tem 30 e o segundo mais de 50 - estou cercada de pessoas que vivem um momento de vazio. Eu incluída” (BRUM, 2013, p. 107). Brum refere-se ao período em que havia saído da *Revista Época*, para começar uma nova vida, livre de horários e contratos de trabalho. Motivada pela resposta da amiga ao psicanalista e ao momento de liberdade que experimentava, a repórter começa a perceber que para mudar, é preciso se desconhecer. A partir daí, Brum assume a narrativa de si.

Foi uma surpresa para mim – como, por outros caminhos, está sendo para meus amigos tão diferentes do início deste texto. Hoje não basta saber quem eu sou. É preciso também saber quem eu não sou. Para, então, saber quem eu posso ser. Vou tentar explicar melhor. Para nos estabelecermos na vida adulta precisamos construir um personagem. Não com a total liberdade com que muitos sonham e alguns se iludem que têm, mas com algum grau de livre arbítrio. Embora variem as nuances do que as pessoas pensam sobre cada um de nós, há algo que é geral, que emana desse personagem que criamos. E, aqui, quando me refiro à personagem, não há nenhuma relação com falsidade ou simulação. É tão verdadeiro quanto qualquer coisa pode ser verdadeira. (BRUM, 2013, p. 108)

A narrativa segue assim, sendo intercalada pela experiência de Brum, que fala na primeira pessoa de modo a construir uma reflexão sobre sua mudança de vida a partir da reapropriação de seu tempo e das novas possibilidades que gostaria de explorar. Mais tarde na coluna, ela volta a falar da amiga e se dirige ao leitor, convidando-o para que reflitam juntos

---

<sup>40</sup> Disponível no livro *A menina quebrada* (Arquipélago Editorial, 2013) – objeto dessa dissertação.

sobre as amarras que os seguram e os impedem de se livrar dos clichês, da possibilidade de olhar para os vazios de si com estranhamento e a partir daí buscar caminhos desconhecidos.

Quando minha amiga repetiu para mim o que disse ao analista - “Estou aqui porque quero me desconhecer” -, ela me ajudou a compreender melhor o meu momento. E eu pude dizer a meu outro amigo que ele precisava ter a coragem de se manter sem saber quem é por um tempo, para poder descobrir o que quer fazer com seu desejo. Conto essa experiência aqui porque acredito que outras pessoas possam estar vivendo algo parecido, por caminhos e circunstâncias próprias – e acho importante refletirmos juntos. Manter parte de nós no vazio provoca angústia, mas, se tivermos coragem de aguentar um pouco, nos leva a lugares desconhecidos e excitantes de nós mesmos. Não é nem que as perguntam mudem, mas é o jeito de fazê-las que precisa ser novo para que possamos alcançar respostas mais estimulantes. Tenho para mim que as grandes perguntas de todos nós são sempre as mesmas, o que muda é como buscamos as respostas. Acho que desconhecer é sacudir o cimento que há em nós, colocando por nossas mãos e também pelas mãos ávidas dos outros. É isso vale para tudo, até para coisas mais triviais. (BRUM, 2013, p. 111)

Dessa maneira, constatamos mais uma vez como Brum constrói suas narrativas e como a mesma se insere na história, realizando uma escrita de si. Trata-se de algumas estratégias narrativas utilizadas, em que primeiro a repórter conta a experiência de alguns indivíduos e a partir daí, intercala as angústias dos mesmos com o momento atual em que vive. Em seguida, se dirige ao leitor convidando-o para uma reflexão sobre algo que ele também poderia estar vivendo. E por fim, termina com um conselho. Tais estratégias podem contribuir para que haja uma identificação e maior empatia com aquele que lê seu texto, uma vez que o leitor se sente parte da história.

Os exemplos apontados acima que remetem à narrativa de si, quando Brum deixa de lado seu papel de contadora de histórias para assumir um personagem na construção da narrativa, aproximam-se muito das definições de autoficção e *performance*. Para entender melhor essa relação, discorreremos abaixo sobre os conceitos e suas relações com os exemplos apresentados.

Não há uma definição exata sobre o termo “autoficção”, já que muitos autores divergem sobre o gênero literário. Trata-se de um termo “elástico e poroso.” Tal estilo já foi chamado de “biografia romanceada”, “ficção autobiográfica”, “romance inspirado em fatos reais”. E podem ser utilizadas tanto em textos contemporâneos como em textos de épocas passadas” (PERRONE-MOISES, 2016, p. 209).

O termo *autofiction* formulado pelo teórico francês Serge Doubrovsky, usado na capa de seu quarto livro *Le Fils* (O filho), foi criado em 1977. Na década de 1980, a cultura francesa

passou a ter contato com inúmeros livros que tinham como tema a vida do próprio autor, incluindo seus pensamentos, sentimentos e experiências. Mas, a obra não reunia toda a sua trajetória, apenas alguns momentos de sua vida, como partes da infância, perdas, mortes, entre outros recortes. Diante de tal cenário houve um *boom* na autoexposição de relatos, principalmente entre as personalidades do mundo que passaram a tornar público seus problemas domésticos, envolvendo principalmente traições de seus cônjuges, como forma de vingança. “Sinceras ou oportunistas, as autoficções se tornaram tão numerosas que diversos críticos apontaram a tendência umbilical (*nombriliste*) dessa literatura, seu caráter autocentrado e provinciano” (PERRONE-MOISES, 2016, p. 205)

No entanto, apesar da narrativa narcisista e individualista, a autoficção não pode ser entendida apenas como egoísta e descartável.

Falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que lhes faltam em sua existência individual. (PERRONE-MOISES, 2016, p. 205)

Ainda segundo a autora, a autoficção pertence a uma longa e respeitável tradição. Portanto, não se trata de um gênero novo, “apenas uma variante moderna de um gênero antigo. E, finalmente, a autoficção não substitui o romance na terceira pessoa, que continua sendo mais praticado do que ela” (PERRONE-MOISES, 2016, p. 206).

Sendo assim, as narrativas em primeira pessoa marcadas por traços biográficos são uma forte característica da literatura contemporânea. Sob o conceito de “escrita de si”, há diferentes gêneros literários, como biografias, autobiografias e romances autobiográficos, termos marcados por indefinições e contradições. Para entender essas diferenciações é necessário compreender a ideia de “pacto biográfico”, uma espécie de contrato entre o autor e o leitor.

Esse contrato de leitura consiste nos princípios de veracidade e de identidade entre Autor, Narrador e Personagem-protagonista (A = N= P). O leitor interpreta o texto autobiográfico (autobiografias, confissões, testemunhos, diários, memórias etc.) como “verdade do indivíduo”, diferenciando-o do romance. Neste, o compromisso com a realidade é impreciso (*flo*), diferente da autobiografia, em que o pacto de veracidade traz consequências legais para o autor. Afinal, o pressuposto do leitor é que o conteúdo traduz a verdade, comprometendo o leitor. (FAEDRICH, 2015, p. 46)

Para Klinger (2008) a “autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre um desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de

expressar uma “verdade” na escrita” (2008, p. 19). Logo, o termo “autoficção” se aproxima do conceito de performance, no qual a subjetividade é pensada na “desnaturalização” do sujeito.

Assim, o termo “*performance*” pode ser traduzido como “atuação”, “desempenho”, “rendimento”. Mas a partir dos anos 1950 assumiu conotações mais específicas no campo das artes e das ciências humanas com a proposta de “superar a dicotomia arte/vida” (KLINGER, 2008, p. 19). De acordo com Schechner, do ponto de vista da antropologia, uma performance é “toda atividade feita por um indivíduo ou grupo na presença de e para outro indivíduo ou grupo” (1988, p. 30).

Propondo uma reflexão sobre a teoria de gêneros de Judith Butler, Klinger (2008) pontua que “a performance de gênero é sempre uma cópia da cópia, sem original. Da mesma maneira, a autoficção também pressupõe a existência de um sujeito prévio, “um modelo”, que o texto pode copiar ou trair, como no caso da autobiografia” (KLINGER, 2008, p. 20). Logo, não existiria original e cópia, apenas uma figura teatral – um personagem – que seria o autor.

Para Klinger o papel da autoficção é participar da criação do escritor como mito, uma figura situada no intervalo entre “mentira” e “confissão”. Em seu entendimento, o relato como originador da subjetividade, pensado por meio de uma evidente ambiguidade a respeito de uma verdade anterior ao texto, possibilita pensar a autoficção como uma performance do autor, ou seja, uma atuação.

Ainda segundo a autora, o conceito de *performance* nos permitiria observar a construção da imagem do autor por meio de um estilo teatralizado. Ela sugere uma distinção sutil entre o sujeito escritor e a figura do autor, propondo uma perspectiva na qual “não haveria um sujeito pleno, originário”, refletido ou mascarado pelo texto. Pelo contrário, os textos ficcionais e a atuação do escritor “são faces complementares da mesma produção da figura do autor”, não podendo ser pensados de forma isolada. O autor é compreendido como “sujeito de uma *performance*, de uma atuação”. Ele “representa um papel” na própria “vida real”, que extrapola o âmbito ficcional (2008, p. 24).

Assim, a autoficção adquire outra dimensão que não a ficção autobiográfica, considerando que o sujeito de escrita não é um “ser” pleno, cuja a existência ontológica possa ser provada, senão que o autor, a figura do autor, é resultado de uma construção que opera tanto dentro do texto ficcional quanto fora dele, na “vida mesma”. (KLINGER, 2008, p. 24)

Assim como na arte cênica, o texto autoficcional também se aproxima da ideia de *performance*, principalmente em relação à dramatização do autor. Como ocorre no teatro, “um

sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem. A dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador” (KLINGER, 2008, p. 25).

A arte da *performance*, como representação, presume uma exposição radical do eu, do sujeito que fala, do seu local de fala. Na arte da *performance*, o caráter dúbio do teatro permanece, porém, diferente do ator teatral, a presença do *performer* extrapola o nível do personagem e se configura mais como pessoa. Já na autoficção e na *performance*, o escritor-ator e o personagem-autor convivem, sem se preocuparem em aumentar a verossimilhança, pois ela, como a própria autora sugere, aumentaria paradoxalmente o caráter ficcional.

No texto de autoficção, entendido nesse sentido, quebra-se o caráter naturalizado da autobiografia numa forma discursiva que ao mesmo tempo exhibe o sujeito e o questiona, ou seja, que expõe a subjetividade e a escritura como processos em construção. Assim, a obra de autoficção também é comparável à arte da *performance* na medida em que ambos se apresentam como textos inacabados, improvisados, *work in progress*, como se o leitor assistisse “ao vivo” ao processo da escrita. (KLINGER, 2008, p. 26)

Portanto, de acordo com a autora, a autoficção deve ser lida além das qualidades estéticas do texto. Ela só faz sentido “se lida como *show*, como espetáculo, ou como gesto” (2008, p. 26).

Sodré (2009) pontua que:

Quando um jornalista se comporta como um narrador literário – por exemplo, usando linguagem, pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigando com as fontes de informação, etc. – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (SODRÉ, 2009, p. 144)

Realizada essa contextualização, voltemos ao nosso objeto. Podemos inferir que o trabalho proposto por Brum dialoga com todos os conceitos expostos acima. Trata-se de um texto ora narrativo, ora dissertativo, que se aproxima da prosa literária, com a apresentação de personagens, por vezes, anônimos. A repórter, em alguns casos, faz uma descrição física do entrevistado, por meio de seu vestuário, personalidade, comportamento, modo de vida, feições, gestos. Assim como fazem os escritores em seus romances ao construir seus personagens nas histórias. Tal caracterização promove uma humanização do personagem, que pode contribuir para uma maior empatia com o leitor. Somando-se a isso, Brum arrisca-se, muitas vezes, na construção psicológica do entrevistado, de modo a deixar a narrativa mais rica, mais complexa

e a dar ao leitor todos os elementos para que ele mesmo tire suas próprias conclusões e siga seus próprios caminhos. Tal estratégia narrativa utilizada é outra característica do meio literário.

O fato de intercalar a história baseada na realidade a partir do relato dos entrevistados e o uso de elementos da literatura na produção dos textos, não quer dizer que se trata de uma mentira, ou que tudo é ficcional. Pelo contrário, a repórter transita entre os mundos “real” e “ficcional”, mas imprime em sua narrativa um olhar único sobre a realidade do outro, como ela mesma pontua. Para Sodré, o jornalismo e a ficção são gêneros opostos. “O texto jornalístico pode ser retoricamente ficcional, mas não fictício, enquanto o literário comporta o ficcional e o fictício” (2009, p. 167).

Brum carrega traços tanto da autoficção, como da ficção, como do cotidiano em que está imersa. E o resultado disso, é um texto que transpõe as fronteiras entre o fático e o ficcional. “Fatos, gestos e diálogos passam de um suposto real-histórico para um real imaginado, com vistas à produção daquilo que Roland Barthes chamou de ‘efeito de real’ ”<sup>41</sup> (SODRE, 2009, p. 154).

Além disso, na construção de suas narrativas, Brum deixa claro a seus leitores qual é o seu posicionamento diante de um fato ou situação. Sua escrita é marcada por seus projetos políticos e por seu olhar crítico, permitindo que o público tire suas próprias conclusões. Suas obras revelam seu engajamento político e social, especialmente relacionado às minorias e às lideranças indígenas. Sua imagem pode ser atrelada a uma representante dos direitos civis das classes menos favorecidas, principalmente em se tratando dos povos da floresta.

Em suma, o plano da metanarrativa na obra de Brum pode ser identificado como uma tentativa de representar indivíduos que foram postos à margem da história oficial, que têm suas vidas impactadas pelos problemas da sociedade. Mais do que isso, pode-se dizer que tais narrativas tornam visíveis experiências negligenciadas ou omitidas. Ou seja, pessoas invisíveis tornam-se visíveis. A repórter rompe o véu da invisibilidade e joga luz sobre as narrativas de

---

<sup>41</sup> Para Barthes, “a eliminação do significado para fora do discurso “objetivo”, deixando confrontar-se aparentemente o “real” e sua expressão, não deixa de produzir um novo sentido [...] – extensivo a todo o discurso histórico e que finalmente define sua pertinência.” (1988, p.156). Tal conceito, na narrativa literária pode ser identificado como a descrição de elementos que aparentemente não possuem tanta relevância no contexto em que é narrado, mas que dá ao leitor um repertório maior capaz de enriquecer o enredo e ambientar melhor o universo narrado. Assim, a narrativa pode, por exemplo, trazer descrições detalhadas de um ambiente físico no qual a história é contada, trazendo informações sobre a posição dos objetos, a cor das cortinas, os quadros na parede. Tais aspectos podem ajudar o leitor a ter a sensação de que tais fatos são efetivamente reais e, portanto, melhorar seu entendimento sobre a história contada, dando a ele um papel importante nesta construção.

vida protagonizadas por sujeitos que até então nunca tiveram a chance ser vistos e até enxergados pela sociedade.

Assim, ao trazer à tona realidades complexas vivenciadas por sujeitos anônimos que têm suas vidas pautadas por adversidades como: fome, miséria, violência, morte, etc, há uma humanização do relato. Isto causa uma aproximação entre quem conta sua história e seus espectadores. Cria-se uma empatia, por exemplo, quando o leitor se reconhece nas histórias contadas nos jornais. Assim, parte-se de uma realidade geral para um caso particular, o que ajuda na construção do discurso e da legitimação do fato. “Acredito que só alcançamos o extraordinário do que somos ao sermos capazes de alcançar o extraordinário que é o outro” (BRUM, 2014, p. 106).

Em outras palavras, podemos citar, por exemplo, as empreitadas da repórter pelos “brasis” que não constam no mapa oficial do país visto sobre a narrativas dos anônimos, pessoas da vida real, de carne e osso, que são pouco retratadas pela grande mídia. Essa é uma das realidades vivenciadas pelos habitantes do interior do Pará. Conhecidos como o “o povo do meio”, graças a seu isolamento geográfico, não existe nas estatísticas oficiais do país, já que 99% da população não tem documento oficial. A “terra dos Raimundos”, onde a grande maioria dos homens atende pelo nome de Raimundo que não sabem quem é o presidente do Brasil. “Oficialmente os Raimundos e as Raimundas não existem. Mas estão lá, insistem em existir, rasos das letras, plenos de paradoxos. São analfabetos ou, como dizem, ‘cegos’” (BRUM, 2017, p. 137).

Localizada no estado do Pará, a Terra do Meio fica “entrincheirada entre os Rios Xingu e Iriri. Cercada por territórios indígenas e florestas nacionais, seu paradeiro geográfico acabou protegendo-a por muito tempo da devastação” (BRUM, 2017, p. 140). Seus habitantes são constantemente ameaçados de morte pelos grileiros que querem expulsá-los da floresta em nome do progresso, do empreendedorismo, transvestido pelo agronegócio. Raimundo Belmiro, um dos líderes na comunidade, se recusa a vender suas terras, se acostumou a conviver com o medo e a morte que fica esperando à espreita. “A floresta é assim, rica em tudo. Por isso tô marcado para morrer, mas fico” (BRUM, 2017, p. 141).

A trajetória de Eliane Brum se pauta no respeito pela fala do outro, como ela mesma pontua em suas obras. Antes de acessar o mundo do outro, a repórter enfatiza que é preciso “atravessar a rua de si mesmo”, se despir de preconceitos, verdades, tradições e sentimentos. Movimento este que se faz com a escuta. Trata-se de uma estratégia narrativa utilizada pela repórter na construção de seus textos.



Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávidos por mais. Foi isso que fez de mim repórter, que é muito mais do que uma profissão, é um ser/estar no mundo. (BRUM, 2013, p. 13)

Na coluna *A vida que ninguém vê*<sup>42</sup> - que posteriormente se transformou no livro<sup>43</sup> de mesmo nome - a repórter traz à tona histórias de pessoas comuns que não apareciam no jornal. Indivíduos como Adail José da Silva, carregador de malas do aeroporto Salgado Filho, no Rio Grande do Sul, cujo sonho era voar e de primeira classe; ou de Alverindo, mais conhecido como “seu Vico” pelos amigos e “Sapo” pelo povo da rua. “Por causa da eterna posição, lambendo com a barriga as pedras da rua” (BRUM, 2006, p. 60). Sapo é um pedinte da Rua de Praia em Porto Alegre, que devido à posição acostumou-se a ver a vida de baixo para cima, com o movimento das idas e vindas das pessoas. Ou ainda a história de Camila, enviada aos 6 anos para a rua para ajudar a sustentar a família. De sinal em sinal, para se diferenciar dos outros, a menina que grudava o rosto nas janelas dos carros, criava versinhos “que venciam fossos e arriavam pontes levadiças, arrancando um sorriso perplexo dos motoristas. Eu não posso ficar sem você, meu trocadinho. Essa tia, esse tio queridinho vai me dar um trocadinho.” Aos 10 anos, após tentar fugir da Febem e mergulhar no rio Guaíba, Camila que não sabia nadar, morreu. Debatendo-se, seu corpo, logo submergiu. “Você e eu somos cúmplices de sua morte. Todos nós a assassinamos. A questão é saber quantas Camilas precisam morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência” (BRUM, 2006, p. 127)

Essas são narrativas de pessoas comuns que preenchiam todos os sábados a coluna *A vida que ninguém vê*, no jornal *Zero Hora*, principal veículo fora do eixo Rio-São Paulo. Durante 11 meses, Brum alimentava em forma de crônicas-reportagem da vida real, uma série de reportagens sobre personagens e cenas corriqueiras. A coluna se transformou em um sucesso, já que as pessoas passaram a se reconhecer nas páginas dos jornais, como revela o editor de redação Marcelo Rech.

Celebradas pelo Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999, Eliane e suas *A vida que ninguém vê* foram como o encontro do cálice com o vinho. Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. A série provou o contrário. (RECH in BRUM, 2006, p. 14)

<sup>42</sup> As 46 crônicas-reportagens foram publicadas em 1999. Os textos eram publicados todos os sábados no jornal.

<sup>43</sup> Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

Nas palavras da repórter “[...] contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisseia*” (BRUM, 2012, p. 187). Para ela, esse era o encanto da coluna e tudo dependia da forma como olhamos para aquilo que se apresenta diante de nós. “Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2012, p. 195).

Para Brum, olhar é um ato de resistência e também de silêncio, tudo depende de como escolhemos olhar.

Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa”, declara Marcelo Rech, diretor de redação do jornal Zero Hora, que fez o convite a Brum. (RECH in BRUM, 2012, p.13)

Pode-se dizer que o ensaio de *A vida que ninguém vê* nasceu quando ainda muito pequena temendo os domingos, a jornalista escrevia seu primeiro poema, para não morrer. “Se antes eu tinha escrito porque matei (episódio da barata – grifo meu), dali em diante eu para sempre escreveria para não morrer” (BRUM, 2014, p. 108). Naquele domingo, a menina acordara cedo e agitada.

Olhei pela janela e vi a chuva fina pousando com delicadeza desperdiçada sobre a cidade feia que dormia. Eu queria atravessar a janela e me misturar à chuva. Pressenti que, se não fizesse algo radical, me partiria nas pedras da rua. Peguei uma caneta e um papel e comecei a escrever o que pensava ser uma poesia sobre o nascer do sol. Eu tentava fazer o que eu tentaria fazer pelo resto dos dias, arrancar beleza onde parecia não haver nenhuma. Tinha nove anos. (BRUM, 2014, p. 109)

Essa seria a marca que se repetiria em todas as histórias que seriam contadas a partir dali, tornando-se uma referência nas obras produzidas pela autora.

Muito mais tarde a busca pelo extraordinário contido nas vidas supostamente comuns assinalou minhas andanças de repórter. E um dia virou uma coluna e depois um livro chamado *A vida que ninguém vê*. Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano. A maior parte das histórias reais que conto vem dessa grandeza do pequeno, da delicadeza que anima cada vida humana, mesmo nas horas brutas. Sou uma repórter de desacontecimentos desde que Lili desaconteceu em minha vida. (BRUM, 2014, p. 105)

As narrativas contadas por Brum possuem um caráter autoral. Dotada de um estilo próprio, ela rompe as barreiras do *lead* e oferece ao leitor um olhar diferenciado, embaralhando as fronteiras entre objetividade e subjetividade. Por meio do que ela própria define como uma escuta sensível, Brum revela olhares pouco explorados. A jornalista, conforme afirma em entrevistas e palestras, exerce seu ofício pautado pelo jornalismo comprometido com a verdade e com aqueles que lhe dão a oportunidade de relatar suas histórias. Antes de entrar na vida do outro, a repórter despe-se de si mesma, das suas certezas, dúvidas, preconceitos fazendo um movimento de dentro para fora, para acessar a realidade do outro. É por meio da escuta que ela atravessa a rua de si mesma para acessar o outro.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem, do que pelo homem que morde o cachorro – embora eu ache uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. (BRUM, 2006, p. 187)

Ainda de acordo com a repórter:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade. (BRUM, 2008, p.14)

Brum é uma repórter engajada, que defende suas bandeiras de forma clara e pontual. Em suas produções, a combinação de textos factuais contendo os mais variados assuntos evidencia que os desafios da sociedade em geral refletem no cotidiano de cada um. Temáticas envolvendo as mazelas, violências, doenças, mortes são problemas que se humanizam quando tratados por um olhar particular, de quem busca compreender a realidade do outro. Por meio da escuta, que se faz com todos os sentidos, Brum acompanha com atenção como as narrativas extraordinárias se desenrolaram por meio das palavras, dos sons, dos gestos, das hesitações, dos silêncios, de pessoas simples, mas com realidades complexas, algumas delas parecem ter saído dos filmes de ficção.

Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade. E pela capacidade de cada pessoa reinventar a si mesma, dar sentido ao que não tem nenhum. São estes os únicos milagres em que acredito, os de gente. [...] Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível, a delicadeza nas horas brutas. É esse mistério que me fascina. Para buscá-lo, escolhi meu farol: o olhar que carrego pelos tantos Brasis é aquele que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo. (BRUM, 2017, p. 13)

Entre as temáticas abordadas por Brum, chamam a atenção as reportagens sobre a periferia, os direitos das mulheres, em especial a questão do aborto, o estupro e os diversos tipos de violências a que são expostas e principalmente as questões envolvendo a Floresta Amazônica e a crise climática. Em entrevista para esta dissertação ela diz: “talvez sejam minhas bandeiras políticas. Mas eu acho que toda minha ação, a ação de qualquer um de nós, mesmo que seja omissão, a omissão é um tipo de ação, e ela é política. E todo jornalista, ele é político, mesmo, principalmente quando ele nega isso (BRUM, Apêndice B, p. 190).

Um dos temas mais relevantes defendidos pela repórter é a Floresta Amazônica. Em 1997, Brum fez sua primeira matéria intitulada “A espera do assassino” publicada na *Revista Época*. A reportagem trouxe à tona quem são e como vivem as pessoas ameaçadas de morte cuja missão é proteger a floresta da exploração e da ganância de grileiros e pistoleiros. Baseando-se no relatório dos ameaçados de morte que seria divulgado pelas organizações, Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra, a repórter queria escolher um lugar que fosse representativo dessa realidade que seria contada, para ir além das estatísticas e mostrar o que essas pessoas sentem na pele, o que é ser ameaçado de morte.

Ser ameaçado de morte é uma coisa que nem eu, nem vocês conseguem imaginar, mesmo tendo sofrido uma ameaça ou outra, é muito mais complicado viver cotidianamente sabendo que tu podes morrer a qualquer momento. Na Amazônia, a ameaça de morte é por causa da ausência do Estado ou, quando o Estado aparece, ele aparece em geral pela violência, onde o Estado também é violento. Mas, a ausência do Estado faz com que os crimes fiquem impunes, e a ameaça de morte possa virar morte, muito rapidamente. Não é uma ameaça no plano subjetivo, ela é uma ameaça muito concreta. Então, eu queria saber como era viver com isso. Dentre todas as realidades abordadas, todas as pessoas que eram abordadas naquele relatório, eu escolhi Castelo de Sonhos, porque era uma região que eu já tinha ouvido falar pela sua violência. (BRUM, Apêndice A, p. 169)

Depois que fez essa reportagem, Eliane Brum nunca mais deixou de falar sobre a situação enfrentada pelos povos da floresta. “Desde lá, essa Amazônia sempre foi um lugar, uma geografia humana, enfim, de várias maneiras muito importante para mim” (BRUM,

Apêndice A, p. 164). Já são mais de duas décadas denunciando ataques, conflitos de terras, genocídios e todo tipo de violência a que está exposto diariamente o povo da floresta, negligenciado pela omissão do Estado. Assim, como na época dos colonizadores, o dia a dia da Amazônia continua sendo definido na bala, conforme constata a repórter.

No periódico *El País* (português e espanhol), a jornalista que escreve desde outubro de 2013, já escreveu artigos de opinião denunciando as atrocidades cometidas na floresta. A repórter traz a cada 15 dias, reflexões sobre temas relevantes principalmente ligados ao momento político atual do Brasil. Mas não só isso. Brum faz referências a filmes, livros, episódios corriqueiros e temas que estão no agendamento da grande mídia.

Meu pacto com quem me lê parte de algumas regras pessoais, e estas eu não transgribo: 1) tenho que estar tomada pelo assunto, porque essa é a primeira verdade que ofereço; 2) preciso acreditar ter algo a dizer que ainda não foi dito por outros articulistas, ou pelo menos não da forma como eu gostaria de dizer, evitando tomar o tempo das pessoas com um texto que elas poderiam ler em outro lugar; 3) tenho de ter estudado muito antes de escrever, porque o olhar e a ideia são apenas pontos de partida para a investigação que vai permitir a construção de um texto consistente, ainda que algumas vezes essa investigação seja uma trajetória acidentada pelos meus interiores ou memórias. (BRUM, 2013, p. 15)

Uma das aspirações de Brum, como ela mesma confessa no livro *A menina quebrada* - objeto dessa dissertação -, ao construir suas narrativas, é desacomodar o leitor de modo que ele possa ver o mundo sob ângulos diferentes. “Não escrevo para apaziguar, nem a mim nem a você. Para mim só faz sentido escrever se for para desacomodar, perturbar, inquietar” (BRUM, 2013, p. 18).

De acordo com um levantamento preliminar, feito durante a leitura flutuante para a escolha do objeto de dissertação, de 2013 a março de 2019, foram publicados 139 artigos de opinião no periódico *El País*. Uma média de 23 colunas por ano. Desse montante, diversos assuntos foram abordados, em especial a situação política do país, as atrocidades cometidas na Amazônia, os vários tipos de violência sofridos pela mulher, crimes cometidos contra a humanidade e contra os direitos humanos.

Ainda de acordo com as temáticas exploradas por Eliane Brum, nos mais diversos veículos, um dos temas que têm baixa adesão de leitores são os relacionados a moradores de rua. Essa constatação feita pela repórter foi revelada durante uma entrevista concedida ao jornal *Zero Hora*.

Há várias narrativas na internet. Escrever todo mundo pode, mas ser lido é uma construção constante de credibilidade e reputação. Sinto que o que eu estou escrevendo está dialogando com as pessoas. O texto vira um debate. Hoje a gente escreve "textos-debates". E aprendo bastante com os leitores, eles me mostram muitas coisas que aprofundam o meu olhar. Eu não escrevo pensando no que dá ou não audiência. Acho que escrever pensando na audiência é jornalisticamente condenável e também uma prisão que não me interessa. Escrevo só sobre o que acho relevante. E insisto no que acho relevante, mesmo que não tenha audiência. Neste sentido, talvez o exemplo mais claro sejam minhas colunas sobre moradores de rua. Escrevi várias, uma delas \_ Uma História de Luz \_ está no livro. Na análise conjunta da audiência, as colunas sobre moradores de rua são as menos lidas, é como se as pessoas se recusassem a enxergá-los em todos os lugares, inclusive na coluna. Por isso, escrevo sobre o tema sempre que tenho oportunidade. Dito isso, é claro que fico muito contente pelo fato de minhas colunas terem boa audiência, porque escolho minhas melhores palavras e desejo que elas sejam lidas, porque acredito naquilo que faço - sou o que faço.<sup>44</sup>

Brum escreve para além dos escaninhos das editorias, “porque acredita que a vida não se deixa compartimentar. Ao contrário, ela escapa das definições, escapa até das palavras” (BRUM, 2013, p. 15). Assim, cada história pede um estilo diferente, um ritmo diverso, pautado pela escolha de palavras próprias para contar cada história. Cada narrativa é única.

Quando me tornei repórter, tentei fazer da minha escrita um espelho amoroso no qual as pessoas cujas histórias eu contava pudessem se enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios. Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita. Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio. (BRUM, 2014, p. 111)

Assim sendo, Brum dá cor e vida, por meio das palavras, às histórias de seus personagens. “A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades” (BRUM, 2014, p. 110). Foi por meio da palavra que a repórter encontrou uma forma de dar sentido a sua vida.

---

<sup>44</sup> Escrever todo mundo pode, mas ser lido é uma construção constante. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/06/escrever-todo-mundo-pode-mas-ser-lido-e-uma-construcao-constante-4185626.html>. Acesso em: 11 de mar. de 2019.

#### 4 OS FEMININOS NA OBRA *A MENINA QUEBRADA E OUTRAS COLUNAS*

No capítulo anterior, apresentamos a trajetória de Eliane Brum pelos mundos das palavras e das imagens, assim como todo o seu repertório, construído em mais de três décadas de ofício. Partimos agora para o nosso objeto de análise, as colunas do livro *A menina quebrada*. Para isso, faremos um percurso começando pelo nascimento dos textos na internet e posteriormente, suas inserções no livro. Feito isso, nos dedicaremos à análise dos textos selecionados que serão destrinchadas por meio da metodologia Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016).

##### 4.1 DO SITE DA REVISTA ÉPOCA PARA O COTIDIANO ENCADERNADO

“Escrevo porque a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita. Mas não é só dor o que vejo no mundo. É uma delicadeza, uma abissal delicadeza, e é com ela que eu alimento minha fome” (2013, p. 13). É desta forma que Eliane Brum abre a apresentação do livro *A menina quebrada e outras colunas*, em “Um percurso de des(identidade)”. E ela continua:

Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades do mundo com olhos e ouvidos, sempre ávidos por mais. Foi o que fez de mim repórter, que é mais do que uma profissão, é um ser/estar no mundo. Mas talvez só nesta coluna de opinião, que agora vira livro, eu tenha compreendido o quanto a minha curiosidade é gulosa. (BRUM, 2013, p. 13)

As colunas selecionadas para o livro, objeto dessa dissertação, nasceram primeiro na internet, quando Brum, repórter especial da *Revista Época*, recebeu um convite, em 2009, do diretor de redação Hélio Gurovitz, que pediu à equipe uma contribuição para escrever textos para a rede.

Resistente a princípio, é preciso admitir, aos poucos comecei a pensar que poderia ser uma chance para me aventurar em algo que nunca tinha tentado, uma forma de me expressar que representasse um desafio. Afinal, se queremos desacomodar o leitor - e eu quero -, é preciso primeiro nos desacomodarmos. E assim começou minha coluna a cada segunda-feira, desde o início marcado pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião. (BRUM, 2013, p. 14)

Ao se indagar sobre que tipo de colunista seria, a mesma responde que nessa inquietação há uma demanda por identidade. “Neste livro – e só percebi agora, ao fazer a seleção das colunas que entrariam – eu faço justamente um percurso de identidade. É uma linha invisível, não proclamada que o leitor pode perceber ou não, se interessar ou não” (BRUM, 2013, p. 14). Ao sair da revista em 2010, a repórter continuou escrevendo as colunas para a rede. Tal experiência permitiu que ela se descobrisse por outros caminhos.

Eu deixava o emprego para descobrir o que significa viver no meu tempo, como conto em alguns momentos deste livro. E também para criar novas vozes para mim. O que parecia um desejo por ampliar as identidades possíveis acabou por mostrar um percurso de desidentidades. De fato, e eu só percebi bem mais tarde, eu estava me desinventando, para poder manter o essencial e irreduzível para mim, a reportagem, e ao mesmo tempo eliminar as fronteiras – não só na minha expressão externa do mundo, mas também internamente. Neste sentido, a coluna de segunda-feira ganhou uma importância muito maior do que eu poderia supor a princípio. Em grande parte porque ela me permitiu atravessar o mundo fluido e sem fronteiras da internet. Meu corpo com limites cada vez mais indefinidos se encontrou no não corpo que é a rede. Talvez como colunista, eu seja então uma das desidentidades. (BRUM, 2013, p. 14)

Logo, a produção das colunas deu à repórter a chance de experimentar e misturar diversos assuntos em um mesmo espaço, inclusive seus interesses por literatura, cinema e política. “Se as divisões arbitrárias de cultura, comportamento, economia e política etc – ou variações similares – servem para organizar a publicação, qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada” (2013, p. 15). Somando-se a isso, Brum descobriu que na rede seus textos poderiam ter o tamanho que necessitassem, já que o espaço físico do papel era limitado, e por gostar de escrever muito sofria por ter que adequar o texto aos limites impostos pela diagramação.

A internet mudou o mundo - e também o meu mundo. Realizou aspirações que eu tinha e outras que nem sabia ter. Eu não precisava mais de páginas-livro. Os textos agora podem ter o tamanho que exigirem. E descobrir o seu tamanho é parte do desafio de escrever. Apareceram então os arautos de sempre, defendendo que a internet foi feita para os textos curtos e notícias instantâneas. Só se fossemos doidos de perder essa chance. Na internet cabem todos os formatos, mas, para jornalistas e para leitores, talvez a maior conquista seja ampliação da possibilidade de escrever - e de ler - textos de profundidade, analíticos, que respeitam a complexidade dos temas. E, assim, ficar menos dependentes da disputa por espaço e por páginas, que, se é importante quando traduz um debate movido pela relevância, é também uma afirmação de poder e de hegemonia de uma visão de mundo sobre as outras. (BRUM, 2013, p. 16)



Consciente da ideia de que a internet possibilita vários tipos de tamanhos e formatos, Brum critica a crença de que textos longos publicados na rede não atraem a atenção do público. Na visão dela, não é o que as audiências demonstram. Ao contrário. O leitor é livre para escolher e, com a rede ocupa um lugar importante, já que ele tem a oportunidade de contribuir para o debate.

Me parece que na internet o leitor abandona o lugar de entidade quase metafísica, para encarnar em comentários, compartilhamentos e cliques. Tornando-se, ele mesmo, também o escritor, na medida em que o texto continua a ser escrito a partir de suas observações, no acréscimo de nuances e argumentos. A leitura evolui para um debate - o que antes era vertical se horizontaliza. Acredito que uma parte significativa dos leitores não avalia ou decide sua leitura pelo tamanho do texto, mas pelo tamanho do respeito pelo seu tempo e pela sua inteligência. Por aquilo que o texto faz ecoar nele - mesmo quando o incomoda. Jamais subestimo o leitor: o que ofereço a eles são minhas melhores palavras e minha busca por verdades desacomodadas. Ofereço principalmente as minhas dúvidas, porque são as dúvidas que nos levam a lugares novos, as certezas no cimentam. (BRUM, 2013, p. 16)

Na percepção da repórter, uma das funções do jornalismo é desacomodar o leitor e isso se faz quando o mesmo é movido pelas dúvidas, pelas incertezas e pelos caminhos que levam ao desconhecido. Assim, ao apresentar realidades diferentes, o jornalista concede ao leitor a oportunidade de alargar suas fronteiras e permitir que ele tome conhecimento de situações que não lhe são tão comuns, ou que de tão comum, são banalizadas e por isso, ele não se identifica ou desconhece. Isso leva à repetição de estereótipos e pressupostos eternizados.

Se a gente deixa o leitor confortável é porque a gente mimou ele. A gente deixou ele feliz porque compartilha das mesmas crenças e não é para isso que a gente escreve. Só que para poder desacomodar o leitor, eu preciso como jornalista, desacomodar a mim mesma. Se eu não desacomodo a mim mesma me fazendo perguntas difíceis, porque eu tanto como repórter como quanto colunista, eu me movimento pelas dúvidas. Eu parto de uma ideia, de estudos, de pesquisas, de investigações e eu vou também desconstruindo uma por uma, dessas ideias através da dúvida. Eu preciso duvidar de mim mesma e, eu só faço isso se eu me desacomodar. E se eu consigo me desacomodar, então eu também desacomodo o leitor que seja capaz de realmente ler, de realmente acessar aquilo que está sendo dito. (BRUM, Apêndice B, p.186)

Em entrevista para esta dissertação, Brum lembra-se de uma matéria que fez quando estava trabalhando para o jornal *Zero Hora* e sua pauta envolvia uma série sobre o Dia das Mães. A ideia era fazer a cada dia uma história com uma personagem diferente. Vale fazer aqui uma ressalva sobre o termo “personagem” muito utilizado pelo jornalismo. A repórter não gosta do

conceito porque acredita que “personagem remete à ficção e a gente está tratando com gente encarnada” (BRUM, Apêndice B, p.187).

Segundo PICCININ & NOBRE, a personagem, que é sempre baseada na “realidade, é uma oportunidade para o desmembramento de características que formam a natureza humana. Ou seja, na literatura, a personagem pode ser observada pelo leitor como um ente vivo na narrativa” (2014, p. 426). Para Motta (2013), todo personagem representa um ser humano. E “a personagem jornalística, historiográfica ou biografada guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração” (2013, p. 193). Já Gancho afirma que é o ser que faz a ação. Mas, “por mais real que pareça, a personagem é sempre invenção, mesmo que quando se constata que determinadas personagens são baseadas em pessoa reais ou em elementos da personalidade de determinado indivíduo (2006, p. 17).

Assim, percebe-se que o uso de personagens confere um caráter diferencial à narrativa, aproximando o fato narrado da realidade do outro, ou seja, fazendo com que haja uma identificação. “Os acontecimentos relatados pelas narrativas (realistas ou imaginárias) são *performatizados* por personagens, atores que representam seres humanos concretos ou imaginários, e realizam coisas que os humanos também realizam” (MOTTA, 2013, p. 72). No caso do jornalismo, podemos inferir que a personagem representa uma pessoa com existência real. Segundo Motta, “a pessoa real é sempre irreduzível às narrativas que se contam a seu respeito” (2013, p. 195). Assim, baseando-se nos conceitos do autor, percebe-se como estratégia narrativa a humanização do relato utilizado pela jornalista para contar a história, aproximando, então, a realidade da personagem à do leitor ou expectador, causando assim empatia.

Dito isso, voltemos à reportagem sobre o Dia das Mães, que exemplifica com exatidão as ideias discorridas acima. Uma das histórias contadas foi a de uma mãe que rompe com o modelo tradicional cultivado por uma sociedade conservadora, que ao entrar em contato com sua realidade consegue enxergar uma identificação. Pessoas completamente diferentes e com realidades diversas encontraram pontos em comum na experiência de vida da mãe conforme relata a repórter.

[...] eu me lembro de ter feito mães, maternidades, assim muito diferentes. E uma delas foi uma mãe travesti. Uma travesti que tinha adotado uma criança ... portadora de HIV. E então fiz essa mãe que era travesti, o que foi assim, teve uma resposta muito forte da sociedade gaúcha naquela época, e positiva porque era tão profundamente humano tudo aquilo. Então, assim tu te desconstróis. Quer dizer, uma mãe que não tinha parido, uma mãe que dentro ainda mais hoje dos moldes que a gente está vivendo, desse Deus cruel que está a serviço do mercado, que alguns pastores evangélicos inventaram, que mãe é mulher, que a família é só de homem e mulher. Bom, essa mãe era

travesti e assim isto tu fazes com que as pessoas pensem, com que as pessoas se identifiquem com aquilo que elas jamais pensavam que elas podiam se identificar. Então, sim, é para desacomodar e principalmente, eu não quero só deixar o leitor incomodado. Eu quero que seja um incômodo que o impulse a escutar vozes que ele não escutaria normalmente. É alcançar outros, que são outros muito diferentes dele, encontrar pontos em comum. (BRUM, Apêndice B, p.187)

Assim, é por meio das dúvidas que Brum se desacomoda e tenta desacomodar o leitor, despertando-o para as realidades distintas ou tão comuns que se repetem, mas que não são enxergadas. Para ela, “não existem vidas comuns, só olhos domesticados.” E o jornalista que olha desta forma para a realidade se torna um reproduzidor de estereótipos.

Um dos nossos objetivos básicos, das nossas obrigações básicas como jornalista, é justamente olhar para além do estereótipo. O estereótipo é aquela camada de banalidade, daquilo que nos é dado para ver, aquilo que nosso olhar é domesticado só para enxergar. O estereótipo é uma das formas de domesticação do olhar, como se a vida fosse, como se aquela fosse a explicação para a vida ou para qualquer aspecto de uma pessoa, de uma realidade, de uma situação, de um conflito. São coisas como: o fulano foi morto porque estava no lugar errado, na hora errada e as pessoas vão repetindo isso. Só que tem algum lugar certo, entre aspas, e uma hora certa para quem vive na periferia do Brasil, onde o Estado tem promovido um genocídio da população, da juventude negra? Então, esse é um exemplo. Mas, muitas das matérias, elas partem desse estereótipo, desse clichê, dessa frase, como se ali também estivesse o lugar dos matáveis. O jornalismo é o contrário disso. (BRUM, Apêndice B, p. 184)

Portanto, é para romper com os estereótipos e tudo que é dado que a repórter duvida de tudo e todos, permitindo assim se sentir sempre desacomodada, inquieta e oferecer ao leitor também suas dúvidas para que ele saia da zona de conforto e busque outros caminhos. “Minha aspiração – na coluna de segunda-feira e neste livro - é ser capaz de arrancar você do lugar, para que possa ver o mundo de outros ângulos. Para isso, preciso antes arrancar a mim mesma do lugar a cada semana” (BRUM, 2013, p. 17).

Desse modo, movida pelas inquietações, as colunas publicadas a cada segunda-feira eram imprevisíveis primeiro para Brum e depois para o leitor, que não sabia o que iria encontrar. Assim, foram as colunas publicadas inicialmente no site da *Revista Época*, entre junho de 2009 e janeiro de 2013, e posteriormente no livro – objeto dessa dissertação.

Dos 234 textos escritos nesse período, 64 foram escolhidos por Brum para compor a obra, que respeita a ordem de publicação, a fim de manter o percurso desenhado por ela. Com apenas uma “exceção: “Escrivaninha Xerife” subverte a linearidade e abre este livro, porque marca o momento em que a coluna ganha uma outra dimensão e sentido na minha vida” (2013,

p. 17). Assim, a escolha dos textos partiu do desejo da repórter em parceria com o editor Tito Montenegro que ajudou na seleção.

É bastante interessante que este livro seja primeiro publicado em papel, levando para o concreto minhas palavras que antes navegavam apenas no mundo implacável da internet. Foi penoso escolher os textos que entrariam e sinto remorso por aqueles que ficaram para trás, como se fossem pessoas com sentimentos e idiossincrasias – e sofressem (!!!). (BRUM, 2013, p. 17)

Assim, as colunas de Brum, que antes se limitavam apenas à revista, migram para a internet e, posteriormente, para o livro. A jornalista faz um deslizamento de suas narrativas de um meio para o outro. Para a professora Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2010), esse processo merece uma atenção especial, já que se trata de um "processo contínuo de reciclagem das intrigas ficcionais, recriadas para circular por diferentes plataformas" (FIGUEIREDO, 2010, p. 11). Assim, por meio de plataformas distintas, Brum consegue alcançar novas vozes.

A seleção para o livro reúne colunas sobre: “o perigo da história única”, “ditadura da felicidade”, “medicalização da vida”, “a ditadura da felicidade”, o relacionamento entre pais e filhos mediado pelo consumo, a dificuldade da nossa época em lidar com as marcas físicas e psíquicas, o envelhecimento e a morte. Além disso, a repórter aborda ainda questões sobre memórias, política e questões socioambientais. Em especial, chamam a atenção os textos sobre os direitos das mulheres, principalmente a questão do aborto, o estupro e os diversos tipos de violências a que são expostas. Assim, a obra de Brum não se limita a apenas um campo como, por exemplo, os direitos humanos. A repórter extrapola todas as fronteiras. Trata-se de uma repórter de "desacontecimentos", como já mencionamos.

Sobre os textos selecionados para o livro, Brum classifica-os como colunas ou colunas de opinião. Porém, o jornalismo denomina como “coluna” o espaço físico do jornal onde os textos são publicados, podendo ser crônicas, artigos de opinião, etc. Ou seja, nas redações jornalísticas a crônica é chamada de coluna, porque está entre os fios. Mas, nem toda coluna é crônica. Reis (2015) pontua que:

Coluna é uma referência mais jornalística que crônica e diz respeito à divisão dos jornais, em colunagens separadas por pequenos espaços. O titular da coluna é o colunista, indivíduo inserido na redação, que redige seus textos dentro dela em meio aos repórteres, redatores, fotojornalistas e editores. (REIS, 2015, p. 31)

Dito isso, é preciso fazer uma ressalta, conforme pontuamos no capítulo 2. Utilizando autores como Antonio Candido, Luiz Beltrão, entre outros, pode-se afirmar que o que a repórter

faz também se caracteriza como crônica. São crônicas jornalísticas que seguem o mesmo rigor da apuração jornalística.

Brum não se interessa muito por essas discussões e definições. Para ela a crônica é um gênero fértil que permite misturar a ficção com a realidade, pode partir de algo que se observou nas cenas do cotidiano, na imprensa, nas relações pessoais, tudo pode servir de arcabouço na criação de uma crônica. Mas, seus textos vão na contramão disso, uma vez que suas colunas seguem o mesmo rigor de apuração das reportagens. Segundo ela, todas as informações são checadas e o texto final é resultado de uma apuração rigorosa. Nada é inventado ou fantasiado, como é permitido na crônica, mas não na crônica jornalística que se baseia em fatos.

[...] a crônica, por exemplo, o Antônio Prata, que para mim é o melhor cronista hoje do Brasil. Ele, muitas vezes, faz ficção. Quer dizer a ficção fala muito sobre a realidade. Então, eu não tenho dúvidas sobre isso, tem coisas que só a ficção pode contar. Mas, tem uma (crônica) que ele está no táxi, tem uma que foi muito polêmica por causa disso, porque as pessoas achavam que tinha acontecido com ele no táxi. Ele pode imaginar, a ficção é completamente verossímil. Ele imaginou lá uma conversa com taxista, não sei, acho que foi isso, não tenho certeza. Mas só para dar um exemplo, só que aquela conversa não aconteceu daquele jeito, não teve isso. Ele imaginou algo que poderia ter acontecido a partir de várias coisas que ele observou na realidade, nas relações. No meu caso não, como eu sou repórter nesse lugar o que eu conto sempre aconteceu. Nesse caso tem o mesmo rigor, o dever do jornalismo, as palavras, as frases foram tais quais foram ditas. Os acontecimentos são resultados da minha apuração. Então tudo o que é dito aconteceu daquela maneira, também é resultado da minha apuração. Mas até aí tem, sim. Nas minhas colunas, às vezes, eu faço longas entrevistas, especialmente as da Época (revista) que eu variava mais de estilo. Eu fazia vários exercícios, mas ali naquele caso sempre com rigor jornalístico, nada era imaginado ou inventado, tudo era sempre apurado, era resultado de apuração. É porque no caso da coluna de artigos de opinião, eu me movo como uma articulista, como uma colunista (risos). Eu sou uma repórter fazendo uma coluna, sou uma repórter fazendo um artigo de opinião. Então é só essa diferença, na crônica ... os cronistas se dão várias autorizações o que nada diminui, não é melhor ou pior, só é diferente. (BRUM, Apêndice B, p. 194)

Ainda que as colunas escritas pela repórter tragam traços subjetivos ou dialoguem com alguns elementos da literatura, a mesma preza por um texto escrito com base em suas apurações, diferente do estilo da crônica fictícia.

Em seu site pessoal, onde Brum reúne suas produções, ela faz uma distinção entre as colunas de opinião que escreve e a seção de crônicas onde ela concentra os textos publicados de 2009 a 2012. A repórter faz uma apresentação sobre o site “Vida Breve”, onde os textos eram escritos.

O Vida Breve teve morte súbita em agosto de 2011. Enquanto durou sua primeira vida, teve uma existência destituída de tédio, sete dias por semana, cada um deles com um cronista e um ilustrador diferentes. Eu era a cronista das terças-feiras. Às vezes bem humorada, em outras soturna, em outras ainda quase terrorífica. Descobri que, como cronista, sou um tipo multipolar. No início, fiz dupla com Ramon Muniz. Depois, vivi meus dias, até que a morte nos separou, com a querida Carolina Vigna-Marú. Em julho de 2012, o Vida Breve ressuscitou. E nós com ele. Mas eu estranhei a segunda vida, talvez por ter assistido a filmes de terror em excesso, e só permaneci até o comecinho de outubro. O Vida Breve seguiu, todo variado, a sua aventura rica. Aqui, você tem a coleção completa das minhas terças-feiras.<sup>45</sup>

As crônicas escritas para o “Vida Breve” permitiram que Brum escrevesse sobre os mais diversos assuntos e com mais liberdade e humor na produção dos textos. Mas, na produção das reportagens e colunas de opinião percebe-se que a repórter se pauta mais pelo rigor jornalístico, baseado em uma apuração séria e exaustiva sobre os diversos temas, de modo a oferecer ao leitor todas as informações possíveis para que ele próprio tire as próprias conclusões.

Ainda que Brum classifique seus textos como colunas de opinião, como explicamos acima, coluna seria o espaço físico e não o gênero textual. Podemos inferir que as narrativas construídas pela repórter podem ser classificadas como crônicas jornalísticas, que se pautam pela apuração rigorosa. Ainda que haja divergências entre a definição de conceitos adotadas pela prática e pela teoria, ressaltamos que o trabalho de Brum ainda que utilize elementos da narrativa literária, não se vincula à obra de ficção. Pelo contrário, são histórias retratadas a partir da vivência de seus entrevistados e construídas a partir de suas observações de repórter.

Todavia, vale fazer uma ressalva sobre a migração das crônicas que nascem na internet e posteriormente são publicadas no livro. Tal movimento dialoga com a ideia de “cotidiano encadernado”, defendida pelo professor Luiz Carlos Santos Simon (2004) e citada por Reis (2015). Tal ideia causou polêmica entre os autores da época. Reis cita o trabalho do professor Renato Cordeiro Gomes, estudioso da obra de João do Rio “a favor das coletâneas de crônicas que tais textos vencem o tempo, quando passam da efemeridade do jornal para o livro perene” (REIS, 2015, p. 46).

Se aí ela (a crônica) perde as relações de contigüidade com a matéria jornalística que a rodeava, ganha, por outro lado, mais autonomia e vale como ponto de referência para se (re)pensar o tempo fixado pelo cronista, que deixa na escrita marcas da subjetividade. As visões parceladas do cotidiano que afeta e mobiliza o cronista permitem recompor um possível painel que rearranja os fragmentos da história miúda recolhida no efêmero da realidade, a que o autor

---

<sup>45</sup> Crônicas. Disponível em: <http://elianebrum.com/cronicas-do-vida-breve/>. Acesso em: 15 de jan. de 2020.

se atrela. O cronista então se liga ao tempo, ao seu tempo. (GOMES in REIS, 2004, p. 2)

Assim, as crônicas de natureza efêmera, e que muitas vezes se inspiram no cotidiano, ao serem publicadas nas páginas dos livros seriam eternizadas pelo tempo, compreendo assim o registro de uma época.

#### 4.2 ANÁLISE DAS COLUNAS DO LIVRO *A MENINA QUEBRADA E OUTRAS COLUNAS* – TEMÁTICAS E PERSONAGENS

“Antes de tudo, antes de ser uma intérprete como colunista, antes de ser uma intérprete da realidade, eu sou uma observadora da realidade, que se atenta talvez mais nas suas subjetividades do que nas objetividades” (BRUM, Apêndice B, p. 189). É a partir desse olhar que a repórter vai em busca de suas inquietações que são traduzidas em realidades pouco expostas pela mídia hegemônica. Brum consolidou sua trajetória ao dar voz e visibilidade às pessoas anônimas, pessoas comuns que tiveram suas histórias traduzidas em letras permeadas por uma escuta atenta e sensível. É por meio de um “olhar insubordinado” que Brum rompe com as histórias estereotipadas, repetidas ou banalizadas pela sociedade contemporânea. Assim, por meio de uma linguagem pautada por uma escuta que se faz com todos os sentidos, a repórter mostra que toda vida importa e que cada história pede um ritmo próprio, fazendo com que cada realidade exposta seja única. Essa é a matéria-prima do trabalho produzido por Brum que, ao contar essas histórias, revelando ao leitor detalhes por meio de uma linguagem mais subjetiva, aproxima-se dos elementos empregados pela literatura, ainda mantendo o rigor jornalístico. Cada história é permeada por sutilezas e um contorno próprio. “Gosto de circular por vários mundos - especialmente pelas bordas. As concretas, literais - e as subjetivas” (BRUM, 2013, p. 13).

Em suas colunas, podemos perceber a presença de pessoas muitas vezes invisibilizadas pela mídia contemporânea, sujeitos muitas vezes que estão à mercê da sociedade. Em outros casos, são indivíduos de classe média cujas histórias são estereotipadas. Brum vai atrás dos “desacontecimentos” como já mencionamos anteriormente. Trata-se de acontecimentos comuns que para a mídia tradicional não possui tanto interesse. As colunas escritas partem de fatos, discussões e episódios muitas vezes comuns do cotidiano, que também servem de base para a

criação de crônicas. A realidade é terreno fértil e as vidas são mais complexas do que podemos imaginar.

Dito isso, partimos agora para a análise das crônicas do livro *A menina quebrada e outras colunas*. Após uma leitura flutuante dos textos, prevista na metodologia de Análise de Conteúdo, chama atenção o número de sujeitos femininos presentes nas histórias. Das 64 crônicas, em 57 há menção a pelo menos uma figura feminina, o que corresponde a 89% da totalidade de sua produção. O termo “mulher” aparece em 39 textos ou em 60% das histórias narradas. Em relação ao protagonismo, 16 histórias se desenvolvem a partir de uma experiência pessoal vivenciada por uma mulher. Número que poderia ser aumentando se considerássemos as crônicas nas quais Eliane Brum é o sujeito central da trama. Tais números revelam um dos projetos políticos defendido pela jornalista que vai além das representações óbvias. Brum mostra mulheres não apenas como vítimas ou indivíduos empoderados, mas também um lado pouco explorado pela mídia tradicional, por exemplo, em que mulheres oriundas de um ciclo violento também são responsáveis pela violência desencadeada nos relacionamentos, conforme demonstra uma crônica a ser posteriormente analisada.

Para melhor delimitar o corpus da pesquisa utilizando a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009), optou-se por escolher as crônicas jornalísticas em que as mulheres fossem consideradas protagonistas das histórias. Para se chegar a este resultado foi feita uma análise preliminar de todos os 64 textos publicadas na obra, de modo a compreender e investigar quais as temáticas e os tipos de mulheres representadas pela jornalista.

Para entender o percurso da análise, explicaremos de maneira breve o método utilizado. Por meio do processo produzido por Bardin, compreendemos que “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se em redor de um processo de categorização” (BARDIN, 2016, p. 147). Para isso, optaremos pela criação de categorias temáticas para as análises das crônicas. Segundo a autora, trata-se de um “método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (2016, p. 36).

Assim, a análise de conteúdo trabalha com mensagens (comunicação) e seu objetivo “é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (2016, p. 52). Logo, defende-se a escolha deste método para identificar de forma qualitativa as temáticas que formam o objeto de pesquisa.

Para isso, a metodologia de Bardin exige uma organização da análise em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. A pré-análise é a fase da organização propriamente dita. Corresponde



a um “período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2016, p. 125).

A fase 2 compreende a exploração do material. Esta etapa consiste na definição das categorias e da codificação. A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos que por recorte (escolha das unidades), agregação (escolha das categorias) e enumeração (escolha das regras de contagem) permite atingir uma representação de conteúdo e de sua expressão (BARDIN, 2016, p. 133).

A terceira e última fase do método é definida como o Tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta consiste no tratamento estatístico simples dos resultados, permitindo a elaboração de tabelas que condensam e destacam as informações fornecidas para análise.

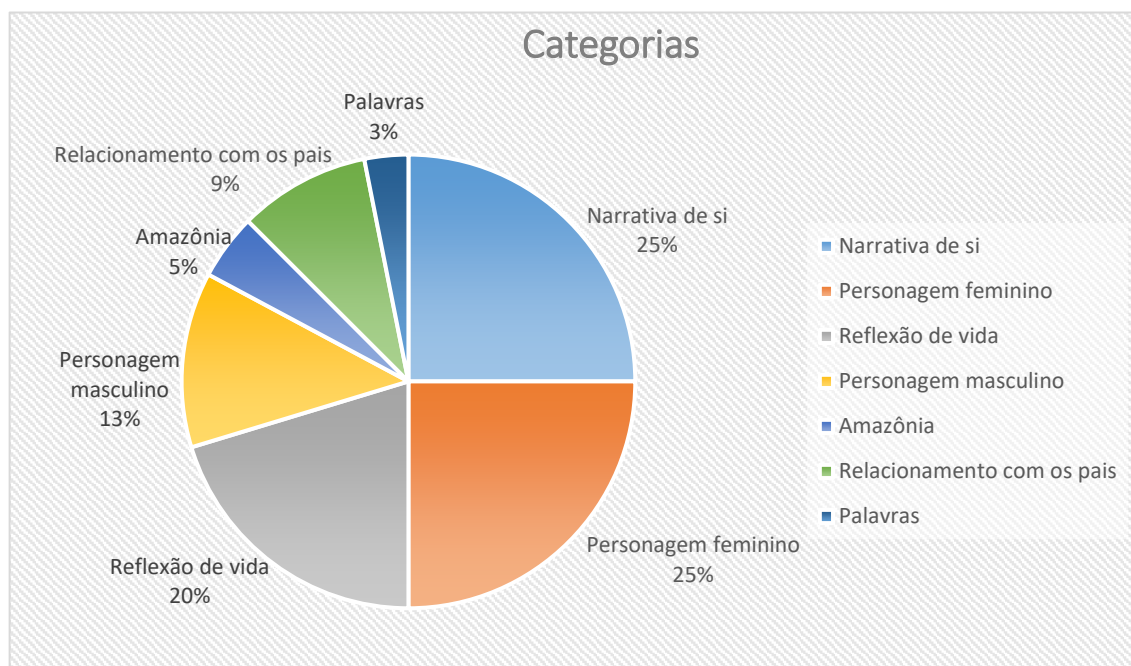
Logo, esta pesquisa seguirá um roteiro que inclui uma análise flutuante das 64 crônicas publicadas no livro, a fim de identificar quem são os protagonistas das histórias e como o feminino aparece em múltiplas possibilidades. Feito isso, selecionamos os textos em que a mulher é a figura principal. A partir daí, realizamos um levantamento das temáticas, criação de categorias e subcategorias e a análise mais profunda do corpus a ser selecionado após o mapeamento.

Dessa maneira, colocamos em prática o método de Bardin para a análise do objeto de pesquisa. Após uma análise flutuante da obra, realizamos uma categorização das 64 crônicas jornalísticas reunidas. Assim, levando em conta o assunto e os personagens centrais das histórias, dividimos os textos em 7 subcategorias. São elas: narrativas de si, personagem feminina, reflexão de vida, palavras, personagem masculino, relacionamento com os pais e Amazônia - categorias que serão explicadas posteriormente.

Vale ressaltar a dificuldade em categorizar os textos, uma vez que os assuntos se misturam e facilmente poderiam abarcar mais de uma categoria. No entanto, a fim de visualizar e trabalhar melhor com as narrativas, optamos por selecionar em cada texto a característica que mais se destacasse, para posterior categorização. Vale salientar que Brum não gosta de rótulos - como ela mesma afirma em algumas entrevistas - e que por isso, seus textos são escritos para além dos escaninhos das editorias, conforme destacamos anteriormente.

O gráfico abaixo reúne as categorias e os percentuais correspondentes. Em seguida explicaremos cada uma das categorias. A tabela de classificação de todas as crônicas jornalísticas pode ser conferida no Apêndice C.

Gráfico 1 – Divisão das crônicas em categorias



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

De maneira decrescente, a categoria “Personagem feminino” reúne 16 crônicas, o que corresponde as 25% do total de textos analisados. Nesta reunimos narrativas em que a mulher é vista como protagonista da história. A repórter reúne histórias que rompem com ideias estereotipadas e traz à tona narrativas pouco comuns noticiadas pela mídia. Em algumas delas, a repórter conta a histórias de mulheres que são vítimas e também responsáveis pela violência dentro dos relacionamentos. Em outra, ela mostra femininos plurais, que rompem com a estrutura tradicional de família formada apenas por homem e mulher, para apresentar um novo tipo de laço afetivo, entre outras histórias que dialogam com os obstáculos enfrentados pelas mulheres numa sociedade patriarcal e machista.

Um exemplo é “A vítima indigesta”, publicada no dia 21 de fevereiro de 2011, que narra a história de Natacha Kumpusch, sequestrada e presa por oito anos e meio em um cativeiro. Após conseguir fugir, a jovem recusa o papel de “vítima eterna” criada pela mídia para assumir sua própria identidade e tomar as rédeas da própria vida, revelando que não se tratava de um conto de fadas com final feliz. Ao fazer isso, Natascha revela tudo, inclusive as falhas das autoridades no processo de investigação do sequestro, algo que desagradou muita gente, conforme é dito no texto.

Quando Natascha se recusou a representar o papel de vítima passiva do “monstro sexual”, foi odiada e ridicularizada. Os mais bonzinhos, com seus diplomas na parede e sua condescendência profissional, trataram de carimbar o diagnóstico definitivo na sua testa. A patologia de sempre: “Síndrome de Estocolmo”. (BRUM, 2013, p. 190)

Na categoria “Narrativa de si” contabilizamos 16 crônicas, o que corresponde a 25% do total. Como já pontuamos no capítulo anterior, aqui reunimos os textos que Brum se assume como protagonista das histórias. Ela fala de si mesma e também de relacionamentos pessoais expondo histórias sobre a família, os amigos, situações vivenciadas, etc. Um exemplo disso é a crônica “O bebê alien” – publicada no dia 8 de fevereiro de 2010 – na qual a repórter narra sua experiência com a maternidade. Brum defende a escolha da mulher querer ser mãe ou não. Para ela, não há problemas em não querer ser. Ela dessacraliza a maternidade por meio do relato de sua vivência, mostrando também uma maneira de empoderamento e posse do próprio corpo.

Eu, por exemplo, até o fim da gravidez não sabia se dentro de mim havia um bebê ou um alien. Era uma adolescente daquelas bem magras. E o bebê foi crescendo dentro da minha barriga. Eu sabia que era um bebê, óbvio, toda a cidade sabia. E o fato de saber não eliminava o estranhamento de ter algo vivo crescendo no meu útero. Afinal, até ontem não havia nada ali. E, agora, minha pele espichava, estrias apareciam. Tudo no mais absoluto silêncio. Um belo dia, eu fui ao consultório e o médico colocou um aparelho na minha barriga. Todo animado, amplificou o som do coração do bebê. Achei emocionante. Mas fiquei pensando: como assim? Tem outro coração batendo dentro de mim além do meu? É lindo, claro. Mas, com um pouco de boa vontade, dá para compreender que também é aterrorizante. (BRUM, 2013, p. 73)

A categoria “Reflexão de vida” reúne 13 crônicas, o que corresponde a 20%. Os textos aqui reunidos se parecem um pouco com a categoria anterior, já que Brum parte, às vezes, de uma experiência pessoal para fazer uma reflexão. A repórter utiliza essa estratégia como ponto de partida para iniciar o texto. Em outros momentos, as crônicas partem de filmes, livros, episódios do cotidiano, entre outros dos mais variados assuntos.

Uma referência é a crônica “O depressivo na contramão”, um dos seus temas preferidos. Publicada no dia 30 de novembro de 2009, Brum parte do livro *O tempo e o cão – A atualidade das depressões*<sup>46</sup> (2009, Boitempo) da psicanalista Maria Rita Kehl, para refletir sobre a doença que “vem se tornando uma epidemia mundial desde os anos 70”, podendo ser a versão contemporânea do mal-estar da civilização.” Assim, para além da patologia, a depressão pode ser vista também como um “sintoma social.” (2013, p. 57). Brum disserta sobre os rumos da

---

<sup>46</sup> A obra vencedora do prêmio Jabuti de Melhor Livro do Ano de Não Ficção em 2010.

nossa época e critica a falta de tempo das pessoas para elaborar o sofrimento e a busca desenfreada por remédios, como se eles fossem capazes de resolver todos os problemas.

O que nossa época nos exige? Euforia, confiança, velocidade. Temos de ser proativos. O que ela nos promete? Se soubermos traçar nossas metas e construir nossa estratégia, atingiremos o sucesso. Se produzirmos e consumirmos, alcançaremos a felicidade. Ser feliz deixou de ser uma possibilidade esporádica para se tornar uma obrigação permanente. Para nós, seres desta época, nada menos que o gozo pleno. Fora disso, só o fracasso. E o fracasso, este é sempre pessoal. Se não alcançamos o que nos prometeram no final do arco-íris é porque cometemos algum erro no caminho. E fracassar, como sabemos, passou a ser não um fato inerente à vida, mas uma vergonha. O depressivo, neste contexto, é a voz dissonante. É o cara na contramão atrapalhando o tráfego, como na letra de Chico Buarque. Como diz Maria Rita, é aquele “que desafina o coro dos contentes”. (BRUM, 2019, p. 57)

Na categoria “Personagem masculino”, reunimos oito crônicas, o que equivale a 13% da produção. Nesta seção, agrupamos textos cujas narrativas têm como foco indivíduos masculinos. As histórias contadas são permeadas por situações diversas como a bibliografia de uma autoridade política, o percurso de dor para assumir a sexualidade, discursos e relações de poder envolvendo o preço da imagem, o poder da informação e um ponto de vista diferente sobre a prostituição e o amor romântico.

A crônica “Uma história de luz” – publicada no dia 13 de setembro de 2010 - conta a história de Luciano Felipe da Luz, jornalista e jornalista do Boca de Rua. Um jornal escrito, fotografado e grafitado por moradores das ruas de Porto Alegre, “que se encontravam uma vez por semana para decidir a pauta e reeditar a vida” (2013, p. 129). Brum conta a trajetória de vida empreendida por Luciano que, como jornalista “se escrevia, como jornalista ele se fazia ler” (2013, p. 129). Um jovem que cresceu nas ruas sem ser notado, quando visto, era pelos “olhos da violência.” Mesmo assim superou todos os atropelos da vida começando a “se contar pela palavra (e não apenas pelas cicatrizes do corpo), dizia que era “filho da luz” (2013, p. 131).

Luciano Felipe da Luz, jornalista e jornalista do Boca de Rua, ficaria feliz ao saber que um dia, depois da sua morte, seus colegas de jornalismo e jornaleirismo fizeram também um filme. Nele, apresentavam Porto Alegre aos moradores de rua de São Paulo. Numa das exposições, no Centro Cultural Santander, na capital gaúcha, um espaço cultural muito valorizado e simbolicamente dentro do cofre de um antigo banco, foram barrados ao chegar. Ensinado a interceptar roupas velhas e pobres, o segurança intimou: “Quem são vocês?”. Um deles se adiantou: “Nós somos os autores”. E entraram. Sim, eles são autores. Como autores podem viver. Como dizia Luciano Felipe da Luz: “A minha vida é sempre a sua. Se liga gente boa.” (BRUM, 2019, p. 132)

A próxima categoria intitulada “Relacionamento com os pais” reúne seis crônicas, o equivalente a 9% da produção. Brum aborda, entre outras questões, a incapacidade dos filhos em lidarem com as frustrações, o papel dos pais na educação, a criação de adultos infantilizados, entre outras temáticas. Um exemplo é o texto “Meu filho, você não merece nada” – publicado no dia 11 de julho de 2011. Foi a crônica mais comentada no site da *Revista Época* na ocasião, com cerca de 900 mil *pageviews*. A matéria teve 228 mil “curtir” no Facebook e foi tuitada 4.666 vezes.

O texto traz uma reflexão sobre a geração atual dos jovens que não sabem lidar com as frustrações e cresceram com a ilusão de que a vida é fácil e por isso, merecem o melhor. Acreditam por exemplo, que o mercado de trabalho é uma extensão de suas casas e que, por esse motivo, seus chefes seriam como pais complacentes com seus desejos. E os pais angustiados que, para garantirem a felicidade dos filhos, fazem malabarismos para dar tudo e protegerem dos obstáculos da vida. “Pais e filhos têm pagado caro pela crença de que a felicidade é um direito. E a frustração é um fracasso. Talvez aí esteja uma pista para compreender a geração do ‘eu mereço’” (BRUM, 2013, p. 223).

Outra categoria criada é “Amazônia”. Foram publicados três textos, o que representa 5% das produções. A floresta é um tema que atravessou as narrativas de Brum desde que ela fez sua primeira reportagem, em 1998, intitulada “Sete dias na Transamargura”, publicada no jornal *Zero Hora*. Brum conhece todos os estados onde existe a presença da floresta no Brasil. De lá pra cá a repórter tem denunciado os inúmeros crimes cometidos contra os povos e também contra a floresta que ela considera o centro do mundo e que vem sendo constantemente ameaçada e queimada à revelia sem a proteção do Estado. “[...] Ela é o centro do mundo exatamente porque não tem como controlar o superaquecimento global, que do jeito que está vai para 3, 4 até 5° talvez até mais, sem a floresta em pé. Então isso passa por tudo e repassa por eu ter vindo morar em Altamira em 2017” (BRUM, Apêndice B, p. 187).

As crônicas narradas no livro trazem histórias sobre o genocídio dos índios, o desmatamento da floresta, o descaso das pessoas pela Amazônia, as consequências trazidas pela hidrelétrica Belo Monte e os impactos causados na vida dos seres da floresta, e também a omissão que se faz presente. Para Brum, a omissão também é uma forma de ação.

No texto “Se a Amazônia é nossa, por que não cuidamos dela?” – publicado no dia 6 de junho de 2011- a repórter fala sobre o descaso da população que acompanha a devastação da floresta pelo noticiário sem reagir. Para muitos a Amazônia não passa de uma abstração, uma floresta mitológica que está longe, mas que na vida real segue sendo destruída, e as pessoas que a defendem, mortas pelos conflitos de terras que se multiplicam na região.

Parece que a maioria pouco se importa, de fato, com o destino da Amazônia. Exceto os que vêm lutando e morrendo por ela, como aconteceu com quatro brasileiros entre 24 e 28 de maio – José Cláudio Ribeiro da Silva, Maria do Espírito Santo da Silva, Adelino Ramos e Eremilton Pereira dos Santos. Agora, se alguém lançar um *spam* na internet dizendo que “gringos” e “ONGs” americanas estão invadindo a Amazônia, aí o povo grita. Multiplicam-se os discursos ufanistas. Porque, afinal, a “Amazônia é nossa”. Pelo jeito, tão nossa que podemos acabar com ela. Gritar é fácil, pensar e se comprometer dá mais trabalho. (BRUM, 2013, p. 214)

A crônica “Palavras” reúne dois textos o que corresponde a 3 %. Nelas, Brum aborda temas como: o uso de palavras comuns e frases feitas, o esvaziamento de seus significados, a ampliação do vocabulário, a padronização e a escolha dos termos.

No texto “Palavras em busca de adoção” – publicado no dia 6 de setembro de 2010 – a repórter fala sobre uma proposta criada pelo *Oxford English Dictionary* para incentivar as pessoas a adotarem uma palavra antes que ela desapareça. Assim, após a escolha de uma palavra o site dá sugestões de como usá-las em diferentes contextos. A ideia é fazer com que elas voltem a ganhar vida e circular na boca das pessoas.

Em minhas andanças de repórter pelos muitos Brasis, entrei em contato com algumas construções de linguagem e invenções de palavras que ampliaram minha capacidade de perceber a realidade. Vinham de analfabetos que faziam literatura pela boca. Como os Raimundos da Terra do Meio, no Pará, ou os habitantes dos muitos sertões do Nordeste. Ou as “pegadoras de meninos” da floresta amazônica, no Amapá, que enquanto aparavam bebês pariam palavras. Como Nazira Narciso, ao me explicar que fez o parto da neta porque a parteira mais experiente havia se recusado por ser “barriga particular”. Ahn? “Não tem marido”, cochichou ela. Ou a caripuna Dorica, de 96 anos, me explicando o ofício: “Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo”. Todos “cegos das letras”, como diziam, mas donos de um vocabulário tão rico como a vida. Recriavam-se nas palavras como os grandes inventores da língua escrita, autores do cânone como Guimarães Rosa e Manoel de Barros. Porque o vocabulário é pobre quando a vida é pobre. Não materialmente, mas de experiências. (BRUM, 2013, p. 125)

Feita a categorização das 64 crônicas jornalísticas, divididas em 7 categorias, explicadas e exemplificadas acima, partimos agora para outra fase de investigação, que será exposta na próxima seção.

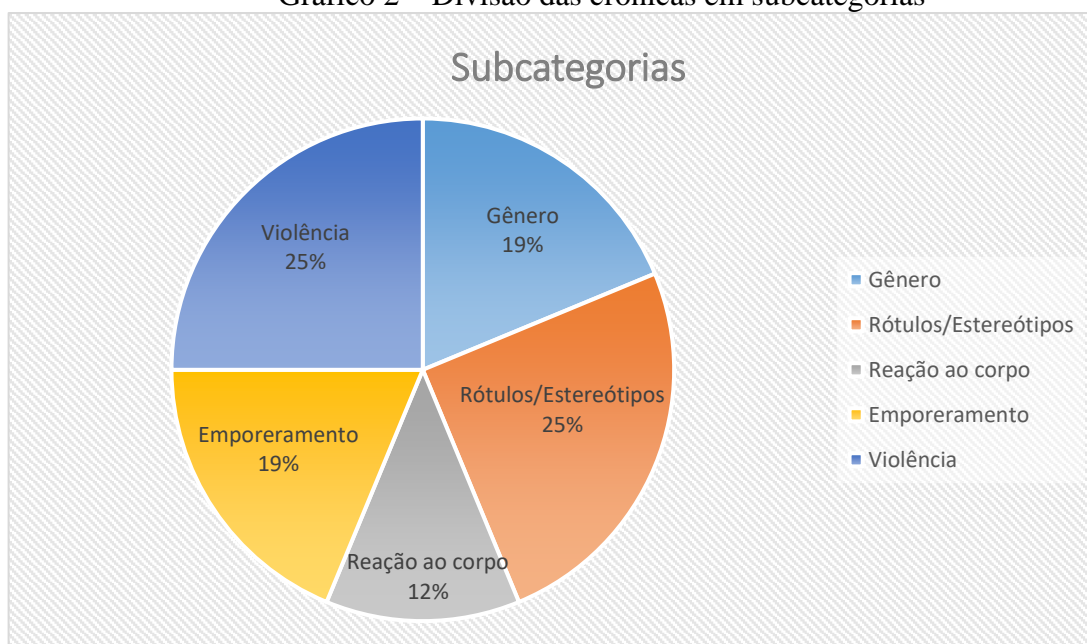
#### 4.3 HISTÓRIA DE MENINAS – ANÁLISE E SUBCATEGORIAS

Conforme expusemos na seção acima, após realizada a categorização das 64 crônicas contidas no livro *A menina quebrada*, utilizamos agora como parâmetro os textos nos quais a

narrativa é protagonizada pelo indivíduo feminino. A partir desse critério chegamos a 16 textos que foram divididos em subcategorias, conforme pode ser consultado no Apêndice D. A estratégia é entender melhor quais são as mulheres representadas na obra.

Vale ressaltar mais uma vez, conforme constatamos na divisão das categorias acima, a dificuldade em categorizar as crônicas produzidas por Eliane Brum. São textos cujas histórias narradas dialogam com várias temáticas e que, por isso, podem facilmente ser incluídos em mais de uma subcategoria. Porém, para facilitar a análise, optamos por classificá-los, levando em conta a temática que mais saltasse aos olhos. Assim, dividimos as 16 crônicas em cinco subcategorias. São elas: Gênero, Rótulos/Estereótipos, Reação ao corpo, Empoderamento e Violência, conforme destacamos no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Divisão das crônicas em subcategorias



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

O gráfico traz a divisão das subcategorias assim como o percentual que cada uma possui em relação ao todo, que agora se limita ao quantitativo de 16 crônicas. Abaixo explicamos cada uma das subcategorias e trazemos a análise qualitativa dos textos selecionados.

#### 4.3.1 Gênero

Nesta categoria reunimos três crônicas, das 16 selecionadas, o que equivale a 19% do total. Os textos selecionados têm como foco a questão do gênero relacionado ao papel

desempenhado pela mulher, seja na sociedade ou na política. Brum constrói o perfil de cada uma dessas mulheres por meio das histórias contadas por estas através de um olhar avesso. Por um lado, temos mulheres que ousaram, donas do próprio corpo e das próprias escolhas, que lutam pela diversidade e recusam os rótulos criados pela sociedade. De outro, temos uma candidata que utiliza da sua condição de mulher como estratégia política para se diferenciar dos demais candidatos e, quando alcança o status de chefe de governo, apesar de defender o protagonismo feminino, ignora a presença e o discurso proferido por seus pares, em especial as lideranças da Floresta Amazônica. O quadro abaixo reúne as três crônicas a serem analisadas posteriormente.

Quadro 1 – Subcategoria Gênero

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>Elas não são gays</b>	01/06/2009	Michele e Carla
<b>Dilma-lá!</b>	01/11/2010	Dilma
<b>Quem tem medo de Dilma Dinamite?</b>	26/09/2011	Dilma Antônia Melo, liderança contra a construção de Belo Monte Ana Alice Santos, agricultora

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A crônica intitulada “Elas não são gays”<sup>47</sup>, publicada em 1º de junho de 2009, narra a história de um casal que forma uma família diferente da sociedade convencional. Logo no início do texto, Brum revela como o casal Michele Kamers e Carla Cumiotto fazem questão de se apresentar, de maneira clara, para que não haja dúvidas que alimentem “maledicências e preconceitos”. “Somos casadas, fizemos inseminação artificial em São Paulo e temos dois filhos” (BRUM, 2013, p. 25).

A partir daí, Brum começa a contar quem são Carla e Michele, pioneiras ao conseguirem na Justiça o direito de registrar seus gêmeos no nome de ambas, já que, até então, o documento só trazia o sobrenome de Carla, a mãe biológica. Michele, não aceitava o fato de ter que adotar os filhos, uma vez que desejou, planejou e acompanhou Carla em todos os momentos,

<sup>47</sup> A reportagem foi publicada na Revista Época em 30 de maio de 2009 intitulada “A primeira nova família brasileira.” Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT75111-15228-75111-3934,00.html>. Acesso em: 30 de nov. de 2019.



possuindo assim os mesmos direitos da companheira. Assim, foi “a primeira vez que a Justiça brasileira reconheceu um vínculo exclusivamente afetivo, simbólico, como parental” (BRUM, 2013, p. 25). Ainda que os gêmeos não tenham os traços biológicos de Michele, “ninguém que conhece a família, assim como o juiz Cairo Roberto Rodrigues Madruga, da 8ª Vara de Família de Porto Alegre, tem qualquer dúvida sobre o fato de eles serem tão filhos de Michele quanto são de Carla” (BRUM, 2013, p. 26).

Carla e Michele moram em Blumenau, Santa Catarina. Brum descreve as duas como psicanalistas e professoras universitárias, com um ótimo senso de humor. Na perspectiva da repórter, cada uma possui um papel bem definido na relação, formando um casal mais tradicional do que a maioria dos casais heterossexuais que conhece.

Michele ocupa a posição masculina e Carla a feminina – entendendo tanto o feminino quanto o masculino nas definições tradicionais inscritas na cultura. Carla sempre namorou homens – masculinos – e Michele é a primeira mulher de sua vida. “Não posso me identificar como homossexual porque sou atraída pela posição oposta”, diz Carla. “Gosto de homens e mulheres masculinos. Jamais beijaria uma mulher ou um homem feminino.” Na rua, Carla segue olhando para homens e, em geral, observa uma mulher quando se interessa por seus sapatos, bolsas ou roupas. Michele namorou gente de ambos os sexos durante a adolescência, mas acabou fixando-se em mulheres femininas na vida adulta. Quando viu Carla, sua professora no curso de Psicologia, encantou-se pelo vestido justo, de um ombro só, e pelas unhas vermelhas. Ela mesma está bem longe do que seria o estereótipo de uma mulher masculina. Michele é bonita, veste-se com estilo, inclusive usando vestidos justos nas festas, usa brincos, colares e maquiagem, tem luzes no cabelo pelos ombros. Mas, por um sentimento intangível, qualquer um que se aproxima dela sabe que ela é masculina, mas não no sentido de se parecer a um homem, mas masculina como só uma mulher pode ser. (BRUM, 2013, p. 27)

Percebemos pela descrição de Brum a quebra do estereótipo em relação à aparência de Michele, que ainda que se perceba masculina, utiliza roupas e acessórios femininos, indo na contramão daquilo que a sociedade classificaria. Na ideia esdrúxula e arcaica de que menina veste vestido, usa maquiagem e acessórios, e meninos vestem calça, camisas largas e calçam sapatos, Michele rompe com essa lógica e mostra que o fato de se posicionar como o “lado masculino da relação” não a enquadra em um rótulo cujas roupas devam ser masculinas a ponto de parecer um homem. Pelo contrário, isso não a impede de se vestir como uma mulher feminina. Nas palavras de Michele, destacadas por Brum na crônica, ela afirma que:

Hoje existem diversos modos de ser mulher, inclusive ser mulher e ter uma posição masculina. Do mesmo modo que é possível ser um homem na posição feminina. Não é preciso cortar o pênis para ter um lugar social. Muita gente,

ao mudar de sexo, está resolvendo na anatomia uma questão psíquica, uma questão de reconhecer-se no corpo que se tem”, diz. “Acho que uma mulher precisa ser muito mulher no sentido de não ter medo de ser confundida com um homem. Me vejo como uma mulher masculina que gosta de mulheres femininas.” (KAMERS in BRUM, 2013, p. 27)

Ao afirmarem que não são gays, a partir do que prega os conceitos tradicionais, constatamos que Carla e Michele nos mostram que as definições de gênero, limitadas a homossexual e heterossexual, são mais complexas e requerem, como pontua Brum, significados mais fluidos. “Elas não ocultam nenhum elemento de sua condição. Pelo contrário, apresentam-se como uma transparência pouco vista, mesmo em militantes da causa” (BRUM, 2013, p. 29).

Por não se encaixarem nas definições de homossexual e heterossexual o que prega o senso comum, dada a complexidade da questão que permeou as cinco horas de entrevista entre o casal e a jornalista, ambas nos fornecem uma visão ampla sobre o assunto por meio de uma carta enviada por e-mail a Brum. Carla explica que:

Não nos reconhecemos como homossexual justamente por que, ao se apresentar como ‘homossexual’ nos parece que o sujeito reduz e condensa o conjunto de traços identificatórios que o define a apenas um: ‘o homossexual’. Ou seja, como se a partir desse momento deixasse de ter nome próprio, de ser filho, de ter uma profissão, de ter uma identidade de homem ou mulher. Somos mulheres e entendemos que, na vida, se é homem ou mulher. Para depois, a partir das determinações discursivas da época em que se vive, assim como a partir das marcas infantis, e assim como dos ‘bons encontros’ na vida, cada um vai se referenciando a partir do masculino ou do feminino enquanto posição psíquica. E isso vai determinar seu jeito de amar, de namorar, de fazer laço, etc. Por exemplo: No primeiro dia em que ficamos, quando fui tocar o corpo da Michele, me surpreendi que não tinha um pênis. Isso é só para te inspirar e te dar um exemplo de que o quanto o conhecimento da anatomia e da realidade é menos determinante que a dimensão do simbólico enquanto representação. Isso é para brincar um pouco do quanto existem mil e um ordenadores e arranjos possíveis no campo da sexualidade e, principalmente, uma infinidade de arranjos possíveis para um casal. (CUMIOTTO in BRUM, 2013, p. 28)

Michele ainda completa, deixando uma inquietação:

[...] o que é apresentar alguém como homossexual, na medida em que nunca vimos alguém se apresentar como heterossexual? Ou ainda, como poderíamos aceitar essa representação se a ideia do homossexual faz alusão à atração pelo mesmo sexo, se o encontro entre mim e Carla diz justamente da atração pela diferença de posição? Ou seria o estereótipo ‘homossexual’ uma forma de anular a reflexão e de manter a ilusão de que não temos ‘nada’ comum para fazer laço? (KAMERS in BRUM, 2013, p. 28)

Isso posto, constata-se que Carla e Michele são mulheres com traços femininos e masculinos que buscam romper com os estereótipos e conceitos definidos e estabelecidos. Conforme destaca Brum, elas não frequentam guetos gays, mas os corredores das universidades, a escola dos filhos, os espaços públicos. “[...] Nós acreditamos que é o confronto com as diferenças que nos faz avançar, que nos apresenta novas possibilidades de existir, que nos permitem a invenção de uma vida melhor” (BRUM, 2013, p. 27). Assim, o texto de Brum mostra que elas lutam pela diversidade e pelo alargamento dos significados. Ambas, representam femininos com posturas bem marcadas e discursos que buscam desmistificar as ideias e os conceitos de gênero definidos pelo senso comum.

A próxima crônica “Dilma-lá” - publicada em 1º de novembro de 2010 - nos indaga sobre o papel da mulher, sobretudo, na posição de presidenta da República, maior cargo já ocupado por uma mulher no Brasil. A partir da ideia de gênero, existiria um jeito feminino de governar? Ou seja, a mulher, diferente do homem, teria aptidões intrínsecas, como cuidar e proteger, apenas por ser mulher e por ter, biologicamente, condições de parir, de ser mãe, tais características fariam diferença ao governar um país? Para responder a esta questão, Brum vai buscar pistas sobre a condição feminina de Dilma Rousseff ao longo da campanha eleitoral, e esta pesquisa, almeja investigar como é feita essa representação.

Em junho, no lançamento oficial de sua candidatura, a futura presidenta, Dilma Rousseff, disse: “Chegou a hora de uma mulher governar este país. Nós, mulheres, nascemos com o sentimento de cuidar, amparar e proteger. Somos imbatíveis na defesa da nossa família e dos nossos filhos” (BRUM, 2013, p. 151). O discurso que se construía a partir dali, é de que uma mulher, sobretudo, na figura de uma mãe, cuidaria do povo, especialmente os mais pobres e oprimidos, revelando assim “seu lado de cuidado/feminino”. “[...] Logo, se acreditarmos nas palavras de Dilma, uma mulher não governa – cuida. E o melhor que uma mulher pode fazer como presidente é ser mãe” (2013, p. 151). Além disso, para Brum, Dilma reuniria outros atributos para governar, “o caráter de uma grande e eficiente gestora (seu lado de trabalho/masculino)” (BRUM, 2013, p. 151).

No entanto, com uma personalidade forte e uma voz grossa que ajudava a compor a administradora dura, Dilma não era muito aberta às conciliações. As palavras usadas para descrevê-la eram “truculenta”, “autoritária”, “mandona”, “forte”, conforme revela a repórter na crônica (2013, p. 151). Porém, para ter chances na corrida presidencial, a candidata precisou passar por uma transformação, desde cirurgia plástica, roupas, cabelo, comportamento, modulação da voz, tudo para torná-la mais “feminina” e mais condizente com seu papel de “mãe dos pobres”, como destaca Brum.

Assim, percebemos, a partir do texto da jornalista, como a condição de ser mulher, foi usada como estratégia política da candidata para construir uma ideia de feminino mais palatável, que causasse maior identificação entre o discurso a ser proferido e a massa a ser conquistada. Concluimos assim, que Brum apresenta Dilma como a figura de uma mulher, com punho forte para governar e um lado materno para cuidar do povo, perfil construído a partir de suas observações, do comportamento e dos discursos proferidos pela candidata. Portanto, a crônica faz uma discussão acerca do gênero, a partir da figura de Dilma e do questionamento “se existe um jeito feminino de fazer política”. Como estratégia política, a partir do relato de Brum, observamos que houve uma feminilização da candidata para chegar à presidência da República.

Ainda seguindo esta mesma temática, partimos para outra crônica intitulada “Quem tem medo de Dilma Dinamite? - publicada no dia 26 de setembro de 2011. É interessante perceber como o título da crônica já traz uma informação relevante sobre o perfil feminino que será construído ao longo do texto. Brum utiliza o termo “dinamite” em referência à reportagem: “Dilma Dinamite: Onde as mulheres estão vencendo”<sup>48</sup>, publicada pela revista americana *Newsweek*, que traz a presidente na capa, fato amplamente comemorado como um triunfo feminino. Dentro da revista, o perfil da presidente brasileira tem o seguinte título: “Não mexa com Dilma”. Este texto dialoga muito com a subcategoria “Violência”, uma vez que assistimos ao silenciamento dos discursos de lideranças do Xingu pela preservação da Amazônia, já que foram ignorados por Dilma, na época ministra de Minas e Energia.

Feita essa ressalva, partimos agora para a análise da crônica que traz à tona a representação de figuras femininas que seguem tentando ser ouvidas. Brum mostra femininos que se contrapõem na narrativa. De um lado, Antônia Melo, apresentada como uma mulher forte que luta há décadas pelos direitos da Floresta Amazônica e uma das principais vozes no levante contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. De outro lado, a então ministra Dilma, apontada pela jornalista como autoritária. A construção das personagens chega ao leitor na contação de histórias factuais, colhidas por Brum nas entrevistas, o que dá ao relato um peso de credibilidade. A repórter conta a partir do relato de Antônia, que durante um encontro entre lideranças indígenas e a ministra - que em conferências pelo mundo faz questão de destacar a importância das lutas femininas – Dilma teria reagido de forma inesperada a uma indagação de Antônia.

---

<sup>48</sup> Disponível em: [http://nascapas.blogspot.com/2011/09/newsweek\\_20.html](http://nascapas.blogspot.com/2011/09/newsweek_20.html). Acesso em: 14 de jun. de 2019.

Quando chegamos à audiência, a Dilma demorou um pouco para aparecer. Aí veio, com um cara do lado e outro do outro, como se fosse uma rainha cercada por seu séquito. Nós estávamos ali porque, se era desejo do governo estudar esse projeto, queríamos ter certeza de que seria um estudo eficiente, já que sabíamos que todos os estudos feitos até então eram uma grande mentira, sem respeito pelos povos da floresta nem conhecimento do funcionamento da região. Então, já que o governo queria estudar a viabilidade de Belo Monte, que o fizesse com a seriedade necessária. A Dilma chegou e se sentou na cabeceira da mesa. O Zé Geraldo nos apresentou e eu tomei a palavra. Eu disse: “Olha, senhora ministra, se este estudo vai mesmo sair, queremos poder ter a confiança de que será feito com seriedade”. Assim que eu terminei essa frase, a Dilma deu um murro na mesa. Um murro, mesmo. E disse: “Belo Monte vai sair”. Levantou-se e foi embora. (BRUM, 2011, p. 234)

A partir do relato de Antônia, fica clara a contradição entre o discurso praticado sobre o protagonismo das mulheres e o posicionamento que teria sido adotado por Dilma ao ignorar a voz da liderança do Xingu.

Ainda na mesma crônica, a jornalista traz a história de Ana Alice Santos, outra voz ignorada. Empregada doméstica desde os 6 anos de idade, saiu do Paraná para a Amazônia, onde se tornou agricultora. Em conversa com Brum, ela conta que em março, no mês das mulheres, foi até Brasília acompanhada de 1.800 pessoas para encontrar Dilma e entregar suas reivindicações:

E ela não nos recebeu. Mostrou que não dá importância nenhuma para as mulheres da Amazônia. Chamaram até a tropa de choque, mas a gente saiu pacificamente. Fomos para conversar, não para brigar. Saímos derrotadas, mas tentamos de novo entre o final de abril e o início de maio. E ela mandou alguém da Casa Civil pegar o documento que trazíamos. Viajamos três dias e duas noites. E a presidenta não nos escutou. Foi quando decidi não votar mais. Não compensa você votar em quem não te representa. Não compensa votar numa presidenta que é uma vergonha para as mulheres. Porque nós, mulheres, tínhamos de fazer a diferença. E como a Dilma está fazendo a diferença? Matando as mulheres da Amazônia? Matando os seres humanos que aqui sobrevivem? Matando a nossa floresta, as nossas espécies dentro do rio? Esta presidenta mulher está matando a nossa vida ao matar o Xingu. (BRUM, 2011, p. 234)

A partir do que Brum apresenta na crônica acima, constatamos como Antônia e Ana Alice representam as mulheres fortes e corajosas que lutam pelos povos e pela proteção da floresta. No entanto, seguem tendo seus discursos e causas silenciados pelo autoritarismo do governo que insiste em não reconhecer a potência de suas vozes. Um governo aqui representado por outra mulher. Assim, Brum monta um roteiro com mulheres em cena, mostrando disputas e negociações entre femininos. Logo, uma constatação que merece destaque e que se conclui analisando o texto, é o fato de que Antônia, Ana Alice e Dilma mostram lideranças femininas muito distintas, que

atendem a demandas, necessidades e exigências diferentes, cada uma servindo a um propósito próprio.

Em relação a Dilma, o texto retoma a representação da figura de “uma mulher conhecida por destratar os subordinados a ponto de levar alguns às lágrimas e dar murros na mesa como qualquer chefe bruto que ninguém quer ter” (BRUM, 2013, p. 236). Além disso, a repórter revela as contradições da candidata que defende o protagonismo feminino, mas silencia as suas companheiras. Como exemplo, a crônica destaca o discurso histórico de Dilma na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU): “Junto minha voz às vozes das mulheres que ousaram lutar, que ousaram participar da vida política e da vida profissional, e conquistaram o espaço de poder que me permite estar aqui hoje” (BRUM, 2013, p.238). Na concepção da repórter, essa é só mais uma contradição das muitas que Dilma acumula em seus discursos políticos. Em síntese, a crônica jornalística é construída por meio de episódios contados pelos entrevistados, trechos de alguns discursos de Dilma. Brum utiliza de alguns adjetivos para descrever a candidata e seu comportamento.

#### 4.3.2 Estereótipos/Rótulos

Identificamos nessa categoria quatro crônicas, o que corresponde a 25% da produção. Os textos trazem, em geral, narrativas que misturam diversos rótulos e estereótipos reforçados pelo senso comum sobre o lugar destinado à mulher. Na contramão de tudo isso, Brum nos apresenta mulheres que rompem com essas ideias e assumem o protagonismo de suas histórias. Abaixo o quadro reúne as crônicas que serão analisadas.

Quadro 2 – Subcategoria Rótulos/Estereótipos

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>O perigo da história única</b>	22/02/2010	Escritora Chimamanda Adichie Preciosa
<b>Por que amamos tanto Lisbeth Salander</b>	13/02/2012	Lisbeth Salander
<b>Enfim, a emancipação masculina</b>	27/02/2012	Laerte Coutinho
<b>A rainha má e o terror de envelhecer</b>	11/06/2012	Mãe-madrasta-bruxa da Branca de Neve

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Na crônica “O perigo da história única”, publicada em 22 de fevereiro de 2010, Brum reflete sobre o poder das histórias, tema recorrente em suas obras, e como a narrativa criada por cada um pode significar a vida ou determinar sua morte. “Compreender o poder da narrativa é o primeiro passo para construir uma vida que vale a pena. É também a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro” (BRUM, 2013, p. 75). O texto reflete sobre este poder a partir da história de Preciosa e a palestra da escritora Chimamanda Adichie.

Em *Preciosa*, personagem que dá nome ao filme<sup>49</sup>, a repórter mostra como a narrativa imposta a uma pessoa pode determinar quem ela será. A figura feminina aqui é representada por uma “negra gorda e enorme, abusada sexualmente pelo pai e de várias outras maneiras pela mãe” (BRUM, 2013, p.75). Preciosa é definida por uma coleção de estereótipos. A personagem frequenta a escola há anos, mas é analfabeta. Em casa, na escola, todos têm dificuldade para enxergá-la, inclusive ela, já que não se reconhece no espelho, conforme pontua a repórter no texto.

Preciosa é vista apenas sob a perspectiva dos estereótipos, da mulher fora dos padrões exigidos pela sociedade, inserida em um meio de violência e miséria. Isso é o que sua aparência física revela às pessoas, que enxergam nela apenas a representação dos estereótipos. O desafio do filme e o alerta de Brum é nos mostrar que é preciso olhar para além dos rótulos, e, quando fazemos isso, nos tornamos parte da transformação da personagem.

Preciosa nos evoca o perigo da história única. Até não encontrar um olhar acolhedor onde se reconhecer, ela só se reconhecia no não-olhar de sua mãe. A escola que frequentara até então continuava olhando para ela sem ver, o que a manteve analfabeta por anos. Só quando encontrou uma narrativa alternativa para si mesma, Preciosa teve alguma chance de ter não só uma vida, mas também uma alma. (BRUM, 2013, p. 75)

Brum conta que a vida de Preciosa começa a mudar quando ela se vê refletida no olhar da professora que a enxerga e a ensina a ler. O mundo de Preciosa se amplia e ela descobre que existem outras possibilidades de existir e construir, ela mesma, sua própria história. “Ao escrever sobre sua vida com papel e caneta, Preciosa descobre que pode reescrever sua vida na concretude das ruas. E é o que faz. Agora, ela pode se reconhecer nos olhos de outros. Ela gosta da imagem que vê” (BRUM, 2013, p. 75). Assim, a personagem “descobre que é mais do que lhe haviam contado até então. Mais complexa e multidimensional” (2013, p. 77). Vale destacar ainda, a representação de outro papel feminino no texto, a presença da professora. Uma mulher

---

<sup>49</sup> Preciosa é dirigido por Lee Daniels (2009, EUA).

cuja sensibilidade permitiu que a aluna descobrisse um mundo, que até então desconhecia, o mundo das palavras. Muito mais do que ensiná-la a ler, a professora deu à menina a oportunidade de ser protagonista da própria história.

O conflito vivido por Preciosa é o tema da palestra de Chimamanda Adichie<sup>50</sup>. Brum conta que a escritora, filha de um professor universitário e de uma secretária, pertencia a uma família de classe média da Nigéria. Quando criança, ela revela, que ao ter acesso aos livros se sentia mal, pois não se percebia representada, uma vez que eram escritos pelos colonizadores britânicos. As poucas obras disponíveis traziam em seu conteúdo páginas e mais páginas em que os personagens discursavam sobre o tempo, se fazia sol no dia seguinte, discussão pouco relevante.

Eu adorava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles agitaram a minha imaginação. Abriam-me novos mundos. Mas a consequência não intencional foi que eu não sabia que as pessoas como eu podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim, foi isto: Salvou-me de ter uma história única daquilo que os livros são.<sup>51</sup>

No entanto, ao se tornar escritora, Chimamanda “é cobrada que seus romances não são suficientemente “africanos”. Como se ela só pudesse existir como narradora de uma determinada maneira, como se só pudesse contar uma única história” (BRUM, 2013, p. 75). A arte é território fértil, é livre, dispensa rótulos e permite que cada um reinvente suas próprias narrativas. “Nela, podemos qualquer coisa. Até sermos nós mesmos” (BRUM, 2013, p. 78).

Em sua palestra no TED<sup>52</sup> (*Ideas Worth Spreading*), a escritora nigeriana discursa e chama a atenção sobre “uma história feita de embates narrativos para mostrar como a história única aniquila a vida” (BRUM, 2013, p. 77).

Linda e bem-humorada, Chimamanda mostra como a redução das histórias fez mal a sua maneira de olhar a vida de outros em seu próprio país. E fez mal à forma como outros olharam para a sua vida quando se mudou para os Estados Unidos – e sua colega de quarto só conseguia enxergá-la a partir dos estereótipos ligados a um “país” chamado África. Nesta narrativa,

---

<sup>50</sup> A escritora nigeriana é autora dos livros: *Meio sol amarelo* (2006), *Hibisco roxo* (2003), *No seu pescoço* (2009), *Americanah* (2013), *Sejamos todos feministas* (2014), *Para educar crianças feministas – Um manifesto* (2017), publicados no Brasil pela Companhia das Letras.

<sup>51</sup> Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt). Acesso em: 01 de dez. de 2019.

<sup>52</sup> A palestra no TED TALK foi uma das mais assistidas registrando mais de 20 milhões de visualizações. Em 2019, “O perigo de uma história única” foi transformada em livro, publicado pela Companhia das Letras.



Chimamanda percorre as várias crenças sobre a África – e não deixa de mostrar como ela mesma embarcou na tentação das versões hegemônicas, como quando fez uma viagem ao México e descobriu, ao andar pelas ruas de Guadalajara no primeiro dia, que tinha chegado até ali acreditando que imigrante era tudo o que um mexicano era. É pela intuição do enorme poder de transformação das histórias contadas que Chimamanda se transforma numa escritora. (BRUM, 2013, p. 77)

Brum mostra que, assim como Preciosa, Chimamanda, conhecida hoje mundialmente por suas obras e por sua postura feminista, luta para que seja vista e escutada, para além dos estereótipos. Na condição de mulher, negra, nigeriana, a escritora chama as mulheres para que assumam suas narrativas e construam a própria história de forma que haja uma produção de narrativas mais plurais.

Assim, constatamos a partir da história de Preciosa, que a personagem que Brum aponta é a representação de mulheres estereotipadas. No caso em questão, a mulher negra, pobre, gorda, que ao mesmo tempo, supera os preconceitos e consegue construir a própria história, assim como Chimamanda. Mulher negra, nigeriana, de classe média, letrada, que aparece como personagem importante na luta feminina e que, no texto de Brum, surge abrindo o caminho para que as mulheres sejam protagonistas da própria vida, rompendo com as ideias pré-concebidas. Brum utiliza de adjetivos para descrever algumas ideias estereotipadas. Outra estratégia narrativa utilizada está na escolha do título da crônica, onde Brum faz menção à palestra de Chimamanda e procura promover uma reflexão a partir das histórias narradas ao longo do texto.

Na crônica “Por que amamos tanto Lisbeth Salander”, publicada no dia 13 de fevereiro de 2012, Brum descreve “a primeira heroína do século 21 – não por ter nascido nele, mas por ser uma síntese das mudanças e inquietações do nosso tempo” (BRUM, 2013, p. 273). Lisbeth é a protagonista da trilogia *Millennium*<sup>53</sup>, obra escrita pelo sueco Stieg Larsson. De acordo com Brum, trata-se de uma personagem complexa, forte, com propósitos definidos. É uma espécie de vingadora na ficção. É uma hacker, realiza feitos na internet, mas prefere o anonimato.

Se a internet não houvesse surgido, talvez Lisbeth estivesse condenada a morrer numa clínica psiquiátrica, como tantos, tantas vezes, por obra da velha ordem. Mas a internet surgiu, e com ela uma brecha para Lisbeth escapar e inventar sua frágil resistência. Lisbeth carrega em si todas as marcas do velho mundo – representado pelo Estado que a condenou e ainda controla a sua vida. Estado este que é encarnado por homens “instituídos” que abusaram – e ainda abusam – de Lisbeth, com a justificativa pública, essa também tão abusada ontem como hoje, do “é para o seu próprio bem”. Por trás deles e do Estado a quem dão face, ocultam-se tanto as perversões individuais quanto os crimes

---

<sup>53</sup> *Os homens que amavam as mulheres* (2008), *A menina que brincava com fogo* (2009), *A rainha do castelo de ar* (2010), Companhia das Letras.

do poder estabelecido que devem permanecer escondidos custe o que custar. E custa muito. (BRUM, 2013, p. 274)

Ao longo do texto, Brum dá detalhes da aparência física de Lisbeth, ao revelar as marcas que a personagem escolheu para se flagelar, entre elas um dragão tatuado nas costas e inúmeros *piercings* fincados pelo corpo. De acordo com a crônica, Lisbeth é desconfiada, não confia em (quase) ninguém, desconfia das massas. Vive só. “Como o mundo que prefere habitar, o da internet, nossa heroína é fluida e sem fronteiras” (BRUM, 2013, p. 275). Apesar da personalidade forte, Brum revela outro lado da personagem, a questão sentimental descrita pelo olhar, algo próximo da ternura que Lisbeth lança sobre o jornalista Mikael Blomkvist, que insiste em investigar e denunciar os poderosos. Brum pontua que para a heroína as instituições estão falidas e como a velha ordem ruiu, não há como lutar dentro do sistema. “[...] Para Lisbeth, a única saída possível é individual. Ela é um rato resistente, sobrevivendo nos porões e roendo os alicerces da cidade, na mais absoluta solidão existencial” (BRUM, 2013, p. 275).

A repórter faz uma crítica ao fazer um paralelo com a realidade e dizer que enquanto existe um movimento de pessoas que fazem de tudo para ganhar alguns minutos de fama na internet e reivindicar sua autoria por determinado feito, Lisbeth prefere o anonimato. Na rede “é reconhecida apenas por seus pares”, que, como ela, usam codinomes. Ela “não se interessa por construir um nome. Sua salvação e sua liberdade estão no anonimato. Lisbeth realiza feitos fantásticos, mas não reivindica nem autoria, nem créditos” (BRUM, 2013, p. 275). Outra face revelada por Brum, é o não pertencimento da personagem, que não se prende as fronteiras de um espaço, como por exemplo, de um país.

Estrangeira em um mundo sem fronteiras, o conceito de nação não faz parte do planeta dela. Lisbeth é mais familiarizada – e a escolha do termo é proposital – com o hacker sem nome de lugar nenhum do que com o vizinho de porta. Lisbeth não tem chaves – tem senhas. Estar em Estocolmo ou em Pequim, para ela tanto faz. Ela não é estrangeira por pertencer a um outro país, ela é estrangeira como um ser em si. Ela é estrangeira diante do outro – ou de quase todos os outros – porque o olhar do outro para ela não faz a menor diferença. Ela não reconhece esse olhar, estrangeira que é frente à sua própria espécie. Ser estrangeira, para Lisbeth, é parte da nova condição humana. (BRUM, 2013, p. 277-278)

Brum utiliza adjetivos para descrever a personagem da ficção e a classifica como uma heroína que não busca reconhecimento, mas as sombras. Traça um perfil físico e psicológico da heroína que luta contra o sistema. Tal recurso literário se aproxima das narrativas romanescas.

Lisbeth Salander é andrógina, miúda e parece anoréxica – “é metabólico, não engordo”, diz no filme americano. Come *junk food*, fuma um cigarro atrás do outro, circula pela noite underground. Parece frágil, mas é forte. E se vinga. É marcada – e faz marcas. Sem confiar na lei e no Estado, faz justiça na ilegalidade e nas margens. Para ela, esses limites não existem, o mundo não se coloca mais nesses termos. Todas essas convenções, no olhar e na experiência de Lisbeth Salander, já apodreceram. Em sua moto pelas estradas – ou escondida sob o seu capuz – ela talvez seja a nova mulher, aquela que se recusa a ser vítima, mas que jamais queimará sutiãs em praça pública. Lisbeth Salander é a nova mulher na medida em que também é o novo homem. (BRUM, 2013, p. 277)

Isso posto, Brum traça o perfil de uma mulher, que também é um novo homem, protagonista de sua própria história, que confia em seus instintos e desconfia de todos. Não acredita no sistema e por isso, para fazer justiça age na ilegalidade, sozinha. Lisbeth vai na contramão e desconstrói os estereótipos. Dona da própria vida, faz suas escolhas, marca e é marcada pela sociedade em que vive. Mas define seu próprio destino, não possui fronteiras, é livre para fazer o que quiser. Lisbeth representa a complexidade do que é ser mulher, não é apenas uma, mas várias mulheres encarnadas dentro de um mesmo sujeito.

A próxima crônica “Enfim, a emancipação masculina”, publicada no dia 27 de fevereiro de 2012, tem início com um episódio narrado por Brum. Durante uma palestra sobre “Masculinidade” apareceu um engenheiro que “queria entender, como homem, a sua falta de lugar no mundo” (BRUM, 2013, p. 285). A partir disso, a crônica faz uma reflexão sobre o que é ser homem e o que é ser mulher hoje. Para apimentar essa discussão, Brum traz a entrevista da cartunista Laerte<sup>54</sup> para o programa Roda Viva. A repórter tece elogios à cartunista considerando-a um “gênio”, daqueles que só nascem de tempos em tempos. O texto faz uma breve apresentação para que o leitor, que ainda não conhece a cartunista, tome nota. Laerte é criadora das histórias em quadrinhos “Piratas do Tietê” e dos personagens: Overman, Deus e Fagundes, o Puxa-Saco. Suas tirinhas são famosas no jornal *Folha de São Paulo*.

Brum conta que a cartunista começou a se vestir de mulher, em 2010, publicamente. “Tipo ir à padaria de saia e meia-calça. Laerte se tornou ora ele, ora ela, ele/ela no mesmo corpo e na mesma cabeça” (BRUM, 2013, p. 286). Depois disso, nas entrevistas que dá, muitos profissionais seguem tentando encaixá-la em alguma definição. Brum faz uma crítica ao dizer que nós, seres humanos, não somos como os brinquedos de montar, em que as crianças precisam

---

<sup>54</sup> A cartunista foi entrevistada no Roda Viva em 20 de março de 2012. O vídeo está disponível na internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA>. Acesso em: 01 de dez. de 2019.

encaixar as peças de acordo com seu formato. Para ela, todos ganharíamos “se abolíssemos a necessidade de caber em algum verbete.”

Sou aquele/a que é sem se dizer. Ou sou aquele/a que é sem precisar dizer o que é. E essa é a novidade de Laerte, que é homem, é mulher, é masculino, é feminino e é também alguma coisa além ou aquém disso. Que se veste de mulher, mas fala e caminha como um homem. Que na infância gostava de costura e de futebol. Que vai jantar de saia e unhas vermelhas com uma namorada, mas pode também ter um namorado. Que enfia um pretinho básico sem se tornar efeminado. Que começa a entrevista de pernas cruzadas e, lá pelas tantas, se empolga e abre as pernas sem se importar que no meio delas more um pinto. Laerte é novo/a porque nos escapa. É um homem novo, mas também pode ser uma mulher nova. (BRUM, 2013, p. 286)

Laerte representa, para a autora, a desconstrução dos estereótipos. Ao recusar os rótulos, ela mostra a complexidade do que é o sujeito. Não são os conceitos engessados e ultrapassados que a define, mas suas experiências e o modo como ela se enxerga. A cartunista não sente a necessidade de se definir e se desconstrói à medida que prova que ela pode ser quem ela quiser ser. Laerte (re) significa os conceitos, alargando também seus sentidos. Não é a anatomia que define que ela deve ser homem ou mulher e que a partir dessa classificação ela ou ele deve se comportar como tal. As relações de gênero e sexualidade são bem mais complexas do que as definições construídas pela sociedade.

Ao longo do texto, Brum narra um episódio em que Laerte foi alvo de polêmica ao “ser repelida/o no banheiro feminino de uma pizzaria paulistana por uma cliente que se sentiu incomodada com sua definição indefinida” (BRUM, 2013, p. 286). A repórter fala sobre a ideia esdrúxula de criar um terceiro banheiro para aqueles que não se enquadrariam nas definições tradicionais e da exigência de que tenha que se definir para fazer xixi. Voltando à entrevista de Laerte, Brum chama a atenção para uma questão levantada pela cartunista:

A certa altura da entrevista, ele/ela fez a seguinte observação: “Existiu a tal da revolução feminina, que é um dos marcos da humanidade. O que não aconteceu é a revolução masculina”. Laerte referia-se ao fato de que as mulheres já fizeram mil e uma rebeliões e continuam se batendo por aí. Marlene Dietrich, por exemplo, causou comoção por usar calças, mas isso em 1920! Quase um século depois, Laerte nos empapa de assombro por ir ao supermercado de saia. Isso diz alguma coisa, não? (BRUM, 2013, p. 287)

Brum pontua que diferente das mulheres, os homens nunca tiveram que fazer revolução para garantir direitos que já lhes eram assegurados desde sempre. Posição bastante cômoda para os provedores da casa, do sustento, da manutenção da família. Ocupavam o topo da cadeia

alimentar. Mas, segundo a repórter, tais características não definem o que é ser homem hoje. Assim, como não define o que é ser mulher. Do mesmo modo, a anatomia, a escolha da carreira ou a posição na sociedade. Para ela, é algo que está fora das palavras.

E isso é o que torna Laerte fascinante: ele se apropriou da confusão e tornou-se a indefinição. Graças às mulheres, e também aos homens que ousaram sair do armário (e aqui não me refiro somente à orientação sexual), os homens começam a autorizar-se a vagar sem rumo por aí, cada um do seu modo. Até porque não há caminhos já trilhados para seguir, já que não é mais possível apenas refazer os passos do pai ou do avô – nem é suficiente se contrapor totalmente a eles e segui-los pelo avesso. O que há são vidas a serem inventadas. (BRUM, 2013, p. 288)

Para a jornalista, é um espaço inédito de liberdade em que os homens devem arrancar o terno e descobrir a pele que está por baixo. “Acho que os homens alcançaram, finalmente, um começo de emancipação. E espero que as mulheres tenham a grandeza de estar à altura desses novos homens que começam a surgir” (BRUM, 2013, p. 288). A jornalista critica as mulheres, que mesmo se achando modernas e livres, suspiram por machos provedores. A repórter narra ainda um episódio em que uma amiga revela que seu marido ficou por algum tempo arrebatado pela agente do FBI da série americana *Fringe*, Olivia Dunham. Diferente do que as pessoas poderiam pensar, Brum conta que apesar dos atributos físicos e profissionais que a agente reunia, o que o marido queria era ser um agente do FBI, como ela. Com este episódio, a repórter defende que há espaços para todos. “Se estivermos à altura do nosso tempo, descobriremos que há infinitas possibilidades – e não uma só – de sermos seja lá o que for. Como alguém disse no twitter: “Na vida, não limite-se. Laerte-se!” (BRUM, 2013, p. 289).

Portanto, Laerte representa a figura do feminino e do masculino que desconstrói todos os estereótipos. Revela ainda que existem muitas possibilidades e que a indefinição é o que as define. Por meio de exemplos e argumentações, Brum nos mostra que o próprio conceito do que é ser mulher, não dá mais conta de responder esta questão. Nem mesmo a anatomia humana. Faltam palavras para isso. Por isso, na visão defendida pela repórter, é preciso nos livrarmos dos rótulos e nos abirmos para novas possibilidades. É o que faz Laerte.

A crônica “A rainha má e o terror de envelhecer”, publicada no dia 11 de junho de 2012, tem como figura principal a “mãe-madestra-bruxa” de Branca de Neve, interpretada pela atriz Charlize Theron, no filme *Branca de Neve e o Caçador*<sup>55</sup>. Na trama, a rainha empreende uma

---

<sup>55</sup> *Branca de Neve e o Caçador* é dirigido por Rupert Sanders (2012, EUA). O filme busca resgatar o lado sombrio dos contos de fadas, que no passado eram fábulas de adultos, com direito a canibalismo

busca desenfreada para barrar os efeitos da idade e se manter sempre jovem. Para isso, ultrapassa todos os limites e obstáculos. Brum faz uma analogia de Ravenna - nome da personagem - com os procedimentos usados pelas mulheres de hoje, que buscam o mesmo objetivo. “Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na amargura” (BRUM, 2013, p. 341).

Outra característica que compõe a personagem e que será explorada mais à frente do texto, pela repórter, é o lado psicológico da rainha, que apesar de ser a mulher mais bela do reino, é infeliz e vive frustrada. A fábula - que apesar de não remeter a história violenta do passado contada e recontada pelos camponeses medievais por meio da tradição oral - que por séculos e séculos tem sido contada, não perdeu a oportunidade de atualizar algumas questões que fizeram a história sobreviver por tanto tempo. Brum destaca algumas questões que ainda hoje ecoam em nossos interiores:

A relação entre mãe e filha, com a violência simbólica transposta em atos concretos, já que a mãe-madrasta passa toda a história tentando matar a filha-enteada que vai suplantá-la em juventude e beleza. O olhar de desejo do pai-caçador, que a faz descobrir-se mulher na floresta “negra”, para onde foge da mãe. Os vários desafios que enfrenta qualquer menina, seja a Branca de Neve ou uma adolescente de hoje, para se tornar mulher. E que passam, necessariamente, por se diferenciar da mãe. [...] Em Branca de Neve e o Caçador, os desafios enfrentados pela princesa para virar mulher (e continuar viva) ganham soluções um pouco diferentes das versões anteriores – e bem provocativas. (BRUM, 2013, p. 243)

A escritora utiliza o exemplo da figura feminina para pontuar sobre a violência a que estão expostas e os desafios a que são lançadas as meninas desde a infância a partir da provocação que o filme faz. Voltando à personagem da rainha, a repórter chama a atenção para seu comportamento obcecado pela juventude e pela beleza a qualquer custo.

Para ela, nenhum ato é horrendo demais se, ao final, ela ganhar uns anos a mais com pele de pêssego. Assinalada por várias vidas de horror – já que a bruxaria e o coração das mais jovens garantiu-lhe uma existência prolongada – ela não admite ter nenhuma marca do vivido. Toda a violência sofrida e praticada, as mágoas, as decepções e as traições estão dentro dela. Mas no corpo, naquilo que se oferece ao olhar do outro, ela é uma mulher sem marcas. (BRUM, 2013, p. 243)

---

e incesto, além de outros ingredientes que compunham a narrativa regada pela violência. Foi só a partir do século 19, com os Irmãos Grimm, que os contos foram redigidos e adaptados para crianças, com uma versão mais sensível e palatável que dialogasse com a fase de inocência experimentada pelos pequenos.

Ravenna traduz a figura da mulher que insiste em esconder as marcas provocadas pelas experiências vividas ao longo da vida. Para isso, se esconde atrás de uma aparência, para que quem a olhe veja apenas uma miragem perfeita refletida em um rosto alheio às marcas do tempo. Outro traço revelado pelo filme e comentado por Brum, sobre o motivo de a rainha ser má é “por ter sofrido no passado o abuso de homens que, nas suas palavras, sugaram tudo dela e, quando ela começou a envelhecer e a perder a beleza, trocaram-na por uma mais jovem” (BRUM, 2013, p. 343).

Na percepção de Brum, trata-se de um roteiro prosaico que, apesar de inconsistente, reflete os dias de hoje. “[...] não deixa de ser interessante observar que supostamente também seria para o desejo dos homens que as mulheres do nosso tempo se submetam ao inimaginável na tentativa de permanecerem jovens e belas. Será?” (BRUM, 2013, p. 343). A repórter traz esse questionamento inicial e mais à frente no texto faz uma crítica às mulheres que se submetem aos mais variados e invasivos procedimentos estéticos para se tornarem mais belas e livres das marcas das experiências vividas. Marcas estas que voltam com o tempo, mais cedo ou mais tarde.

Outra cena destacada por Brum é um encontro de Branca de Neve com uma comunidade de mulheres, em que as mesmas fazem marcas no rosto para se salvarem da obsessão da rainha, que as despreza pelas cicatrizes no rosto. Até as crianças têm a face marcada por cicatrizes sem história. “É, portanto, no olhar da rainha que está o desprezo pelo corpo assinalado pela passagem do tempo – e não (apenas) no olhar dos homens. É só ao incorporar a recusa em envelhecer que a rainha se torna de fato um objeto” (BRUM, 2013, p. 344).

Brum faz outra analogia ao enxergar semelhanças entre a narrativa da rainha e a época de hoje.

O terror só é terror se houver estranhamento. Estranha-se aquilo que, no fundo, é familiar. O terror é o conhecido que fingimos desconhecido, é nosso estranho íntimo. Se fosse totalmente estranho, não captaria nossa atenção. É preciso ser um estranho que ecoa no que estranhamos em nós. Ou um estranho que reconhecemos em nós, mesmo sem jamais admitirmos conscientemente. Para isso serviram desde sempre os contos de fadas, ao nos dar a possibilidade de lidar com nossos fantasmas e medos através dos personagens, nossos outros arquetípicos. Nesse sentido, a rainha má é um conto de fadas para mulheres adultas. (BRUM, 2013, p. 344)

Para a repórter, é mais fácil nos escandalizarmos com uma personagem louca, obcecada pela beleza, que persegue as mais jovens, do que nos alarmarmos com o número cada vez maior de mulheres, sem nenhum problema de saúde, que se arriscam a morrer, para se submeterem às

cirurgias estéticas a fim de apagar as rugas, que não conseguem esconder. Brum faz outra crítica, ao dizer que, apesar de belas com a pele cortada, manipulada e esticada, essas mulheres, se tornam objetos para serem vistos, mas não tocados pelos outros, já que o toque poderá deixar marcas. “E, como para a rainha má, para muitas mulheres é melhor não se arriscar a ser alcançada por um outro que verá além do que é dado para ver, verá também as marcas que não podem ser apagadas” (BRUM, 2013, p. 345). A repórter se refere às marcas internas, às cicatrizes interiores que não se fecham e seguem expostas. São as marcas do tempo, das experiências vividas, que feitiço nenhum é capaz de apagar. Marcas que, por não serem superadas, impactam o equilíbrio da vida. Assim, nenhuma beleza do mundo garante a felicidade, e a rainha povoada por “memórias que sangram sem a chance de virar cicatrizes, ela naufraga em desgosto, a tal ponto que se torna difícil compreender por que, afinal, ela quer tanto ser jovem e ser bela, se continua tão desgraçadamente infeliz com sua existência” (BRUM, 2013, p. 345).

Brum defende que tanto o corpo quanto o rosto da rainha, seu arauto de beleza, no final, não são para ninguém, nem para a própria rainha, que insiste em se iludir. A materialidade disso é o espelho, que para a repórter, é o ponto alto desta versão do filme. O objeto que quando invocado se despreza da parede, se “materializa em uma entidade masculina”, que ao invés de refletir sua imagem exterior, dá voz a sua imagem interior.

Vocaliza seus medos mais profundos e, de certo modo, a autoriza a praticar seus crimes, mas é apenas um eco. É um diálogo consigo mesma – e não com um outro o que acontece nesse momento. A rainha má, desesperada por beleza e juventude, movida por um desejo que ela diz ser do mundo masculino e não dela, não é refletida nem mesmo pelo espelho. Sem o olhar de um outro que nos reconheça, não há como se saber. É assim que ela se perde, porque não há quem a encontre. É no medo de se perder no outro que a rainha se perde de fato. Ao tentar matar Branca de Neve, na cena clássica da maçã envenenada, a mãe-madrasta vai desferindo conselhos à filha-enteada. “Você sempre se perde quando se deixa levar pelo amor”. E então, totalmente perdida, grita como uma louca que não se escuta: “Você tem sorte de morrer antes de envelhecer”. (BRUM, 2013, p. 345- 346)

Ao contar a história da madrasta, Brum nos mostra a representação de uma mulher que se destrói pouco a pouco, ao perseguir o ideal de beleza eterna. Apesar de forte, poderosa e corajosa, Ravenna, que justifica sua obsessão por ter sido abusada e abandonado por um homem no passado, perde-se e se apega a uma promessa de eliminar todas as marcas da idade para cumprir seu objetivo de ser sempre bela. A rejeição às marcas e a busca desenfreada e sem



limites pela beleza, só aumentam a amargura e a infelicidade que cresce dentro da personagem. Ravenna não vê o outro e nem a si mesma.

Brum faz uma analogia com mulheres de hoje, que simbolizam bem o ideal perseguido pela rainha. São mulheres, cada vez mais jovens, que se submetem a inúmeros procedimentos cirúrgicos, sem necessidade, para fazerem parte do padrão estético. Assim como a rainha, são escravizadas pela beleza, que apesar do repúdio às marcas das experiências, sabem que não podem parar o tempo, mas seguem sendo mutiladas e cortadas em busca de um corpo e um rosto perfeito, que são efêmeros. Essas mulheres só reforçam os estereótipos construídos pela sociedade. Nesta situação, a mulher é vista apenas como um objeto, muitas vezes sem conteúdo. O que se vê é apenas uma casca, uma máscara, que ao menor sinal do tempo, é retocada por mais uma cirurgia. Brum faz uma crítica a esses abusos e alerta para a banalização e a busca desenfreada pelos tratamentos estéticos.

### 4.3.3 Reação ao corpo

Identificamos nesta categoria duas crônicas, o que equivale a 12% do total de textos analisados. Um dos textos reflete sobre como casos envolvendo a nudez de parte do corpo pode resultar em interpretações controversas e perigosas. E como ao aceitarmos os termos de uso para usufruir dos serviços disponibilizados por grandes empresas de comunicação concordamos com suas políticas, e por isso, ao postar um conteúdo que fira seus valores, somos obrigados, sem a oportunidade de nos defendermos, a retirar do ar sob pena de banimento da rede. Um dos casos envolve a cena de uma mãe amamentando um filho. Já a outra crônica, parte da reação de uma mulher ao olhar um quadro que retrata uma vagina e o espanto que o órgão ainda provoca. Feita essa breve apresentação, segue abaixo o quadro com algumas informações que serão aprofundadas ao longo da análise.

Quadro 3 – Subcategoria Reação ao Corpo

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>Bebês censurados</b>	16/05/2011	Kalu Brum, jornalista
<b>Por que a imagem da vagina provoca horror?</b>	18/06/2012	Quadro “A origem do mundo” de Gustave Coubet, 1866. Emília

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Na crônica “Bebês censurados”, publicada no dia 15 de maio de 2011, Brum narra dois episódios que foram, erroneamente, como ela argumenta, classificados e entendidos a partir de uma determinada imagem que trazia traços de nudez como atos de pedofilia por duas grandes empresas de mídia. Brum conta que o primeiro caso ocorreu a partir da ida de um pai a sua cidade, onde viveu grande parte de sua vida, para apresentar a filha aos entes queridos. Para celebrar o aniversário do pai, que aconteceria em alguns dias, os amigos tiveram a ideia de presenteá-lo com um álbum de imagens do bebê, desde o seu nascimento. Assim, uma amiga, fotógrafa amadora do grupo, ficou responsável por registrar todos os momentos. Realizada a edição das fotos, as mesmas foram reunidas em um álbum fechado do Hotmail para os amigos que estavam na festa. Algum tempo depois, a fotógrafa recebeu um e-mail advertindo-a e pedindo que ela retirasse o conteúdo do ar. O texto enviado pela Microsoft dizia que na conta foram encontradas imagens envolvendo nudez de crianças e que, por isso, se não fossem retiradas em 48 horas, seriam obrigados a cancelar esta e outras contas. A ação, segundo a empresa, “busca reduzir os riscos na comunidade online. A Microsoft leva a sério a segurança das crianças. As violações incluem nudez, nudez parcial, pornografia, assédio, comportamento ilegal ou ofensivo”, dizia o e-mail (BRUM, 2013, p. 205).

A repórter conta que a fotógrafa, que estava sendo acusada de um crime, não entendeu a mensagem e ao vasculhar as imagens achou pelos menos duas fotos dos pais com o bebê durante o banho, como se espera, com o bebê sem roupa. Tal fato se revela como um absurdo para a repórter, que questiona que ninguém com uma mente tão perversa poderia pensar que “aquele momento inocente pudesse ser remotamente confundido com algum tipo de pornografia ou ato pedófilo que exigisse providenciar o impossível: um banho de roupa no bebê” (BRUM, 2013, p. 205). Chocada, a repórter conta que a profissional resolveu apagar as fotos.

Brum critica o exagero da empresa frente ao caso. A mulher, suspeita do suposto crime, é uma jornalista, referência na área de proteção da infância e da adolescência, que se dedicou e se especializou nos últimos 20 anos. Devido ao currículo, a mesma é considerada uma autoridade no assunto e, por isso, é convidada a dar palestras e oficinas sobre o tema no Brasil e no exterior. “De fato, não haveria ninguém mais improvável do que ela de cometer algum ato de pedofilia contra um bebê ou disseminar pornografia infantil na internet”, destaca a repórter diante da situação vivida pela amiga (2013, p. 206). Brum nos mostra um abismo enorme entre o real conteúdo das fotos e a interpretação “surreal” da empresa ao entender que a cena dos pais dando banho no bebê, sem roupa, soasse com uma cena de nudez que pudesse ser atrelada a um ato de pedofilia e, por essa razão, violaria as políticas da empresa. A repórter não dá detalhes sobre a reação dos pais, foca apenas na amiga, autora das fotos. A profissional é apresentada

como uma mulher defensora das causas envolvendo crianças e adolescentes e que tem sua dignidade ameaçada a partir de uma interpretação equivocada da conta do Hotmail.

Outro episódio, envolvendo a violação e o julgamento questionável das indústrias de comunicação diante dos conteúdos veiculados na rede, ganharia outra suspeita, a jornalista Kalu Brum, na mesma semana em que ocorria o primeiro caso. Ela tinha sido censurada pela rede social Facebook após postar uma foto amamentando o filho. No dia 10 de maio (2011), Kalu recebeu uma mensagem da rede informando que a mesma, ao postar a imagem, havia violado os Termos de Uso e, assim, teria o conteúdo removido. O texto informava ainda que “essas políticas são desenvolvidas para garantir que o Facebook continue a ser um ambiente seguro e confiável para todos os usuários, incluindo as crianças que usam o site” (BRUM, 2013, p. 206). O caso foi divulgado e debatido no blog “Mamíferas”<sup>56</sup>. Mas não parou por aí. Segundo Brum, diante do comportamento da empresa, Kalu resolveu fazer um protesto e lançou o “Mamaço no Facebook”, uma ação que tinha por objetivo incentivar as mulheres, até o 20 de maio daquele ano, a trocarem as fotos de seus perfis na rede por imagens em que as mesmas estivessem amamentando, e os homens a fazerem o mesmo, colocando fotos das mães de seus filhos nesse mesmo ato saudável. Pode-se inferir que Kalu representa uma mulher forte, uma mãe consciente de seu papel, com voz ativa na missão de mobilizar outras mulheres para que se juntem e defendam o ato de amamentar.

Logo, Kalu mostra-se como uma mulher detentora do próprio corpo, cuja exposição, ao amamentar o filho, nada tem a ver com pedofilia, e sim com um momento saudável e importante no desenvolvimento do filho. Ao incentivar outras mulheres, Kalu mostra um posicionamento político ao lutar pelos direitos de todas as mulheres e alertar para que fique claro que não existe nada demais no ato de amamentar.

Como disse Kalu Brum para esta coluna: “Tive de concordar que li e aceitei os termos de uso do Facebook de que a foto feria as regras. Fiquei indignada e por isso pensei em sair da rede. Vejo tantas fotos com pessoas de decote, shorts minúsculos, por que uma foto de amamentação, em que o mamilo nem aparecia, estava sendo retirada? Imediatamente pensei que poderia usar a própria rede social para mobilizar mulheres a trocarem suas fotos do perfil”. (BRUM, 2013, p. 208)

Para a repórter, os dois casos relatados devem soar uma sirene na cabeça e as pessoas precisam escutá-la.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://blogmamiferas.com.br/>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

E eu acho que precisamos escutá-la antes que o mundo fique estranho demais. Tanto a Microsoft quanto o Facebook estão agindo “em nome do bem”. E, assim como outras corporações poderosas da rede, têm sido pressionados a responder pelos conteúdos veiculados em seu ambiente virtual pela Justiça de diferentes países. Obviamente as mensagens que Kalu e minha amiga – e muitos outros – receberam são automáticas, geradas sempre que o programa detecta algum tipo de ameaça. Uma proporção maior de pele nua, talvez. Só o Facebook e a Microsoft podem nos explicar os mecanismos utilizados em seu sistema para detectar supostas violações. O fato é que o programa não tem como avaliar subjetividades. E então imagens de uma mãe amamentando ou um bebê tomando banho sob o olhar embevecido de seus pais são imediatamente censuradas em termos ameaçadores. No mundo virtual, o rotineiro banho do bebê cujas fotos circulam entre amigos e parentes passa a ter o mesmo potencial criminoso do rotineiro banho do bebê que circula entre as redes de pedofilia. Porque, a rigor, a nudez do bebê é a mesma. O que muda é o olhar do espectador. E o uso das imagens. [...]A saída deveria ser voltarmos a uma espécie de era vitoriana e obrigarmos nossos filhos a tomar banho de mar vestidos porque existem pessoas doentes e outras criminosas no mundo em que vivemos? Ou amamentarmos trancadas em quartos, com vergonha de nossa natureza? Ou dar banho no bebê de portas fechadas, escondidos de todos como se fosse algo feio ou proibido? Acredito que lutamos muito para lidar melhor com nossos corpos e nossas vidas para tal retrocesso. (BRUM, 2013, p. 206)

Segundo Brum, no ambiente da internet, em que tudo virou a mesma coisa, soa muito perigoso confundi-las, e por isso, é preciso ter cuidado e avaliar melhor as situações. Porque, “se começarmos a tratar da mesma maneira uma mulher amamentando seu bebê e um ato de pedofilia, logo não saberemos mais a diferença. E, se não soubermos mais a diferença, não haverá mesmo como prevenir e punir o crime” (2013, p. 207).

A jornalista faz outro alerta ao dizer que na internet, diferente da vida física, em que somos submetidos a legislações e estamos sobre a fiscalização da polícia, na rede, “há uma espécie de polícia virtual, transnacional e privada atuando em nossas vidas como bem entende. Porque, para esta “polícia”, não somos cidadãos – mas clientes (ou “customers”)” (2013, p. 208). E ela continua: “Me parece que não temos percebido que vivemos sob suas leis. E uma delas nos diz que o banho de nossos bebês ou o momento da amamentação é pedofilia” (BRUM, 2013, p. 208). Assim, ao aceitarmos fazer parte da rede, assumimos o veredito de aceitar suas regras, e nos casos narrados, retirar da rede, quando não o eliminam diretamente, retirar o conteúdo não permitido, sob a pena de sermos excluídos. Foi o que fizeram as duas mulheres envolvidas nos casos.

Assim como Kalu, minha amiga também retirou o álbum de fotos, chocada, e seguiu sob o império da Microsoft. E, possivelmente, se me acontecesse algo semelhante, eu faria o mesmo. Porque preciso usar as redes e não tenho escolha. De fato, sem nenhum direito de defesa ou julgamento, se não

acatarmos que o banho do bebê ou a amamentação é pedofilia – porque é isso que aceitamos como verdade quando retiramos as imagens da rede ou continuamos lá depois que são retiradas –, somos banidos do mundo. Como párias. E é assim que chegamos a desfechos do reino do absurdo: uma das jornalistas mais atuantes na área da proteção dos direitos da infância e da adolescência é obrigada a eliminar um álbum virtual de acesso restrito porque há nele a foto de pais dando banho em seu bebê; uma mãe amorosa tem a foto em que amamenta seu filho retirada da rede social da qual participa. Tudo em nome do bem. E, claro, como muito do que nos tem sido impingido nos últimos anos, com a melhor das intenções. (BRUM, 2013, p. 209)

A partir disso, Brum traça o perfil de duas mulheres acusadas de publicarem conteúdos de pedofilia na rede. Ambas têm seus direitos violados e quando aceitaram os termos de uso colocados pelas mídias da comunicação foram obrigadas a reconhecer que o conteúdo postado feria as políticas da empresa. Kalu e a fotógrafa são mulheres instruídas que tiveram suas ações penalizadas, sem a menor defesa, sob a justificativa das empresas de estarem lutando pelo “bem” de seus usuários. Brum critica a ação adotada em vários momentos e defende que é preciso acordar para os abusos e o consentimento que assumimos quando nos vinculamos aos serviços disponibilizados pela rede.

No texto “Por que a imagem da vagina provoca tanto horror”, publicado no dia 18 de junho de 2012, Brum começa o texto explicando como se encantou pelo quadro “A origem do mundo” (*L’Origine du Monde*, 1866), do francês Gustave Courbet. A pintura, de caráter polêmico desde a sua concepção, retrata a imagem de uma vagina. “Cheguei a ela desavisada e fui tomada por uma sensação profunda de beleza. Forte o suficiente para sonhar, deste então, com a compra de uma reprodução” (BRUM, 2013, p. 347). O quadro foi dado de presente a ela pelo marido e colocado em seu escritório. Ao se deparar com a imagem durante um dia de trabalho, Emília, responsável por limpar a casa da jornalista uma vez por semana, deu um grito anunciando que aquela obra representava o fim do mundo, revela a repórter na crônica. Emília descontrolada não parava de anunciar o seu horror diante da imagem. Enquanto olhava para a pintura seu rosto era tomado “por um vermelho sanguíneo” (2013, p. 347).

– É o fim do mundo! – gritava ela, descontrolada. – Nunca pensei ver algo assim na minha vida! Eliane, que coisa horrível! Meio atordoada, eu repetia: “Não é o fim do mundo, é o começo!”. E depois, sem saber mais o que fazer para acalmá-la, me saí com essa estupidez: “É arte!”. Como se, por ser “arte”, ela tivesse de ter uma reação mais controlada, quando é exatamente o oposto que se espera. Beirando o desespero diante do desespero dela que eu não conseguia aplacar, apelei: “Mas, Emília, metade da humanidade tem vagina – e a humanidade inteira saiu de uma vagina! Por que você acha feio?”. O fato é que, para Emília, era o fim do mundo – e não o começo. Tentei fazer piada, mas percebi que a perturbação não viraria graça. A questão para ela era séria

– e ela só não pedia demissão porque trabalha há 12 anos comigo e temos um vínculo forte. Naquele dia, Emília despediu-se incomodada e passei a temer que talvez ela não suporte olhar para o quadro a cada quinta-feira. (BRUM, 2013, p. 347)

Brum descreve Emília como uma mulher adulta que lhe conta “histórias escabrosas da vida real” (2013, p. 348). Diante de sua reação ao órgão sexual reproduzido na tela, a repórter não conseguia entender por que a imagem provocava tanto horror em Emília, e em si, encanto. Para tentar entender, fez algo que não costuma fazer, foi em busca da história do quadro e descobriu que desde que foi pintado causa escândalo. Outra curiosidade da obra descoberta pela repórter é que a mesma era ocultada atrás de uma outra pintura ou coberta por um véu, que era revelado a poucas pessoas que ganhavam o direito de ter acesso ao quadro.

Como uma porta de correr, esse “véu” retratava uma vagina tão abstrata que só um olhar atento a adivinhava. Apenas visitantes especiais ganhavam o direito de desvelar e acessar a vagina “real”. Segundo Elisabeth Roudinesco, a biógrafa mais notória de Lacan, o psicanalista gostava de surpreender os amigos deslocando o painel. Anunciava então “A origem do mundo”, com a seguinte declaração: “O falo está dentro do quadro”. Boa parte dos intelectuais apresentados à tela ficava, como Emília, bastante incomodada. (BRUM, 2013, p. 349)

Brum admite que há algo de perturbador no órgão sexual feminino e que até para nomeá-lo é um problema. As nomenclaturas vão desde uma classificação médico-científica até nomes que podem soar de forma vulgar ou pejorativa. Para ela, as palavras tornam-se ainda mais insuficientes para o nomear a pintura de Courbet. Para Lacan, o último dono da obra, “o sexo da mulher é impossível de representar, dizer e nomear” – uma das razões pelas quais teria comprado o quadro” (2013, p. 350).

Ainda tentando entender o horror de Emília e o seu não horror, Brum vai atrás de algumas interpretações e perturbações causadas pelo quadro. Em um artigo publicado em 2007, Jorge Coli, historiador, crítico de arte e autor de um livro sobre Courbet afirma que: “Parece-me a radicalização do processo de transformar a mulher em um objeto orgânico, pois ele esconde a cabeça (pensante) e os braços e pernas (elementos da ação). Vemos a ponta do seio e, sobretudo, o sexo” (BRUM, 2013, p. 350). A repórter afirma que o crítico “assinala que uma das questões do século XIX era a ameaça do desejo contida no feminino. Inerte, entregue à contemplação, a mulher não ameaçaria” (2013, p. 350). Ela ainda pontua que:

Em algumas manifestações escandalizadas, o fato de Courbet ter “reduzido” a mulher a um pedaço da anatomia foi considerado uma afronta. Uma mulher sem cabeça, sem braços, sem história. A pintura chegou a ser definida pelo escritor e fotógrafo francês Maxime Du Camp como um “lixo digno de ilustrar as obras do Marquês de Sade”. Análises mais psicanalíticas explicam o horror de quem olha pela castração. Diante do espectador, entre as coxas abertas da mulher se revelaria a ferida aberta, a falta, a impossibilidade de ser completo. As mulheres se horrorizariam pela constatação da castração, os homens pelo temor a ela. Se alguns olhares produzem pistas, outros reforçam apenas o incômodo que a obra produzia. (BRUM, 2013, p. 350)

Na percepção da repórter, alguns olhares produziam pistas, já outros reforçavam apenas o incômodo que era provocado pela obra. Houve algumas tentativas de retratar o efeito causado pelo quadro, substituindo a imagem por prostitutas, colocadas na mesma posição, mas resultou em algo diverso da pintura original. Assim como a transposição do quadro para a fotografia. Até que uma artista francesa, Orlan, em 1987, utilizando a obra original de Courbet reproduziu a pintura, trocando a vagina por um pênis. A obra foi nomeada como *A origem da guerra*. O fato marcante gerou polêmica.

Olhar para essa imagem causa um estranhamento, especialmente porque a posição, deitada de costas, é muito mais íntima da mulher do que do homem. O pênis, no caso, se oferece ereto ao olhar, mas a partir de um corpo na horizontal, entregue. É instigante, desde que a provocação não seja reduzida a um feminismo indigente, banalizado pela crença pueril do “a mulher gera a vida, o homem a morte”. A intenção de Orlan, segundo Roudinesco, era bem mais refinada. Ela “pretendia desmascarar o que a pintura dissimulava, realizando uma fusão da ‘coisa’ irrepresentável com seu fetiche negado”. Reivindicava então a “imprecisão do gênero e da identidade” que marca o nosso tempo, anunciando, por sua vez: “Sou um homem e uma mulher”. (BRUM, 2013, p. 350- 351)

Segundo a repórter, a pintura de Courbet revelou aquilo que está “sempre coberto, oculto, escondido.” Ela cita o carnaval em que o corpo da mulher é superexposto, todas as partes, exceto a vagina. Para ela “há algo de incapturável e único na forma como Courbet mostrou o “imostrável”, já que a transposição da imagem para a fotografia não causa o mesmo efeito. E o que é? Não sei” (2013, p. 351). Brum chama atenção para outro ponto importante do quadro, em que a vagina representada é peluda, diferente do que se vê hoje.

A depilação quase total do sexo feminino tornou-se um popular produto de exportação do Brasil. Tanto que virou um dos significados da palavra *Brazilian* no renomado Dicionário Oxford: “Estilo de depilação no qual quase todos os pelos pubianos da mulher são retirados, permanecendo apenas uma pequena faixa central”. Pelo visto, a partir dos trópicos supostamente liberados e sexualizados, a vagina depilada virou um clássico contemporâneo. Este é um

ponto interessante. Ao primeiro olhar, a extração dos pelos serviria para revelar mais a vagina, mas me parece que este é mais um daqueles casos, bem pródigos na nossa época, em que se mostra para ocultar – a superexposição que ofusca e cega. A vagina sem pelos é uma vagina flagelada – e arrancar os pelos com cera é mesmo um flagelo. É também uma vagina infantilizada pela força. E é ainda uma vagina esterilizada, já que vale a pena lembrar que no passado recente essa depilação agressiva só acontecia nos hospitais para, supostamente, facilitar o parto. “Se não depilo totalmente, me sinto suja”, disse-me uma amiga. Suja? (BRUM, 2013, p. 351)

Ainda sobre a exposição do órgão, Brum relembra o caso da atriz Vera Fischer, que causou alvoroço, em janeiro de 2000, durante um ensaio fotográfico para a revista *Playboy*, onde revelou ao mundo sua vagina peluda.

Falou-se na “Mata Atlântica”, na “Amazônia”, na “selva” onde sempre é perigoso penetrar. Havia algo de poderoso e incontrolável na vagina em estado “natural” de Vera Fischer, e a polêmica se fez. Era uma mulher não domesticada ali. Uma mulher adulta. Não me parece – e nunca saberemos se tenho razão – que, se Courbet tivesse pintado uma vagina careca, ela teria causado tanto o horror de Emília quanto o êxtase em mim. A vagina pintada por Courbet é uma vagina que revela. Mas o quê? Não sei. A maravilha da arte é que ela nos transtorna sem a menor intenção de nos dar respostas – muito menos caminhos a seguir. A arte é sempre labiríntica. Não há sentimentos “certos” ou “errados” diante da expressão artística, há sentimentos apenas. Movimentos. Que nos levam por aí, aqui. (BRUM, 2013, p. 352)

A partir da reação descontrolada de Emília diante do quadro *A origem do mundo*, Brum tenta entender por que a imagem da vagina desperta tanto horror. Emília condena a exposição do órgão, demonstrando repulsa pela imagem. Durante seu percurso, fica claro que a reprodução do órgão sexual feminino continua causando estranhamento e gerando polêmica, até nomeá-la se torna um problema, faltam palavras para achar um termo mais condizente. O que podemos perceber é uma repulsa dos espectadores frente à sua exposição. A vagina mais famosa da História da Arte, conforme pontua Brum, que no passado permanecia oculta dentro de outra pintura ou coberta por uma cortina, repousa desde os anos 90, no museu D’Orsay, em Paris, sem vendas. Foi só no museu que a obra encontrou o direito de não ser mais encoberta e sim revelada ao público, na sua forma mais natural. “Decidi não cobrir minha reprodução de *A origem do mundo* com uma burca. Vamos ver o que acontece” (BRUM, 2013, p. 352).

Isto posto, o texto faz uma reflexão partindo do comportamento de Emília, sobre a condenação que se faz à exposição do órgão feminino. No passado, Courbet foi condenado por alguns estudiosos por reduzir o corpo da mulher apenas a uma parte da anatomia, sem considerar o todo. Ao longo do tempo, até o aspecto físico do órgão passou por mudança, as mulheres que antes conservam seus pelos, passaram a raspá-los. A própria exposição dos corpos



durante o Carnaval revela que tudo pode ser exposto, exceto a vagina, órgão sempre escondido do olhar alheio.

#### 4.3.4 Empoderamento

Nesta categoria contabilizamos três crônicas, isto é 19% da produção, que reúnem textos cujo foco pode ser observado a partir do aspecto do Empoderamento. Tratam-se de mulheres que muitas vezes limitadas pelos estereótipos ou pelos padrões impostos pela sociedade rompem com os modelos pré-estabelecidos, empreendendo uma narrativa de superação e protagonismo, recusando assim o lugar de vítima. Abaixo o quadro mostra as histórias listadas a serem analisadas.

Quadro 4 – Subcategoria Empoderamento

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>“Porca gorda”</b>	22/03/2010	Helena, interpretada por Fabiana Carla
<b>A vítima indigesta</b>	21/02/2011	Natascha Kampusch
<b>Parto com prazer</b>	02/05/2011	Luciana Benatti, jornalista

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Na crônica “Porca gorda”, publicada no dia 22 de março de 2010, Brum parte de uma peça de teatro que estava em cartaz, no Teatro Procópio Teixeira, em São Paulo, originalmente intitulada *Fat pig*, para nos apresentar Helena, interpretada pela atriz da Rede Globo, Fabiana Carla. Helena é uma mulher gorda, “não gordinha. Gorda mesmo” (2013, p. 81). De acordo com a sinopse, a repórter informa que a personagem está com 30 quilos acima do peso. Brum reforça o adjetivo “gorda” para que o leitor possa imaginar de maneira mais fiel como é a personagem. Além disso, usa outros adjetivos atribuindo qualidades ao perfil de Helena, como inteligente, divertida, sensual, bonita e bem-humorada.

Segundo Brum, o enredo da peça revela que Tony - interpretado por Michel Bercovith - conhece Helena em um restaurante. Tony gosta da personagem e ela dele. Ambos se apaixonam. Brum traz uma descrição do rapaz, como um homem jovem, magro, bem sucedido, cuja ex-namorada representa uma mulher “gostosa”, ou seja, uma mulher com corpo escultural.

Partindo dos sentimentos de Tony, Brum faz uma provocação: “Mas, como um cara jovem, bem sucedido, MAGRO e disputado pelas mulheres MAGRAS pode escolher uma gorda, amar uma gorda, ser feliz com uma gorda? ( 2013, p. 81). De maneira estratégica, Brum coloca em caixa alta o adjetivo “magro” para chamar a atenção e, talvez, mostrar o contraste entre os atributos físicos dos personagens.

Diante da versão de amor considerada impossível na época atual, conforme afirma a repórter, uma dupla simboliza a “reação social”, protagonizada pelo amigo e colega de trabalho de Tony, Caco - interpretado por Mouhamed Harfouch - e por sua “ex gostosa, cujo maior temor da vida é engordar” Joana - interpretada por Flávia Rubim. “São eles que representam, no enredo e no palco, pessoas como nós – sempre menos magras do que gostariam, magras o suficiente para não serem chamadas de gordas na rua” (BRUM, 2013, p.81). Caco faz piadas ao descobrir que o amigo está namorando uma “porca gorda”, a quem atribui várias características pejorativas. Atitude compartilhada por Joana, que reforça ainda mais os preconceitos repetidos pelo senso comum a pessoas gordas, sobretudo às mulheres.

De acordo com Brum, o texto de autoria do americano Neil Labute é inteligente, rápido e fatal. A obra revela outras características atribuídas a pessoas consideradas gordas, como o fato de fazerem piada do próprio peso como forma de se defenderem. “A velha regra: adiante-se, ria de si mesmo, antes que os outros o façam com a crueldade habitual. Se perder o timing, não acuse o golpe – ou nunca mais o deixarão em paz” (BRUM, 2013, p. 82).

Apesar de todo preconceito, Helena rompe com todas as ideias apresentadas pelo senso comum e nos mostra que é preciso olhar além do aspecto físico ou comportamento bem-humorado de uma pessoa para transpor as barreiras e enxergar para além dos rótulos. E quando fazemos isso, nos surpreendemos com o que encontramos.

Sobre o estado psíquico dos gordos, a percepção é confusa. Por um lado, persiste a ideia de que todo gordo é engraçado. É um pândego. Como bobo da corte ou comediante, ele pode ser aceito. Nós mesmos, só conhecíamos Fabiana Karla como atriz do Zorra Total. Ninguém imaginou que, ainda que fazendo o papel de “gorda”, ela pudesse ter outros recursos que não a graça. Que os gordos mostrem nuances que não virem piada nos surpreende. Que eles possam nos fazer pensar sobre outras dimensões da vida é inesperado. Que tenham questões existenciais que não girem em torno de uma balança é estarrecedor. (BRUM, 2013, p. 83)

Assim, nos reconhecemos no preconceito contra a Helena, defende a jornalista. Ao longo do texto, Brum ressalta questionamentos que a peça nos provoca como: “Qual é nosso problema com os gordos?” Ou a pergunta que mais a intriga: “Por que muitos acham as gordas

(e os gordos) repugnantes?”. Outra questão levantada é: “Por que o privilégio de não ser ridicularizado não foi estendido aos gordos?” Ou ainda, “desde quando magreza se tornou sinônimo de felicidade?” (2013, p. 83).

Outra questão defendida pela sociedade atual, segundo Brum, é que a gordura passou a ser sinônimo de doença. “Os gordos parecem ser os leprosos de nosso tempo. E esta seria minha primeira hipótese para a repugnância que as pessoas gordas parecem evocar” (2013, p. 84). Mas a repórter faz um alerta:

Acredito que vale a pena ter um pouco de cautela, enfiar alguns pontos de interrogação na cabeça, antes de sairmos rotulando todos os gordos como doentes. E, pior, com uma doença que dependeria só de boa vontade individual para ser curada. (BRUM, 2013, p. 84)

A jornalista faz uma analogia com a época em que as bruxas eram perseguidas e queimadas na fogueira com o tempo atual, ao dizer que acredita ser relevante compreender “por que insistimos em jogar os gordos na fogueira contemporânea. [...] Só sei o óbvio: tanto medo, capaz de causar repugnância, revela mais sobre os magros do que sobre os gordos” (2013, p. 85).

Dessa maneira, o enredo traz à tona o preconceito contra mulheres gordas exemplificado, a partir da reação social diante do amor de uma mulher gorda por um homem magro e sarado. Brum chama atenção para o uso da piada como reflexão a respeito do preconceito e o padrão de beleza vigente. Para o senso comum, conforme a repórter expõe ao longo do texto, os gordos são feios, preguiçosos, nojentos e têm falha de caráter. “E, como tudo, para as mulheres acima do peso é ainda pior. Neste mundo em que se compram peitos, bocas e bundas no crediário, soa imperdoável não arrancar a gordura à faca” (BRUM, 2013, p. 83).

Helena, como a representação de uma mulher gorda, é um exemplo de superação dos preconceitos e da aceitação do próprio corpo.

A “gorda” da peça teatral não quer ser magra. Depois de um percurso sofrido na adolescência, ela gosta do que é. E nós, na plateia, também gostamos. Em determinado momento, percebemos que, se ela reduzir o estômago e fizer uma super dieta, algo essencial dela se perderá. Não é apenas uma questão de arrancar gordura do corpo. O que está em jogo é bem mais do que isso. *Gorda* nos dá a oportunidade de enxergar mais que um acúmulo de células adiposas em outro ser humano. Ao olhar para Helena, a personagem da Fabiana Karla, nos deparamos também com o tamanho *extra-large* de nosso preconceito. Mesmo quando embalado em nossas melhores intenções. (BRUM, 2013, p. 86)

O posicionamento da personagem mostra uma forma de empoderamento feminino, ao recusar os rótulos e estereótipos, rejeitando o papel de vítima e assumindo seu protagonismo na construção de sua história. Não é o peso que define Helena, mas a forma como ela se posiciona e escolhe quem quer ser.

Na crônica “A vítima indigesta”, publicada no dia 21 de fevereiro de 2011, Brum conta a história de Natascha Kampusch que não aceita o papel de vítima que a sociedade espera dela. A jovem se mostra como uma mulher forte e determinada. E mais do que isso, prova que é um exemplo de afirmação de uma identidade. Uma negação de rótulos impostos pela sociedade e exemplo de empoderamento feminino.

Brum conta que Natascha é uma austríaca que, aos 10 anos de idade, ao conquistar o direito de ir para a escola sozinha pela primeira vez, trajeto que duraria cinco minutos, foi sequestrada. Naquela ocasião, “sem se despedir da mãe depois de uma briga”, ela “caminhava até a escola quando foi agarrada e empurrada para dentro de uma caminhonete branca por Wolfgang Priklopil” - engenheiro de telecomunicações, ex-funcionário da Siemens. Brum descreve o sequestrador como “um jovem, educado, tímido e com enormes problemas com o mundo de fora. E, claro, com o de dentro” (BRUM, 2013, p. 185).

Em 23 de agosto de 2006, Natascha conseguiu fugir do cativo nos arredores de Viena, quando aspirava os bancos do carro do sequestrador no jardim bem protegido. Ao perceber que o mesmo se distanciava do local, devido ao barulho, para atender o telefone, ela tomou coragem, vencendo a prisão psicológica para escapar. Foram 3.096 dias de um sequestro iniciado oito anos antes, em 2 de março de 1998. Segundo Brum, durante todo este tempo, a menina trabalhava ora no porão ora na parte superior da casa onde ajudava nas reformas do imóvel. A repórter descreve Natascha como uma garota loira de olhos azuis que permanecia a maior parte do tempo “seminua e com os cabelos raspados para não deixar vestígios”. Durante todo o tempo que passou no cativo, a jovem era torturada, sua pele era coberta por hematomas e lesões. Além disso, era privada de comida durante dias. Brum revela que “aos 16 anos, Natascha media 1m75 e pesava 38 quilos” (2013, p. 185). As torturas se intensificaram, quando o sequestrador percebeu que, mesmo retirando os espelhos da casa para que ela não se visse, proibindo a jovem de usar o seu nome e batizando-a com outro, não conseguia dobrá-la, para seu desespero. A história foi contada por Natascha no livro: *3096 dias – A impressionante história da garota que ficou em cativo durante oito anos, em um dos sequestros mais longos de que se tem notícia*.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Verus Editora (2011).

O caso foi amplamente divulgado e disputado pela mídia, que inventava detalhes cada vez mais sórdidos, transformando a história em espetáculo, conforme destaca a repórter. Mas, como pontua Brum, ninguém esperava que Natascha assumisse outro papel, senão aquele programado pela mídia que reserva à jovem o lugar de “vítima eterna”. Porém, seu comportamento inesperado logo desagradou aqueles que queriam manter o espetáculo midiático. Entre eles, o fato de ela não simplificar sua história a uma fábula moderna, em que o sequestrador seria o monstro, como nas histórias de conto de fadas, às quais Brum faz algumas referências.

Uma estratégia utilizada pela repórter ao longo do texto é o uso de aspas para indicar alguns trechos retirados do livro de Natascha, o que poderia ser interpretado como um espaço em que a jovem pudesse assumir sua própria voz na crônica. Como no trecho abaixo, em que ela reproduz algumas frases da jovem intercalando com suas observações.

Sim, ela dizia, eu fui uma vítima, mas isso não é tudo o que eu sou. Sim, Wolfgang Priklopil é um sequestrador e um criminoso, mas não é um monstro. “A simpatia oferecida à vítima é enganadora”, escreveria ela mais tarde. “As pessoas amam a vítima apenas quando se sentem superiores a ela”. Natascha lutou para que não fizessem dela um produto de consumo em um show freak. Obviamente, perdeu logo a simpatia do público, que em muitos casos se transformou em ódio e ameaças pela internet. Chegou a ser acusada de cumplicidade e de ganhar dinheiro com a tragédia. Como assim, aquela menina loira e de olhos azuis, que deveria agradecer comovida a todas as manifestações de bondade vindas de todos os cantos de seu país e do mundo, ousava destruir a fábula moderna da cobertura midiática? (BRUM, 2013, p. 186)

De acordo com a jornalista, em seu livro, Natascha “apropria-se de sua história e acerta suas contas – especialmente consigo mesma”, ao longo das 225 páginas, ela conta “a versão do que só ela viveu para contar”, eliminando qualquer possibilidade de transformarem sua vida “num conto de fadas que, derrotada a fera, já teria o final feliz assegurado. Natascha Kampusch escolheu a vida, com todas as suas contradições, e não um pastiche dela – isto, quem desejava era o sequestrador” (BRUM, 2013, p. 187).

Assim, Natascha assume a própria narrativa e repudia a todos, em especial à mídia, que tenta reduzi-la ao simples papel de vítima. Quanto mais tentam distorcer a história, mais ela revela aquilo que ninguém gostaria que ela tornasse público, como por exemplo, as falhas das autoridades na investigação. Ao contar sua versão dos fatos, a jovem escancara os erros e as omissões cometidas pelos investigadores do caso, algo que só veio à tona com suas revelações.

Tal comportamento foi repudiado pela mídia e pelas autoridades que logo começaram a tratar Natascha de maneira diferente, conforme destaca Brum.

Mais tarde, os próprios policiais tratariam Natascha com desprezo por ela não ter permitido que seguissem se comportando como seus salvadores. Pelo contrário. Ficaria provado, num escândalo posterior, que seu caso foi uma combinação de desleixo com incompetência. Que havia uma pista sólida sobre o sequestrador e a localização do cativo e que esta pista nunca foi investigada. Os documentos que atestavam o descaso desapareceram e só mais tarde a fraude foi desmascarada. (BRUM, 2013, p. 189)

Como estratégia narrativa, Brum chama atenção para o comportamento da jovem ao adjectivá-la no título da crônica como “a vítima indigesta”, já que ela não aceita cumprir o papel dado a ela, escolhendo ir na contramão daquilo que todos esperavam. A repórter admira o comportamento da jovem e afirma que sua história deveria ser leitura obrigatória para todos, principalmente entre os profissionais da área da saúde, segurança pública e comunicação. “O testemunho de Natascha pode nos ajudar a cometer menos atrocidades na cobertura das tragédias que se sucedem no noticiário” (2013, p. 192). Nas palavras de Brum, Natascha “ousou” e é por isso, que seu livro deve ser lido (2013, p. 186).

Ao longo do texto, a repórter reproduz alguns trechos da obra de Natascha para mostrar o que a jovem tem a nos dizer, principalmente sobre o “nosso papel nas tragédias que se sucedem no noticiário e na vida” (2013, p.187). Brum revela que Natascha dá início a sua narrativa rompendo com o “mito da infância feliz”, renunciando desde já os estereótipos. Ela faz uma analogia com os contos de fadas ao afirmar que a jovem “não era alegre e saltitante Chapeuzinho Vermelho engolida por um lobo malvado quando estava a caminho da casa da avó para mais um dia perfeito” (2013, p. 187). Pelo contrário, Natascha representa “uma menina que tinha dúvidas sobre o amor dos pais (como a maioria de nós, aliás), que fazia xixi na cama apesar de já ter 10 anos e sentia-se desconfortável com o próprio corpo gorducho” (2013, p.187). Na percepção de Brum, Natascha não é a Chapeuzinho Vermelho “e se Wolfgang Priklopil era um lobo, “era um bem patético” (2013, p. 191).

Ela não teve a chance de ouvir os contos de fadas muitas e muitas vezes na hora de dormir para ter certeza de que o horror não aconteceria com ela, como se passa nas noites das crianças sortudas. Natascha foi arrancada da infância para ser a escrava de um adulto perturbado e talvez tão assustado quanto ela. E o horror continuava lá quando acordava presa em um porão escuro. Aos 22 anos, Natascha precisou transformar o vivido em história contada. Para ser capaz de libertar-se e seguir adiante, porém, era fundamental ser fiel à complexidade da vida e às nuances dos personagens. Queriam dela mais um *remake* estereotipado do que costuma ser contado e recontado em tragédias

espetaculosas. Ela respondeu com uma narrativa que nos implica a todos. É por ter se negado a dar respostas fáceis ao mundo que a assistia que não a perdoam. Mas esta é a história que a Natascha adulta pode contar a si mesma tantas vezes quanto forem necessárias e acordar no dia seguinte sabendo quem é. (BRUM, 2013, p. 191)

Em vários momentos do livro, Brum conta que Natascha só conseguiu sobreviver ao cativoiro por que fez do perdão um “instrumento poderoso nessa relação delicadíssima, em que o sequestrador tinha literalmente a vida dela nas mãos. Perdoar a tornava potente – e não apenas passiva. Alterava o equilíbrio de forças entre os dois” (BRUM, 2013, p. 188). Durante o cativoiro, a jovem se recusava a chamar o sequestrador de “mestre” e de ajoelhar-se diante dele, mesmo que fosse espancada por esse comportamento. Brum reproduz um trecho da obra:

“Se eu tivesse apenas o odiado, esse ódio teria me consumido e me tirado a força de que eu precisava para sobreviver. Como naquele momento pude captar um lampejo do ser humano pequeno, desorientado e fraco por trás da máscara do sequestrador, pude me aproximar dele. Então, olhei em seus olhos e disse:

– Eu perdoou você, porque todo mundo erra às vezes.

Foi um passo que pode parecer estranho e doentio para muitas pessoas. Afinal de contas, o ‘erro’ dele custara minha liberdade. Mas era a única coisa a fazer. Eu tinha de conseguir conviver com aquele homem, caso contrário não sobreviveria”. (KAMPUSCH in BRUM, 2013, p. 188)

Outro comportamento adotado por Natascha foi a afirmação de sua identidade. A jovem fazia questão de revelar seus dados, sem disfarces para a mídia, que não a deixavam em paz, conforme demonstra Brum. Se não bastasse o horror do que tinha vivido em 8 anos e meio, a mídia seguia tentando encaixá-la na fábula entre bem e mal ou ainda carimbar sua experiência com o diagnóstico da patologia de “Síndrome de Estocolmo”, em que a vítima cria sentimentos positivos em relação ao sequestrador. Assim, a sociedade seguia criando especulações cada vez mais absurdas. E à medida que recusava essa visão simplista, Natascha se tornava cada vez mais indigesta. De acordo com Brum, na percepção de Natascha, ela caía cada vez mais em outra prisão, cujas paredes eram construídas pelo interesse público excessivo que julgava cada movimento seu. A repórter traz outro trecho da obra em que a jovem revela seu choque diante da sociedade após sua fuga, que continuava a tentar rotulá-la apenas ao lugar de vítima:

Assim, coisas simples como pegar o metrô ou ir ao shopping em paz se tornaram impossíveis para mim. Acreditei que, ao satisfazer a curiosidade da mídia, seria capaz de retomar minha própria história. Só depois descobri que uma tentativa como essa nunca teria êxito. Nesse mundo que buscava por mim, a questão não era eu. Eu me tornara conhecida por causa de um crime

terrível. O sequestrador estava morto – não havia um caso Priklopil. Eu era o caso: o caso Natascha Kampusch. [...] Depois da fuga, fiquei surpresa – não pelo fato de que eu, como vítima, fosse capaz de fazer essa diferenciação, mas de que a sociedade na qual entrara após meu cativeiro não permitisse a menor nuance. Como se eu não pudesse refletir de maneira alguma sobre a pessoa que fora a única em minha vida durante oito anos e meio. Não posso nem aludir ao fato de que preciso desse recurso para tentar superar o que aconteceu sem despertar incompreensão. Ao mesmo tempo, percebi que, em certa medida, também idealizei a sociedade. Vivemos em um mundo em que as mulheres apanham e são incapazes de abandonar o homem que bate nelas, embora, em tese, a porta esteja aberta. Uma em cada quatro mulheres é vítima de violência extrema. Uma em cada duas mulheres sofre assédio sexual durante a vida. Esses crimes estão em toda parte e podem ocorrer atrás de qualquer porta do país, em qualquer dia, e talvez só provoquem um dar de ombros ou uma indignação superficial. Nossa sociedade precisa de criminosos como Wolfgang Priklopil para dar um rosto ao mal e afastá-lo dela mesma. É preciso ver imagens desses porões para que não se vejam os muitos lares em que a violência ergue sua face burguesa e conformista. A sociedade usa as vítimas desses casos sensacionalistas, como o meu, para se despir da responsabilidade pelas muitas vítimas sem nome dos crimes praticados diariamente, vítimas que não recebem ajuda – mesmo quando pedem. (KAMPUSCH in BRUM, 2013, p. 192-193)

Na percepção de Brum, a história que Natascha resolveu contar foge de todas as simplificações. Opção que lhe custou caro. “Me pergunto de onde essa garota presa e torturada por um homem solitário e instável durante mais de oito anos conseguiu forças e lucidez para continuar brigando pela integridade do que é,” pontuaria Brum (2013, p.194). Após a fuga do cativeiro Natascha percebeu que “não podia se deixar sequestrar novamente – agora não mais pelo criminoso de um só rosto, mas pela sociedade que tentava aprisioná-la em rótulos fáceis, convenientes para todos menos para ela”, supõe a repórter. Assim, Natascha vem tentando “ditar suas próprias regras”. “Algo como: “Ah, vocês esperavam ser salvos? Desculpa, mas não à custa da minha vida” (2013, p. 194).

Dito isto, como bem pontua Brum, Natascha representa um “manifesto de afirmação de sua identidade” ao lutar pelo reconhecimento de sua voz na construção de sua história espetacularizada tantas e tantas vezes pela cobertura midiática. Ao recusar o título de vítima e os rótulos simplistas, a jovem mostrou sua determinação para contar sua experiência, revelando seu protagonismo feminino e indo na contramão daquilo que a sociedade esperava dela.

Na crônica “Parto com prazer”, publicada no dia 2 de maio de 201, Brum conta a história da jornalista Luciana Benatti e do fotógrafo Marcelo Min. Com o apoio do marido, Luciana resolve recuperar a posse do próprio corpo e decide como quer que o filho venha ao mundo. Além da chegada do bebê, Brum conta como se dá o nascimento de uma mãe e também de um pai, e a experiência da maternidade.



O texto inicia contando como se dá o nascimento do segundo filho de Luciana, durante um parto humanizado realizado na casa do casal. O momento se deu na companhia do marido e do primeiro filho e com o auxílio de uma doula, uma pediatra e uma obstetra. Brum conta em detalhes como foi o nascimento de Pedro, que desembarcou neste mundo, em uma piscina inflável montada no meio da sala. Para explicar ao filho de 4 anos os gritos que daria a cada contração, Luciana disse que precisaria dar uns gritos de leoa. A cada manifestação da mãe, Artur, louco por bichos, todo empolgado, ria e batia palmas. Foi nesse clima de festa que Pedro estreou no mundo, revela a repórter. Pai e filho contaram o cordão umbilical. Esta história é contada pelos pais protagonistas, no livro *Parto com amor* (Panda Books) que narra uma trajetória que começou em 2007, com a gestação de Arthur e termina com o nascimento de Pedro.

Brum conta que na primeira gestação Luciana pensava em ter parto normal, mas “nunca tinha ouvido falar de parto humanizado. Como boa parte dos médicos, o dela disse: “Parto normal é o melhor para a mãe e para o bebê” (2013, p. 200). Porém, o médico de Luciana se irritava com suas perguntas, não respondendo suas dúvidas. “O que mais a senhora quer saber?”, dizia a ela. Até que, grávida de 35 semanas, ao encontrar uma amiga jornalista a mesma lhe questionou: “Mas você tem certeza? Muitos médicos dizem que fazem (o parto normal), mas na hora inventam uma desculpa para a cesárea” (2013, p. 200). Brum conta que Luciana ficou irritada com o comentário. Na consulta seguinte, ela questionou o médico “que soltou esta pérola: “Por que você está tão preocupada com o parto? Cuide das roupinhas e da decoração do quarto e deixe que do parto cuide eu”. Não era esta a ideia que Luciana e Marcelo compartilhavam sobre o parto do seu filho” (2013, p. 200). A repórter pontua que na percepção dos pais eles eram responsáveis por cuidarem do nascimento do bebê, e especialmente Luciana, com o apoio de Marcelo.

Após esse episódio, Brum revela que os pais nunca mais voltaram ao consultório e “um mês depois Arthur nasceu num parto natural na banheira da maternidade de um hospital, sem anestesia, sem episiotomia” (2013, p. 200). Luciana assumiu a posse de seu corpo e “deu à luz “inspirada nas suas avós: Aurora teve sete filhos de parto normal e Antônia, sete. Foi um daqueles momentos que fazem a vida valer a pena”, diz Luciana. “Fui a protagonista da minha história”, revela a mãe à repórter (2013, p. 201).

Brum conta, no texto, que, após refletirem sobre essa experiência, Luciana e Marcelo decidiram que era preciso documentar o parto natural, culminando assim, na criação do livro. A repórter chama a atenção para a realidade que se pratica atualmente, ao dizer que nos países desenvolvidos da Europa é comum a realização do parto normal, “mas uma exceção no Brasil,

um país com índices de cesariana superior a 80% nas mais conceituadas maternidades privadas – quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda no máximo 15%” (BRUM, 2013, p. 201).

O livro escrito pelo casal retrata as histórias de nove mulheres e homens que assumiram o protagonismo do nascimento de seus filhos. O número se refere aos meses de uma gestação. “Cada uma delas com seu próprio caminho, suas possibilidades, seus conflitos e também seus limites. Cada capítulo nos dá uma história contada em duas linguagens – o texto e a fotografia” (2013, p. 201). A obra traz à tona a decisão das mulheres de retomarem a posse de seu corpo, mostrando seu protagonismo na escolha do parto de seus filhos.

Elas passaram a perceber que dar à luz não é um procedimento técnico apenas, mas algo que vai definir uma questão determinante para tudo o que vem depois: o nascimento de uma mãe. [...] As decisões tomadas no parto e a forma como cada mulher lida com a gestação é parte da construção da maternidade que também ali se inicia. E para cada filho – e não apenas o primeiro – há uma mãe diferente que nasce. Assim como a forma que cada homem lida e participa – e a sua presença ou ausência nesse momento – também é determinante para a paternidade que se inicia, para o pai que também nasce. Assumir a responsabilidade de parir é uma etapa essencial do processo de fundação e autoconhecimento da família recém nascida. Assim como delegar todas as decisões do parto para a autoridade médica também é, pelo avesso. Tanto uma escolha quanto a outra têm significados e consequências. (BRUM, 2013, p. 202)

Brum volta a criticar o número de cesáreas realizadas no Brasil, onde o procedimento é uma escolha, diferente da maioria dos países desenvolvidos. Para ela, como qualquer cirurgia, trata-se de “um procedimento de grande seriedade”, que deve ser “realizado apenas quando necessário”, ao envolver riscos comprovados para a mãe e o bebê. “É uma pena que um número significativo de cesarianas seja realizado todos os dias não por necessidade real, mas por comodidade do médico e da mulher. E, mais triste ainda, que um número considerável seja feito à revelia da mulher” (BRUM, 2013, p. 203).

Segundo a repórter, indo na contramão dessa realidade “contaminada pela cultura da cesariana e da autoridade inquestionável do médico”, mulheres de várias partes do mundo começaram a reagir criando novas narrativas a partir de “grupos de discussão e pesquisas na internet”. (BRUM, 2013, p. 203). Tal movimento se propagou ainda mais com a ajuda da rede, onde mulheres mais velhas ou experientes puderam compartilhar suas experiências com outras mais novas, recuperando assim, na percepção da repórter, uma tradição perdida. “A velha sabedoria das mães e das avós, só que a rede virtual e as mudanças culturais do nosso tempo tornaram esta uma família expandida” (2013, p. 203). A rede reúne hoje milhares de sites, blogs

e listas de discussão de mulheres sobre gestação e parto. Brum comenta ainda, que “em algumas cidades brasileiras profissionais da saúde adeptos do parto natural e humanizado formaram grupos onde as mulheres fazem cursos e trocam experiências.” As experiências expandidas pela internet tiveram “um profundo efeito no protagonismo do parto no Brasil” (2013, p. 203).

De acordo com Brum, a obra *Parto com amor* “é um dos primeiros livros brasileiros a documentar esse fenômeno cultural tão interessante” (2013, p. 203). Narrativa esta que recebeu o apoio entusiasmado da supermodelo Gisele Bündchen.

A maioria das celebridades marca dia e hora para botar seus filhos no mundo, a data é escolhida com a ajuda de um numerologista e o mapa astral está na lista do enxoval. Gisele, a celebridade entre as celebridades, não. Ela faz parte desse movimento novo. Teve seu filho Benjamin em casa, na banheira, com parteira, da forma mais natural possível. E sofreu críticas por causa disso. Em entrevista ao *Fantástico*, programa da TV Globo, ela disse: “Meu parto não foi dolorido em nenhum momento. Não foi assim, ai que dor, mas a cada contração eu pensava que meu bebê estava mais perto de mim. Eu transformei aquela sensação intensa, que acontece para todo mundo, em uma esperança de ele estar chegando mais perto. E no segundo dia (depois do parto) eu já estava caminhando, lavando louça, fazendo panqueca, sabe assim, vida que segue”. Gisele leu *Parto com amor* e comenta na contracapa do livro: “O parto pode ser, sim, um momento poderoso de transformação, alegria e prazer. Espero que este livro inspire muitas mulheres”. Depois, encomendou exemplares para dar de presente às irmãs. (BRUM, 2013, p. 204)

O livro surge a partir da escolha de Luciana ao assumir a posse do próprio corpo e decidir sobre o nascimento do filho. Com o apoio do marido, a esposa, assume primeiro seu lugar de mulher, em seguida de mãe e protagonista da própria história. Luciana renuncia ao controle da autoridade médica e passa a assumir suas próprias escolhas. Trata-se de uma mulher empoderada, que representa várias mulheres, várias mães que nascem com a experiência da maternidade. Luciana é uma mulher forte, determinada, que cria as próprias regras. Ela acende o debate sobre o parto normal e a cesariana a partir de sua experiência que encontra ecos na rede. Em seu livro, escrito em parceria com o marido, cada história traz o olhar particular, narrado em primeira pessoa, da autora do parto. Assim, cada mulher assume seu protagonismo na narrativa da própria vida retomando a posse do próprio corpo.

#### **4.3.5 Violência**

Identificamos nessa categoria quatro crônicas, o que corresponde a 25% da produção selecionada. Estes textos trazem, em geral, narrativas nas quais as mulheres representadas

rompem com os estereótipos construídos e pouco expostos pela mídia hegemônica. Brum traz mulheres complexas, que assumem e reconhecem a responsabilidade sobre suas ações. Sob o ponto de vista da violência, o que encontramos são mulheres violadas, mas também produtoras de atos violentos que reconhecem seu papel no conflito entre o casal. Em outros casos, nos deparamos com as mães torturadas pela omissão do Estado. Abaixo o quadro reúne as histórias que serão analisadas, destacando suas protagonistas centrais.

Quadro 5 – Subcategoria Violência

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>Pedófilo é gente?</b>	05/04/2010	Abusadores Abusadoras Vítimas de abusos
<b>Tapas e beijos</b>	13/12/2010	Personagens vividos por Lilian Cabral, no filme <i>Amor?</i>
<b>Dois andares abaixo do meu</b>	21/06/2010	Vizinha de 82 anos que vivia só
<b>Chega de torturar mulheres</b>	09/04/2012	Severina

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Na crônica “Pedófilo é gente”, publicada no dia 5 de abril de 2010, chama atenção a representação de um feminino pouco noticiado pelos meios de comunicação. Enquanto, os noticiários mostram a mulher, na grande maioria dos casos, como sendo vítima de algo ou de alguém, aqui Brum nos mostra uma outra perspectiva. Apesar de se tratar de um tema caro à repórter, a mesma decidiu escrever sobre a pedofilia por acreditar que um aspecto – o sofrimento – parece ter sido esquecido. “Pedófilos não são monstros, como a maioria de nós preferiria. São gente. E muitos deles – não todos – sofrem pelos atos que cometeram. E preferiam não ser o que são” (BRUM, 2013, p. 87).

A narrativa se inicia a partir da leitura de artigos e reportagens sobre a pedofilia realizados pela repórter a partir de escândalos recentes envolvendo a Igreja católica sobre a temática. “A polêmica aumentou de tom depois que o jornal americano *New York Times* denunciou que o Papa Bento XVI teria encoberto os crimes do padre Lawrence Murphy, nos Estados Unidos, quando ainda era cardeal” (BRUM, 2013, p. 87). O padre é acusado de abusar

de meninos surdos. A repórter parte de um assunto que estava no agendamento do país para falar do tema sobre um outro ponto de vista, o do sofrimento tanto da vítima como do abusador.

Brum busca ampliar o olhar sobre a pedofilia e o abuso sexual, fugindo de ideias simplistas.

Nunca faz bem para a compreensão de problemas complexos dividir o mundo entre bons e maus, bandidos e mocinhos, monstros e homens. A vida fica supostamente mais simples, mas é uma simplicidade falsa, já que não se resolve se não encaramos a humanidade daquele que nos provoca horror. (BRUM, 2013, p. 87)

A repórter pontua que nos horroriza o abuso sexual cometido contra as crianças, que acontece com mais frequência dentro de casa por pais, padrastos, tios, primos e irmãos. Ressalta ainda, que o ato é praticado algumas vezes por mulheres, tias, madrastas, primas e irmãs. “A maior parte dos abusos é incesto – uma palavra muito carregada de sentidos e complexidade do que talvez possamos suportar” (BRUM, 2013, p. 88). Segundo ela, as estatísticas mostram que as mulheres abusariam bem menos que os homens, mas essa realidade, como afirma uma psicanalista ouvida pela jornalista e cuja identidade não é revelada na crônica, é mascarada:

Às mães e às mulheres, em geral, são permitidas algumas liberdades com os filhos, enteados, sobrinhos. Alguns comportamentos parecem mais naturais às mulheres que aos homens. Me parece que o abuso cometido por mulheres é ainda mais mascarado. No presídio feminino onde eu trabalho, há uma ala para abusadoras. E ela está cheia. (BRUM, 2013, p. 88)

Brum conta que, em 1997, percorreu o Rio Grande do Sul para entrevistar vítimas e abusadores para uma reportagem que fazia naquela época sobre abuso sexual infantil. Segundo a jornalista, ela nunca se recuperou dos horrores que viu e ouviu:

[...] principalmente por causa da quantidade e da intensidade da dor. Eu esperava o sofrimento das vítimas. Nada me preparou para o sofrimento dos “monstros”. Não de todos, é preciso dizer. Há aqueles que não têm conflitos – e, portanto, não sofrem. Mesmo estes, continuam humanos. Encontrei abusadores despedaçados pelo que tinham feito – e pelo que tinham vontade de continuar fazendo. Fora a cadeia, não havia nada para impedi-los de seguir abusando. E alguns deles queriam ser impedidos. A prisão impede de abusar, mas sem ajuda e tratamento, é muito difícil não reincidir quando saem dela. Se a estrutura de assistência às vítimas de abuso sexual é precária, para abusadores ela é quase nula. (BRUM, 2013, p. 88)

Brum conta ainda que um dos casos que a marcaram muito é o de uma abusadora, o único no qual o abusador se tratava de uma mulher. É a história de uma mãe que havia feito sexo com o filho de 14 anos. A jornalista afirma, na crônica, que tal experiência deixou o menino destroçado. Em depoimento à Brum, ele diz: “Eu queria parar a minha mãe, mas ficava com dó de dar um tapa nela. Nunca vou perdoar meu pai por me deixar sozinho com ela. Eu só quero morrer” (BRUM, 2013, p. 89). Em conversa com a mãe, a mesma revela que o filho fugia. Certo dia ele se escondeu debaixo da cama, mas a mãe o arrancaria de lá, mais uma vez para abusar do filho, como conta Brum no texto.

No caso do garoto, o sofrimento era ainda mais avassalador porque não havia como negar que ele sentiu desejo – ou não teria tido ereção. O desejo da vítima não é algo tão raro em casos de abuso. Mas é muito difícil para as vítimas lidar com ele sem se sentirem culpadas ou responsáveis. O abusador manipula este sentimento: “Você chora, mas você está gostando”. Quando eu perguntava a esta mãe por que tinha infligido o incesto ao filho, ela repetia: “Eu fiz para salvá-lo”. De quê? Nem a mãe nem o filho tinham qualquer assistência para ajudá-los a construir tanto essa resposta quanto uma outra trajetória. (BRUM, 2013, p. 89)

Segundo Brum, “é difícil ter compaixão”, mas há algo que “possa ajudar a ampliar nosso olhar” ao voltarmos ao passado dos envolvidos (2013, p. 90). Isto é, para enxergamos além da primeira camada que nos é construída ou dada para ver, a repórter afirma, que é preciso olhar para o passado. “A mulher que violou o filho havia sido estuprada pelo próprio pai, aos sete anos. E, depois da violência, foi retirada de casa e passou a vida trabalhando como doméstica na casa de estranhos” (BRUM, 2013, p. 90). Ainda de acordo com Brum, se voltássemos à época em que a mãe era uma criança chorando depois de ter sido arrebatada pelos pais, “a mostra seria uma garotinha estuprada e, depois jogada na casa de estranhos para trilhar uma vida de trabalho doméstico infantil (BRUM, 2013, p. 90).

No entanto, ao apresentar uma situação de violência e associá-la a outros fatos vividos pelos personagens envolvidos, Brum ressalta na crônica que não se trata de uma regra:

Não significa que todas as crianças abusadas, ao crescer, serão abusadoras se não tiverem ajuda. Cada pessoa vai elaborar a violência que sofreu – diferente para cada uma em seu significado e suas circunstâncias – de maneira única. (BRUM, 2013, p. 90)

Assim, existe uma parcela de abusadores com histórico de abuso sexual na infância, mas não é a regra, conforme pontua a repórter no texto.

No mesmo texto, a jornalista problematiza a questão da violência e mostra outra situação que se repete de maneira cruel e comum: o caminho das mães das meninas violadas. Uma parcela dos casos mostra que as mulheres violadas também foram vítimas de abuso na infância.

Sem nunca ter recebido assistência, ao eleger um companheiro, escolhe inconscientemente um abusador. E, claro, não consegue proteger suas filhas. Estas mães são responsáveis pelo que acontece em suas casas. Não há dúvida sobre isso. Mas são más? Também elas são monstruosas e merecem nosso escárnio? Lembro de duas mulheres – mãe e filha. Quando as entrevistei, a mãe tinha 37 anos. Havia sido violada pelo pai aos 9 anos. Era uma mulher simples, muito tímida. Ela contou: “Quando eu tinha 12 anos, senti uma coisa mexendo na minha barriga. Achei que era lombriga. Mas era um bebê do meu pai”. Mais tarde, ela se casou. Teve esta filha. E quando a menina completou 9 anos, o pai abusou dela. Quando as encontrei, a garota também tinha uma filha do próprio pai. Viviam todos na mesma casa. Já tinham pedido ajuda ao conselho tutelar e à polícia, mas até aquele momento nenhuma das instituições parecia saber o que fazer com o caso. (BRUM, 2013, p. 91)

O que constatamos aqui é que Brum nos apresenta mulheres com histórias pouco retratadas pelos grandes veículos de comunicação. São indivíduos que além do papel de vítimas, são responsáveis pela prática da violência e que também sofrem diante do crime cometido contra seus filhos ou parentes, em especial crianças menores de idade. Além desse lado complexo, a crônica mostra ainda a falta de tratamento adequado dado a essas mulheres, que desamparadas, quando responsabilizadas, cumpriram sua pena, mas ao retornar às ruas, não existe mecanismo assistencial que as ajude a se tratarem. Assistimos assim, pela narrativa de Brum, a um círculo vicioso de uma violência, que em alguns casos, começa com a mãe abusada na infância, mais tarde, abusa de seus filhos ou se relaciona com abusadores e que ao serem responsabilizadas e punidas pelo crime, não encontraram uma estrutura social capaz de quebrar essa corrente. São mulheres complexas, vítimas e produtoras de uma violência que iniciada na infância segue até a vida adulta.

Outra crônica que dialoga com a realidade exposta acima é “Tapas e Beijos”, publicada no dia 13 de dezembro de 2010. Brum parte do filme *Amor?*<sup>58</sup> que narra histórias reais de violência nas relações de casal. “Depois de ouvir 60 depoimentos de homens e mulheres anônimos que cometeram ou foram vítimas de agressões, o diretor escolheu oito para serem interpretadas por atores famosos” (BRUM, 2013, p. 163).

Segundo a repórter, a força da obra “está em fugir da simplificação tão mais fácil para todos nós: a da pobre mulher submissa espancada por um homem mau” (2013, p. 163). A trama

---

<sup>58</sup> O filme do diretor João Jardim recebeu o prêmio do Júri Popular no Festival de Brasília.

se inicia com um depoimento que foge do padrão da vítima tradicional e o desfecho surpreende mais ainda, mostrando que o filme não vem para “repetir clichês ou apontar culpados” (2013, p. 166).

A narrativa cinematográfica vai na contramão daquilo que muitas vezes é explorado pela grande mídia que traz a mulher sempre como vítima, como se vítima fosse tudo que ela é. Casos dos “quais podemos nos horrorizar e respirar aliviados porque jamais seríamos os protagonistas”. Mas o filme vai além e “fala de algo mais insidioso, de uma violência que também é nossa” (2013, p. 163). Ao usar o pronome “nossa” Brum faz uma referência, a nós, a todas as mulheres, que também são responsáveis pelos comportamentos violentos. O filme mexe com os dois lados, o lado A do (a) agressor (a) e o lado B o do (a) agredido (a), ambos fazem parte da mesma pessoa, revelando assim a face sombria de cada um, seja ele homem ou mulher, conforme destaca a repórter.

Quando um homem agride uma mulher está cometendo um crime. A Lei Maria da Penha, que criou mecanismos mais eficientes e penas mais rigorosas para reprimir a violência doméstica contra a mulher, é uma grande conquista. Disso todos sabemos. O que é pouco discutido, me parece, é a contribuição da vítima para a violência. Aqui não me refiro a psicopatas que perseguem ou colocam suas vítimas em cárcere privado nem a casos extremos como o da própria Maria da Penha. Me refiro a histórias muito mais frequentes do que costumamos admitir e que permeiam a vida de amigos próximos, quando não a nossa. (BRUM, 2013, p. 164)

Brum afirma que “em um casal não existe agressor sem que exista uma vítima. Sabemos disso, mas nem sempre lembramos” (BRUM, 2013, p. 164). Para ela, é preciso descobrir nessa relação como se deu esse encontro, que só acontece “quando um tem o que o outro busca”. Para romper “o ciclo de violência ou criar uma outra identidade na relação que não seja a de vítima nem de agressor”, é essencial entender “o que permitiu esse encontro – e, principalmente, o que faz com que ambos permaneçam numa relação destrutiva” (2013, p. 164).

Segundo a repórter, numa relação violenta, é preciso entender o papel da mulher, que vai muito além do seu lugar de vítima, a fim de descobrir qual foi a sua contribuição, o que permitiu que uma relação amorosa se tornasse também violenta. E diante disso, o que a faz permanecer ainda nessa relação, por vezes doentias.

É ruim para a mulher se ela só for vista como vítima – e só se enxergar como vítima. É verdade, ela foi vítima. Mas ser vítima não é tudo o que ela é. Me parece fundamental que cada mulher metida numa relação violenta consiga buscar dentro de si – e tenha ajuda para buscar dentro de si – qual é ou foi a sua parte nessa arapuca. Acho difícil conseguir romper com a violência se não



encontrarmos o que há de ativo mesmo na nossa passividade. Ao se apropriar do que é nosso é possível nos tornarmos mais inteiras – mulheres melhores para nós mesmas. É possível também criarmos enredos mais interessantes para a nossa vida afetiva. (BRUM, 2013, p. 165)

A crônica destaca dois depoimentos do filme que podem exemplificar o que poderia ser chamado de "violência da vítima." São dois homens que se tornam violentos a partir das humilhações provocadas por mulheres. Comportamento este que não pode justificar nenhum tipo de violência, conforme pontua a repórter.

Em um deles, um dentista que hoje espanca as mulheres e namoradas, conta que sua mãe era espancada pelo seu pai. Mas que antes de o pai levantar a mão pela primeira vez, a mãe o humilhava diariamente. Este filho – entre o pai e a mãe possivelmente até hoje – justifica a violência física do pai com uma violência anterior da mãe, psíquica e verbal. Em outro depoimento, o homem que tinha esfaqueado uma namorada, fala de sua humilhação. Diz que gostaria de criar uma lei com o nome dele para proteger os homens da violência da mulher. Nos casos denunciados é comum este tipo de justificativa. Não serve como atenuante. Nada justifica um espancamento ou qualquer outra agressão física. Quem pratica a violência tem de ser impedido, denunciado, julgado e punido. Mas acredito que seja importante escutar o que dizem os agressores – e escutar para além do pensamento que descarta narrativas como essa como mera canalhice. (BRUM, 2013, p.165)

Brum fala sobre um outro tipo de violência que não é física, mas que também é destruidora. “Algumas mulheres costumam manipular com maestria esta arma subjetiva que não deixa hematomas visíveis. Raramente um homem espanca uma mulher no primeiro dia. Em geral há um longo balé protagonizado por ambos até a primeira vez” (BRUM, 2013, p. 165). Depois disso, segundo ela, fica mais fácil e a violência passa a ser mais frequente.

Dito isso, o filme reúne alguns depoimentos, o primeiro deles é interpretado por Lilian Cabral, que vive uma personagem que conta como seu casamento “transformou e recomeçou a partir de um rompimento provocado por uma agressão física.”

Ao contar a história, ela enxerga a violência que é do marido, mas também assume a violência que é sua. E talvez por isso tenha se tornado possível, depois de algum tempo, reinventar a relação. A anterior tinha acabado no momento em que ela foi jogada contra a parede pelo marido. A nova, depois de muita reflexão e namoro, só se tornou viável porque ambos criaram um casamento onde era possível mudar identidades cristalizadas que sufocavam a ambos. Mas, para que isso pudesse acontecer, foi preciso primeiro romper, separar. (BRUM, 2013, p.165)

Assim, a trama segue rompendo com todos os estereótipos e joga luz para realidades tão comuns, que muitas vezes, são omissas ou distorcidas. Um deles, segundo Brum, é a desconstrução da falsa crença de que “violência doméstica é coisa de pobre”, por estar mais visível na periferia e nas favelas, quando na verdade está em toda parte. Inclusive nas classes mais altas e dentro dos palácios, “de onde às vezes é mais difícil escapar e onde os gritos são abafados pelos muros e pelas convenções” (BRUM, 2013, p.166).

Outra desconstrução presente e que derruba a crença de que só o homem é violento, é contada por meio da “trajetória de agressões em uma relação entre duas mulheres, embaralhando a crença de que a violência pertence aos homens. Poucas coisas são tão perniciosas para as próprias mulheres do que a crença de que não são violentas” (BRUM, 2013, p.166).

Esta é uma das grandes mentiras que, incrivelmente, se sustentam até hoje. *Amor?* é uma boa pergunta em forma de filme. A primeira manifestação da plateia, assim que as luzes se acenderam, foi de uma mulher, uma psicanalista, afirmando que aquelas histórias não tratavam de amor, mas da “patologia da paixão”. Achei muito significativo. É muito reveladora a necessidade de definir se é amor ou não é. E deixar claro que não é. Desqualificando assim o discurso de homens e mulheres envolvidos em relações violentas quando dizem que, mesmo ao bater ou apanhar, ainda amam. Ou que permanecem na relação “por amor”. (BRUM, 2013, p. 167)

Brum ainda completa:

Dizer que uma relação não é amorosa porque contém violência ou que quem ama não bate é querer tornar o amor algo da esfera do sagrado, limpinho e imune às contradições humanas. Este discurso, pelo avesso, legitima a violência. Se fosse amor, então, a violência estaria justificada, porque o amor é maior do que tudo ou vence tudo, por ele valeria qualquer sacrifício, até apanhar. É colocar o amor, de novo, no âmbito do sagrado, que nos eleva mesmo quando é ruim. E por isso teríamos de suportar qualquer coisa, inclusive agressões. Não. Sendo amor ou não, pouco importa. Caia fora o mais rápido possível. A violência aniquila a vida. Quando não acaba, literalmente, com ela. (BRUM, 2013, p. 167)

O título da crônica “Tapas e Beijos”, usado como estratégia narrativa por Brum, já sugere algumas ideias que podemos supor antes da leitura do texto, como a relação entre amor e violência. Relação esta que usa como pano de fundo o filme *Amor?* que vem para quebrar estereótipos e apresentar realidades tão comuns, mas ao mesmo tempo tão omissas ou negligenciadas. A trama traz à tona a mulher como vítima e que numa relação também é a agressora, revelando assim seu lado violento, o que rompe com a crença de que só homem é violento. Outra mulher representada é aquela que pertence às classes mais altas, mas que também sofre com a violência doméstica, diferente do que a sociedade divulga, na maioria dos

casos, de que violência estaria mais atrelada a pessoas com condições sociais mais baixas. Assim, o texto promove uma reflexão e demonstra por meio dos depoimentos interpretados pelos atores famosos que a mulher também possui um “lado sombrio” e que, por isso, também tem sua parcela de responsabilidade ou contribui de alguma forma para o relacionamento violento. A ela não cabe apenas o papel de vítima, mas também daquela que agride, fisicamente, verbalmente e psicologicamente, que manipula e causa hematomas invisíveis que levam à destruição. No entanto, não há nada que justifique um comportamento violento, mas, na percepção de Brum, é preciso ouvir também os agressores e entender por que ambos insistem em uma relação destrutiva. A mulher aqui representada revela uma narrativa construída sobre o viés da violência, que pratica e também sofre. Mas que sobretudo, não é tema frequente nos noticiários.

Na crônica “Dois andares abaixo do meu”, publicada no de 21 de junho de 2010, Brum conta a história de como é “morrer sem sangue e sem alarde” (2013, p.103). A mulher retratada é uma médica, de 82 anos – cujo nome não foi divulgado - que vivia só, em um apartamento dois andares abaixo do seu. De acordo com a repórter, a mulher era conhecida no prédio como “doutora”. Quando estava no exercício da profissão, mantinha seu consultório no centro de São Paulo. Não há muitos detalhes sobre sua vida, conforme é revelado no texto.

Brum narra o perfil de uma mulher independente, sozinha, reclusa em seus aposentos, que “veio do interior para vencer na cidade grande, quando as mulheres de sua geração apenas recolhiam os passos até a casa do marido. Viajou o mundo, falava várias línguas, expressas nos livros espalhados pela casa.” Mas que de repente, “descobriu-se só” (2013, p. 103). A repórter revela que a mulher vivia isolada em seu apartamento de classe média. “Não queria morrer, só não sabia como seguir vivendo. Resistiu viva – morrendo” (2013, p. 103).

Assim, Brum conta como a realidade dessa mulher chocou a ela e a todos os vizinhos que desconheciam o que se passava entre aquelas quatro paredes. O carro estacionado na garagem nunca mais foi mexido, desde que a médica o estacionou ali. A conta do condomínio deixou de ser paga e a dívida lhe rendeu um processo judicial, cuja a audiência ela não compareceu. Para a jornalista, essas eram algumas pistas que precisavam ser investigadas e não foram. Mais tarde, a vizinha ao lado, percebendo que ela não saía mais de casa, procurou o porteiro e o síndico. “Ela nem atendia mais à porta, e um cheiro novo se impregnava no corredor. Mas a lei não escrita da cidade grande determina não perturbar a privacidade de ninguém. Cada um é uma ilha – ou um apartamento” (2013, p. 102). Segundo a repórter, logo o mistério só foi desvendado depois que “a conhecida de uma associação onde ela trabalhava como voluntária veio procurá-la, preocupada com seu sumiço. Ela então conseguiu se arrastar

e sussurrar que não tinha forças para abrir a porta” (2013, p. 102). Quando a porta caiu, a mulher, estava no escuro. A luz estava cortada há dois meses e há duas semanas ela não comia. Envoltas em sua sujeira, ela lutava para não morrer, conta a repórter, que por dias não conseguiu dormir pensando na mulher.

Ela não viveu uma vida à toa. Ou uma vida egoísta. Ela apenas viveu mais tempo do que a maioria de seus amigos, que deve ter sepultado um a um. Mais tempo que os pacientes que tantas vezes salvou, e então o consultório ficou vazio. Ela tinha bens que poderia ter vendido quando ficou restrita a uma renda que não lhe permitia manter o padrão. Mas não tinha mais saúde para fazer o que era preciso. Com o tempo, não conseguia mais nem caminhar até o banco para buscar o dinheiro da aposentadoria ou pagar a conta de luz ou qualquer outra. Lentamente os fios de sua vida foram lhe escapando das mãos. E, no fim, quando percebeu que precisava romper o pudor cimentado nela e pedir ajuda, já não era capaz de andar pela casa para abrir a porta da rua e escancarar sua miséria. A doutora não queria morrer, só não tinha forças para viver neste mundo. (BRUM, 2013, p. 104)

Na crônica, Brum faz uma reflexão sobre o episódio e começa a repensar suas decisões. A médica representa o perfil de uma mulher independente, determinada, destemida que vem do interior para se lançar na cidade grande. Conforme destaca a repórter, por anos ela salvou a vida de milhares, mas no final de sua vida, morria aos poucos de solidão. Definhava dia após dia, já que não tinha condições de se cuidar. Brum faz uma comparação com os povos da Amazônia ao dizer que a médica estava mais isolada ali, naquele apartamento bem localizado em um bairro de classe média de São Paulo, do que qualquer ribeirinho na floresta. Nas palavras de Brum, ela:

[...] não queria que descobrissem que havia perdido o controle da sua vida. E quando quis pedir ajuda, já não teve forças. Imagino quanto desespero sentia para conseguir romper as amarras de toda uma existência, se arrastar até a porta e admitir que não era mais capaz de abrir. Foi levada ao hospital, onde agora briga para viver. (BRUM, 2013, p. 103)

Por meio de um texto narrativo e também reflexivo, percebe-se, a partir dos relatos de Brum, como a morte rondava a mulher, que a cada dia morria um pouco, de miséria, de solidão, de tristeza. E de como, mesmo tão perto, a vida daquela mulher, não era alcançada por nenhum de seus vizinhos. Seus sinais foram ignorados, o que muito envergonhou a repórter que deixou claro seu constrangimento na crônica analisada. A vizinha representa a figura de mulher miserável, que ainda que tenha agregado posses ao longo da carreira de médica, desfalecia no seu apartamento localizado em um bairro de luxo. A mulher não tem saúde e, por isso, perde o

controle da própria vida. Ela sofre e morre de solidão, revelando assim, uma violência a qual estava exposta. Uma violência velada, sem marcas ou hematomas, mas que se desenhava pelas ausências de forças para que a senhora pudesse retomar a própria vida nas mãos.

Na crônica “Chega de torturar mulheres”, publicada no dia 9 de abril de 2012, Brum disserta sobre o julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF) que irá votar depois de quase oito anos “uma ação que decidirá se as mulheres grávidas de um feto anencéfalo (malformação incompatível com a vida) poderão interromper a gestação sem necessidade de autorização judicial” (BRUM, 2013, p. 311). Segundo a repórter, “sem a autorização, as mulheres são obrigadas a peregrinar pela Justiça, em geral por meses.” E a decisão do juiz, segundo ela, varia de acordo com suas crenças pessoais, que pode ou não conceder o pedido. “Às vezes, quando o juiz dá a licença, já demorou tanto tempo, ocorreram tantas idas e vindas no processo, que o bebê nasceu e morreu” (2013, p. 311). Brum constata que esta é a realidade a qual são submetidas as mulheres pobres do país, que necessitam da rede pública de saúde para que sua gravidez possa ser interrompida. Conforme destaca a repórter, na contramão dessa via crucis estão as mulheres de classe média que “resolvem a questão buscando clínicas clandestinas de aborto, para não ter de se submeter à demora e às dificuldades de um processo judicial no Brasil” (2013, p. 311).

Na percepção da repórter, sujeitar as mulheres pobres a esta conduta é o mesmo que condená-las à tortura. Para inverter essa lógica e reconhecer a omissão da Justiça, no dia 11 de abril de 2012 “o STF terá a chance de estancar – com atraso – uma violação sistemática dos direitos humanos causada por um vácuo na lei, que além de desamparar as brasileiras mais frágeis em um momento difícil da vida, as condena à tortura” (2013, p. 311). No entanto, até que a Justiça reconheça essa situação, várias mulheres seguem sofrendo as consequências desse impasse.

Em 20 de outubro de 2004, o Supremo derrubou uma liminar que permitia interromper a gestação de anencéfalo sem autorização judicial. Um dos ministros disse, ao votar: “Mas quem são essas mulheres? A gente nem sabe se elas existem”. As mulheres severinas existem. E, como veremos, são, sim, torturadas. A pergunta que o Supremo responderá nesta quarta-feira é a seguinte: “Uma mulher, grávida de um feto anencéfalo, pode interromper a gestação sem necessidade de autorização judicial?”. Espero que a resposta da corte seja afirmativa. Acompanho o percurso dessas mulheres há quase dez anos e me parece claro que este é um debate de direitos humanos. Impedir uma mulher de interromper a gestação de um feto incompatível com a vida, se ela assim o desejar, é condená-la à tortura. Assim como também seria tortura obrigar uma mulher a interromper essa mesma gestação se ela desejar levá-la até o fim porque, por crença religiosa ou qualquer outro motivo, encontra sentido nesse sofrimento. (BRUM, 2013, p. 312)

Para a jornalista que acompanha essas mulheres, cabe a elas decidirem sobre o próprio corpo e não à Justiça. “Se o feto é incompatível com a vida, só quem pode decidir pela interrupção ou não da gestação é quem o carrega no ventre. Ninguém mais – nem as feministas, nem os padres, nem eu ou você” (2013, p. 312). Afinal de contas é a mulher que idealizou a gravidez e que ao descobrir que o filho não irá sobreviver deve ter o poder de decidir sobre a vida que gera. “Ninguém deveria poder decidir por uma mulher como ela vai lidar com a gestação, dentro do seu corpo, de um feto que não poderá viver. Só ela sabe da sua dor – e de que escolha será mais coerente com aquilo que ela é – e acredita” (BRUM, 2013, p. 312). Por isso, a repórter defende com veemência que, diferente do que pregam alguns grupos que classificam como heroína, a mulher que mesmo com o diagnóstico de anencefalia opta por levar a gravidez até o fim, não há heroínas, apenas mulheres que sofrem com a certeza de que os filhos não irão sobreviver.

Qualquer oposição entre a mulher que optou por interromper a gestação e aquela que preferiu mantê-la é falsa. Ambas são mulheres que, diante da mesma tragédia, fizeram escolhas diferentes. E ambas devem ser respeitadas na sua decisão, seja ela qual for. O que discutimos aqui é por que uma escolha é reconhecida pelo Estado – e a outra não é. Há algo importante para compreender nessa tragédia, que talvez parte das pessoas deixe de perceber por não ter convivido com ela. A mulher que se descobre grávida de um feto anencéfalo desejou aquele filho. Em geral, ela o planejou. Quando soube que estava grávida, ela comemorou. E então, num exame com 100% de confiabilidade, ela descobriu que seu filho era anencéfalo. Ou seja, uma malformação letal determinou a impossibilidade de seu filho viver. Não se trata, portanto, de uma criança deficiente, como alguns definem, torturando também as palavras. Trata-se, como disse o ministro Ayres Britto, em 2004: “O que se tem no ventre materno é algo, mas algo que jamais será alguém.” Impor a essa mulher, submersa em desespero, a acusação de “assassina de crianças”, como alguns o fazem, “em nome da vida”, é cruel. Apenas isso: cruel. Espero que, depois de quarta-feira, não caiba mais a nenhum de nós opinar sobre a escolha de uma mulher numa situação dolorosa como essa. Aquelas que decidirem levar a gestação até o fim continuarão sendo acolhidas em sua decisão – e aquelas que quiserem interrompê-la também serão amparadas pelo Estado. Ponto. (BRUM, 2013, p. 313)

Assim, quando um dos ministros do Supremo questiona a existência dessas mulheres, grávidas de fetos anencéfalos, Brum, movida pela indignação, mostra a eles e a todos que elas existem. Uma delas é Severina, cujo dilema é contado no documentário “uma história SEVERINA” - que mostra que “as mulheres severinas existem – e precisam que o Estado reconheça sua existência, sua dor e seus direitos. Ao ser concluído, em 2005, o filme foi enviado a todos os ministros do Supremo” (BRUM, 2013, p. 315).

Na crônica, a repórter traz alguns detalhes da saga de Severina que não foram contados no documentário, o que revela ainda mais a tortura a que essa mulher foi submetida. No dia 20 de outubro de 2004, Severina Maria Leôncio Ferreira, grávida de 4 meses, internava-se em um hospital do Recife para interromper a gestação, no mesmo momento em que o STF derrubava a liminar que permitia o aborto de anencéfalo, sem autorização da Justiça e um dos ministros, ao fazer o uso da palavra, perguntava se essas mulheres existiam. “O médico decidiu deixar o procedimento para o dia seguinte – e no dia seguinte foi tarde demais. Severina teve de deixar o hospital carregando sua dor e sua barriga. Era o seu segundo filho. E ele não viveria” (2013, p. 314).

Brum descreve Severina como uma mulher pernambucana, sofredora, pobre, analfabeta, agricultora, esposa de Rosivaldo que juntou forças e com o apoio do marido decidiu procurar a justiça em busca de uma autorização para interromper o sofrimento de levar adiante uma gravidez cujo filho já estava condenado à morte. “Severina só teve a coragem de enfrentar essa enormidade porque continuar aquela gestação para a morte seria um martírio ainda maior” (BRUM, 2013, p. 314).

Após ter o futuro decidido pela Justiça, a repórter narra como foi o longo dia de Severina depois da decisão dos ministros do STF. Nas últimas semanas do martírio protagonizado por Severina, Brum, repórter especial da *Revista Época*, naquela ocasião, tirou férias para acompanhá-la e permaneceu até o enterro do filho. Se a liminar não tivesse sido cassada, aos 4 meses de gestação, Severina poderia ter feito um aborto, mas o seu sofrimento se estenderia até o sétimo mês, quando finalmente conseguiria a autorização. “Tenho convicção de que Severina não deveria ter vivido o que viveu nesses três meses. Ao testemunhar seu sofrimento, ficou muito claro para mim que aquilo era, sim, um tipo de tortura – uma tortura imposta pelo Estado” (2013, p. 315).

Segundo Brum, até receber o diagnóstico de anencefalia, a mãe, que deseja o segundo filho, seguia fazendo “o pré-natal na companhia de outras grávidas da zona rural, numa alegre romaria de mães tecendo roupinhas e planos. [...] De repente, os caminhos dessas mulheres bifurcaram-se. [...] Dali em diante, Severina seguiria sozinha” (2013, p. 315).

Imaginar como era a cabeça do filho dentro dela foi um dos horrores vividos por Severina nos três meses que se seguiram. Ela tinha, naquele momento, um medo e uma esperança. O medo era o de machucar, com algum movimento mais brusco, aquela cabeça em que o médico disse e o ultrassom mostrou que faltava uma parte. Para ela, era como uma ferida aberta. Numa ocasião, Severina sentiu-se mal e botou para fora um vômito escuro. Pensou que era sangue. E sofreu atrozmente por pensar que tinha machucado a cabeça do

bebê. A esperança, Severina só às vezes confessava. Mas pensava, quase sempre, que algo mágico aconteceria de repente, e a cabeça do filho seria reconstituída dentro dela. A cada sensação diferente, essa fantasia reacendia-se. Severina então me dizia, meio envergonhada: “Eu sei que não pode ser, o médico disse que não acontece, mas será que...?”. (BRUM, 2013, p. 315)

Fica claro, pelas palavras de Severina, que mesmo diante do diagnóstico, ela alimentava esperanças de que a cabeça do filho poderia ser reconstituída e que assim pudesse sobreviver. Brum conta que enquanto esperavam a decisão da Justiça, os pais eram vítimas da curiosidade alheia, servindo de comentários na cidade pequena. Rosivaldo era “o pai do bebê sem cabeça” ou o “pai do monstro”, o que só fazia aumentar o sofrimento da família. Mas na percepção de Brum, Severina enfrentaria outro momento, que se revelaria ainda mais cruel ao se preparar para providenciar a roupa com que o filho seria enterrado. Ato que se transformaria numa violência maior ainda.

Severina queria uma roupinha com capuz para impedir que a cabeça malformada do seu bebê ficasse exposta à curiosidade pública no enterro. Severina desejava pelo menos poder proteger seu bebê na morte. É importante lembrar que, agora, não era mais um aborto, como teria sido no início da gestação. Agora, seria um parto. Haveria um enterro e, para sempre, um filho sepultado. E, no caso de Severina, existiria ainda a insanidade de um bebê sem certidão de nascimento – mas com atestado de óbito. Como venho do Estado mais frio do Brasil, eu jamais supus que encontrar uma touca poderia ser um problema. Mas, no clima tropical do Recife, Severina não conseguiu achar uma roupinha com capuz. E o inusitado do pedido fez com que ela se sentisse obrigada a explicar, de loja em loja: “Ele não vai viver”. (BRUM, 2013, p. 316)

Assim, de acordo com Brum, de loja em loja, Severina era obrigada a verbalizar a frase de que o filho não sobreviveria, o que intensificava ainda mais sua dor. Brum se prontificou a ajudá-la na missão de encontrar uma roupa com capuz. Severina já estava internada quando, no dia seguinte, a repórter conseguiu encontrar “uma roupinha branca com uma touca”. Ao entregá-la “ela ficou acariciando no hospital com os olhos afogados. Depois, buscou o álbum de fotografias de seu filho, Walmir, então com 4 anos. Acariciou cada foto em silêncio – cada uma delas uma prova de que ela poderia gerar um filho vivo” (2013, p. 317). Se não bastasse a dor que sentia, Brum conta que a mãe passaria por outro “calvário severino”. Ela “foi empurrada de um hospital a outro, com a autorização judicial na mão. “Não há vagas”, “meus colegas são contra o aborto”, “tenha paciência”. Não fosse Paula Viana, da ONG Curumim, ajudar Severina a fazer cumprir seus direitos” (BRUM, 2013, p. 317). Assim:



Severina suportou mais de 30 horas de trabalho de parto, a maior parte delas com contrações excruciantes. Quando não tinha mais posição, arrastava-se até o corredor. Era inevitável encontrar-se com uma mãe feliz com seu bebê – vivo – no colo. Nesses momentos, os olhos de Severina gritavam uma dor que eu nunca vi no olhar de outro ser humano. Se a tortura de Severina fosse resumida em uma só cena, seria aquele olhar. Aquele olhar que palavras são insuficientes para descrever. Entre todas as mulheres da maternidade, Severina seria a única ali que, ao final, teria um caixão – e não um berço. (BRUM, 2013, p. 317)

Para Brum, “Severina está longe de ter sido a única mulher torturada nesses anos todos, apenas que sobre a tortura dela há documento.” Por 8 votos a 2, no dia 12 de abril de 2012, ao final do segundo dia de julgamento, o Supremo Tribunal Federal descriminalizou o aborto de feto anencéfalo. “Desde então, vivemos em um país que não tortura mulheres por gerar um feto sem cérebro” (BRUM, 2013, p. 317).

Constatamos que Brum parte mais uma vez de um assunto que estava no agendamento do país para construir sua crônica. Logo, identificamos como estratégia narrativa a escolha de uma história que pudesse exemplificar o impacto que uma ação da justiça poderia causar na vida de uma mulher. Severina representa as inúmeras mulheres grávidas de feto anencéfalos, que foram torturadas pela omissão do Estado, segundo a percepção de Brum. Mulher, sofredora, analfabeta, pobre, são alguns dos adjetivos atrelados à Severina, que pode ser caracterizada também como uma mulher forte e corajosa, que mesmo desamparada pela justiça, se manteve firme na luta para que seu direito fosse cumprido. O calvário vivido por essa mãe revela os vários tipos de violência a que foi submetida desde o diagnóstico, passando pela omissão do estado, a curiosidade das pessoas, a saga no hospital, até o enterro do filho, que não escapou aos olhares e comentários da população.

Na figura de Severina, observamos a representação de várias mulheres, vítimas da justiça, mas também protagonistas de suas histórias. Severina, ainda que despedaçada pela dor de gerar um filho condenado à morte, lutava com muita garra para que seus direitos fossem respeitados e sua dor fosse ouvida. Nesta crônica, observamos também as posições claras de Brum ao defender a decisão da mulher sobre a posse de seu próprio corpo. A repórter critica a omissão do estado e mostra por meio da história de mulheres como Severina, o impacto que uma decisão da justiça pode causar no destino de uma pessoa. Para ela, ao omitir a realidade dessas mulheres, o Estado condenava-as à tortura, ação essa principalmente psicológica.

#### 4.4 OS FEMININOS DE BRUM

Realizada toda essa análise, a pesquisa busca responder agora à pergunta inicial: Quais são os femininos representados por Eliane Brum, no livro *A menina quebrada e outras colunas*. Optamos por mais uma análise qualitativa por entender que a análise temática, apresentada acima, não dá conta de responder a essa pergunta. Por isso, verificamos a necessidade de entender a produção de sentido e que femininos Brum expõe nas crônicas jornalísticas analisadas. Não se trata de um feminino, mas de vários femininos representados por várias mulheres de várias classes, raças, condições econômicas e sociais diversas, em oposição à ideia tradicional de um feminino genérico, submisso e sem protagonismo.

Para a escritora Marcia Tiburi, o feminismo concede às mulheres uma biografia, já que por séculos suas histórias foram criadas e sustentadas pelo patriarcado.

Ele [feminismo] é a narrativa de si, a autoavaliação crítica e autocrítica das mulheres. A narrativa daquelas pessoas que não tiveram narrativas, que não tiveram direito a uma história. Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, aos nossos pensamentos, ao nosso corpo. (TIBURI, 2018, p. 103)

Realizada essa constatação, o que Brum nos apresenta é um olhar avesso da representação da mulher que visa romper os padrões, os estereótipos construídos e disseminados na sociedade, em especial os modelos retratados pelos meios hegemônicos de comunicação. À mulher não cabe o lugar de merecedora de algo, mas o papel de protagonista da própria história e da construção da história.

Após a análise das crônicas selecionadas, realizamos uma entrevista com a jornalista Eliane Brum, cuja íntegra pode ser consultada no Apêndice B. A fala da repórter é um contraponto importante na pesquisa que dialoga diretamente com as narrativas apresentadas, sobretudo no que se refere à quebra de estereótipos e paradigmas envolvendo a figura feminina e o seu protagonismo, muitas vezes reduzidas a um papel genérico. Fica claro que não existe uma mulher, mas várias. São muitos os femininos e não apenas um modelo universal.

A gente tem direitos e direitos são direitos como o nome diz, não são merecimentos. São direitos que precisam ser respeitados. No caso das mulheres, eles precisam ser ampliados e a gente luta pela ampliação dos direitos e pelo cumprimento dos direitos. E aí um dos estereótipos, por exemplo, que eu busco quebrar no meu trabalho é justamente essa mulher genérica, como se ela fosse um genérico. A mulher não é um genérico e isso,

a gente tem aprendido com os feminismos negros, com o protagonismo das mulheres negras que cresceu muito, desde a década passada e, elas dizem muito claramente. Quer dizer, não são todas as mulheres, há particularidades e, por ser uma mulher preta com essa particularidade são elas que morrem mais, são elas que são mais estupradas, são elas que são mais assassinadas, são elas que tem o pior o tratamento no sistema público de saúde, são elas que mais morrem de partos, são os filhos delas os que mais morrem. Enfim, a mulher não é o genérico. Enfim, a mulher não é um genérico. Esse estereótipo de que a mulher é o genérico, ele também precisa ser quebrado. Esse é um bom exemplo, no caso do feminino. São muitos os femininos e não um só feminino. (BRUM, Apêndice B, p. 185)

Ao falar sobre as mulheres negras, Brum chama a atenção para o fato de que as mulheres brancas só conseguiram lutar por seus direitos e por espaço no mercado de trabalho, porque em casa estavam as negras limpando e cuidando de seus filhos.

Em muitas lutas, as mulheres negras, indígenas, brancas comungam das mesmas questões, mas outras não. Sem esquecer que a maioria das empregadas domésticas são negras e essas mulheres foram exploradas, desde antes. Primeiro como escravas, depois da Abolição como empregadas domésticas. Muito da emancipação feminina das mulheres brancas foi feita, porque havia uma mulher negra dentro de casa, explorada tanto pelas horas de trabalho excessivas, quanto pela péssima remuneração. Só por causa dessas mulheres que deixaram seus filhos em casa, em geral, nas favelas para cuidar dos filhos das brancas é que muitas mulheres puderam sair de casa, fazerem suas carreiras e ampliar a renda familiar com seu salário. No Brasil a emancipação feminina das brancas se deu dessa maneira e não por políticas públicas como creches, como políticas que pudessem viabilizar no caso dos filhos que essas mulheres pudessem sair de casa e também, muito menos pela divisão de trabalho entre homens e mulheres dentro de casa. Simplesmente se terceirizou, se continuaram terceirizando os serviços para os serviços subalternos, os serviços semiescravos ou em alguns casos, análogos à escravidão das mulheres negras como domésticas. Então, são todos esses os estereótipos que eu busco quebrar, não há genérico aí não. (BRUM, Apêndice B, p. 181)

Evidencia-se que a noção de discursos, expectativas e comportamentos estereotipados, sobretudo no que diz respeito à ação social feminina, atravessa boa parte das produções de Eliane Brum aqui arroladas. Segundo o pensador contemporâneo Homi Bhabha (2007), os estereótipos podem ser compreendidos sob a perspectiva de uma “repetição demoníaca”, ou seja, padrões, normas, condutas e definições que historicamente se fixaram no imaginário social enquanto realidades pretensamente orgânicas, mas que em última instância são frutos de construções arbitrárias, que simplificam a complexidade humana com o objetivo de apagar ou silenciar as diferenças. Assim,

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2007, p. 117)

Para Djamila Ribeiro, “os estereótipos são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente oprimidos” (2018, p.56). Ela ainda continua:

Numa sociedade machista, impõe-se a criação de papéis de gênero como forma de manutenção de poder, negando-se humanidade às mulheres. Dizer por exemplo que mulheres são naturalmente maternais e que devem cuidar de afazeres domésticos naturaliza opressões que são construídas socialmente e que passam a mensagem de que o espaço público não é para elas. O mesmo ocorre com pessoas negras: a ideia de que toda negra sabe sambar ou de que todo negro é bom de bola (desde que não seja goleiro) são estereótipos que tem por finalidade nos manter no lugar que a sociedade racista determina. (RIBEIRO, 2018, p. 56)

Portanto, é possível inferir que um dos pressupostos principais de Brum, em sua abordagem dos multifacetados grupos humanos que narra em sua obra, não é a de construir novas interpretações, senão operar um processo profundo de desconstrução, material e simbólica, a fim de que sujeitos tradicionalmente silenciados tenham espaços para (re) significar suas histórias e vivências. É o caso, por exemplo, da crônica “Elas não são gays” anteriormente apresentada, na qual Michele e Carla representam mulheres que não se identificam com os rótulos criados pela sociedade. Elas vão na contramão do que prega o senso comum, primeiro porque acreditam que em relação às suas sexualidades, o conceito de “homossexual” não as define, uma vez que se trata de uma definição fechada que nada dialoga com a complexidade do que é ser homem ou mulher. Nas palavras de Brum, “[...] ao reduzir a diferença a uma palavra ou mais palavras, fechadas em seu significado, perde-se de vista um universo pleno de nuances” (2013, p. 26). Ao rejeitar esses rótulos, na percepção da repórter, o casal faz o caminho da “desidentidade.”

Foi interessante para mim, por que elas diziam que não eram gays, por que para elas aquilo não fazia sentido essa definição. Elas não achavam que elas tinham que se definir. Isso para mim foi muito interessante e por isso, eu decidi escrever sobre isso. Assim, eu sou gay, tranquilo, tipo... (risos). É incrível que as pessoas precisam ainda ter problemas e como tem cada vez mais por dizer que são gays. Mas eu acho muito interessante duas mulheres que se amavam, que casaram, que tiveram filhos e não se identificaram dessa maneira. Eu acho muito interessante o caminho da desidentidade. (BRUM, Apêndice B, p. 187)

Falar em “desidentidade” é falar, principalmente, sobre a quebra de expectativas a respeito de si e do outro, expectativas estas baseadas em uma (i) lógica contínua de atribuição de sentidos que dizem menos sobre o sujeito do que sobre as convenções identitárias que lhes são impostas. Dessa forma, como afirmam SOUZA & BARROS (2002) a partir da reflexão sobre os conceitos desenvolvidos por Bhabha (2007),

o estereótipo é algo que define o outro a partir de nossos preconceitos”, demandando “uma cadeia contínua e repetida de outros estereótipos. São sempre as mesmas histórias contadas sobre um determinado elemento da identidade cultural para garantir sua eficácia”. (SOUZA, BARROS, 2002, p. 221)

No caso de Michele e Carla, a “desidentificação” e, por consequência, a quebra de estereótipos de gênero e sexualidade ocorre, por exemplo, quando elas se assumem como um casal que quer ter filhos e formar uma família diferente do modelo tradicional. Michele e Carla representam os novos tipos de arranjo familiar, rompendo com a ideia, segundo a autora, arcaica e ultrapassada de que família é só de homem e mulher. Assim, percebemos que se trata de duas mulheres empoderadas, emancipadas, donas do próprio corpo, do próprio desejo e da própria sexualidade, que assumem a criação e educação dos filhos. Ambas lutam e defendem a ideia de diversidade, mas uma diversidade única, que deve ser construída por cada um. Não há referentes. Assim, elas demonstram que são únicas, como cada um deve ser. Michele e Carla representam outros tipos de femininos pouco noticiados pelos meios de comunicação.

Para a filósofa Djamila Ribeiro, “quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar as outras” (2018, p. 136). Ela ainda continua:

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. É promover uma mudança numa sociedade dominada pelos homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade. É enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais entre gênero e lutar por um olhar que vise a igualdade e o confronto com os privilégios que essas relações destinam aos homens. É a busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade. (RIBEIRO, 2018, p. 136)

De maneira semelhante, na crônica “Dilma-lá”, a candidata à presidência revela a complexidade do que é ser mulher, sobretudo na política. Dilma Rousseff é descrita como uma pessoa de postura forte, agressiva, truculenta, durona, características atribuídas muitas vezes ao

sexo masculino, mas que contribuem para que ela seja capacitada como uma gestora eficiente. No entanto, tais atributos não conferem a ela um perfil que dialogasse com a postura de uma mulher protetora preparada para governar, segundo sua estratégia de campanha, conforme é exposto na crônica. Embasada pelo marketing do “jeito feminino de governar” que lhe garantiria um diferencial na campanha em relação aos outros candidatos, Dilma passa por uma transformação para se tornar uma mulher mais sociável e condizente com o seu papel de mãe zelosa, responsável por cuidar do povo considerado seus filhos na tentativa de aproximar a candidata dos eleitores. O que percebemos, a partir disso tudo, é uma reprodução de estereótipos. Fica claro que a mulher está sempre sendo testada e criticada na tentativa de representar um modelo que versa com as ideias impostas pelo patriarcado.

Dilma, na condição de mulher, não pode ou não deve ser ela mesma, mas uma figura feminina capaz de reunir atributos para governar. A partir dessa exposição, podemos inferir que a mulher nunca fala por si só, mas sempre como um sujeito que reage a algum mecanismo de opressão, que pode ser de gênero (sociedade patriarcal e machista), de classe, de raça, ou de religião.

Para a escritora Djamila Ribeiro, “é necessário entender que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com a tentação da universalidade, que só exclui” (2018, p. 53). Ou seja, não se pode reduzir as experiências a um conceito baseado na ideia de que se é homem ou mulher. Brum quer provar que não existe apenas uma mulher, apenas um feminino, mas vários. Somos muitas dentro de um mesmo ser. Uma crônica que versa sobre isso é “Enfim a emancipação masculina” em que a cartunista Laerte se define através da indefinição. Não é a sua anatomia humana que dita as regras e impõe a forma como ela/ele deve se comportar. Laerte nos mostra que existem muitas possibilidades e nos apresenta um novo homem e também uma nova mulher ao empreender uma busca pelos vários femininos contidos dentro de si. Por meio de suas inseguranças Laerte revela sua força e também suas fragilidades, provando assim a complexidade do que é o sujeito. Os rótulos não são capazes de dar conta dessa indefinição, é preciso alargar o sentido das palavras e entender a complexidade do que se é.

Assim, Carla Rodrigues (2019) utilizando a célebre frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir (1949) nos chama a atenção para uma ideia de movimento, de algo que está sempre em transformação. Essa identificação pode ser percebida pelo uso do verbo reflexivo “tornar-se”. Ou seja, a ideia de ser mulher não é seu destino ou uma determinação da natureza, mas uma construção complexa de sistemas enraizados na própria vida social que visa a restringir seu papel em uma sociedade construída majoritariamente por homens brancos.

O artigo escrito para *Revista Cult* intitulado “Torna-se mulher, devir feminista” escrito por Rodrigues<sup>59</sup>, fala dos avanços que foram possíveis a partir das reflexões de Beauvoir.

A primeira contribuição da filósofa foi perceber que a mulher tinha sido reduzida, desde o início da modernidade, ao lugar de outro do homem, excluída do conceito supostamente neutro e universal de humano, sob o qual, de direito, estava abrigando apenas o homem. Por isso, Beauvoir começa observando que a ninguém nunca teria ocorrido escrever um livro sobre a condição do homem, porque esta sempre esteve abarcada da condição humana. Cumpre, assim, uma tarefa histórica: de denunciar o fracasso do projeto moderno de universalidade ao perceber que só havia uma definição negativa para a mulher: aquela que não é homem. Essa concepção inferioriza a mulher em uma oposição secundária, argumentava Beauvoir, ainda que o segundo sexo não existisse fundamentado em nenhum aspecto da natureza humana, mas na educação, na cultura e nas formas de sociabilidade. O corpo biológico de uma fêmea torna-se mulher a partir da cultura, e não de regras até então tidas como naturais. Como este ponto de partida, ela influenciou pensadoras ocidentais em diversos campos da teoria feminista, que estabeleceu, a partir dos anos 1970, sob influência da antropóloga Gayle Rubin e em debate com o antropólogo Lévi- Strauss, o sistema sexo/gênero, indicação de que a todo corpo biológico é atribuído um gênero, este submetido a regras sociais. (RODRIGUES, 2019, p. 40)

Outro artigo que dialoga com essa ideia é “O feminino de ninguém” escrito por Lutterbach<sup>60</sup> (2018) também para a *Revista Cult*. A escritora pontua que nem a anatomia, nem a biologia, nem a psicologia e nem a psicanálise de Freud saberiam dizer o que é a mulher.

Ninguém sabe. Como mãe, esposa ou na profissão, ela está em pleno exercício de funções que poderiam ser exercidas por outros e nada disso diz da mulher. Ser mãe não é gestar e parir, essa é uma função biológica. Ser mãe é uma função que através do cuidado, do afago, da alimentação, dá o banho de linguagem e erotismo que permitirá ao pequeno falar, isto é, tratar as coisas do mundo e de si pelas palavras. Qualquer pessoa que se dispuser pode fazê-lo, independentemente de seu sexo. Um homem pode e já exerce a função materna, como prova o cuidado compartilhado nas relações heterossexuais ou nos casais de homens. São funções imprescindíveis, mas não dizem, necessariamente, o que é próprio da mulher. Diante disso, Freud se interroga como uma criança, que para ele tem sempre uma disposição bissexual, pode se “tornar” uma mulher (quando se torna). E é a essa indagação que ele pretende responder. Ele não parte de nenhum pressuposto teórico, mas apenas de sua experiência, isto é, do material escrito em análise por seus analisantes e deste extrai os conceitos, e não o contrário. A diferença entre os sexos começa a se esboçar na chamada fase fálica, até lá, segundo Freud, não há

<sup>59</sup> Carla Rodrigues é doutora em Filosofia pela PUC-Rio, professora do departamento de filosofia da UFRJ, autora, entre outros, de *Duas palavras para o feminino* (NAU Editora/Faperj, 2013) e *Coreografias do feminino* (Mulheres, 2009).

<sup>60</sup> Ana Lucia Lutterbach é psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, autora de *Patu, uma mulher abismada* (Subversos, 2008) e *La erótica y lo feminino* (Gramma, 2012).

nada que possa marcar a diferença além da anatomia, que como vimos, não diz nada sobre o gênero. (LUTTERBACH, 2018, p. 26)

Dialogando com esses conhecimentos, outra crônica que rompe com essa ideia da mulher como um ser genérico, que pode ser apenas uma, reduzindo sua experiência a um conceito ou características é “A vítima indigesta.” Ao rejeitar os rótulos, Natascha prova que a condição de vítima, não é tudo o que ela é. Natascha se define por meio de suas experiências e usa sua voz para construir sua própria narrativa. A jovem que se apresenta como forte e determinada é um exemplo de afirmação de uma identidade que recusa rótulos simplistas e que consegue se enxergar e seguir adiante ao entender que são suas experiências que a define. Ao entender as marcas produzidas, durante os anos presas no cativeiro, Natascha percebe que só depois de aceitar e entender tudo o que viveu é possível retomar o controle da própria vida e escrever o próprio roteiro, protagonizado por ela mesma. Ao recusar o papel de vítima, criado pela mídia sensacionalista, Natascha constrói uma narrativa diferente daquilo que era esperando, uma menina inocente sequestrada pelo lobo mau, como se fosse uma fábula contada às crianças.

As coisas não são totalmente pretas ou brancas. E ninguém é totalmente bom ou mau. Isso também vale para o sequestrador. Essas são palavras que as pessoas não gostam de ouvir de uma vítima de sequestro. Porque os conceitos de bem e mal já estão claramente definidos, conceitos que as pessoas querem aceitar para não perder o rumo em um mundo cheio de tons de cinza. Quando falo sobre isso, posso ver a confusão e o repúdio no rosto de muitas pessoas que não estavam lá. A empatia que sentem pela minha história se congela e se transforma em negação. Pessoas que não têm ideia da complexidade do cativeiro me negam a capacidade de julgar minhas próprias experiências ao pronunciar três palavras: ‘Síndrome de Estocolmo’. (KAMPUSCH in BRUM, 2013, p. 190)

A jovem, que lutou dia a dia para manter sua identidade e sua sanidade, teve sua história reduzida a Síndrome de Estocolmo por meio das narrativas criadas pela mídia, como se tudo o que Natascha viveu em oito anos e meio de cativeiro pudesse ser simplificado, ignorado e rotulado em um diagnóstico (pré) fabricado, já que a mídia insistia em torná-la a “vítima eterna”. Assim, mais uma vez rejeitando o papel daquilo que esperavam dela, a mesma rompe com outro pressuposto ao não ver o sequestrador como um monstro, mas uma pessoa que queria “amor, aprovação e afeto”. Natasha critica a sociedade e mostra aquilo que a mesma tenta esconder ao transformar sua experiência em uma fábula contemporânea utópica, cujo final feliz culmina na exteriorização do mau e na salvação do bem, como se as pessoas seguissem um



roteiro determinado e o final terminasse como nos contos de fadas, “e eles viveram felizes para sempre.” Mas a realidade não funciona desta forma como ela mesma constata.

Crimes assim, como o que foi cometido contra mim, formam a estrutura austera, em branco e preto, das categorias de Bom e Mau nas quais a sociedade se baseia. O criminoso deve ser um monstro, para que possamos nos ver no lado dos bons. O crime deve ser acrescido de fantasias sadomasoquistas e orgias selvagens, até que seja tão extremo que não tenha mais nada a ver com nossa própria vida. E a vítima deve ficar destruída e permanecer assim, para que a externalização do mal seja possível. A vítima que se recusa a assumir esse papel contradiz a visão simplista da sociedade. Ninguém quer ver isso, porque, caso contrário, as pessoas teriam de olhar para dentro de si mesmas. (KAMPUSCH in BRUM, 2013, p. 193)

Assim, Natascha mostrou sua determinação para contar sua experiência, revelando seu protagonismo feminino e indo na contramão daquilo que a sociedade esperava dela. Ao negar os rótulos e afirmar sua identidade, a jovem segue com sua vida e seu corpo marcado em direção ao futuro, pronta para que novas experiências possam ser tatuadas. Ela consegue fazer isso, por que entende que “só tem uma vida aqueles que aceitam as suas marcas como parte do vivido, mas não como tudo o que são. E assim, ela não se fixou nas marcas nem se deixou paralisar pelo lugar de vítima eterna” (BRUM, 2013, p. 191). Natascha é um exemplo de empoderamento feminino que prova que cada experiência vivida importa, que graças a elas foi capaz de assumir sua verdadeira identidade, sua narrativa, para recusar os rótulos e o papel que a sociedade tentava impor a ela.

Dito isso, ao retratar os diversos femininos Brum rejeita os pressupostos estabelecidos e os adjetivos que visam apenas classificar.

Eu não gosto assim, é forte, é fraca, é bonita, é feia. Não, as pessoas são um monte de coisas. [...] Eu tento mostrar a complexidade, as tantas humanidades dentro de cada humano que se define como mulher. (BRUM, Apêndice B, p. 189)

Assim são as narrativas contadas pela repórter. Tal ideia dialoga com a crônica “O perigo da história única” em que escritora Chimamanda Ngozi Adiche mostra como a reprodução dos estereótipos pode reduzir as narrativas e como ela mesma caiu nessa armadilha ao viajar para o México. Em entrevista para a *Revista Marie Claire Brasil*, edição de aniversário, da qual Chimamanda foi a capa, a mesma conta como se descobriu ser negra ao chegar aos Estados Unidos e ser confrontada com todos “os clichês que perseguem a diáspora africana”. Ela conta que:

Não me via como negra, porque na Nigéria, todo mundo é negro. [...] Então, vim para os Estados Unidos e percebi que era negra, o que não tem só a ver com a cor da minha pele – que aliás, eu amo. Se tivesse que voltar como ser humano na Terra, ia querer ser desta cor. [...] Aqui, ser chamado de negro tem um significado. Não é uma identidade livre de valor, é repleta de estereótipos negativos. Na Nigéria, o sucesso negro é comum, enquanto nos EUA percebi que era extraordinário ser negro e se sair bem. (ADICHIE, 2009, p. 78)

Durante a entrevista para a revista, a escritora, que adora moda, saltos e maquiagem, conta que precisou abandonar seu jeito de se vestir para ser vista como uma intelectual “séria”. Isto ocorreu quando ela, após deixar o curso de medicina, na Nigéria, se mudou para os Estados Unidos, aos 19 anos, para estudar comunicação e ciência política.

A triste realidade é que, se tivesse começado sendo quem sou de verdade, usando salto alto e batom, provavelmente teriam reagido a mim de maneira diferente. [...] Isso é algo particularmente comum no Ocidente. Na Nigéria, as pessoas não criticam tanto a aparência das mulheres quanto nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Europa Ocidental, onde existe esse ideal de ter que ser uma coisa só. Eu me considero uma contadora de histórias, uma escritora, uma intelectual, uma pensadora, mas também uma pessoa que ama moda, maquiagem, cabelo. Quando cheguei aos 30 anos, simplesmente me cansei de fingir, porque era o que eu estava fazendo. Acho que isso é resultado da autoconfiança de envelhecer. (ADICHIE, 2009, p. 77)

Segundo Brum, Chimamanda representa as inúmeras mulheres negras que lutam para serem reconhecidas como sujeitos protagonistas das próprias histórias e, sobretudo, para que as mesmas não sejam rotuladas principalmente pela cor da pele ou pela forma como se vestem, como se só isso pudesse determinar sua história ou dizer quem ela é. Ainda em entrevista para a *Revista Marie Claire*, a escritora confessa seu incômodo por ser considerada, na maioria das vezes, um ícone feminista, limitando assim suas experiências a apenas uma bandeira ou ideologia. “Quero ser conhecida como romancista. Como uma contadora de histórias que por acaso é feminista,” pontua (2009, p. 77). Ela ainda completa:

Não quero ser uma feminista que escreve romances. Feminista é um rótulo que me deixa feliz, e que eu assumo e amo, então, não estou me afastando dele nem nada disso, mas me considero uma artista e carregar esse tipo de etiqueta, muitas vezes, é ser limitada por ela. [...] Sei, por exemplo, que existem algumas feministas ferozes que mandam *e-mails* raivosos para mim porque acham que uma história que escrevi não foi feminista o suficiente, sabe? Mas não posso abordar minha ficção de maneira ideológica. Não posso escrever histórias nas quais todas as mulheres são perfeitas e fortes, porque o mundo não é assim. E é por isso que não gosto de ser conhecida principalmente como feminista, porque significa que as pessoas vão ler o que eu escrevo só procurando o feminismo. (ADICHIE, 2009, p. 77)

As obras escritas por Chimamanda vão muito além de roteiros considerados feministas. Seus livros ultrapassam as fronteiras entre ficção e realidade, cujas protagonistas são personagens que retratam a Nigéria contemporânea.

O que Brum e Chimamanda nos mostram é a diversidade de histórias complexas, construídas e representadas por mulheres que não podem ter suas narrativas interpretadas como roteiros simplistas e idealizados. Trata-se de mulheres de carne e osso, vítimas, protagonistas, responsáveis, cúmplices, muitas vezes de estereótipos repetidos pela sociedade que precisam ser rompidos, desconstruídos. E o papel do jornalismo, na percepção de Brum, é justamente romper com esse movimento de reprodução, de naturalização.

O jornalismo é o contrário disso. O jornalismo é essa camada, que eu digo às vezes, que como se fosse um estereótipo, o clichê, a banalidade, e o supostamente banal. É como uma catarata, que cobre os olhos da gente e a nossa primeira missão como jornalista é justamente tirar, arrancar esse véu fantasmático, que cobre a realidade. E como é que a gente faz isso? A gente faz isso pela nossa obrigação. A gente tem a obrigação como jornalista, a obrigação do espanto, a obrigação do estranhamento. Nada é normal ou nada é natural para o jornalista. Especialmente aquilo que nos parece natural, nos parece normal, justamente disso que a gente aceita mais facilmente, a gente tem que recusar, mais rapidamente, com mais força. A gente tem que olhar para uma porta e duvidar dela, que porta é essa, o que está atrás dela, porque ela está fechada ou por que que ela está aberta. O nosso olhar de jornalista é obrigatoriamente o olhar do espanto. Se a gente perde o olhar de espanto e a gente embarca nos estereótipos e passa a ser o reprodutor de estereótipos e clichês, de banalizações, de naturalizações e normalizações, a gente deixou de ser jornalista. A gente pode ser chamado de jornalista, a gente pode fazer, dizer que faz jornalismo, mas a gente nem é jornalista, nem faz jornalismo. Ser jornalista não é uma questão de diploma ou de não diploma. A gente precisa provar que é jornalista todos os dias, exatamente pela nossa capacidade de se espantar, de romper os estereótipos. (BRUM, Apêndice B, p. 185)

Dito isso, Brum é contundente, ao afirmar que a missão do jornalista é desconstruir todos os pressupostos reproduzidos pela sociedade. As crônicas “Pedófilo é gente” e “Tapas e Beijos” são exemplos dessa ressignificação. Uma das maneiras de produzir este movimento é por meio da escuta, esta que na percepção de Brum, se faz com todos os sentidos. Mas para empreendermos por esse caminho é preciso:

se despedir de si para vestir a pele do outro [...] Isso para mim é uma questão básica de respeito absoluto por aquele que eu vou escutar. É meu pacto com aquela pessoa, é meu pacto com o jornalismo, atravessar a rua primeiro de mim mesma. (BRUM, Apêndice B, p. 184)

Ou seja, para escutar o outro é preciso se despir primeiro dos seus preconceitos, valores e ideias enraizadas para romper com os pressupostos e os rótulos construídos. Não pode haver julgamentos e os sujeitos que aceitaram contar suas histórias não podem ter suas narrativas reduzidas a roteiros simplistas cujos personagens disputem os papéis de heróis e vilões. As vidas são bem mais complexas do que isso. Um exemplo disso está na crônica “Pedófilo é gente” em que Brum, ao entrevistar uma mãe que abusou sexualmente do filho, relata como foi difícil a experiência. Como já foi dito anteriormente, sempre que possível Brum evita fazer a primeira pergunta, porque acredita que ela diz mais do entrevistador do que do entrevistado. Porém, em contato com mãe abusadora a repórter conta que:

[...] eu acho que eu disse algo como “tu sabes porque que eu estou aqui” e ela estava muito angustiada, querendo contar, querendo falar disso. E eu acho que você escutava sobre isso, por que o jornalismo também parte da ideia de que não há monstros, no máximo somos monstruosamente humanos. Não existem heróis e vilões para o jornalismo. Pra gente existe gente contraditória, existe gente de conflitos, mais ou menos, às vezes radicalmente mais. Mas somos todos humanos, esses que se chamam humanos. [...] Então a minha escuta, ela parte de um respeito absoluto, sim, a pessoa seja ela quem for pode ser um serial *killer*, pode ser uma mamãe que abusou de seu filho. Ela parte do respeito absoluto de que eu vou escutar aquela pessoa seja o que for que ela vai me dizer e, eu não vou escutar com os meus preconceitos, eu vou tentar alcançá-la. (BRUM, Apêndice B, p. 188)

A partir desse relato, Brum nos mostra histórias que fogem de simplificações e que demonstram a complexidade das relações. A mãe representa a figura de inúmeras mulheres que, ao ter ciência sobre seu crime, carregam a dor e os traumas, causados ou desencadeados por essa situação. Ao investigar seu passado, constatamos a violência a que ela foi submetida ao também ser abusada na infância pelo pai e depois levada para ser empregada em uma casa. Nada que justifique a violência cometida, mas que explica o contexto violento em que essas narrativas foram construídas. Não há monstros como nas histórias da ficção, mas pessoas carregadas de conflitos que precisam lidar e se responsabilizar por suas ações. A mãe abusadora vem de um ciclo de abusos iniciado primeiro na infância e depois ao longo da vida adulta. Essa representa as várias mulheres vítimas da violência, que diante de tantos traumas, não conseguem romper com esse ciclo. Sem ajuda, sem apoio e sem estrutura, elas seguem repetindo as mesmas violações a que foram expostas. Não são todas, mas há uma parcela delas que, ao serem abusadas na infância, tornam-se abusadoras na vida adulta ou ao se relacionaram com abusadores, perpetuando assim, uma narrativa cruel de violência.

Na crônica “Tapas e Beijos”, a repórter nos traz outro exemplo que foge da naturalização, ao desconstruir a ideia da pobre mulher submissa espancada pelo marido. Ser vítima não é tudo que a mulher é. Trata-se de um sujeito multifacetado, complexo, que é agredido, é agressor e que por isso, também sofre. Os casos aqui relatados são histórias de violência entre casais contadas no filme *Amor?* que rompe com todos os clichês (pré) fabricados. Uma das situações narradas é um casamento que acaba quando a mulher é agredida, mas que é retomado depois que ambos reconhecem a violência de cada um, caindo por terra a ideia de que a mulher só se resume ao papel de vítima.

Em um dos casos, Brum conta a história de um dentista que espanca as esposas e namoradas. O rapaz conta que a mãe era espancada pelo pai, mas que, antes de ele levantar a mão para a mãe, era constantemente humilhado por esta. O filho justifica a violência física do pai como uma violência anterior da mãe. Para Brum é importante ouvir também os agressores, a fim de saber o que eles têm a dizer. Outro exemplo trazido pelo filme, que dialoga com essa temática, está na relação entre duas mulheres. O autor derruba o estereótipo de que só o homem é violento, ao demonstrar que a mulher também o é. Outro paradigma quebrado é de que violência doméstica é coisa de pobre, pelo contrário, ela é mais comum do que se imagina e não se restringe a uma classe social.

Dito isso, o que constatamos nesse texto é a representação de femininos plurais, protagonistas de suas ações que rompem com a ideia de passividade atribuída à mulher. São mulheres complexas que revelam seu lado agressor e também agredido. Não existe apenas uma narrativa, uma realidade, mas várias. São histórias de pessoas comuns, que de tão comuns são banalizadas, mas que representam o contexto em que todas as relações estão inseridas e são desencadeadas.

Portanto, Brum parte sempre de ideias, estereótipos, rótulos que precisam ser quebrados, desconstruídos. As crônicas aqui apresentadas expõem tudo isso. Existe uma preocupação da jornalista em diversificar as vozes, provando que não há apenas um feminino, mas vários. Em cada um dos textos escritos, a repórter retrata uma mulher diferente, complexa. Não há representações simplistas, logo não há uma mulher genérica. Assim, desconstrói-se a ideia do sujeito único, universal, como se o conceito de mulher desse conta de abarcar todo o significado do que é ser mulher. Não há como fazer essa simplificação. Trata-se de uma definição fechada e arcaica que nada contempla a complexidade do feminino, segundo a autora.

Diante disso, inferimos que Brum pega uma realidade que é naturalizada e contrapõe com suas vivências reais ao retratar mulheres complexas, atuando assim no sentido de desnaturalização. Ou seja, há uma fuga do sujeito genérico e universal quando Brum opta por

contar histórias de mulheres como Severina. A pernambucana vítima da omissão da Justiça não representa só uma mãe cujo filho nasceu morto, mas muitas mães, esposas, trabalhadoras, filhas e uma complexidade de mulheres que juntamente com suas vivências representam inúmeros femininos. Ao mesmo tempo em que Severina se mostra como uma mulher determinada, ao enfrentar a justiça, mesmo sendo analfabeta, demonstra que também possui fraquezas ao lidar com a dor da perda e todo o sofrimento até o final do processo. Severina precisou conviver dia a dia com a barriga crescendo e a certeza de que o filho não sobreviveria. Uma mulher pobre, sem recursos, nordestina, batalhadora, sofredora que precisou vencer os obstáculos causados pela omissão da justiça. Severina representa as várias mulheres vítimas do país que as ignoram, que precisam por meio de muita luta superar as dificuldades e fazer valer seus direitos.

As realidades aqui apresentadas dialogam com as histórias retratadas no noticiário, principalmente em relação à violência praticada contra a mulher. Assim, são impressionantes os dados sobre a questão social da mulher no Brasil. Em 2015, o país foi considerado a nação mais violenta do mundo para o sexo feminino.

De acordo com D'ABREU & RIBEIRO (2018), as estatísticas demonstram que as mulheres têm seus corpos marcados por uma violência física desencadeada por chutes, socos, tapas, senão quando não são amarradas e espancadas. Já a violência psicológica vem por meio de ofensas, xingamentos, humilhações, insultos e até mesmo chantagens e perseguições. A violência sexual não se dá somente pelo estupro. Também quando são obrigadas a fazerem sexo sem o uso de preservativos ou obrigadas a outras práticas sexuais, ou ainda quando são assediadas e molestadas dentro e fora de casa. Outro abuso cometido é a violência patrimonial em que seus pares as impedem de trabalharem, controlam seu dinheiro, destroem seus bens e omitem o pagamento de pensões a que têm direito.

O site do Instituto Patrícia Galvão<sup>61</sup> revela dados que comprovam as diversas violações a que as mulheres estão expostas. Entre elas, está a segunda edição da pesquisa *Visível e Invisível – A Vitimização de Mulheres no Brasil*<sup>62</sup> realizada pelo Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que traz números sobre violências sofridas por mulheres em 2018 e seus contextos.

Segundo a pesquisa, 536 foram vítimas de agressão física a cada hora em 2018; 12,5 milhões foram vítimas de ofensa verbal, como insulto, humilhação ou xingamento; 4,6 milhões

---

<sup>61</sup> Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-a-edicao-datafolha-fbsp-2019/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais, o que representa 9 por minuto em 2018; 1,7 milhão foram ameaçadas com faca ou arma de fogo; 3 mulheres a cada minuto sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento. As principais vítimas da violência são jovens de 16 a 24 anos, principalmente as mulheres negras.

Ainda segundo a mesma pesquisa, em relação ao assédio, 22 milhões de brasileiras com 16 anos ou mais relatam ter sofrido algum tipo de assédio nos últimos 12 meses; 19 milhões ouviram comentários desrespeitosos quando estavam andando na rua; 6 milhões receberam cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho; 3,9 milhões foram assediadas fisicamente em transporte público como no ônibus e metrô; 3 milhões foram abordadas de maneira agressiva durante balada, isto é, alguém tocou seu corpo e 2,3 milhões foram agarradas ou beijadas sem o seu consentimento.

Já em relação com o agressor: 76,4% das mulheres que sofreram violência afirmam que o agressor era alguém conhecido; 23,8% cônjuge, companheiro ou namorado; 21,1% vizinho e 15,2% ex-cônjuge, ex-companheiro e ex-namorado. Em relação ao local em que sofreram a violência: 42% das vítimas apontam a casa, 29% sofreram na rua; 8%, na internet, rede social, aplicativo, blog; 8%, no trabalho e 3%, no bar ou balada. Segundo o site, a pesquisa teve como público mulheres de todas as classes sociais a partir dos 16 anos, em todas as regiões do Brasil. Os números aqui expostos representam parte da violência a que são submetidas as mulheres, já que muitos crimes ainda são subnotificados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Os estereótipos não são verdades, mas construções” (BRUM, 2019, p. 82). Essa é a premissa que norteia e responde à pergunta que move essa pesquisa sobre os femininos representados no livro *A menina quebrada e outras colunas* de Eliane Brum. A partir dessa constatação, chegamos a alguns resultados, visto que esta pesquisa apresenta apenas um recorte e por isso, não pretende esgotar todas as possibilidades.

Uma das principais bandeiras defendidas por Eliane Brum são as questões relacionadas ao sexo feminino, em especial às mulheres invisibilizadas pela sociedade patriarcal - apesar dos avanços conquistados desde o último século. Trata-se da representação de mulheres simples, que talvez não teriam voz ou protagonismo na grande mídia, além do espaço comum de vítima. Em seus textos a jornalista denuncia os abusos físicos, psicológicos e mentais, além da violação do corpo e da alma de mulheres que, constantemente, são torturadas e agredidas pelos valores hipócritas da sociedade. A repórter promove uma reflexão sobre o papel da mulher, suas omissões e o controle de seus corpos e sua sexualidade.

Inferimos, assim, que Brum rompe com estereótipos e ideias pré-fabricadas referentes à figura feminina. A começar pela definição de gênero, já que hoje o termo mulher é ultrapassado e não dá conta de abarcar toda a complexidade do que é ser mulher. Não existe apenas um feminino, mas vários. Ser mulher ou homem, não é tudo que uma pessoa pode ser. Não são os rótulos que as definem, mas suas experiências, segundo a repórter.

Brum rejeita as ideias simplistas que visam encaixar as pessoas em rótulos, como se elas pudessem ser apenas uma coisa. Por meio das vivências relatadas pelas entrevistadas, a repórter desconstrói as ideias defendidas pelo senso comum e repetidas pela sociedade. Como por exemplo, a ideia de que a mulher é sempre a vítima ou ainda, que a violência doméstica só atinge as camadas mais pobres. As narrativas de Brum rompem com tudo isso e mostram um olhar avesso às histórias veiculadas pela mídia hegemônica. Ou seja, a repórter parte de uma realidade que é naturalizada para desconstruir padrões e versões consideradas universais ou genéricas para mostrar a complexidade, que é a vida.

Às mulheres, que por séculos tiveram suas histórias silenciadas e ignoradas, não cabe o papel de um indivíduo genérico, mas de um ser humano que luta para que haja igualdade de direitos e protagonismo na construção da própria história e da história da humanidade, aquela escrita com H maiúsculo. À mulher cabe o lugar que ela quiser. O que Brum faz é dar voz e visibilidade a sujeitos até então invisíveis da história brasileira, em especial os indígenas, os negros, os ribeirinhos e sobretudo, as mulheres. Suas narrativas são permeadas por uma multiplicidade de vozes que têm seus discursos e vivências muitas vezes ignoradas pela grande



mídia. Em alguns textos analisados, a repórter destaca a audácia de mulheres que se emanciparam e são violentadas quando tentam se emancipar.

Inferimos que as narrativas construídas pela repórter nas crônicas analisadas se baseiam em um rigor jornalístico em que tudo que é relatado é checado e investigado. São crônicas jornalísticas que muitas vezes têm suas palavras inspiradas na literatura, mas que nada têm a ver com o texto inventado ou construído pela ficção. São textos que fogem da objetividade do modelo clássico do jornalismo. Assim, Brum parte de cada detalhe, como se fosse uma colcha de retalhos, em que costura cada peça e oferece ao leitor uma riqueza de fatos para que ele mesmo tire suas próprias conclusões. As marcas de subjetividade e autoria não fazem de seus textos uma narrativa de ficção, mas um trabalho que prima pela qualidade dos acontecimentos apurados, somados a uma linguagem que utiliza elementos, por exemplo, da literatura para dar ao leitor uma versão mais completa do fato, aproximando-se em alguns momentos da linguagem empregada pelos romances. Assim, é importante frisar que Brum está inserida em um sistema literário e jornalístico, que singulariza uma tendência de humanização das narrativas, com coragem e vigor, mas que vem de um sistema de cronistas e jornalistas construído ao longo dos anos, no qual a repórter se insere e gera marcas próprias também.

Logo, a repórter utiliza como estratégia narrativa na construção de seus textos, técnicas literárias como: a narratividade, a descrição física, moral e\ou psicológica das pessoas entrevistadas, assim como a descrição de ambientes, em alguns casos. Ou seja, características que estão presentes na narrativa literária que tornam o texto mais atraente, seduzindo assim o leitor. Além disso, em algumas crônicas, chamam a atenção os adjetivos empregados pela repórter na construção dos textos, que podem vir em destaque no título ou no desenvolvimento das características ligadas ao entrevistado. Tal recurso pode ser interpretado como uma estratégia narrativa utilizada para instigar ou dar pistas ao leitor sobre as histórias que ali serão contadas. Como por exemplo, a vítima indigesta, entre outros.

O que torna a obra de Eliane Brum diferente do jornalismo tradicional é a opção da jornalista por construir uma narrativa rica em subjetividades, a partir de um processo árduo de apuração, baseado na utilização de recursos de observação, atrelada a uma linguagem original e pautada por um processo de escuta que se faz com todos os sentidos. Observamos a partir disso que Brum comporta-se como um “narrador literário” (SODRÉ, 2009), ao se distanciar das técnicas empregadas pelos manuais de redação, optando por recursos da retórica literária, dando aos seus relatos cores e texturas de elementos presentes no romance. Desta forma, o que se observa no livro analisado é o uso de recursos literários na produção de textos que visam histórias de vida de pessoas anônimas, que estão à margem da sociedade, convertendo-as no

próprio acontecimento jornalístico. Ao narrar as histórias ao público, percebe-se também um tom provocativo, que demonstra uma intencionalidade de comover, desacomodar, causar mal-estar naquele que lê, contribuindo assim para uma humanização das histórias. Ao fazer isso Brum promove encontros entre realidades distintas, daquele que conta com aquele que toma consciência da narrativa do outro.

Assim, observa-se nas crônicas que, ao construir histórias pautadas por relatos da vida real, Brum humaniza as narrativas e aproxima o leitor da realidade retratada, o que pode gerar um processo de identificação e empatia. Essa estratégia narrativa, utilizada pela repórter, pode ser vista no texto “Chega de torturar mulheres”. Brum parte de um assunto que está no agendamento do país para mostrar por meio da história de Severina como uma decisão pode impactar a vida de uma cidadã comum.

Assim, ao conferir protagonismo à Severina, mulher humilde e analfabeta, a repórter demonstra que toda vida importa e merece o mesmo respeito e cuidado. Severina por tantos anos invisibilizada pela sociedade e pela Justiça, conseguiu por meio da trágica experiência ter sua vida contada, vista e escutada, ainda que de maneira tardia. O documentário, mostrando seu sofrimento, transformou-se em um corpo, um objeto físico, palpável que pode servir de eco para que mulheres, como Severina, tenham suas realidades conhecidas e respeitadas pela sociedade. Severina representa a existência dessas inúmeras mulheres que passam ou passarão pelo mesmo conflito. Trata-se uma pessoa de carne e osso, que teve sua vida transformada por uma decisão da justiça. A luta de Severina é uma luta de todas as mulheres que tiveram a vida interferida por uma omissão do Estado.

Além disso, Brum empodera a agricultora ao mostrar-lhe que pode ser vista como protagonista de uma narrativa e servir de exemplo para outras mulheres. Severina é colocada em pé de igualdade com outras vidas que são mostradas normalmente em reportagens cobertas pela grande mídia. É necessário e de grande relevância que histórias como a de Severina cheguem ao grande público, para que a sociedade possa ter conhecimento de tais realidades. Muito mais do que números e dados, Severina representa uma pessoa, que teve sua vida devastada por uma corte majoritariamente masculina, que decidiu sobre seu corpo e sua vida ao votar pela criminalização do aborto em caso de anencefalia. Tal episódio demonstra a força exercida pelo sexo masculino sobre o feminino, sem levar em consideração a experiência vivida por mulheres que geram uma vida. Trata-se de uma decisão arbitrária de homens que sequer saberão o que é ter o corpo e a vida violada. Assim, é importante destacar o papel de Eliane Brum ao trazer para a grande mídia, histórias de pessoas como Severina que a partir daí, ao

entrar no agendamento do país com o julgamento do Supremo Tribunal Federal, teve sua história relembada e contada por vários veículos da imprensa.

É, a partir desse exemplo, que constatamos nas narrativas criadas pela repórter que não existe apenas um feminino, mas vários. Severina, além de mulher, é mãe, esposa, filha, neta, agricultora e muitas outras coisas. Não há como rotulá-la. Assim como, o termo mulher, não dá conta da complexidade do que é ser mulher.

Fica claro a multiplicidade de histórias a que a repórter dá voz. Um fato que chama a atenção na obra é o número de crônicas atribuídas à Dilma Rousseff. São três textos que dialogam com a ideia apresentada acima. Assim, não há como reduzir a experiência de Dilma ao fato de ela ser só mulher, ou uma mulher ocupando o cargo mais alto de um governo. Dilma, assim como Severina, é muitas coisas.

Constatamos, portanto que muitos são os femininos representados na obra como por exemplo: o feminino no poder, aquele que tem suas vozes ignoradas, o que retoma a posse do próprio corpo, o que se reconhece como agressor e vítima da violência, o que rejeita rótulos e se coloca como protagonista da própria história, o que se identifica com as indefinições e muitos outros. Muitas são as possibilidades e, para dar conta de tudo isso, é preciso que as pessoas se abram ao diálogo e às novas realidades que se apresentam. Como afirma Brum é preciso nos despirmos de nós mesmos, de nossos preconceitos para acessar a realidade do outro, e isso começa pela escuta. As ideias inseridas ou praticadas pelo senso comum sobre a definição de gênero ou os termos empregados pela anatomia ou pela biologia, não dão conta de abarcar todas as questões envolvendo o feminino, e Brum deixa isso claro em algumas das crônicas analisadas.

Em síntese, concluímos que a jornalista trabalha com uma linguagem pautada pela subjetividade ancorada em uma apuração exaustiva e de qualidade, reforçando assim o papel do bom jornalismo. Fica claro que ela se move pelas dúvidas e confere protagonismo à história dos anônimos, pouco explorada pela mídia hegemônica.

Outro ponto que destacamos é que a repórter parte de assuntos que estão no agendamento do cotidiano do país para construir suas crônicas jornalísticas. De maneira crítica, ela questiona, investiga, reflete e contribui, como por exemplo, no caso Severina para a construção da história oficial do país. Ao explorar um tema, Brum parte do pressuposto de que o ponto de vista a ser apresentado ainda não foi discutido por outras pessoas ou não da forma como gostaria, contribuindo assim com outro olhar para que o leitor tenha acesso a pontos de vista diferentes. Assim, Brum procura romper em seus textos com ideias pré-fabricadas, desconstruindo conceitos, estereótipos e realidades tão comuns que muitas vezes são

negligenciadas pela mídia hegemônica. A repórter vai na contramão disso tudo, e apresenta ao público indivíduos com realidades complexas, nutridas de dores, dilemas, sofrimentos e angústias.

No decorrer das crônicas jornalísticas analisadas, constatamos a presença de uma narradora que se revela ora como protagonista, ora como testemunha dos fatos que podem ser exemplificados, quando a repórter parte de uma experiência pessoal. Além disso, percebemos que Brum se preocupa em se posicionar e faz isso, de maneira clara, expondo assim sua opinião pessoal sobre determinado assunto. A repórter mantém um tom político, por meio de uma postura engajada, resistente e combativa principalmente ao expor realidades negligenciadas. Brum coloca o dedo na ferida e expõe de maneira clara as mazelas e os impactos sofridos pelos mais vulneráveis. Ao trazer à tona essas realidades, a repórter humaniza os relatos e cria uma empatia com o leitor que se identifica com o entrevistado. Dessa forma, merece destaque a construção das narrativas contadas pela repórter ao longo dos textos. De maneira sensível, por meio da observação, ela parte de detalhes que envolvem aspectos físicos, psicológicos, comportamentais para construir a feição do entrevistado. Tal estratégia lembra os recursos utilizados na produção dos romances.

Por fim, salientamos que a obra acima analisada representa um pequeno recorte do objeto apresentado, o que pode suscitar outras interpretações e análises. A ideia é contribuir para um debate plural.

## REFERÊNCIAS

- ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: O folhetim e a crônica.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- ARNT, Hérís. **Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano.** Contemporânea. UERJ. n. 3. 2004-2. p. 46-52. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_03/contemporanea\\_n03\\_05\\_arnt.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_05_arnt.pdf). Acesso em: 20 de abril de 2016.
- ARRIGUCCI, Davi Júnior. **Fragmentos sobre a crônica.** In: Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.
- BAPTISTA, Maria Manuel. **Gênero e Performances. Textos essenciais** Vol. 1. Grácio, 2018
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo. Edições 70, 2016.
- BARTHES, Roland. **O efeito do real.** In. O rumor da língua. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BARTSZ, Rodrigo. **Jornalismo e literatura: as complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico.** Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.
- BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto.** Trad. Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica.** Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo.** Sulina: Porto Alegre, 1980.
- BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhil de. Textit. **Crônica – História, Teoria E Prática.** São Paulo: Ed. Scipone. Col. Margens do texto, 1993.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** 2. Ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIM, Walter. **O narrador: observações acerca da obra de Nikolai Leskov.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Coleção Os Pensadores: textos escolhidos, vol. XLVIII. São Paulo: Abril, 1975.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** 2. Ed.rev. e ampl. - Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras –** São Paulo: LeYa, 2014.

BRUM, Eliane. **Uma duas**. São Paulo: Leya, 2011.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **Brasil, Construtor de Ruínas**- Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro - Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CAMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo**: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Brasília: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2013.

CANDIDO, Antonio. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. Organizadores Gustavo de Castro e Alex Galeno – São Paulo: Escrituras Editora, 2002 (Coleção ensaios transversais)

COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e Crônica**. In \_\_\_\_ (Org.) *A Literatura no Brasil*. V 6. Teatro, Crônica, A Nova Literatura, Conto. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

D'ABREU, Patrícia Cardoso; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mulher, cultura e mídia**: investigações sobre o feminino, Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 9, dezembro 1998.

EYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Ed, reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. **Transformações nos discursos jornalísticos**: a atorização do acontecimento. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro. Anais.

FERNANDES, Rodolfo Tiengo. **Novos rumos da narrativa de não ficção**: o jornalismo literário da Revista Piauí. 2007. Monografia, UNIFAE.

FINGER, Cristiane. **Crossmedia e Transmedia**: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/23731/23671>. Acesso em: 18 de mar. de 2019.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

HALBWACHES, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª edição. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Editora ALEPH, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Editora ALEPH, 2015.

KLINGER, Diana. **Escrita de si como performance**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, 2008.

LAGO Jr, Sylvio. **O ofício do ensaísta in Logos: comunicação e universidade**. - Vol. 1, n. 1 (1990) - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 1990.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5ª Ed – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história**. Porto Alegre, Vol. 23, n. supl., outubro, 2016: *Jornalismo Literário*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25024>. Acesso em: Jan. 2020.

LUTTERBACH, Ana Lucia. **O feminismo de ninguém**. In: Dossiê A psicanálise entre feminismos e femininos. Velhas discórdias, novas aproximações. Revista Cult. São Paulo, n 238, ano 21, setembro de 2018.

MARCHETTI, Greta Nascimento. **Recursos argumentativos presentes em textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião: uma abordagem sistêmica - funcional**. Tese. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Doutorado), São Paulo, 2015.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

- MEDINA, Cremilda. **Notícia**: Um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.
- MELO, José Marques de. **A crônica**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONICA, Martinez. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.
- MONICA, Martinez. **Jornalismo Literário**: a realidade de forma autoral e humanizada. Núcleo temático. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1* pp. 71 - 83 jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 9 de mar. de 2019.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2013.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jogos semânticos, efeitos de sentido e ação cognitiva nas notícias**. In: *Compós*. Disponível em: <http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/luiz-gonzaga-motta.pdf>. Acesso em: 9 de mar. de 2019.
- NICOLATO, Roberto. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos)
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto. 2. ed. 2010.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PICCININ, Fabiana; NOBRE, Kassia. Quando a fonte vira personagem. In: **Tecendo conexões entre cognição, linguagem e leitura**. In: GABRIEL, Rosângela; FLÔRES, Onici Claro; CARDOSO, Rosane; PICCININ, Fabiana. (Org). Curitiba: Multideia, 2014.
- PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
- PICCININ, Fabiana. **O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos**: para pensar a narrativa no contemporâneo. In. *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.



QUEIROZ, Poliana. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Revista temática. Ano VII, n. 07 – Julho/2011.

REIS, Marco Aurelio. **O subúrbio feito letra:** o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas. 2015. Tese (Programa de Pós-Graduação Ciência da Literatura - Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RINCÓN, Omar. **Narrativas Mediáticas.** O cómo se cuenta la sociedad del entretenimiento. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.

RODRIGUES, Carla. **Torna-se mulher, devir feminista.** In: Simone de Beauvoir e os paradoxos do feminino. Revista Cult. Edição especial. São Paulo, nº 10, ano 22, janeiro de 2019.

SÁ, Jorge de. **A Crônica.** Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2005.

SANTAELLA. Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno.** In: \_\_. Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 44-60.

SANTOS, Kassia Nobre dos. **Quando a fonte vira personagem:** análise do livro-reportagem A vida que ninguém vê da jornalista Eliane Brum. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul, 2013.

SCHEIBE, Roberta. “**A vida que ninguém vê**”: As crônicas de Eliane Brum refletidas sob a ótica da Sociologia das Ausências. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2014, Belém. Anais.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo – O fato por trás da notícia.** São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Adriana Ferreira. **A voz do feminismo.** Marie Claire Brasil. Edição de aniversário, n 337, abril de 2019.

SILVA, Cíntia Charlene; BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira. **A grande reportagem:** Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Monografia-A-grande-Reportagem.docx>. Acesso em: 10 de mar. de 2019.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** 7. Ed. São Paulo 85p. – (Princípios; 166)

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Dialogia e atorização**: características do jornalismo midiático. In: 10º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 10., 2013, Brasília. Anais... Brasília, 2013.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana; HAAS, Joel; GARCIA, Pedro Piccoli; KANNENBERG, Vanessa. **Narrativas literárias no jornalismo impresso diário**: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011-a, Recife. Anais.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo**: diferenças que estabelecem diferenças. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011-b, Recife. Anais.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MELO, José Marques de. **A crônica**. In.: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Uma breve história do feminismo no Brasil**. 1ª Edição- Editora Brasiliense, 1993.

THOMÉ, Cláudia Albuquerque. **Literatura de ouvido**; crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio. Curitiba: Appris, 2015.

THOMÉ, Cláudia Albuquerque; RODRIGUES, Michele Pereira. **As fronteiras do fático e do ficcional nas crônicas de Luiz Ruffato no *El País***. In: Rizoma, Santa Cruz do Sul, v5, n1, p50 agosto de 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/8543/6167>. Acesso em: 15 de mar. de 2019.

TIBURI, Márcia. **Feminismos em comum**: para todas, todes e todos. 7ª Edição – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

**Visível e Invisível**: A vitimização de mulheres no Brasil – 2ª Edição (Datafolha/FBSP, 2019). Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-a-edicao-datafolha-fbsp-2019/>. Acesso em: 7 de jan. de 2020.

**APÊNDICE A – Transcrição da entrevista de Eliane Brum, em 2013, para a monografia  
“A grande reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da  
pauta até a divulgação da matéria.**

**1- De onde surgiu a ideia da pauta?**

**Eliane Brum:** Desde 1997, quando fiz minha primeira matéria na Amazônia. Desde lá, essa Amazônia sempre foi um lugar, uma geografia humana, enfim, de várias maneiras muito importantes para mim. E essa matéria “A espera do assassino” surgiu quando ia ser lançado um relatório dos ameaçados de morte que era de três organizações, Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra. Então, eu acertei com eles de dar o relatório, mas eu queria escolher um lugar que fosse representativo dessa realidade que estávamos contando, para ir além dessas estatísticas. Para ir ao alcance das pessoas, um lugar que fosse representativo dessa realidade e acompanhar um pouco alguém que estava ameaçado de morte. Quando a gente fala em ameaçado de morte, as palavras são um pouco assim, e o nosso desafio na reportagem é ampliar a largura das palavras. Quando a gente diz ameaçado de morte, a gente não tem ideia do que é ser ameaçado de morte. Ser ameaçado de morte é uma coisa que nem eu, nem vocês conseguem imaginar, mesmo tendo sofrido uma ameaça ou outra, é muito mais complicado viver cotidianamente sabendo que tu podes morrer a qualquer momento. Na Amazônia, a ameaça de morte é por causa da ausência do Estado ou, quando o Estado aparece, ele aparece em geral pela violência, onde o Estado também é violento. Mas, a ausência do Estado faz com que os crimes fiquem impunes, e a ameaça de morte possa virar morte, muito rapidamente. Não é uma ameaça no plano subjetivo, ela é uma ameaça muito concreta. Então, eu queria saber como era viver com isso. Dentre todas as realidades abordadas, todas as pessoas que eram abordadas naquele relatório, eu escolhi Castelo de Sonhos, porque era uma região que eu já tinha ouvido falar pela sua violência. A história do Rambo era uma história que precisava ser melhor contada. Era uma história que eu já tinha ouvido falar outras vezes, em ocasiões em que fui para a Amazônia. E a realidade de Castelo de Sonhos era uma realidade muito complexa. A Solange Azevedo fez comigo essa matéria. Ela ficou destrinchando o relatório e ouvindo outros ameaçados de morte, e eu fui com Lilo Clareto na época. Até hoje nós mantemos contato. Eu tenho uma coisa que essa dupla de repórter e fotógrafo, que eu acho que é muito interessante. Isso existia muito no passado, mas infelizmente, com toda essa deteriorização que existe na própria imprensa, essa figura acabou. E eu acho essa dupla de repórter e fotógrafo muito interessante, muito importante. A gente passa a saber como é trabalhar junto, já tem uma outra

sintonia, uma forma de trabalhar as coisas. Então, eu fiz muitas viagens, e o Lilo Clareto me acompanhou em muitas, ele foi minha dupla. Então nós fomos para Castelo de Sonhos. Combinei antes, fiz toda uma negociação para combinar com a Santa, que é irmã do Brasília, que foi uma grande liderança assassinada. E, a partir do momento que ele foi assassinado, a Santa por ir atrás de investigar o crime, não se encolheu, o que é muito difícil. Por ir atrás, ela passou a ser ameaçada de morte também. Eu combinei de encontrar a Santa em Castelo de Sonhos. Foi assim que eu fui para lá. Nessa ideia de que a gente precisa atacar nas estatísticas, e a gente precisa alargar o mundo das palavras. A gente precisa dizer o que é ser ameaçado de morte, e a gente precisa contar toda a complexidade que pertence a esse universo, um universo como o de Castelo de Sonhos. Um povoado que pertence ao município de Altamira, que ficava com todas essas coisas, às vezes surreais. Castelo de Sonhos pertencia a Altamira, a sede do município ficava a 1.100 quilômetros de Castelo de Sonhos. Então, contar esse universo.

## **2- Apresentar a pauta aos editores da “Época” foi um desafio ou eles compraram sua ideia?**

**E.B:** Eu acho que não foi tão difícil de sugerir a pauta, fazer com que achassem a pauta interessante. Já faz muito tempo, e não é algo que eu me lembre, porque, depois disso, eu fiz muitas coisas. Mas, eu me lembro que era uma época de crise, então não era porque o diretor achasse ou não a pauta relevante, mas tínhamos um problema de recurso. Então, o que a gente fez, fomos até o Mato Grosso de avião e, de lá alugamos uma caminhonete que fez uma parte grande do percurso para economizar. Porque dentro da Amazônia, só tem uma companhia que faz esses voos com aviões menores, e eles são muito caros. Viajar na Amazônia é muito caro. Reportagem na Amazônia é sempre muito caro por causa disso. Então, para encurtar o custo e fazer essa viagem, a gente fez uma parte muito grande de carro. Eu prefiro sempre viajar de carro, porque gosto de ver o caminho, eu acho que a viagem fica bem mais interessante. Eu já fui até o Atacama de carro saindo daqui (de São Paulo), já fiz várias viagens de carro. Sempre que possível, viajo de carro. Mas, ali tinha um risco, nós íamos fazer uma viagem complicada, e a gente ia passar especialmente na volta porque, na ida, ninguém sabia que nós estávamos indo, com exceção da Santa. Nós íamos passar um período muito grande, praticamente o dia inteiro andando numa estrada muito difícil, com muitos buracos, difícil de caminhar, de andar e, por isso, tínhamos que ir muito devagar. E era uma estrada que só tinha mato dos dois lados. Então, se a gente corresse algum risco ao longo dessa matéria, essa volta em que passaríamos

um dia na estrada praticamente sozinhos seria um risco. Mas, a gente aceitou esse risco, a gente topou isso para fazer a matéria e não teve problema nenhum.

### **3- Como foi o contato com a Santa, personagem central na reportagem?**

**E.B:** A Santa, como todas as pessoas que nós entrevistamos, escolheu dar o nome dela, inclusive mostrar o rosto. O contato com ela foi primeiro, através da negociação com essas organizações, à medida que a gente não sabia onde ela estava escondida. Então, foi toda uma negociação através dessas organizações. Ela sabia exatamente o que a gente estava fazendo, como ia sair a reportagem, e ela achou que valia à pena mostrar o rosto. Então, é o que eu faço sempre, tanto nesta circunstância em que é mais evidente quando a pessoa está correndo risco de vida, quanto em outras circunstâncias. Eu sempre explico muito bem o que eu vou fazer, os riscos que eu acho que a pessoa pode correr, e ela escolhe aquilo se quer fazer. A Santa achou importante, essa era a luta dela. Eu queria fazer isso, ela optou pelo enfrentamento desde que o Brasília (irmão dela) foi assassinado. Então ela escolheu mostrar. Ela achava que ficaria mais protegida mostrando o rosto do que não mostrando.

### **4 – Como foi sua apuração no local. Você encontrou alguma fonte que não estava prevista?**

**E.B:** Eu sempre estudo o que faço. Eu acho que qualquer repórter faz. Eu sempre estudo muito a região onde eu vou. Nesse caso, quais eram as singularidades, os conflitos, qual era o histórico. Embora muitas vezes as coisas que faço não tenham tanto material assim, eu tenho que ir construindo esse conhecimento quando faço em alguns casos. Em Castelo de Sonhos, tinha algumas coisas que eu estudei. Minha primeira entrevista lá foi com a própria Santa, que conhecia muito de como funciona aquilo tudo. Mas os roteiros e os estudos, eles servem para ser derrubados, porque as pautas boas elas acontecem assim, sempre tem uma reviravolta, sempre outras coisas acontecem, e isso é muito desejável. Eu sempre digo que a melhor coisa que pode acontecer com o repórter é quando as coisas dão errado, porque é pelo errado que vem o novo. Porque a gente não previa aquilo que não se imaginava, sempre com uma construção de conhecimento. Toda apuração começa com a gente estudando muito aquilo que a gente vai fazer, vendo o que já foi feito, qual é o conhecimento sobre aquela história que já foi construído e fazendo um plano antecipado daquilo que a gente pretende fazer, de como a gente acha que tem que ser para alcançar aquilo que a gente pretende, que é chegar o mais perto das verdades todas, dos contraditórios, das contradições, das complexidades daquela situação. Mas estudar o

que já foi feito, fazer esse roteiro prévio serve para que tu possas quebrá-lo, para que tu tenhas conhecimento o suficiente para quebrá-lo. Porque as coisas mais interessantes não são previstas numa reportagem. As coisas mais interessantes são quando dá tudo errado, porque é aí vem o novo. Muitas vezes, há pouca coisa escrita sobre os lugares para onde eu vou fazer matéria, é um processo de construção de conhecimento. Embora tivesse estudado e feito um plano prévio, esse plano foi quebrado. Outras coisas se mostraram importantes, foi importante entrevistar outras pessoas. E é assim que vale à pena. A primeira pessoa que eu entrevistei foi a própria Santa. A gente ficou muito tempo conversando. Em geral, no mínimo, minhas entrevistas quando é para uma matéria curta, duram duas horas. Eu faço entrevistas muito longas com as pessoas. Então, eu conversei com a Santa e fui indo para outras pessoas.

**5- Na matéria, você destaca uma lista que contém nomes de pessoas marcadas para morrer. Como você conseguiu esta lista?**

**E.B:** Essa lista que está na matéria é a lista do relatório que foi divulgado. Acho que a gente publicou a matéria na semana em que esse relatório foi divulgado.

**6- Você conseguiu conversar com essas pessoas?**

**E.B:** Algumas pessoas foram entrevistadas. Elas têm seus depoimentos na matéria. Mas essa parte quem fez foi a Solange Azevedo. A parte que eu fiz foi Castelo de Sonhos.

**7- Tem uma família que você entrevista que é família Brancher. Como chegou até eles e como foi convencê-los a dar entrevista?**

**E.B:** Eu nunca convenço ninguém a me dar entrevista. Eu não forço ninguém a me dar entrevista. Eu tenho muito claro que ninguém tem obrigação de me dar entrevista. Muito menos se isso significar um risco para essas pessoas. O que eu faço é sentar com as pessoas, explicar o que eu vim fazer, explicar quais são os riscos e saber se elas querem dar entrevista. O que faço é sentar com as pessoas, explicar o que eu vim fazer, explicar quais são os riscos e saber se elas querem dar entrevistas e sob que condições elas querem dar esse depoimento. Então, na casa do Brancher, que é uma família de Santa Catarina, que migrou para Castelo de Sonhos em busca de uma conquista tardia da Amazônia de melhorar de vida, eu fui com a Santa. A Santa, além de ser a pessoa central, condutora dessa reportagem, ela me ajudou muito no contato

com essas pessoas. Castelo de Sonhos é muito pequeno, é um povoado bem pequeno mesmo. Então, todas as pessoas de conhecem. No momento em que a gente botou o pé lá, todo mundo sabia quem a gente era, o que nós estávamos fazendo. E assim foi durante o tempo que a gente permaneceu lá. Então, fui na casa dessas pessoas, do jeito mais simples, batendo na porta delas, perguntando e explicando.

**8- Em algum momento teve algum risco para vocês? Em algum momento você sentiu um clima tenso?**

**E.B:** Em todos os lugares que já fui na minha vida de repórter, que já são 25 anos, já fui em muitas favelas dominadas pelo tráfico, já vivi muitas situações, já fui muitas vezes para a Amazônia, em diferentes tipos de conflito, mas acho que Castelo de Sonhos foi o lugar mais tenso que já fui. Era um lugar onde a tensão era muito palpável, foi um lugar, por exemplo, em que à noite, depois que tudo acaba, em geral a gente gosta de ir para um boteco, um armazém e tomar uma cerveja e relaxar. E a gente não saía de noite lá, para se proteger de um eventual risco. Quando eu entrevistei o Léo Reck, um dos fundadores de Castelo de Sonhos, que foi um dos protagonistas de uma briga com o Rambo que é uma das pessoas centrais dessa história, hoje possivelmente morto, a própria morte dele é controversa. Ainda tem gente que acha que não era ele que foi morto. Enfim, quando eu entrevistei o Léo Reck, ele falou que antigamente repórteres eram atirados de aviões quando vinham aqui. Não me lembro das palavras exatas dele. Era um lugar tenso, quando o sol baixava, a gente ia para o hotel. Com exceção do dia que a gente foi encontrar o pistoleiro, que foi à noite, por motivos óbvios. Mas isso é uma parte importante para mim. Eu tenho muito cuidado com essa questão de jornalista correndo risco, porque eu acho que, embora a gente corra risco, eu não gosto de valorizar isso. Porque as pessoas cujas histórias a gente conta, elas sempre correm mais risco que nós. Então, a Santa correria muito mais risco que a gente, e ela estava ali assumindo os seus riscos. As pessoas cujas histórias a gente conta, muitas vezes, na maioria das vezes, a escolha de correr risco ou não correr risco de morte a gente tem. Quando tu és jornalista, escolhes, tu escolhes correr risco. Então, eu não gosto de ficar valorizando muito essa coisa. Os riscos que a gente correu, embora reais, concretos, eram mínimos diante dos que as pessoas estavam correndo, de todas as pessoas que a gente entrevistou para contar suas histórias. Esse era um risco muito maior, e elas continuariam ali, e a gente não, a gente vai embora então, a gente nunca pode esquecer disso.

**9- Durante a produção da reportagem, você teve que transpor alguma barreira ética? Como você lida com isso? Quando a informação deve ser divulgada?**

**E.B:** Com relação a divulgar ou não informações, divulgar ou não nomes ou imagens de pessoas, eu acho que, em primeiro lugar, são as pessoas que teriam seu nome divulgado ou que teriam sua imagem divulgada que têm que decidir se querem e se elas podem. E se elas disserem não, a gente não tem o direito de insistir. Só que algumas pessoas sabem também os riscos que elas correm, pessoas como empresários, políticos, gente que está acostumando com a imprensa sabe dos riscos, porque conhece como funciona. Mas, em geral, no tipo de reportagem que eu faço, a maioria não está acostumada com a imprensa, nem conhece os efeitos que uma reportagem pode causar na vida dela. Então, a minha obrigação, antes de qualquer coisa, é explicar para elas como funciona e o que pode acontecer com elas, então elas decidem. Mas, mesmo assim, em algumas reportagens, não foi o caso dessa específica, mas, em algumas reportagens, mesmo a pessoa querendo, se eu acho que ela corre risco, nesse caso, só nesse caso, eu desrespeito a decisão dela e não coloco. Foi o que aconteceu quando fiz as mulheres que eram mães dos meninos do tráfico. Uma delas disse pode colocar, não tem problema. E eu sabia que ela correria risco, porque, por mais que eu explicasse, achei que ela não estava avaliando, ela não tinha ideia e achava que o marido dela que era muito violento, não ia ler a matéria, que as pessoas ao redor não liam a revista. Mas eu sabia que essas coisas acabam chegando. Então, tomei a decisão de não colocar o nome dela. Mas eu criei, ao longo desses anos, porque a questão ética não tem uma resposta fácil. E o tempo inteiro que você está exercendo a reportagem, vai se deparando com assuntos novos. E, às vezes, a gente não tem, infelizmente hoje nas redações, a gente não tem ninguém mais velho, mais experiente para discutir isso com a gente. Nós vivemos grandes dilemas, e esse é um processo cotidiano mesmo de discutir quais são os limites. Então, eu criei para mim ao longo do tempo, o seguinte limite: antes de sair da minha casa para bater na porta de outra pessoa, eu faço um exercício interno pessoal de me perguntar se eu estivesse no lugar dessa pessoa será que eu abriria a porta para um jornalista entrar? Se estivesse no lugar dessa pessoa, eu poderia responder a essa pergunta que eu vou fazer? Se a minha resposta for não, eu não saio da minha casa. Isso claro tem uma consequência, dizer que não vai fazer uma coisa tem uma consequência. Isso faz parte da vida. As coisas têm consequência, e elas, em geral, não são fáceis, mas aquilo que tu acreditas ser o certo é o mais importante. Então, se eu acho que não tem, que não dá, então não dá. Então, eu primeiro digo que não dá e depois, se eu achar que dá, eu bato na porta. Aquela pessoa pode achar diferente de mim, porque eu não sou ela. Ela pode dizer não. E se ela disser não, eu



aprendi com o tempo que a gente não deve insistir. A pessoa tem todo o direito de não querer dar entrevista, tem todo o direito de não querer abrir a porta. Ninguém é obrigado a abrir a porta para gente. E se abrir a porta e se contar a sua história, a gente tem que ter a noção e o respeito da grandeza que é alguém abrir a porta da sua casa e contar a sua vida para gente. Isso é um compromisso muito profundo de documentação histórica e de muita confiança, e isso a gente precisa respeitar. Por isso depois, se algo foi alterado, tu não pode deixar que as palavras das pessoas sejam distorcidas na edição da matéria, não pode. É responsabilidade nossa, o pacto foi feito com a gente. E eu acho terrível quando alguém tem suas palavras distorcidas, realmente distorcidas e o repórter diz: “Me desculpa, foi o editor, é assim”. Não. A responsabilidade é nossa, fomos nós que batemos naquela porta, fomos nós que fizemos o pacto com aquela pessoa. É um pacto de confiança, de responsabilidade, e a gente precisa respeitar isso.

#### **10- Você imaginava que essa ideia de pauta, iria se transformar em uma grande história?**

**E.B:** Primeiro eu acho que todas as histórias são grandes. Eu, na minha vida de repórter, escolhi contar as histórias dos anônimos. A história dos supostamente comuns, o que não é verdade, e mostrando que a vida de cada um é singular, é única, é extraordinária. Então, eu sempre acho que qualquer pessoa tem uma grande história. Isso para começar. E essa matéria, no caso, eu tinha certeza que era uma grande história, uma grande reportagem. Eu sempre acho que, quando não é, não é porque a história não é grande, não é importante, não é complexa, não é boa. É a gente que não conseguiu escutar aquela história. O problema não é da história, é da gente. Às vezes, acontece, a gente não consegue.

#### **11- Que retorno você esperava depois que a matéria foi publicada? E como isso aconteceu?**

**E.B:** Quando eu conto a história de um lugar como Castelo de Sonhos e dessa realidade brutal que são os ameaçados de morte, muitos deles na Amazônia, no Norte do país, eu sempre espero, eu acho que é uma das grandes tarefas, missões da gente é aproximar mundos, nem todo mundo pode ir até aonde a gente vai, poucas pessoas podem ir até aonde a gente vai, e nós temos um privilégio muito grande por isso, de atravessar os mundos, alcançar o mundo do outro. No caso, ir até Castelo de Sonhos e alcançar aquele mundo e trazer aquele mundo para as pessoas em São Paulo ou mesmo no próprio Norte do país, mas em outras realidades para que elas possam estar naquele mundo, pelas palavras, pela complexidade do quadro que a gente está escrevendo. Então, sempre o que me move é essa aproximação de mundos, é conseguir trazer uma realidade

e levar essa história para um monte de gente. E, a partir do conhecimento dessa história, com que as pessoas se mobilizem, da sua forma particular, para que essa impunidade mude. Eu tenho uma coluna de opinião desde 2009 no site da 'Época'. Recentemente eu lancei este livro "A menina quebrada" e, numa das colunas que eu falo da declaração de morte dos guaranis caiovás, eles fizeram uma carta declarando sua morte coletiva, e eu escrevi sobre isso. E aí eu tive que estudar, entender o que era palavra para eles, já que aquilo era uma carta. E eles têm uma definição muito bonita, que é muito mais complexa do que eu vou dizer, que é palavra que age. Então, sempre que eu faço uma reportagem, eu quero ser palavra que age. Sempre que eu escrevo alguma coisa, eu quero ser palavra que age. Então essa é minha maior expectativa. Além da minha imensa curiosidade pelos outros, pelo mundo que eu não conheço, eu quero ser palavra que age.

**12- Você disse que nós somos responsáveis por aquilo que escrevemos. Quando você termina de escrever, tem algum editor que olha, que corta seu texto. Como funciona isso?**

**E.B:** Durante muitos anos, fui repórter especial. Hoje eu não tenho mais emprego, hoje eu sou independente, então o processo das matérias é um pouco diferente. Mas nessa matéria especificamente, como em outras, eu, em geral, respondo para o diretor de redação, eu escrevo a matéria. Eu gosto muito desse trabalho conjunto, eu gosto de pensar, de escolher as fotos. Sempre quando faço uma reportagem, o texto é uma parte muito importante da reportagem, mas as fotos, a diagramação são muito importantes também. Então, antes de sair, faço uma reuniãozinha com o fotógrafo, e a gente discute mesmo essas fotos, como é que podia ser. Aquela coisa que é prévia, para a gente pensar, para nos obrigar a refletir e que depois pode mudar tudo, porque a realidade se impõe, e é bom que ela se imponha. Mas a gente sempre pensa junto, eu e o fotógrafo. Quando a gente volta, eu edito junto com o fotógrafo as fotos, a gente se encontra com o diagramador que vai diagramar aquela reportagem. Eu trabalhava muito na época com um designer que eu adoro muito, que é o Alexandre Lucas. A gente olha todas as fotos, pensa no texto. Isso vem sempre depois que eu escrevo, daí eu já sei como o texto foi indo para escolher qual é o caminho que ele segue, daí a gente se reúne para pensarmos juntos. Porque a forma como ela é diagramada, ela também conta uma história. Então, não pode ser diagramada que nem qualquer outra. A revista tem um padrão gráfico, um jornal tem seu padrão. Mas esse padrão está a serviço de um contar diferente. Então, se vocês forem ver minhas matérias na revista 'Época', cada reportagem tem um jeito de se contar diferente, que também está na diagramação. A diagramação também conta uma história. Então, a gente faz essa reunião

junto, é um processo muito bacana porque todo mundo se sente parte desse processo, porque é parte desse processo. Então, o resultado final é um resultado coletivo, onde o texto conversa com as fotos, as fotos conversam com a diagramação, todas as partes conversam entre si, e o leitor tem o melhor que a gente pode oferecer. E aí, quando tudo isso está pronto, vai para o diretor de redação, que vai fazer a última leitura, depois vai para a revisão, e eu acompanho todo esse processo. Isso é numa revista, em um jornal o processo muda um pouco. Eu fico checando, recheando tudo. E nesse processo de levar para o diretor de redação e vai para a revisão, que é uma revisão de gramática e de português, eu leio a reportagem no mínimo, por baixo, umas dez vezes. Porque nessa hora eu não sei o que acontece, e eu sempre enxergo se tem alguma palavra repetida, alguma coisa trocada, e eu fico lendo, lendo, lendo. E eu sou a última pessoa a sair da redação em dia de fechamento. Tem gente que acha que eu sou esquisita, mas eu gosto de ser assim. Eu só saio depois que a matéria foi lida, revisada e quando ela vai para o outro processo que sai da redação e vai para a gráfica, é quando eu vou embora, isso pode ser o horário que for 5h, 6h. Eu me sinto muito responsável. Primeiro porque eu estou documentando uma história. Eu vejo o papel do jornalista como aquele que documenta a história em movimento, a história que está acontecendo hoje. E isso tem um enorme impacto não só sobre a história que está acontecendo hoje, sobre os dias que virão, como em parte de como esta história será interpretada no futuro. Então, seja uma nota ou uma reportagem de 20 páginas, essa responsabilidade é muito grande. E tenho esse peso muito presente dentro de mim, sempre em todas as partes desse processo. Eu tenho uma grande responsabilidade pelas pessoas que aceitaram dar entrevista, como nessa matéria. Pessoas que correram o risco para contar essa história, eu tenho que fazer o melhor possível, eu tenho que respeitar cada palavra, cada pausa que elas fizeram. Então, eu realmente tenho que sair, tenho que ser a última a sair desse processo. E se pudesse ir na gráfica, eu ia. E, nas noites seguintes, duas, três noites depois, eu acordo sempre em pânico, porque vem uma coisa que eu errei, que eu li quinhentas vezes e errei. Eu não sei, o cérebro faz isso com a gente, não é uma coisa séria, mas é uma palavra que tinha que ser diferente. E aí eu corro no meio da noite para o computador para checar. Ou é a palavra exata que eu fiquei dias procurando e não encontrei, e aí ela aparece. Ou eu acho que eu errei e não errei. Mas, eu passo várias noites assim, com essas paranoias, até eu ver a matéria publicada, eu sofro.

**13- Além do desgaste físico, tem o desgaste mental. Até que ponto vai a Eliane pessoa e entra a Eliane jornalista?**

**E.B:** Essa coisa de separar vida profissional de vida pessoal eu nunca separei. Eu não vejo como separar, porque ser jornalista, ser repórter não é o que eu faço, é o que eu sou. É um jeito de estar no mundo, de eu ser do mundo, isso não separa, isso sou eu. Então, eu nunca entendi isso de separar a vida pessoal da profissional, porque, para mim, a vida é toda misturada. Eu acho importante ser assim, pelo menos pra mim. Quando tu és repórter, além de fazer essa preparação de estudo, dessas negociações, dessas coisas muito objetivas práticas, tem que fazer um exercício interno. Que é aquele exercício de se despir de si, despir da sua visão de mundo, dos seus preconceitos, dos seus julgamentos. Tem que lembrar de que a gente não é juiz. De tudo aquilo que é nossa visão de mundo para ir o mais vazio possível, e ir em direção ao outro e escutar o outro em todas as suas verdades e fazer o caminho de volta preenchido por isso. Isso talvez seja a coisa mais difícil, se despir de si para escutar o outro, alcançar pela escuta aquele outro, aquele outro mundo. Viajar, desgaste físico, eu posso passar pelos maiores perrengues, mas isso não me cansa. Eu sou muito feliz fazendo isso. Já vivi os extremos, de exaustão física, de dificuldades, mas é maravilhoso. Essa exaustão mental, ela acontece nesse sentido. Quando eu empreendo o caminho de volta, que significa eu voltar para minha casa fisicamente, aí é difícil para mim. Porque eu me despi tanto, eu fui tão longe nisso, que é dentro e fora de mim, que é muito difícil para mim entender a minha vida diferente. Porque cada vez que eu volto, eu não sou mais eu. Sou eu acrescida dessa experiência. Eu já sou outra. Então, como essa outra que agora sou eu vivo com essa realidade que parece a mesma, mas não é. Então, eu também tenho que me readaptar em casa, com meu marido, minha filha, com todo mundo. Então, eu levo uns dias fazendo isso. Às vezes, muito mais do que dias, então esse é um processo. Mas é um processo fascinante. O meu refúgio, quando as coisas ficam muito difíceis, quando eu preciso escapar de dentro de mim para dar um tempo de as coisas assentarem, é pelos livros. Eu todos os dias eu leio, em geral literatura. Eu leio no mínimo um livro por semana. Às vezes, um livro por dia. Porque esse é o momento em que eu vou para outro mundo, eu fico em outro lugar. E isso me ajuda a me costurar por dentro e por fora também. Então, todos os dias, para aguentar o dia que às vezes é difícil, eu leio. É assim que eu escapo para dentro.

**14- Você não gosta de classificar o jornalismo que você faz. Mas que tipo de jornalismo é esse?**

**E.B:** Eu faço jornalismo, eu faço reportagem. Eu sei que existem muitas categorias de jornalismo, sei que elas são importantes. Às vezes, até politicamente para ressaltar a qualidade do jornalismo. Mas, eu pessoalmente acho que tem o bom e o mau jornalismo. E eu tento fazer

o bom jornalismo. Que é esse que se despe de si para alcançar o mundo do outro, que sabe que as palavras são importantes, que elas revelam uma realidade. Mas, que os silêncios também são importantes, que as ausências são importantes. Que o que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito. Que os móveis, as plantas dentro de uma casa também falam. Eu não me classifico, se alguém quiser me classificar não tem problema nenhum.

**15- Depois que a matéria foi divulgada, você voltou a Castelo de Sonhos? Você tem contato com as pessoas de lá?**

**E.B:** Não. Depois da divulgação da matéria, fui para outras partes da Amazônia muitas vezes. Mas para Castelo de Sonhos especificamente, não voltei. E não tenho contato, porque a Santa, que foi minha principal interlocutora, para a segurança dela, é melhor que não tenha contato. Nunca se sabe onde ela está, e é importante que eu não saiba. Quando eu encontrei com ela lá, eu não sabia de onde ela tinha vindo e nem sabia para onde ela ia, porque é melhor.

**16- Existe alguma história que te marcou?**

**E.B:** Eu não tenho uma, eu tenho muitas. Em geral cada reportagem que eu faço, é como se fosse à única mesmo. Naquele momento que eu voltei de uma grande reportagem, e eu ainda não escrevi, enquanto eu estava lá, aquilo era toda a minha vida. Então, a melhor reportagem é sempre aquela que eu estou fazendo no momento. Então, tudo isso me marca. Isso sempre me marca, tudo isso sempre me transforma. Mais do que isso, me transtorna, eu mudo. Eu acho que uma reportagem só acontece quando o que é contado se transforma em certa medida, e a gente que conta se transforma em certa medida. Quando esse encontro produz uma transformação, também nesse sentido. A gente não entra na vida dos outros impunemente, e isso é muito importante. Às vezes, eu me sinto habitada por uma multidão de vozes que são essas pessoas que me contaram suas histórias, que me contaram seu mundo. E, às vezes, eu me sinto em multidão nesse sentido. E cada uma delas me transformou um pouquinho. Agora tem algumas reportagens que, por diversas razões, permanecem em mim com uma marca maior. Como a matéria que fiz da Coluna Prestes, foi minha primeira grande reportagem. Foi quando conheci o Brasil, e isso mudou toda a minha vida, me tornou a repórter que eu sou. A reportagem que eu fiz acompanhando os últimos 115 dias da vida da Ailce. É uma reportagem que fez com que eu mudasse toda a minha vida. A reportagem que fiz que está no livro “Dignidade”, do Médicos sem fronteiras, me deixou uma marca muito profunda, especialmente pela Sônia, uma menina

de 11 anos que tinha Doença de Chagas, com quem eu tive uma relação muito especial. Me deixou essa cicatriz, que foi por muito tempo uma ferida, hoje acho que é uma cicatriz, às vezes, eu não sei. Todas as reportagens que eu fiz na Amazônia, o pessoal do ‘Povo do Meio’, quando fui pra lá em 2004. Eu fui a primeira repórter a ir lá. Eu conheci um jeito de viver, pessoas me ensinaram tantas coisas, e esses, às vezes, eu encontro quando eu vou para a Amazônia. Às vezes, acontece. Especialmente o Raimundo Belmiro, que era um dos ameaçados de morte. Quando eu fiz a matéria, eu não o conhecia. Mas, aí eu fui conhecê-lo quando fiz a matéria ‘Povo do Meio’. E, depois, quando fui escrever sobre Belo Monte, eu, por acaso, o encontrei, e o Raimundo estava ameaçado de morte, sem proteção. E aí eu fiz outra matéria. Enfim, as coisas vão se cruzando. Então, tem muita gente, e eu sou grata a todas essas pessoas.

**17- O jornalismo mudou muito. Mesmo com a correria diária, ainda é possível fazer jornalismo investigativo, produzindo grandes reportagens nas redações?**

**E.B:** Eu comecei minha vida de repórter em 1988, naquele tempo já se falava que o jornalismo tinha piorado, que não era mais possível. Eu tenho a impressão de que em todas as épocas se falou a mesma coisa. É claro que tem mudanças, mas eu acho que isso depende, sim, bastante da gente. Do quanto você está disposto a se dar para que isso aconteça. Primeiro, acho que fazer jornalismo diário é muito digno e muito importante. Eu fiz algumas matérias que são muito especiais para mim, fazendo duas, três pautas por dia. Porque tu podes ter um mês para contar uma história, mas se tu não souberes enxergar, não vais conseguir contar nada que já não tenha sido contado. E se souberes olhar, se olhar para ver, vai fazer aquela pauta no teu dia, no teu cotidiano e vai voltar para a redação naquele dia para escrever e publicar no dia seguinte, e tu vais ter enxergado alguma coisa. Então, depende muito também da sua disposição de olhar para ver. Então, é possível fazer jornalismo diário de qualidade. Assim como eu acho que hoje continua e sempre foi possível. Às vezes, com mais, às vezes com menos dificuldades. Mas, é claro que, às vezes, o custo é muito alto, não é fácil, dá muito trabalho, muita incomodação, muitos embates dentro de uma redação. Não é uma vida fácil, esse caminho não é o mais fácil, é o caminho mais difícil. Mas, acho que é o caminho que vale à pena, acho que é o único que vale à pena. E acho que hoje nós vivemos um mundo muito interessante, porque o jornalismo está numa grande discussão dos rumos para onde vai, e eu acho que a reportagem se fortalece neste debate. Porque hoje, com a internet, as vozes foram ampliadas, há muito mais narrativas. A reportagem se impõe como aquela narrativa profunda que traz o contraditório, que traz a complexidade. Se hoje você tem que disputar com tantas narrativas, quer dizer que quem vai

conseguir ser escutado é quem vai conseguir escrever, trazer o mundo com complexidade, e esse é o papel da reportagem. E se está tentando várias formas de fazer com que isso aconteça, de que a reportagem seja possível. As pessoas estão tentando modelos de financiamento coletivo, financiamento de massa. Há experiências, como a agência pública, que está sendo financiada não por publicidade, mas por fundações. Tem a Repórter Brasil. Tem a imprensa tradicional que também está ali reinventando seus caminhos. A gente está em um mundo rico, que dá muita angústia por não saber o que vai acontecer, mas também é um momento de possibilidades. Então, sempre que a gente se perde um pouco, quando a gente se encontra é de um jeito mais rico. Então, acho que é um grande momento. Acho que esse momento em que vocês começam, ainda que seja angustiante, porque é um caminho movediço, um caminho que não dá nada, que precisa ser construído, é muito rico, é muito possível. Então, não tenho a menor dúvida, de que é sim possível fazer grande reportagem, mas não é fácil. Nunca foi fácil. Se tu quiseses ter uma vida tranquila, onde tu sabes exatamente o que vai acontecer no dia seguinte, na semana seguinte, o que acho que não é uma vida ruim. Eu acho que cada um tem sua escolha, então esse não é o caminho. O caminho da reportagem é um caminho que tu nunca sabes o que vai acontecer quando tu virares a esquina. Tu tens que gostar de não saber, conseguir se manter nesse vazío. Às vezes, alcançar e ir em direção ao mundo do outro. É sempre um ponto de interrogação. Tu não sabes o que vai acontecer e tu tens que gostar disso.

**18- Após a apuração, com você faz para colocar tudo no papel? Como lida com essa riqueza de informações e decide o que vai ou não entrar na matéria?**

**E.B:** sempre escrevo muito nos meus bloquinhos. Uma semana de viagem rende para mim uns dez cadernos cheios de cem páginas, por causa do respeito da palavra exata. Eu não posso dizer mais ou menos o que a pessoa disse, porque a gente lida com as palavras. Então, se alguém disse de um jeito, é aquela palavra que ela escolheu. Desde Freud, a gente sabe que é aquela palavra, não é outra. Então, eu tenho muitos bloquinhos. Ao mesmo tempo, eu também gravo e então eu transcrevo, onde eu tenho algumas dúvidas ou eu acho que não posso ter anotado direito. Eu tenho uma grande angústia hoje, quando eu estou do outro lado, como eu estou agora dando essa entrevista, de as pessoas nem anotarem. Eu fico apavorada com isso, eu acho uma falta de respeito total você confiar na sua memória diante da história do outro. Eu acho inadmissível isso. Então, as minhas apurações são muito extensas. E aí o que faço, eu leio tudo e vou marcando com diferentes cores para classificar o que deve entrar na matéria, o que eu devo pensar mais um pouco. E aí eu tenho meus próprios métodos de organização, então eu leio

tudo e vou assinalando tudo. E aí vou anotando tudo, em meus bloquinhos. Há muito do que eu vou sentindo ao longo do processo. Então, primeiro eu leio e vou fazendo minhas marcações. Depois eu só leio o que eu marquei, aí eu começo a escrever sem olhar para nada. E um outro filtro que eu uso: aquilo que ficou em mim é, em geral, aquilo que foi mais importante. E aí eu escrevo. Eu não gosto de escrever tendo que olhar, procurar, aí eu estou dentro, sai tudo e eu escrevo. Quando eu termino de escrever, aí eu vou checar nesse material, se a frase era aquela mesma, se a data era aquela, tudo eu vou checar. Daí eu checo nas minhas marcações se eu deixei algo importante de fora, e aí eu avalio se vale à pena entrar ou se o outro filtro me mostrou que ela não era tão importante, já que as coisas se articularam de uma outra maneira. Aí depois que eu fiz essa checagem, eu vou reler o texto mil vezes e fazer aquela sintonia fina. Texto assim tem sempre que pernoitar. No outro dia, você tem mais distanciamento. Em jornal diário, no qual trabalhei 11 anos, não dá para fazer isso. Mas em revista dá. Isso dá muito trabalho, e em geral falta tempo, então, às vezes, a gente fica uma semana sem dormir, mas é pelo respeito ao outro que contou sua história e pelo respeito à gente mesmo que isso é o que eu dou para o mundo. Isso é a minha voz no mundo. Eu não posso fazer qualquer coisa. E aí depois tem todo aquele processo de escolher as fotos, de diagramar.

### **19- Como você lida com a informação em off?**

**E.B:** Depende de cada contexto. Primeiro a pessoa tem que ter uma boa razão para não se identificar, por exemplo, especialmente quando ela denuncia alguém, ou alguma coisa, ou está fazendo uma acusação grave. Ela tem que ter uma boa razão para não ser usada por alguém que está querendo ferrar o outro, mas quer te usar como um meio, mas tu tens que fugir disso, tem que garantir isso que não está acontecendo. E depois tem que checar aquela informação que ela deu, conseguir comprovar aquela informação com outras fontes, mais de uma fonte confiável, com documentos. Enfim, aí depende do caso. Tem que ser muito responsável com isso. O off não é simplesmente a pessoa diz qualquer coisa e você vai lá e bota. Não é assim, isso é só o começo da história, depois tem um longo processo, para sabe se aquele off é verdade.

### **20- Que lição você tira dessa reportagem?**

**E.B:** acho que não é uma lição, mas todo esse processo de escuta. Em cada reportagem, eu aprendo a escutar melhor. Agora uma me deixou umas coisas próprias, singulares que pertence a ela. Como a Coluna Prestes, que me ensinou sobre o Brasil, sobre o povo brasileiro. Eu era



uma gaúcha que conhecia uma determinada realidade, mas que não conhecia todas as outras. É a partir da frase da Ailce, da matéria “da vida e da morte”, que ela diz logo nos nossos primeiros encontros. Ela afirma: ‘quando eu tive tempo, eu descobri que o meu tempo tinha acabado’. A partir dessa frase dela, que é uma frase engrandecida por tudo aquilo que eu vivi com ela durante os 115 dias, que faz transformar minha vida praticamente. Internamente primeiro, e, é a partir daí, que eu decido não ter mais emprego, criar outras vozes para mim, com uma voz na ficção, que eu decido um monte de coisas. É a partir dessa frase, que não é só uma frase. Ela só faz sentido diante de todo aquele entorno. Então, cada matéria vai ter algo assim, mais forte ou menos. Às vezes, mais transtornante, às vezes, mais lírico.

**APÊNDICE B – Entrevista concedida para esta dissertação pela jornalista Eliane Brum, no dia 30 de dezembro de 2019, por um aplicativo de conversas.<sup>63</sup>**

**1- Em meio à crise enfrentada pelo jornalismo contemporâneo, faz-se cada vez mais necessária a divulgação de trabalhos como os seus. Você é uma jornalista que logrou romper padrões cristalizados de produção, colaborando para que haja maior visibilidade não apenas às temáticas relacionadas ao gênero e à crítica ao patriarcado, mas também ao papel de diversas minorias políticas e sociais. No livro, você aborda diversas temáticas, sobretudo as relacionadas à mulher, à posse do corpo, comportamento, protagonismo, maternidade, violência, etc. Como criar narrativas em busca do rompimento de estereótipos que procurem dar à mulher o papel que ela merece na construção de uma sociedade justa e plural?**

**Eliane Brum:** Eu nem sei, Cíntia, se eu consigo responder essa tua pergunta, porque eu acredito muito que a gente mostra o que a gente faz naquilo que a gente faz. Então, eu na verdade espero que tu, como alguém que está analisando o feminino em *A Menina quebrada*, neste livro particular, que tu consigas me dizer, que tu me apontes como é que se criam narrativas em busca do rompimento dos estereótipos. Como eu explico no *Olho da rua* (livro) em algum momento, e naquele texto de *A vida que ninguém vê* (livro), que é o olhar insubordinado, que eu acho que eu uso, não tenho certeza (risos). Eu vou esquecendo dos meus próprios livros, mas que eu falo que não existem vidas comuns, só olhos domesticados e que esses olhos não podem ser os nossos, de nós, jornalistas. E eu, em algum momento, eu espero ter escrito lá, (risos) eu não sei se foi lá ou numa palestra que eu dei, que é isso, se o jornalista se torna um reprodutor de estereótipo é porque não é jornalista, porque o jornalista é o contrário disso. Um dos nossos objetivos básicos, das nossas obrigações básicas como jornalista, é justamente olhar para além do estereótipo. O estereótipo é aquela camada de banalidade, daquilo que nos é dado para ver, aquilo que nosso olhar é domesticado só para enxergar. O estereótipo é uma das formas de domesticação do olhar, como se a vida fosse, como se aquela fosse a explicação para a vida ou para qualquer aspecto de uma pessoa, de uma realidade, de uma situação, de um conflito. São coisas como: o fulano foi morto porque estava no lugar errado, na hora errada e as pessoas vão repetindo isso. Só que tem algum lugar certo, entre

---

<sup>63</sup> A transcrição foi feita retirando algumas marcas de oralidade para que o texto ficasse mais fluente em sua leitura.

aspas, e uma hora certa para quem vive na periferia do Brasil, onde o Estado tem promovido um genocídio da população, da juventude negra? Então, esse é um exemplo. Mas, muitas das matérias, elas partem desse estereótipo, desse clichê, dessa frase, como se ali também estivesse o lugar dos matáveis. O jornalismo é o contrário disso. O jornalismo é essa camada, que eu digo às vezes, que como se fosse o estereótipo, o clichê, a banalidade, o supostamente banal. É como uma catarata, que cobre os olhos da gente e a nossa primeira missão como jornalista é justamente tirar, arrancar esse véu fantasmático, que cobre a realidade. E como é que a gente faz isso? A gente faz isso pela nossa obrigação. A gente tem a obrigação como jornalista, a obrigação do espanto, a obrigação do estranhamento. Nada é normal ou nada é natural para o jornalista. Especialmente aquilo que nos parece natural, nos parece normal, justamente disso que a gente aceita mais facilmente, a gente tem que recusar, mais rapidamente, com mais força. A gente tem que olhar para uma porta e duvidar dela, que porta é essa, o que está atrás dela, porque ela está fechada ou por que que ela está aberta. O nosso olhar de jornalista é obrigatoriamente o olhar do espanto. Se a gente perde o olhar de espanto e a gente embarca nos estereótipos e passa a ser o reprodutor de estereótipos e clichês, de banalizações, de naturalizações e normalizações, a gente deixou de ser jornalista. A gente pode ser chamado de jornalista, a gente pode fazer, dizer que faz jornalismo, mas a gente nem é jornalista, nem faz jornalismo. Ser jornalista não é uma questão de diploma ou de não diploma. A gente precisa provar que é jornalista todos os dias, exatamente pela nossa capacidade de se espantar, de romper os estereótipos. Da mesma forma que vale para tudo, vale também para o papel da mulher, que não é o papel de merecimento. Aqui na pergunta aparece o papel que a mulher merece. É um papel de ... não é nada que se mereça. A gente tem direitos e direitos são direitos como o nome diz, não são merecimentos. São direitos que precisam ser respeitados. No caso das mulheres, eles precisam ser ampliados e a gente luta pela ampliação dos direitos e pelo cumprimento dos direitos. E aí um dos estereótipos, por exemplo, que eu busco quebrar no meu trabalho é justamente essa mulher genérica, como se ela fosse um genérico. A mulher não é um genérico e isso, a gente tem aprendido com os feminismos negros, com o protagonismo das mulheres negras que cresceu muito, desde a década passada e, elas dizem muito claramente. Quer dizer, não são todas as mulheres, há particularidades e, por ser uma mulher preta com essa particularidade são elas que morrem mais, são elas que são mais estupradas, são elas que são mais assassinadas, são elas que tem o pior o tratamento no sistema público de saúde, são elas que mais morrem de partos, são os filhos delas os que mais morrem. Enfim, a mulher não é o genérico. Enfim, a mulher não é um genérico. Esse estereótipo de que a mulher é o genérico, ele também precisa ser quebrado. Esse é um bom exemplo, no caso do feminino. São muitos os

femininos e não um só feminino. Em muitas lutas, as mulheres negras, indígenas, brancas comungam das mesmas questões, mas outras não. Sem esquecer que a maioria das empregadas domésticas são negras e essas mulheres foram exploradas, desde antes. Primeiro como escravas, depois da Abolição como empregadas domésticas. Muito da emancipação feminina das mulheres brancas foi feita, porque havia uma mulher negra dentro de casa, explorada tanto pelas horas de trabalho excessivas, quanto pela péssima remuneração. Só por causa dessas mulheres que deixaram seus filhos em casa, em geral, nas favelas para cuidar dos filhos das brancas é que muitas mulheres puderam sair de casa, fazerem suas carreiras e ampliar a renda familiar com seu salário. No Brasil a emancipação feminina das brancas se deu dessa maneira e não por políticas públicas como creches, como políticas que pudessem viabilizar no caso dos filhos que essas mulheres pudessem sair de casa e também, muito menos pela divisão de trabalho entre homens e mulheres dentro de casa. Simplesmente se terceirizou, se continuaram terceirizando os serviços para os serviços subalternos, os serviços semiescravos ou em alguns casos, análogos à escravidão das mulheres negras como domésticas. Então, são todos esses os estereótipos que eu busco quebrar, não há genérico aí não.

**2- No livro você traz a representação de muitas mulheres por meio de várias perspectivas e papéis ocupados por elas na sociedade. Existe uma preocupação em retratar diferentes tipos de femininos na construção das narrativas? É uma forma de desacomodar o leitor, trazendo à tona histórias pouco comuns na grande mídia?**

**E.B:** Eu acho que uma das obrigações de nós, jornalistas, é justamente desacomodar o leitor. Se a gente deixa o leitor confortável é porque a gente mimou ele. A gente deixou ele feliz porque compartilha das mesmas crenças e não é para isso que a gente escreve. Só que para poder desacomodar o leitor, eu preciso como jornalista, ... desacomodar a mim mesma. Se eu não desacomodo a mim mesma me fazendo perguntas difíceis, porque eu tanto como repórter como quanto colunista, eu me movimento pelas dúvidas. Eu parto de uma ideia, de estudos, de pesquisas, de investigações e eu vou também desconstruindo uma por uma, dessas ideias através da dúvida. Eu preciso duvidar de mim mesma e, eu só faço isso se eu me desacomodar. E se eu consigo me desacomodar, então eu também desacomodo o leitor que seja capaz de realmente ler, de realmente acessar aquilo que está sendo dito. Então, sim, eu tenho essa preocupação, como eu estava falando antes de retratar diferentes tipos de femininos, exatamente ... para mostra que não existe esse feminino genérico, são muitos femininos, assim como são muitas humanidades. E eu sempre busquei fazer isso, primeiro de uma forma muito, muito ... Eu sou

muito intuitiva. Eu racionalizo e consigo entender o que eu faço, às vezes com ajuda de pessoas como tu que estudas o meu trabalho depois, mas eu vou me movendo pelas minhas próprias dúvidas. Então, eu me lembro quando eu estava na *Zero Hora* (jornal) ainda, isso lá no começo dos anos 90, o Comercial vendeu um Especial (caderno), que era uma semana para o Dia das Mães. Então, cada dia tinha que escrever uma página sobre uma mãe, sobre a maternidade, mas sobre um personagem, que é outra palavra que eu detesto no jornalismo. Personagem remete à ficção e a gente está tratando com gente encarnada. Então, eu sempre ficava muito incomodada com essa coisa do comercial vender algo, da coisa partir do comercial. Mas eu sempre procurei fazer a minha guerrilha dentro disso. Então bom, ah é, vai vender? Eu vou ter uma página, bom, então eu vou fazer essa página valer. E aí eu me lembro de ter feito mães, maternidades, assim muito diferentes. E uma delas foi uma mãe travesti. Uma travesti que tinha adotado uma criança ... portadora de HIV. E então fiz essa mãe que era travesti, o que foi assim, teve uma resposta muito forte da sociedade gaúcha naquela época, e positiva porque era tão profundamente humano tudo aquilo. Então, assim tu te desconstróis. Quer dizer, uma mãe que não tinha parido, uma mãe que dentro ainda mais hoje dos moldes que a gente está vivendo, desse Deus cruel que está a serviço do mercado, que alguns pastores evangélicos inventaram, que mãe é mulher, que a família é só de homem e mulher. Bom, essa mãe era travesti e assim, isto tu fazes com que as pessoas pensem, com que as pessoas se identifiquem com aquilo que elas jamais pensavam que elas podiam se identificar. Então, sim, é para desacomodar e principalmente, eu não quero só deixar o leitor incomodado. Eu quero que seja um incômodo que o impulse a escutar vozes que ele não escutaria normalmente. É alcançar outros, que são outros muito diferentes dele, encontrar pontos em comum. Então, é um pouco por aí.

**3- Você disse uma vez que, sempre que possível, ao entrevistar alguém, você evita perguntar. Porque você acha que a primeira pergunta é sempre uma forma de controle e quer dizer mais sobre o entrevistador do que o entrevistado. Então, sempre que possível, você começa com um “me conta”. Como foi a entrevista sobre as mulheres que abusavam de seus filhos? Como você começaria uma entrevista com um torturador?**

**E.B:** Eu acho que eu explico no livro *O olho da rua* por que eu não faço a primeira pergunta. Eu acho que é uma forma de controle, aquele que tem o poder de te perguntar e te dizer o que quer saber, aquele que responde de certa maneira, com exceção de alguns políticos e de gente que já está acostumada com jornalista, que em geral não é o caso das pessoas que eu entrevisto. Eles ficam numa posição passiva e uma parte dessas pessoas que é muito as vezes agradável

com o jornalista quer dizer aquilo que ele quer ouvir. Então eu acho que o “me conta” ele desconstrói esse lugar e desconstrói também a expectativa das pessoas, por que elas estão esperando uma pergunta e vem um “me conta”. Só que o que para mim é surpreendente é que é muito rápido, não é que elas ficam pensando assim, tipo, “me conta” e aí você puxa. Uma vez me fizeram essa pergunta “me conta” e eu fiquei pensando assim “o que que eu ia contar”, (risos) mas as pessoas que eu entrevisto não, elas estão querendo muito, em geral contar. E aí elas começam a contar imediatamente e é muito louco como eu escrevo em algum lugar, por onde elas começam a contar a sua história, a história ou uma história. Enfim, e claro, como eu deixo claro também, sempre que é possível. Às vezes, a gente está em condições muito desfavoráveis, com pouquíssimo tempo, restrito por uma questão judicial, enfim, por várias questões, daí você tem que fazer pergunta direta. Aí tem que perguntar realmente o que tu achas que tu queres, mas eu tento criar na medida do possível as condições para que eu possa ter tempo com as pessoas, que eu fale sozinha com elas.

Eu só entrevistei uma mãe que abusou do filho ... adolescente, sexualmente e isso faz muito tempo foi em 1997, se eu não me engano, ou seja, mais de 20 anos atrás. E que eu me lembre, ela foi uma dessas pessoas, que eu acho que eu não disse “me conta”, eu acho que eu disse algo como “tu sabes porque que eu estou aqui” e ela estava muito angustiada, querendo contar, querendo falar disso. E eu acho que você escutava sobre isso, por que o jornalismo também parte da ideia de que não há monstros, no máximo somos monstruosamente humanos. Não existem heróis e vilões para o jornalismo. Pra gente existe gente contraditória, existe gente de conflitos, mais ou menos, às vezes radicalmente mais. Mas somos todos humanos, esses que se chamam humanos. Para mim foi um desafio hoje eu pensar como é que se entrevistam outras gentes, que demandam outras línguas. Não estou falando de línguas que a gente chama de humanas, mas línguas de outros tipos de gente, como animais. Mas isso é outra história. Então a minha escuta, ela parte de um respeito absoluto, sim, a pessoa seja ela quem for pode ser um serial *killer*, pode ser uma mamãe que abusou de seu filho. Ela parte do respeito absoluto de que eu vou escutar aquela pessoa seja o que for que ela vai me dizer e, eu não vou escutar com os meus preconceitos, eu vou tentar alcançá-la. O que eu já escrevi também no *Olho da rua* (livro) e mais um monte de palestras e mais um monte de outros lugares é se despedir de si para vestir a pele do outro, eu vou fazer esse movimento. Isso para mim é uma questão básica de respeito absoluto por aquele que eu vou escutar. É meu pacto com aquela pessoa, é meu pacto com o jornalismo, atravessar a rua primeiro de mim mesma. Então, eu escutei.

O torturador, certamente eu tendo a oportunidade, eu não me lembro se eu entrevistei um torturador, mas acho que não, acho que eu me lembraria. Mas eu faria a mesma coisa “me

conta.” O que será quê? Por onde o torturador começaria a contar, seja lá o que for o que ele for contar. (risos) Esse “o que uma pessoa conta” quando está diante dessa circunstância diante de um jornalista para mim é muito interessante saber, eu fico sempre muito curiosa sobre isso.

**4- Entre os muitos assuntos sobre que você escreve existem alguns que podemos dizer que são suas bandeiras políticas, como a questão da Floresta Amazônica, os direitos humanos, a morte, entre outras. Você circula por várias bordas, as literais e as concretas, como você mesma diz. No livro *A menina quebrada, a mulher*, é um personagem muito presente nas histórias. Isso foi pensando ou cada história se desenvolveu de forma natural? Como foi a seleção das crônicas da revista *Época* para o livro?**

**E.B:** Eu busco me mover por aquilo que me chama, assim, pela minha curiosidade e por aquilo que eu vou observando do mundo. A questão racial, por exemplo, ela veio por esse crescimento do protagonismo negro e a resistência enorme que teve dos brancos e também dos grandes jornais, que são majoritariamente ocupados por brancos na discussão dos debates das cotas raciais, do Estatuto da Igualdade Racial. Então, isso me trouxe a necessidade de entender o quanto essa questão, que é central, que é estrutural no Brasil, era claro. Mas eu entendi nesse momento pelo que vinha da rua tanto pela ação quanto pela reação que eu precisava me aprofundar nisso. Antes de tudo, antes de ser uma intérprete como colunista, antes de ser uma intérprete da realidade, eu sou uma observadora da realidade, que se atenta talvez mais nas suas subjetividades do que nas objetividades. A questão da Amazônia, ela me atravessou dessa maneira também, não só a questão da Amazônia, como a questão ambiental. Hoje muita gente me vê como uma jornalista ambiental, mas eu não me vejo assim, eu não sou uma jornalista de meio ambiente, nem entendo tanto para ser. A questão ambiental, a questão da crise climática começou a atravessar, nos últimos anos, muitos anos, todas as histórias que eu fui contar. Na questão do clima, sabendo escutar, ela estava relacionada com a resistência, com a fome, com a miséria, com a expulsão, com o refúgio, com a migração. Então eu sou uma escutadeira. O jornalista é um escutador da realidade. Eu sou uma escutadeira e eu escutei isso. Então eu percebi que a questão ambiental não é um nicho, ela atravessa todas as outras questões, e atravessa de forma cada vez mais importante. A crise climática cada vez mais determina todas, desde a saúde mental até a perda da colheita. Então ela atravessa tudo e cada vez mais vai atravessar e a Amazônia que é um lugar que sempre foi muito fascinante para mim. Eu vou para as “Amazônias” desde 1998, ... foi a primeira vez que eu fui para a Amazônia, fazer uma matéria na Transamazônica, “Sete dias na Transamargura” era o nome da reportagem ainda na *Zero*

*Hora* (jornal). Depois quando eu fui trabalhar na *Época* (revista) eu fui para todos os estados onde tinha floresta no Brasil. Ela também vem muito forte, atravessada por essa questão e cada vez mais, a Amazônia é o centro do mundo. Então, ela é o centro do mundo exatamente porque não tem como controlar o superaquecimento global, que do jeito que está vai para 3, 4 até 5° talvez até mais, sem a floresta em pé. Então isso passa por tudo e repassa por eu ter vindo morar em Altamira em 2017. Então, eu acho que, talvez sejam minhas bandeiras políticas. Mas eu acho que toda minha ação, a ação de qualquer um de nós, mesmo que seja omissão, a omissão é um tipo de ação, e ela é política. E todo jornalista, ele é político, mesmo, principalmente quando ele nega isso.

As crônicas do livro, elas foram a partir do meu desejo, (risos) a partir do que eu mais gostava. Por isso que o livro é grande também. Algumas vezes eu tive que escolher e aí o Tito Montenegro, que é o editor da Arquipélago e também um grande amigo, a gente começou a Arquipélago. *A vida que ninguém vê* (livro) foi o primeiro livro da Arquipélago. A gente fez na sala sem móveis quase, da casa dele em Porto Alegre. Enfim, ele me ajudou também a selecionar. Ele selecionou as dele e eu selecionei as minhas, a gente juntou. Eu confio muito nele, mas a última decisão é minha. Então algumas, quando era tipo velhice, tem várias que eu gosto, é um assunto que eu gosto, que infelizmente não tenho escrito muito. Tinha várias que eu gostava, aí tinha que escolher. A gente escolheu junto, então algumas assim, quando o tema se repetia ou a questão do *doping* com medicamento .... Enfim, o *doping* mental... Esqueci a palavra. Mas enfim, as drogas lícitas, o abuso de drogas, eu não sou contra a droga, eu não sou contra antidepressivo, muito pelo contrário, mas eu sou contra. Eu acho que é um abuso, eu verifico, eu observo um abuso de uso de medicamentos, de antidepressivos, de ansiolíticos, enfim desse tipo de medicamento. Então tinha algumas, várias colunas sobre isso, a gente escolheu então a que nós dois mais gostamos, mas sempre eu tenho uma dor de deixar as outras de fora. Mas foi isso, foi basicamente as que eu gosto mais.

**5- Na sua produção, é muito recorrente o surgimento de histórias de mulheres fortes, como Severina, Laerte, as parteiras da Amazônia, a Ailce, a menina Sônia, entre outras. E frente a este contexto político que nós estamos vivendo agora, de questões relacionadas à emancipação feminina, como você se posiciona? Considera-se feminista? Por quê?**

**E.B:** Eu não sei se eu escolho mulheres fortes. Eu acho que eu vejo a força de diferentes mulheres, eu não acho que existam mulheres fracas, que existam mulheres fortes. Existem mulheres que têm forças, têm fraquezas, que têm um monte de coisas. Eu acho que a Severina



tinha fragilidades que ficaram visíveis e tinha uma força enorme que também ficou visível. A Laerte, a mesma coisa, um monte de inseguranças e tanta força ao também assumir suas inseguranças. As parteiras, a Ailce que no seu viver ou morrer. Eu não gosto assim, é forte, é fraca, é bonita, é feia. Não, as pessoas são um monte de coisa, assim como a Sônia, a menina. Então essa é uma resposta. Eu tento mostrar a complexidade, as tantas humanidades dentro de cada humano que se define como mulher.

Sim, eu me considero feminista. Eu acho que essa pergunta para mim eu nem sei como ela faz sentido. Como assim, alguém não se diz não feminista (risos). Então, é importante entender isso. Uma coisa é tu me perguntando para mim Eliane, jornalista, como é que eu me defino, o que eu considero, qual é a minha opinião sobre isso. E outra coisa é eu, jornalista, entrevistando alguém. Eu posso entrevistar alguém que se diz não feminista e eu vou escutar, profundamente isso, escutar de verdade, com todos os meus sentidos. Assim como eu poderia entrevistar, se eu tivesse viva naquela época e tivesse a chance, eu poderia e gostaria de ter entrevistado o Hitler e eu escutaria em toda a complexa humanidade que ele é. O que não significa que eu fosse neutra diante daquilo... Eu seria radicalmente contra o nazismo, assim como eu sou radicalmente contra a grilagem de terras, assim como eu sou radicalmente contra o bolsonarismo, e deixa bem claro isso. O que não me impede de escutar quando eu faço reportagem, são coisas diferentes. Mas eu jamais daria o mesmo espaço para o Hitler defender o extermínio de pessoas e o mesmo espaço pra..., assim como se fosse dois lados. Não são dois lados. A gente tem que ser radicalmente contra a tortura, radicalmente contra a destruição da Floresta Amazônica, radicalmente contra o genocídio da juventude negra. Não tem dois lados nisso aí, mas a gente pode escutar, os matadores, os grileiros, os nazistas. A gente pode escutar, como a Hannah Arendt fez no *Eichmann em Jerusalém* (livro), que é um livro maravilhoso...

#### **6- Na coluna “elas não são gays”, qual foi seu maior desafio?**

**E.B:** Foi interessante para mim, por que elas diziam que não eram gays, por que para elas aquilo não fazia sentido essa definição. Elas não achavam que elas tinham que se definir. Isso para mim foi muito interessante e por isso, eu decidi escrever sobre isso. Assim, eu sou gay, ok, tranquilo, tipo... (risos). É incrível que as pessoas precisam ainda ter problemas e como tem cada vez mais por dizer que são gays. Mas eu acho muito interessante duas mulheres que se amavam, que casaram, que tiveram filhos e não se identificaram dessa maneira. Eu acho muito interessante o caminho da desidentidade. Eu entendo completamente as lutas identitárias, eu sei o quanto elas são importantes, mas eu também acho muito importante, para mim pessoalmente,

eu acho muito importante a desidentidade. Na minha vida, eu percorro um pouco esse caminho de me desidentificar, hoje eu estou nesse processo que eu sei que é condenado ao fracasso, eu vou morrer tentando, como eu falo na entrevista no Fluxo<sup>64</sup> de me “desembranquecer”. Eu sei que eu não vou conseguir me “desbranquear”, mas me interessa. Então, me interessa muito isso.

**7- Dos 4 documentários produzidos por você, três são sobre mulheres. Foi uma coincidência ou algo pensando? Existe algo comum nas narrativas apresentadas que ligam as três personagens (Severina, Gretchen e Laerte)?**

**E.B:** Foi uma coincidência, ou sei lá, o caminho do meu desejo, mas não foi planejado, pensando, tipo, só faço sobre mulheres ou me interesse sobre mulheres. Não, cada um deles têm uma história. A Severina surgiu por que o julgamento (do STF) ... ao derrubarem a liminar da anencefalia, um dos ministros do Supremo disse “mas quem são essas mulheres, será que essas mulheres existem?”, isto está naquela coluna do livro você deve ter lido. Isso foi por indignação, então vou mostrar essas mulheres e aí acabou que tinha essas mulheres, uma delas era Severina que tinha ... um dia antes ingressado no hospital para interromper a gestação anencefálica, no dia em que a liminar foi votada, no dia em que esse Ministro dizia essa barbaridade e aí ela não sabia, mas ali o destino dela foi decidido. E aí o médico foi esperar para o outro dia e no outro dia não podia mais. Ela foi colocada na rua com sua dor e sua barriga, então foi por isso.

A Gretchen, era uma curiosidade ... com esses 25 anos de carreira eu ficava pensando como uma mulher que ganha a vida rebolando com apenas três músicas durante 25 anos, que mistério é esse, que “Brasis” ela percorre. Isso não de uma forma pejorativa, muito pelo contrário, eu queria ir além do estereótipo da Gretchen. Eu queria contar desses “brasis” dela. É um filme que eu gosto particularmente, acho que não teve o olhar que ele merecia e que antecipa muito que está acontecendo hoje.

A ideia da Gretchen foi quando ela fez 25 anos de carreira, mas eu tentei fazer uma reportagem, o diretor da Época (revista) ... na época, na ocasião, (risos), naquele momento, ele não entendeu para que fazer uma reportagem sobre uma figura como a Gretchen, que não era importante para os leitores da Época (revista). Mas ele entendeu que eu estava com vontade de fazer um perfil

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida para o episódio de Córtex, uma série de passeios e conversas sem cortes do Estúdio Fluxo. Córtex- Vivendo o Fim no Centro do Mundo. Um passeio com Eliane Brum em Altamira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ghIL7ExjaxQ>. Acesso em: 31 de dez. 2019.

de uma celebridade, aí ele me deu uma pauta de fazer um perfil da Luciana Gimenez. (risos) ... Só que, quando eu quero fazer uma coisa, isso não me deixa, não me larga, eu posso esperar anos, mas eu sempre termino o que eu tive vontade de fazer. (risos) Então quando a Gretchen fez cinco anos depois, então 30 anos (de carreira) o Paschoal Samora, que é um diretor de documentário importante - nós somos amigos - e ele me procurou para fazer um projeto com ele. Aí eu imediatamente, vamos fazer Gretchen. Naquele momento a gente não sabia que ela ia ser candidata à prefeita da Ilha de Itamaracá. Isso foi uma surpresa maravilhosa para nós. A gente queria era isso seguir a bunda, no sentido bunda é uma coisa maravilhosa, nunca, nunca pejorativo.

E a Laerte, foi um convite da Lygia Barbosa, que é outra diretora que eu conhecia por outros caminhos. Ela me procurou com essa ideia e eu era fascinada pela Laerte, primeiro pelos quadrinhos. Eu acho que a Laerte é uma das poucas gênias vivas, assim, que eu tive a oportunidade de conhecer. É uma gênia. Artisticamente o trabalho da Laerte como cartunista é totalmente genial. Então, eu já gostava muito dela e eu fiquei muito fascinada pelo percurso do feminino, deste feminino dela, que ela fez. Então eu queria saber mais, eu sou movida muito por essa curiosidade. Não sei se dá para chamar isso de coincidência, mas é por aí.

**8- Existe um debate entre o que é crônica e o que é coluna. No livro, você fala em colunas, nas redações convencionou-se a se chamar de coluna, o espaço físico do jornal, onde os textos, como as crônicas eram publicados. Podemos chamar os textos publicados no livro *A menina quebrada de crônicas*?**

**E.B:** Eu não sei, como eu te falei eu não me interessou muito por essas identificações, por esses debates eternos. Tu chamas como tu quiseres (risos). Eu brigo muito pela reportagem, por conta de uma série de questões políticas envolvidas também nisso, mas nesse caso, sei lá, colunas, artigos de opinião, crônica, sei lá, para mim tanto faz. Tu que defines, depois tu me contas. Só uma coisa, a crônica, por exemplo, o Antônio Prata, que para mim é o melhor cronista hoje do Brasil. Ele, muitas vezes, faz ficção. Quer dizer a ficção fala muito sobre a realidade. Então, eu não tenho dúvidas sobre isso, tem coisas que só a ficção pode contar. Mas, tem uma (crônica) que ele está no táxi, tem uma que foi muito polêmica por causa disso, porque as pessoas achavam que tinha acontecido com ele no táxi. Ele pode imaginar, a ficção é completamente verossímil. Ele imaginou lá uma conversa com taxista, não sei, acho que foi isso, não tenho certeza. Mas só para dar um exemplo, só que aquela conversa não aconteceu daquele jeito, não teve isso. Ele imaginou algo que poderia ter acontecido a partir de várias coisas que ele observou

na realidade, nas relações. No meu caso não, como eu sou repórter nesse lugar o que eu conto sempre aconteceu. Nesse caso tem o mesmo rigor, o dever do jornalismo, as palavras, as frases foram tais quais foram ditas. Os acontecimentos são resultados da minha apuração. Então tudo o que é dito aconteceu daquela maneira, também é resultado da minha apuração. Mas até aí tem, sim. Nas minhas colunas, às vezes, eu faço longas entrevistas, especialmente as da *Época* (revista) que eu variava mais de estilo. Eu fazia vários exercícios, mas ali naquele caso sempre com rigor jornalístico, nada era imaginado ou inventado, tudo era sempre apurado, era resultado de apuração. É porque no caso da coluna de artigos de opinião, eu me movo como uma articulista, como uma colunista (risos). Eu sou uma repórter fazendo uma coluna, sou uma repórter fazendo um artigo de opinião. Então é só essa diferença, na crônica ... os cronistas se dão várias autorizações o que nada diminui, não é melhor ou pior, só é diferente. Só isso.

**APÊNDICE C – Quadro 64 crônicas em categorias**

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>	<b>CATEGORIA</b>
<b>Escrivaninha Xerife</b>	01/03/2010	Experiências pessoais  Escolhas	Eliane Brum	Narrativa de si
<b>Elas não são gays</b>	01/06/2009	Maternidade  Gênero  Família tradicional  Sexualidade	Michele e Carla	Personagem feminino
<b>Vida de clichê</b>	24/08/2009	O uso de palavras comuns e frases feitas  Esvaziamento da palavra	Palavra O pai dos burros – Dicionário de lugares comuns e frases feitas: Humberto Werneck	Palavras
<b>O dopping dos pobres</b>	31/09/2009	Medicalização da vida  Depressão  A falta da escuta  Promoção da saúde	Eliane Brum	Narrativa de si
<b>A grande aventura</b>	07/09/2009	Reconciliação  Lembranças da infância  Amar o outro	Filme “Up Altas aventuras.” (2009, EUA) Livro Av. Paulista (Cosac Naify) da desenhista Carla Caffé	Narrativa de si
<b>Qual é a sua história?</b>	26/10/2009	Reinventar a vida  Poder de contar as histórias	Eliane Brum Vanderlei – “o louquinho da Expointer”: personagem da coluna “A vida que ninguém vê”	Narrativa de si
<b>O depressivo na contramão</b>	30/11/2009	Medicalização da vida  Frustrações  Depressão – epidemia mundial	Livro “O tempo e o cão – A atualidade das depressões” da psicanalista Maria Rita Kehl	Reflexão de vida
<b>Lula, o filho do Barretão</b>	28/12/2009	Biografia de Lula	Luiz Inácio Lula da Silva	Personagem masculino
<b>O bebê alien</b>	08/02/2010	Como Eliane se tornou mãe  Maternidade	Eliane Brum	Narrativa de si

<b>O perigo da história única</b>	22/02/2010	O poder da narrativa Ver além dos estereótipos Construção da identidade	Chimamanda Adichie, escritora Preciosa, estrela do filme que leva seu nome	Personagem feminino
<b>“Porca gorda”</b>	22/03/2010	Aparência Excesso de peso Padrão de beleza	Helena, interpretada por Fabiana Carla, na peça “Porca gorda”	Personagem feminino
<b>Pedófilo é gente?</b>	05/04/2010	Abuso Violência Compaixão	Abusadores, abusadoras e vítimas	Personagem feminino
<b>A mãe órfã</b>	12/04/2010	Cuidados paliativos Divisão de Neonatologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), da Unicamp  Relato da perda  Morte  Sofrimento dos pais  Luto	Eliane Brum Perda da irmã	Narrativa de si
<b>Dois andares abaixo do meu</b>	21/06/2010	Solidão Morte Controle da vida	Vizinha - uma médica de 82 anos que vivia só	Personagem feminino
<b>Desconhece-te a ti mesmo!</b>	19/07/2010	Administração do tempo Escolhas	Uma amiga pessoal	Narrativa de si
<b>A boneca inflável de cada um</b>	02/08/2010	Rótulos Diferenças Rejeição	Lars e a boneca Bianca, personagens do filme “A garota ideal”	Reflexão de vida
<b>A vida se faz nas marcas</b>	09/08/2010	Nossas marcas definem quem nós somos  Vivemos em cacos  Palavras são marcas por escrito	Eliane Brum Menção ao vídeo no YouTube de Adole Kohn, de 89 anos - sobrevivente do holocausto judeu.	Narrativa de si
<b>Palavras em busca de adoção</b>	06/09/2010	Ampliação do vocabulário Escolha das palavras Padronização *Cita as parteiras da Amazônia	Adote uma palavra, proposta criada pelo Oxford English Dictionary.	Palavras

<b>Uma história de luz</b>	13/09/2010	Palavras Reconhecimento da vida	Luciano Felipe da Luz – jornalista e jornalista do Boca de Rua	Personagem masculino
<b>“Nada é só bom”</b>	27/09/2010	Felicidade absoluta  Aceitar as perdas e frustrações  Aproveitar a vida e o que ela tem para oferecer	Filme “A suprema felicidade” de Arnaldo Jabor. Noel, avô do personagem principal	Reflexão de vida
<b>As mães não deveriam morrer</b>	18/10/2010	A perda  O processo da dor  O lugar dos mortos em nós	Uma amiga que perdeu a mãe Filme “Cerejeiras em flor” d Doris Dörrie.	Reflexão de vida
<b>Espelho, espelho não meu</b>	25/10/2010	Espelhos domesticados  Reflexos  Revisitar a nós mesmos  A fuga de si mesmo	Eliane Brum Cita Cecília Meireles e Fernando Pessoa	Reflexão de vida
<b>Dilma-lá!</b>	01/11/2010	Papel da mulher  Gênero  Movimento feminista “Jeito feminino de Governar”	Dilma Rousseff	Personagem feminino
<b>A realidade da fantasia</b>	22/11/2010	Realidade  Ficção  Somos constituídos por nossas fantasias e realidades	Eliane Brum Livros A psicanálise na Terra do Nunca e Fadas no Divã escrito pelos psicanalistas Diana e Mário Corso. Peter Pan e Wendy	Narrativa de si
<b>Tapas e beijos</b>	13/12/2010	Violência  A mulher também como agressora	Personagens interpretado por Lilian Cabral no filme “Amor?”	Personagem feminino
<b>Qual é o tamanho de Lula?</b>	03/01/2011	Discurso  Comportamento  Mito	Luiz Inácio Lula da Silva	Personagem masculino
<b>Na pele do outro</b>	17/01/2011	Relato pessoal  Indiferença  Invisibilidade	Velhinho atravessando o shopping	Reflexão de vida

<b>A melhor pior praia do mundo</b>	14/02/2011	Lembranças da família	Os pais de Eliane Brum	Narrativa de si
<b>A vítima indigesta</b>	21/02/2011	Violência Espetáculo Identidade Recusa a ocupar o lugar de vítima Relação com a imprensa	Natascha Kampusch, autora do livro “3096 dias – A impressionante história da garota que ficou em cativeiro durante oito anos, em um dos sequestros mais longos de que se tem notícia”	Personagem feminino
<b>Como eu encontro a Poesia?</b>	14/03/2011	Cotidiano O que dá sentido à vida	Mija Filme “Poesia” de Lee Chang-dong	Reflexão de vida
<b>Parto com prazer</b>	02/05/2011	Gravidez Parto humanizado Experiência da maternidade Recuperar a posse do corpo	Luciana Benatti, Livro “Parto com amor” escrito pela jornalista e o fotógrafo Marcelo Min.	Personagem feminino
<b>Bebês censurados</b>	16/05/2011	Facebook censura foto de bebê tomando banho Violação da política de uso na rede Ato de amamentar	Jornalista Kalu Brum	Personagem feminino
<b>Se a Amazônia é nossa, por que não cuidamos dela?</b>	06/06/2011	Descaso das pessoas pela floresta A floresta como abstração Belo Monte	Amigo pessoal que quer conhecer a floresta	Amazônia
<b>O amor que sabe do tempo e do vento</b>	13/06/2011	O amor dos pais	Pais de Eliane Brum	Narrativa de si
<b>Meu filho, você não merece nada</b>	11/07/2011	Ilusão de uma vida fácil Incapacidade de lidar com as frustrações Geração despreparada	O papel dos pais na criação dos filhos e a falta de protagonismo dos mesmos no controle de suas vidas	Relacionamento dos pais
<b>A prisão da identidade</b>	29/08/2011	Rótulos Identidade Escolhas, Decisões Se reconhecer	Eliane Brum Cita Foucault e seu livro “Arqueologia do saber”.	Narrativa de si
<b>Quem tem medo de Dilma Dinamite?</b>	26/09/2011	Mulheres que Dilma não quis escutar	Dilma Rousseff	Personagem feminina



		Belo Monte Xingu Discurso Gênero	Antônia Melo, liderança contra a construção de Belo Monte  Ana Alice Santos, agricultora	
<b>A vida dos mortos</b>	07/11/2011	Dia de Finados  Morte  Túmulos	Tias: Cristina, Nair, Maria Henriqueta Bisavó, Carlota  Luzia	Narrativa de si
<b>A dura vida dos ateus em um Brasil cada vez mais evangélico</b>	14/11/2011	Intolerância religiosa  Ateus	Situação vivida por uma jornalista durante uma corrida de táxi  Crescimento das igrejas evangélicas	Reflexão de vida
<b>Você consegue viver sem drogas legais?</b>	05/12/2011	Depressão  Medicalização da vida  Falta de tempo para elaborar o sofrimento	Pedro	Personagem masculino
<b>Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada</b>	16/01/2012	Violência  Resistência  Percurso de dor para assumir sua sexualidade  <i>Bulling</i>	Pedro e João	Personagem masculino
<b>Por que amamos tanto Lisbeth Salander</b>	13/02/2012	Heroína  Síntese e antítese de uma época  Estar no mundo	Lisbeth Salander, protagonista da trilogia Millennium	Personagem feminino
<b>Me chamem de velha</b>	20/02/2012	Valorização das experiências de vida  Domesticação da velhice	Eliane Brum	Narrativa de si
<b>Enfim, a emancipação masculina</b>	27/02/2012	Descobertas  Liberta-se dos rótulos  O que é e qual é o papel da mulher	Laerte Coutinho, cartunista	Personagem feminino
<b>Não, a vida não começa aos 40</b>	12/03/2012	Maturidade	Eliane Brum	Reflexão de vida

		Reflexões pessoais sobre as idades	Filme “Uma Odisseia no espaço, de Stanley Kubrick.	
<b>Aventuras de uma filha no quarto dos pais</b>	19/03/2012	O amor dos pais	Pais de Eliane Brum	Relacionamento com os pais
<b>Eike Batista, um superpai?</b>	26/03/2012	Papel dos pais Responsabilidade Educação	Eike e Thor Batista Luma de Oliveira	Relacionamento com os pais
<b>Chega de torturar mulheres</b>	09/04/2012	Votação do STF sobre a descriminalização do aborto em caso de anencefalia.	Severina Mulheres	Personagem feminino
<b>A volta do Brasil Grande que pensa pequeno</b>	16/04/2012	Omissão também é protagonismo Xingu Floresta Amazônica	Dilma Rousseff Filme <i>Xingu</i> , de Cao Hamburger, saga dos irmãos Villas Bôas	Amazônia
<b>É possível obrigar um pai a ser pai?</b>	07/05/2012	Relacionamento Adultos infantilizados Justiça	A filha Luciane Nunes de Oliveira e o pai Antonio Carlos Jamas do Santos.	Relacionamento com os pais
<b>A imprensa que estupra</b>	28/05/2012	Exemplo de mau jornalismo O microfone usado para cometer violências Barbárie Linchamento	Jovem, suspeito de cometer um estupro. Episódio protagonizado pela repórter Mirella Cunha e o apresentador Uziel Bueno – programa Brasil urgente	Reflexão de vida
<b>A rainha má e o terror de envelhecer</b>	11/06/2012	Culto à beleza Marcas do tempo	Mãe-madrasta-bruxa da princesa, interpretada por Charlize Theron, no filme “Branca de Neve e o Caçador” de Rupert Sanders.	Personagem feminino
<b>Por que a imagem da vagina provoca horror?</b>		Repulsa Feminismo indigente Escândalo	Emilia Quadro “A origem do mundo” de Gustave Courbet, 1866.	Personagem feminino
<b>Quem está com Lula e Maluf na foto (além de Haddad)?</b>	25/06/2012	Imagem simbólica O preço da imagem Discurso e relações de poder	Lula, Haddad e Maluf. Dilma Luiza Erundina	Personagem masculino

<b>Chester prefere pagar pelo sexo</b>	23/07/2012	Critica o amor romântico e defende a normalidade da prostituição  Estereótipos  Sexo pago	Chester  Prostitutas HQ “Pagando por sexo” de Chester Brown	Personagem masculino
<b>Não atirem no Coringa</b>	30/07/2012	Espetacularização da realidade  Memórias da infância  Capacidade de distinguir a realidade da fantasia	Massacre no Colorado Filme “Batman -o Cavaleiro das trevas ressurgiu” de Christopher Nolan. Condoleezza Marie Nzoli.	Narrativa de si
<b>Você quer ser pessoa ou paciente?</b>	03/09/2012	A escolha de como viver o fim da nossa vida  Abuso médico  Universo da morte	Eliane Brum	Reflexão de vida
<b>Doutor Advogado e Doutor Médico: até quando?</b>	10/09/2012	Recusa ao termo “doutor” Ato político  Autoridade  Processo histórico	Adail José da Silva- personagem do livro “A vida que ninguém vê”.  Dom Pedro I	Reflexão de vida
<b>Um embrulho de papel brilhante</b>	01/10/2012	Relação pessoal com os pais	Eliane Brum e sua mãe	Relacionamento com os pais
<b>“Decretem nossa extinção e nos enterrem aqui”</b>	22/10/2012	Genocídio  O poder das palavras  Lideranças Guarani Kaiowá	Declaração de morte dos Guarani Kaiowá.	Amazônia
<b>A dor dos filhos</b>	05/11/2012	A dor do vazio  O papel dos pais	Livro “Os enamoramentos”, de Javier Marías. “Noites Azuis”, de Joan Didion.	Relacionamento com os pais
<b>Memória é tanto lembrar quanto esquecer</b>	12/11/2012	Perda da memória  Escolher o que deve ser lembrando e esquecido	Filme “E se vivêssemos todos juntos?” de Stéphane Robelin.  Albert e sua mulher Jeanne.	Reflexão de vida
<b>Perdão, Aaron Swartz</b>	21/01/2013	O poder da informação  Acesso livre ao Conhecimento	Aaron Swartz	Personagem masculino

<b>A menina quebrada</b>	28/01/2013	Relato pessoal Vivemos em pedaços São os cacos que dão sentido à vida	Catarina Zandonadi Caetano, afilhada de Eliane Brum	Reflexão de vida
--------------------------	------------	--	---	------------------

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

**APÊNDICE D – Quadro 16 crônicas classificadas em subcategorias**

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
<b>Elas não são gays</b>	01/06/2009	Maternidade  Gênero  Família tradicional Sexualidade  A nova família brasileira	Michele e Carla	Gênero
<b>O perigo da história única</b>	22/02/2010	O poder da narrativa  Ver além dos estereótipos  Construção da identidade	Chimamanda Adichie, escritora  Preciosa, protagonista do filme que leva seu nome	Rótulos/Estereótipos
<b>“Porca gorda”</b>	22/03/2010	Aparência  Excesso de peso  Padrão de beleza	Helena, interpretada por Fabiana Carla	Empoderamento
<b>Pedófilo é gente?</b>	05/04/2010	Abuso  Violência  Compaixão	Abusadores, abusadoras e vítimas	Violência
<b>Dois andares abaixo do meu</b>	21/06/2010	Solidão  Morte  Controle da vida	Vizinha- uma médica de 82 anos que vivia só	Morte
<b>Dilma-lá!</b>	01/11/2010	Papel da mulher  Gênero  Movimento feminista “Jeito feminino de Governar”	Dilma Rousseff	Gênero
<b>Tapas e beijos</b>	13/12/2010	Violência  A mulher também como agressora	Personagens vividos por Lilian Cabral, no filme de João Jardim, <i>Amor?</i>	Violência
<b>A vítima indigesta</b>	21/02/2011	Violência  Espetáculo	Natascha Kampusch, autora do livro: <i>3096 dias – A</i>	Empoderamento

		<p>Identidade</p> <p>Recusa a ocupar o lugar de vítima</p> <p>Relação com a imprensa</p>	<p><i>impressionante história da garota que ficou em cativeiro durante oito anos, em um dos sequestros mais longos de que se tem notícia</i></p>	
<b>Parto com prazer</b>	02/05/2011	<p>Gravidez</p> <p>Parto humanizado</p> <p>Recuperar a posse do corpo</p>	<p>Luciana Benatti</p> <p>Livro “Parto com amor” escrito pela jornalista e o fotógrafo Marcelo Min.</p>	Empoderamento
<b>Bebês censurados</b>	16/05/2011	<p>Facebook censura foto de bebê tomando banho</p> <p>Violação da política de uso na rede</p> <p>Ato de amamentar</p>	<p>Jornalista Kalu Brum</p>	Reação ao corpo
<b>Quem tem medo de Dilma Dinamite?</b>	26/09/2011	<p>Mulheres que Dilma não quis escutar</p> <p>Belo Monte Xingu</p> <p>Discurso de Gênero</p>	<p>Dilma Rousseff</p> <p>Antônia Melo, liderança contra a construção de Belo Monte</p> <p>Ana Alice Santos, agricultora</p>	Gênero
<b>Por que amamos tanto Lisbeth Salander</b>	13/02/2012	<p>Heroína</p> <p>Síntese e antítese de uma época</p> <p>Estar no mundo</p>	<p>Lisbeth Salander, protagonista da trilogia <i>Millennium</i></p>	Rótulos/Estereótipos
<b>Enfim, a emancipação masculina</b>	27/02/2012	<p>Liberta-se dos rótulos</p> <p>O que é e qual é o papel da mulher</p>	<p>Laerte Coutinho, cartunista</p>	Rótulos/ Estereótipos
<b>Chega de torturar mulheres</b>	09/04/2012	<p>Descriminalização do aborto em caso de anencefalia.</p> <p>Aborto</p> <p>Mulheres torturadas pela omissão do estado</p>	<p>Severina Mulheres</p>	Violência
<b>A rainha má e o terror de envelhecer</b>	11/06/2012	<p>Culto a beleza</p> <p>Marcas do tempo</p> <p>Padrões</p>	<p>A mãe-madrasta-bruxa da Branca de Neve, interpretada por</p>	Rótulos/Estereótipos

			Charlize Theron, no filme “Branca de Neve e o Caçador” de Rupert Sanders.	
<b>Por que a imagem da vagina provoca horror?</b>	18/06/2012	Repulsa Feminismo indigente Escândalo	Quadro <i>A origem do mundo</i> de Gustave Courbet, 1866. Emilia	Reação ao corpo

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

**APÊNDICE E – Quadro categoria “Narrativas de si”**

<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PERSONAGEM CENTRAL</b>
<b>Escrivaninha Xerife</b>	01/03/2010	Experiências pessoais Escolhas	Memórias pessoais de Eliane Brum
<b>O doping dos pobres</b>	31/09/2009	Medicalização da vida Depressão A falta da escuta Promoção da saúde	Eliane Brum As tias e o Chico-vendedor de ervas  Psiquiatra  Sérgio Vaz – criador da Cooperifa.
<b>A grande aventura</b>	07/09/2009	Reconciliação  Lembranças da infância  Relata experiências pessoais  Amar o outro  Filme “Up Altas aventuras.” (2009, EUA)  Livro Av. Paulista (Cosac Naify) da desenhista Carla Caffé	Eliane Brum
<b>Qual é a sua história?</b>	26/10/2009	Reinventar a vida  Poder de contar as histórias	Eliane Brum  Vanderlei – “o louquinho da Expointer”: personagem da coluna “A vida que ninguém vê”
<b>O bebê alien</b>	08/02/2010	Como Eliane se tornou mãe  Maternidade	Eliane Brum
<b>A mãe órfã</b>	12/04/2010	Cuidados paliativos Relato da perda  Morte Sofrimento Luto	Divisão de Neonatologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), da Unicamp  Perda dos filhos



			Perda da irmã Sofrimento dos pais de Brum
<b>Desconhece-te a ti mesmo!</b>	19/07/2010	Administração do tempo  Escolhas	Uma amiga pessoal
<b>As mães não deveriam morrer</b>	18/10/2010	A perda  O processo da dor  O lugar dos mortos em nós	Amiga pessoal que perdeu a mãe Filme “Cerejeiras em flor’ d Doris Dörrie.
<b>A vida se faz nas marcas</b>	09/08/2010	Nossas marcas definem quem nós somos  Vivemos em cacos  Palavras são marcas por escrito	Menção ao vídeo no YouTube de Adole Kohn, de 89 anos, “sobrevivente do holocausto judeu.
<b>A realidade da fantasia</b>	22/11/2010	Realidade  Ficção  Somos constituídos por nossas fantasias e realidades	Eliane Brum  Livros: A psicanálise na Terra do Nunca e Fadas no Divã escrito pelos psicanalistas Diana e Mário Corso.  Peter Pan e Wendy
<b>A melhor pior praia do mundo</b>	14/02/2011	Lembranças da família	Os pais de Eliane Brum
<b>O amor que sabe do tempo e do vento</b>	13/06/2011	O amor dos pais	Pais de Eliane Brum
<b>A prisão da identidade</b>	29/08/2011	Rótulos  Identidade  Escolhas, Decisões Se reconhecer	Eliane Brum  Cita Foucault e seu livro “Arqueologia do saber”.
<b>A vida dos mortos</b>	07/11/2011	Dia de Finados  Morte  Túmulos	Tias Cristina, Nair, Maria Henriqueta Bisavó Carlota  Luzia
<b>Me chamem de velha</b>	20/02/2012	Valorização das experiências de vida  Domesticação da velhice	Eliane Brum

<b>Não atirem no Coringa</b>	30/07/2012	Espetacularização da realidade  Memórias da infância Capacidade de distinguir a realidade da fantasia	Massacre no colorado  Filme “Batman -o Cavaleiro das trevas ressurgente” de Christopher Nolan. Condolesa Marie Nzoli.
------------------------------	------------	--	--

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres humanos – UFJF



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Os femininos aos olhos de Eliane Brum: Transbordamento das crônicas do livro A Menina Quebrada e outras colunas.

**Pesquisador:** CLAUDIA DE ALBUQUERQUE THOME

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 16782819.0.0000.5147

**Instituição Proponente:** Faculdade de Comunicação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.482.904

#### Apresentação do Projeto:

A apresentação do projeto está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, item III.

#### Objetivo da Pesquisa:

Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delineados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

<b>Endereço:</b> JOSE LOURENCO KELMER S/N	<b>CEP:</b> 36.036-900
<b>Bairro:</b> SAO PEDRO	
<b>UF:</b> MG	<b>Município:</b> JUIZ DE FORA
<b>Telefone:</b> (32)2102-3788	<b>Fax:</b> (32)1102-3788
	<b>E-mail:</b> cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.482.904

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPEs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: novembro de 2019.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N  
**Bairro:** SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900  
**UF:** MG **Município:** JUIZ DE FORA  
**Telefone:** (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.482.904

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1378621.pdf	02/08/2019 14:43:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	02/08/2019 14:42:12	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	02/08/2019 14:34:53	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	19/06/2019 16:29:57	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Roteiro_entrevista.pdf	18/06/2019 21:06:35	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_pesquisadora_assistente.pdf	18/06/2019 21:04:12	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_responsavel.pdf	18/06/2019 21:03:44	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	18/06/2019 20:57:00	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PERGUNTAS.pdf	18/06/2019 20:55:28	CINTIA CHARLENE DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JUIZ DE FORA, 02 de Agosto de 2019

---

**Assinado por:  
Jubel Barreto  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N

**Bairro:** SAO PEDRO

**CEP:** 36.036-900

**UF:** MG

**Município:** JUIZ DE FORA

**Telefone:** (32)2102-3788

**Fax:** (32)1102-3788

**E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br